

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO TECNOLÓGICO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

**AÍLA SEGUIN DIAS AGUIAR DE OLIVEIRA**

**ACESSIBILIDADE ESPACIAL EM CENTRO CULTURAL: ESTUDO DE CASOS**

Dissertação de Mestrado

**FLORIANÓPOLIS**

**2006**

**AÍLA SEGUIN DIAS AGUIAR DE OLIVEIRA**

**ACESSIBILIDADE ESPACIAL EM CENTRO CULTURAL: ESTUDO DE CASOS**

Dissertação de mestrado apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo  
da Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Vera Helena Moro Bins Ely, Dr<sup>a</sup>.

**FLORIANÓPOLIS**

**2006**

## **AÍLA SEGUIN DIAS AGUIAR DE OLIVEIRA**

### **ACESSIBILIDADE ESPACIAL EM CENTRO CULTURAL: ESTUDO DE CASOS**

Esta dissertação foi julgada e aprovada para a obtenção de grau de **Mestre em Arquitetura e Urbanismo** no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 13 de março de 2006.

---

Prof<sup>a</sup>. Alina Gonçalves Santiago, Dr<sup>a</sup>.

Coordenadora do Programa

---

Prof<sup>a</sup>. Vera Helena Moro Bins Ely, Dr<sup>a</sup>.

Orientadora

#### **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Cristiane Rose Duarte, Dr<sup>a</sup>.

UFRJ, Dept<sup>o</sup>. de Arquitetura e Urbanismo

Membro Avaliador

---

Prof<sup>a</sup>. Carolina Palermo Szücs, Dr<sup>a</sup>.

UFSC, Dept<sup>o</sup>. de Arquitetura e Urbanismo

Membro Avaliador

---

Prof<sup>a</sup>. Marta Dischinger, PhD.

UFSC, Dept<sup>o</sup>. de Arquitetura e Urbanismo

Membro Avaliador

---

Prof<sup>a</sup>. Alina Gonçalves Santiago,

UFSC, Dept<sup>o</sup>. de Arquitetura e Urbanismo

Membro Moderador

Aos meus pais, **Heitor e Alcina**,  
e ao meu irmão **Gustavo**.

## **AGRADECIMENTOS**

À Professora Vera Helena Moro Bins Ely, pela confiança, dedicação, e ensinamentos que foram fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa, mas sobretudo, pelos gestos de estímulo, carinho e amizade que me ajudaram a combater a saudade e a seguir em frente.

Aos demais membros da banca, que gentilmente aceitaram participar e contribuir para a avaliação e conclusão deste trabalho.

À Professora Marta Dischinger, pelas conversas, orientações, e, junto à Professora Vera, pela oportunidade de participação na pesquisa de extensão realizada no Programa de Acessibilidade do Ministério Público de Santa Catarina.

À minha amiga Mércia Amaral, pela amizade, carinho e apoio sempre manifestado.

Ao amigo Murad Jorge, por me tirar alguns momentos da frente do computador para relaxar, bater altos papos e tomar um café na Lagoa.

Ao Felipe Heidrich, pela paciência, compreensão, ajuda, e principalmente por todo amor e carinho dedicado.

Às pessoas que realizaram os Passeios Acompanhados, Antonio, Agnaldo, D. Carmem, Fátima, Felipe, José Carlos, Sandra, Vanessa, e, em especial a minha avó Abelina, pela disposição que contribuíram na pesquisa de campo.

Aos funcionários do CENTUR e do CIC, pelas informações e contribuições a este trabalho.

À Ivonete, pela cooperação e auxílio prestados.

Enfim, a todos que, de perto ou de longe, contribuíram e torceram pelo sucesso deste trabalho. A vocês, muito obrigada!

A criação artística está socialmente presente em toda cultura e não apenas reservada a membros deste ou daquele grupo social. A arte é a vanguarda do desenvolvimento humano, social e individual.  
(JOÃO DE JESUS PAES LOUREIRO, 2002).

## RESUMO

OLIVEIRA, Aíla Seguin Dias Aguiar de. **Acessibilidade Espacial em Centro Cultural**: estudo de casos. Florianópolis, 13 de março de 2006, 213 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-graduação, UFSC, 2006.

Os Centros Culturais são edifícios que abrigam e divulgam, em um único espaço, diversas expressões culturais, contribuindo para a participação e contemplação da cultura por toda a sociedade. Porém, a maioria desses espaços é projetada desconsiderando a diversidade humana, dificultando a inclusão e participação de todos os seus possíveis usuários, tais como as pessoas que possuem algum tipo de restrição. O trabalho tem como objetivo conhecer as reais necessidades espaciais destas pessoas, a fim de adequar instrumento desenvolvido pelo Ministério Público de Santa Catarina para avaliação das condições de acessibilidade de centros culturais e desenvolver princípios projetuais para edifícios destinados à cultura. Para isso, foi realizado um estudo de dois casos: o edifício sede da Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves (CENTUR), situado na cidade de Belém, Pará, e o Centro Integrado de Cultura (CIC), localizado na cidade de Florianópolis, Santa Catarina. O trabalho foi efetuado a partir da combinação de quatro métodos distintos, sendo estes a análise documental, e os métodos qualitativos investigativos - Visita Exploratória, Passeio Acompanhado, e Entrevista. A partir da aplicação dos diferentes métodos foi possível detectar diversos aspectos referentes à acessibilidade espacial em ambos os centros culturais. Alguns dos aspectos encontrados foram: quanto à orientação, a ausência de placas informativas; com relação ao deslocamento, a presença de desníveis; ao uso, as dimensões inadequadas do mobiliário; e à comunicação, a inexistência de funcionários capacitados para atender pessoas surdas. A realização da fundamentação teórica e a análise dos edifícios em estudo possibilitaram a elaboração de recomendações técnicas para a promoção da acessibilidade em ambos os centros culturais. A aplicação dos métodos possibilitou alcançar os objetivos primordiais desta pesquisa, pois foi possível conhecer os problemas e realizar a adequação e aplicação de instrumento de avaliação das condições de acessibilidade de edifícios culturais já existentes, contribuindo para programas de acessibilidade de órgãos fiscalizadores, como os Ministérios Públicos Estaduais. Por fim, almejando-se orientar arquitetos e engenheiros na elaboração de futuros centros culturais, desenvolveram-se princípios projetuais que visam promover a acessibilidade espacial em edifícios destinados à cultura.

Palavras-chave: acessibilidade espacial, pessoas com restrições, centro cultural.

## ABSTRACT

OLIVEIRA, Aíla Seguin Dias Aguiar de. **Spatial Accessibility in Cultural Center**: case studies. Florianópolis, March, 13, 2006, 213 p. Dissertation (MA in Architecture and Urbanism) – Programa de Pós-graduação, UFSC, 2006.

Cultural Centers are buildings that host and promote several cultural expressions in a single space, contributing to the involvement and contemplation of culture by the whole of society. Nevertheless, most of those spaces are designed without having human diversity in mind, which hinders the inclusion and participation of all of their potential users, such as of people that have some sort of disability. This work's goal is to get to know these people's real spatial needs in order to adapt assessment tools was developed by Ministério Público de Santa Catarina of accessibility conditions of cultural centers and develop design principles for buildings intended for cultural purposes. In order to achieve that, were developed two-case studies in the following buildings: the headquarters to Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves (CENTUR), in Belém, Pará, and Centro Integrado de Cultura (CIC), in Florianópolis, Santa Catarina. This work was conducted by combining four different methods: Document Analysis, and the qualitative investigation methods - Exploratory Visit, Accompanied Walk and Interview. Based on the results achieved by using such methods it was possible to identify several key aspects regarding accessibility in both cultural centers. Some of the findings were: as for orientation, the absence of information signs; as for displacement, the unevenness of the floor; regarding the usage of the facilities, the inadequate dimensions of the furniture; and as for communication, the absence of qualified personnel to assist deaf people. The theoretical framework and the analysis of these buildings made the elaboration of technical recommendations for the promotion of accessibility in both cultural centers possible. The application of the selected methods enabled to achieve the primordial goals of this research, as to know the problems and an assessment tool of the accessibility conditions of already existent cultural buildings was adapted and applied, contributing to accessibility programs of oversight agencies, such as Ministérios Públicos Estaduais. Finally, with the purpose of guiding architects and engineers in the design of future cultural centers, designing principles that seek to promote spatial accessibility in buildings intended to host cultural activities were developed.

Key words: spatial accessibility, people with disabilities, cultural center.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 01</b> – Ausência de sinal sonoro dificulta a travessia de pessoas cegas.....	32
<b>Figura 02</b> – Placa revestida de material brilhoso dificulta leitura de pessoas com baixa visão.....	32
<b>Figura 03</b> – Ausência de intérprete de LIBRAS em local de atendimento ao público.....	32
<b>Figura 04</b> – Presença de interfone pode prejudicar acesso de pessoas com deficiência auditiva.....	32
<b>Figura 05</b> – Ambientes poluídos visualmente dificultam a orientação espacial principalmente de pessoas com deficiência cognitiva.....	33
<b>Figura 06</b> – Placa informativa dom sentido dúbio.....	33
<b>Figura 07</b> – Presença de desnível dificulta deslocamento de pessoas em cadeira de rodas....	33
<b>Figura 08</b> – Altura inadequada de estantes impossibilita o alcance manual de pessoa de baixa estatura.....	33
<b>Figura 09</b> – Centro de Ciências e Cultura.....	42
<b>Figura 10</b> – Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura.....	42
<b>Figura 11</b> – Centro Cultural Banco do Brasil.....	43
<b>Figura 12</b> – Casa da Cultura Mário Quintana.....	43
<b>Figura 13</b> – Planta de situação – CENTUR.....	54
<b>Figura 14</b> – Fachada CENTUR.....	54
<b>Figura 15</b> – Biblioteca.....	54
<b>Figura 16</b> – Hall de eventos.....	54
<b>Figura 17</b> – Acesso Av. Gentil Bittencourt.....	60
<b>Figura 18</b> – Cinema.....	62
<b>Figura 19</b> – Planta de situação – CIC.....	64
<b>Figura 20</b> – Fachada CIC.....	64
<b>Figura 21</b> – Acesso principal.....	64
<b>Figura 22</b> – Exposições.....	64
<b>Figura 23</b> – Pista de veículos.....	69
<b>Figura 24</b> – Ausência de sinalização.....	70
<b>Figura 25</b> – Hall de entrada.....	72
<b>Figura 26</b> – Mapas Passeio Acompanhado Cadeirante CENTUR – subsolo e térreo.....	135
<b>Figura 27</b> – Mapas Passeio Acompanhado Cadeirante CENTUR – 1º, 2º, 3º e 4º pavimentos.....	136
<b>Figura 28</b> – Mapas Passeio Acompanhado Idosa CENTUR – subsolo e térreo.....	140
<b>Figura 29</b> – Mapas Passeio Acompanhado Idosa CENTUR – 1º, 2º, 3º e 4º pavimentos.....	141
<b>Figura 30</b> – Mapas Passeio Acompanhado Cego CENTUR – subsolo e térreo.....	146
<b>Figura 31</b> – Mapas Passeio Acompanhado Cego CENTUR – 1º, 2º, 3º e 4º pavimentos.....	147
<b>Figura 32</b> – Mapas Passeio Acompanhado Pessoa que não conhece o local CENTUR – subsolo e térreo.....	152
<b>Figura 33</b> – Mapas Passeio Acompanhado Pessoa que não conhece o local CENTUR – 1º, 2º e 3º pavimentos.....	153
<b>Figura 34</b> – Mapas Passeio Acompanhado Pessoa que não conhece o local CENTUR – 4º pavimento.....	154
<b>Figura 35</b> – Mapas Passeio Acompanhado Pessoa que não conhece o local CIC – térreo A e B.....	158
<b>Figura 36</b> – Mapas Passeio Acompanhado Pessoa que não conhece o local CIC–1ºpav.....	159
<b>Figura 37</b> – Mapas Passeio Acompanhado Cadeirante CIC – térreo A e B.....	163
<b>Figura 38</b> – Mapas Passeio Acompanhado Cadeirante CIC – térreo C e D.....	164
<b>Figura 39</b> – Mapas Passeio Acompanhado Cadeirante CIC – 1º pavimento.....	165
<b>Figura 40</b> – Mapas Passeio Acompanhado Idosa CIC – térreo A e B.....	168
<b>Figura 41</b> – Mapas Passeio Acompanhado Idosa CIC – 1º pavimento A e B.....	169
<b>Figura 42</b> – Mapas Passeio Acompanhado Cego CIC – térreo A e B.....	174
<b>Figura 43</b> – Mapas Passeio Acompanhado Cego CIC – térreo C e D.....	175
<b>Figura 44</b> – Mapas Passeio Acompanhado Cego CIC – 1º pavimento.....	176
<b>Figura 45</b> – Mapas Passeio Acompanhado Surda CIC – térreo A e B.....	179
<b>Figura 46</b> – Mapas Passeio Acompanhado Surda CIC – térreo C.....	180

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 01</b> – Frequência de visitas CENTUR.....	59
<b>Gráfico 02</b> – Identificação do acesso CENTUR.....	60
<b>Gráfico 03</b> – Como faz para se orientar CENTUR.....	61
<b>Gráfico 04</b> – Escolha do local para encontro CENTUR.....	62
<b>Gráfico 05</b> – Acesso CIC.....	69
<b>Gráfico 06</b> – Identificação do estacionamento CIC.....	70
<b>Gráfico 07</b> – Como faz para se orientar CIC.....	71
<b>Gráfico 08</b> – Escolha do local para encontro CIC.....	72

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 01</b> – Tabela Síntese – Orientação (Áreas de acesso ao edifício).....	89
<b>Tabela 02</b> – Tabela Síntese – Orientação (Saguões).....	90
<b>Tabela 03</b> – Tabela Síntese – Orientação (Circulações).....	91
<b>Tabela 04</b> – Tabela Síntese – Orientação (Circulações e Sanitários).....	92
<b>Tabela 05</b> – Tabela Síntese – Orientação (Sanitários).....	93
<b>Tabela 06</b> – Tabela Síntese – Orientação (Cinema / Teatro).....	94
<b>Tabela 07</b> – Tabela Síntese – Orientação (Auditório).....	95
<b>Tabela 08</b> – Tabela Síntese – Orientação (Galeria de Arte/ Museu).....	96
<b>Tabela 09</b> – Tabela Síntese – Orientação (Café e Sala de aula).....	97
<b>Tabela 10</b> – Tabela Síntese – Deslocamento (Áreas de acesso ao edifício).....	98
<b>Tabela 11</b> – Tabela Síntese – Deslocamento (Áreas de acesso ao edifício e Saguões).....	99
<b>Tabela 12</b> – Tabela Síntese – Deslocamento (Saguões).....	100
<b>Tabela 13</b> – Tabela Síntese – Deslocamento (Circulações).....	101
<b>Tabela 14</b> – Tabela Síntese – Deslocamento (Cinema / Teatro).....	102
<b>Tabela 15</b> – Tabela Síntese – Deslocamento (Auditório).....	103
<b>Tabela 16</b> – Tabela Síntese – Deslocamento (Galeria de Arte/ Museu).....	104
<b>Tabela 17</b> – Tabela Síntese – Deslocamento (Café e Sala de aula).....	105
<b>Tabela 18</b> – Tabela Síntese – Uso (Áreas de acesso ao edifício).....	106
<b>Tabela 19</b> – Tabela Síntese – Uso (Saguões).....	107
<b>Tabela 20</b> – Tabela Síntese – Uso (Circulações).....	108
<b>Tabela 21</b> – Tabela Síntese – Uso (Circulações e Sanitários).....	109
<b>Tabela 22</b> – Tabela Síntese – Uso (Sanitários).....	110
<b>Tabela 23</b> – Tabela Síntese – Uso (Cinema / Teatro).....	111
<b>Tabela 24</b> – Tabela Síntese – Uso (Biblioteca).....	112
<b>Tabela 25</b> – Tabela Síntese – Uso (galeria de arte / Museu).....	113
<b>Tabela 26</b> – Tabela Síntese – Uso (Café e Sala de aula).....	114
<b>Tabela 27</b> – Tabela Síntese – Comunicação (Áreas de acesso ao edifício).....	115
<b>Tabela 28</b> – Tabela Síntese – Comunicação (Cinema / Teatro / Auditório).....	116

## LISTA DE PLANILHAS DE AVALIAÇÃO

<b>Planilha 01</b> – Áreas de acesso ao edifício.....	201
<b>Planilha 02</b> – Saguões, Salas de Recepção e Espera.....	204
<b>Planilha 03</b> – Circulações Horizontais.....	207
<b>Planilha 04</b> – Circulações Verticais.....	209
<b>Planilha 05</b> – Sanitários para pessoas com deficiência.....	212
<b>Planilha 06</b> – Salas de Aula.....	187
<b>Planilha 07</b> – Biblioteca.....	188
<b>Planilha 08</b> – Auditório.....	189
<b>Planilha 09</b> – Cinema.....	191
<b>Planilha 10</b> – Teatro.....	193
<b>Planilha 11</b> – Museu e Galeria de Arte.....	195
<b>Planilha 12</b> – Café e Lanchonete.....	197

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
1.1 Justificativa e relevância.....	13
1.2 Questões de pesquisa.....	16
1.3 Objetivos.....	16
1.3.1 Objetivo Geral.....	16
1.3.2 Objetivos Específicos.....	16
1.4 Métodos.....	17
1.4.1 Método da Análise Documental.....	17
1.4.2 Método da Visita Exploratória e Levantamento.....	18
1.4.3 Método do Passeio Acompanhado.....	18
1.4.4 Método da Entrevista.....	19
1.5 Estrutura da Dissertação.....	20
<b>CAPÍTULO 2: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>22</b>
2.1. Acessibilidade.....	22
2.1.1 Componentes de Acessibilidade Espacial.....	24
2.2 Deficiências e Restrições.....	25
2.2.1 Evolução Histórica.....	25
2.2.2 Conceitos.....	26
2.2.3 Classificação.....	29
2.2.3.1 Classificação das Deficiências.....	29
2.2.3.2 Classificação das Restrições.....	31
2.2.4 Dados Estatísticos no Brasil.....	34
2.3 Dispositivos Legais.....	35
2.4 Centro Cultural.....	38
2.4.1 Definição.....	38
2.4.2 Centro Cultural no Brasil.....	40
2.4.3 Acessibilidade em Centros Culturais.....	44
2.4.4 Programas de Acessibilidade Cultural no Âmbito Nacional.....	45
2.4.4.1 Programa Arte Sem Barreiras .....	46
2.4.4.2 Museu de Arte e Público Especial .....	46
2.4.4.3 Programa Educativo para Públicos Especiais .....	47
2.4.4.4 Programa Cinemas em Palavras .....	48
2.4.5 Programas e Projetos no Âmbito Internacional.....	48
2.4.5.1 Programa “Arts Access”- E.U.A .....	48
2.4.5.2 Programa “Arte Acess” – Portugal.....	49
2.4.5.3 Museu de Arte Moderna – New York.....	49
2.4.5.4 Centro Cultural Barbican – Londres.....	51

2.4.5.5 Centro George Pompidou – Paris.....	51
<b>CAPÍTULO 3: ESTUDO DE CASOS.....</b>	<b>53</b>
<b>3.1 Estudo de Caso 01 : Edifício Sede da Fundação Cultural do Para Tancredo Neves - CENTUR.....</b>	<b>53</b>
3.1.1 Realizações dos Passeios Acompanhados.....	55
3.1.1.1 Caracterização da Amostra e Elaboração do Experimento.....	55
3.1.1.2 Resultados Gerais dos Passeios Acompanhados .....	56
3.1.2 Entrevistas.....	57
3.1.2.1Caracterização da Amostra e Elaboração do Experimento.....	57
3.1.2.2 Resultados das Entrevistas.....	58
<b>3.2 Estudo de Caso 02 : Centro Integrado de Cultura - CIC.....</b>	<b>63</b>
3.2.1 Realizações dos Passeios Acompanhados.....	65
3.2.1.1 Caracterização da Amostra e Elaboração do Experimento.....	65
3.2.1.2 Resultados Gerais dos Passeios Acompanhados .....	66
3.2.2 Entrevistas.....	68
3.2.2.1Caracterização da Amostra e Elaboração do Experimento.....	68
3.2.2.2 Resultados das Entrevistas.....	68
<b>3.3 Discussão.....</b>	<b>73</b>
3.3.1 Resultados dos Passeios Acompanhados.....	73
3.3.2 Resultados das Entrevistas .....	75
<b>CAPÍTULO 4: PLANILHAS DE AVALIAÇÃO.....</b>	<b>78</b>
4.1 Planilhas de Avaliação e Laudos Técnicos.....	78
4.2 Resultado da Aplicação.....	80
<b>CAPÍTULO 5: RECOMENDAÇÕES PARA ACESSIBILIDADE DOS DOIS CASOS.....</b>	<b>87</b>
5.1 Recomendações Técnicas .....	87
5.1.1 Tabelas Sínteses.....	87
5.1.2 Legendas.....	88
<b>CAPÍTULO 6: PRINCÍPIOS PARA ACESSIBILIDADE EM CENTRO CULTURAL.....</b>	<b>117</b>
6.1 Introdução.....	117
6.2 Princípios Projetuais .....	118
<b>CAPÍTULO 7: CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES.....</b>	<b>122</b>
7.1 Conclusões.....	122
7.2 Recomendações para futuras pesquisas.....	125
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>126</b>
<b>APÊNDICE A.....</b>	<b>131</b>
<b>APÊNDICE B.....</b>	<b>181</b>
<b>APÊNDICE C.....</b>	<b>186</b>
ANEXO A.....	200

## **CAPÍTULO 01: INTRODUÇÃO**

### **1.1 JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA**

Desde a Antigüidade, o homem busca dedicar seu tempo livre para a prática do lazer, às conquistas do espírito e à construção da cultura. Assim, a humanidade inventou formas apropriadas e variadas para recrear-se, para projetar no espaço de lazer o seu futuro cultural e seu destino histórico (YURGEL, 1983). Ainda segundo o mesmo autor:

a utilização do tempo livre tem de ser considerada como critério de riqueza social, indivisível das possibilidades do homem para expressar voluntária e livremente suas forças criadoras; a recreação é um fenômeno social vinculado à possibilidade de uma total utilização do tempo livre, de acordo com as exigências individuais da natureza humana (YURGEL, 1983, p.42).

Sabe-se que o homem não dedica seu tempo livre apenas para o lazer recreativo, como festas, práticas esportivas e visitas a parques e clubes, mas também à contemplação, participação, e expressão da cultura, sendo esta, muitas vezes, praticada em espaços específicos, como os centros culturais. Estes surgiram em meados do século XX, com o intuito de abrigar e divulgar, em um único espaço, diversas expressões culturais.

Porém, a grande maioria dos centros culturais, objeto de estudo desta pesquisa, é projetada desconsiderando a diversidade humana. Com isso, os ambientes são construídos, muitas vezes, com grande potencial artístico e cultural, porém sem a preocupação com a inclusão e participação de todos os seus possíveis usuários, tais como as pessoas que possuem algum tipo de restrição. Pode-se observar nestes espaços culturais diversos aspectos negativos quanto às condições de uso de seus espaços, como por exemplo, a altura inadequada de uma estante de livros, numa biblioteca, impedindo o alcance manual de uma pessoa em cadeira de rodas ou de baixa estatura; a ausência de informativos táteis ou dispositivos sonoros informando às pessoas com restrições visuais sobre as obras expostas num museu de arte; a ausência de funcionários capacitados para se comunicar com pessoas surdas, através da Língua Brasileira de Sinais; entre outros.

No entanto, o direito ao lazer, é um direito social, determinante e condicionante da saúde; é um direito à cidadania que, felizmente, está previsto em muitas normas jurídicas. Para as pessoas com restrições, principalmente as oriundas de deficiências, esse direito não é diferente. Porém, na maioria das vezes, esse direito é ignorado ou inviabilizado, quando não pela família, como forma de proteção, e pelos órgãos públicos, que não zelam pela aplicação das normas de acessibilidade. (FÁVERO, 2004).

Garantir boas condições de uso do espaço, assim como criar meios para boa comunicação e informação, é uma das ações mais importantes para que as pessoas com

restrições consigam exercer o seu direito ao lazer, possam ampliar sua convivência social e ter acesso à cultura.

No Brasil, é principalmente no final dos anos 90, que iniciativas visando mudanças de atitudes para promover a inclusão vêm sendo realizadas, a fim de elaborar e fazer cumprir legislações e adequar o ambiente físico das cidades às pessoas com restrições. Por inclusão entende-se garantir, na prática, o acesso à moradia, ao trabalho, e a serviços essenciais como a educação, saúde e lazer para todas as pessoas, independentemente de sexo, idade, cor, credo, condição social ou deficiência.

Um grande número<sup>1</sup> de brasileiros enfrenta diariamente diversos tipos de obstáculo que dificultam o seu acesso aos ambientes e atividades. Entre eles, estão as pessoas com deficiência, que segundo os dados do Censo Demográfico, IBGE (2000) chegam a 24,5 milhões, ou seja, 14% da população. Além destas pessoas, devemos considerar também as que possuem restrições para realizar atividades, devido à idade avançada, doenças, acidentes, gravidez, ou simplesmente por situações temporárias, como uma mãe com um carrinho de bebê. O termo restrição refere-se à dificuldade ou limitação para realizar atividades resultante da interação entre o indivíduo e o seu meio ambiente. Normalmente essas pessoas estão submetidas a diferentes tipos de barreiras, tendo dificuldades para obter informações, deslocar-se, comunicar-se e utilizar equipamentos existentes no ambiente. É importante ressaltar que, nesta dissertação, o conceito a ser utilizado é o de restrição, em vez de deficiência, por ser mais amplo e atingir um maior número de pessoas.

A Constituição Brasileira de 1988 garante o direito de igualdade a todos os cidadãos sem nenhuma forma de discriminação. Para possibilitar seu cumprimento e garantir a acessibilidade, ou seja, as condições de acesso, uso e participação nos espaços físicos urbanos, foram criadas leis e normas específicas, a fim de contribuir para a participação mais significativa das pessoas com restrições na sociedade. A NBR 9050/2004, normatiza a acessibilidade de pessoas portadoras de deficiência em edificações públicas, espaços, mobiliário e equipamentos urbanos. O DECRETO nº 5.296 de 02 de dezembro de 2004, estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida e dá outras providências, como o acesso à informação e à comunicação.

Este Decreto estipula um prazo de 30 meses, a partir de sua publicação, para que os todos os edifícios públicos tornem-se acessíveis. Com isso, os Ministérios Públicos Estaduais necessitam desenvolver programas de fiscalização e de melhoria das condições de acessibilidade espacial dos edifícios de uso público. Para tal, o Ministério Público de Santa Catarina, em parceria com a Universidade Federal de Santa Catarina, desenvolveu, em seu

---

<sup>1</sup> Dados Estatísticos são apresentados no Capítulo 2, item 2.2.4.

Programa de Acessibilidade, um instrumento de avaliação<sup>2</sup> que vem sendo aplicado em edifícios institucionais, porém ainda não direcionado a edifícios de uso específico, como os centros culturais.

No entanto, sabe-se que apenas a existência e o cumprimento estrito de leis e normas não garante que os espaços, em especial os culturais, atendam à maior diversidade possível de usuários. Para tal, é fundamental que não só o Poder Público fiscalize os espaços projetados, mas que, principalmente, engenheiros e arquitetos procurem desenhar de forma inclusiva, considerando todos os componentes da acessibilidade<sup>3</sup>, e o modo de projetar denominado Desenho Universal.

O termo Desenho Universal foi criado pelo arquiteto norte-americano Ronald Mace, em 1985, e visa considerar as diversas necessidades do usuário, desde o início do processo projetual, evitando a idéia de fazer “projetos especiais”, que apenas eliminam barreiras físicas e fazem adaptações. (NULL, 1996)

Segundo Bins Ely *et al* (2001), a inclusão da diversidade em projetos de Desenho Universal traz consigo dois aspectos intimamente relacionados. O primeiro visa atender às necessidades especiais de usuários que enfrentam dificuldades para realizar atividades desejadas – gestantes, pessoas com deficiência, idosos, etc – permitindo sua participação e inclusão na sociedade. O segundo aspecto diz respeito a que este desenho, ao atender tecnicamente necessidades especiais, não seja discriminatório em sua forma, e nem entre em conflito com as necessidades dos demais usuários. Assim:

Nossa Arquitetura deve ser capaz de acomodar todas as diversas situações que afetam a maneira como um edifício é entendido e usado. Ela não só deve ser capaz de adaptar-se às condições mutáveis do tempo e às diversas estações, como deve também adequar-se para ser usada tanto durante o dia quanto durante a noite; deve ser deliberadamente projetada para responder a todos esses fenômenos. O arquiteto deve levar em conta todos esses diversos tipos de usos, assim como os sentimentos e os desejos dos vários tipos de pessoas, cada uma com seu padrão específico de expectativas, suas próprias possibilidades e restrições (HERTZBERGER, 1999, p.229).

A ausência de conhecimento específico quanto às leis e normas de acessibilidade; e quanto às diferentes deficiências e suas necessidades espaciais, faz com que profissionais projetistas concebam, muitas vezes, espaços inacessíveis e inseguros aos usuários, principalmente aos que possuem algum tipo de restrição. Porém, outro fator importante que contribui para esta situação é a inexistência dos conteúdos de Desenho Universal, nos currículos dos cursos de arquitetura e engenharia gerando uma lacuna de conhecimento e de contato, dos futuros profissionais, com o assunto.

<sup>2</sup> Participação da autora junto a uma equipe multidisciplinar no desenvolvimento do instrumento.

<sup>3</sup> Os componentes de acessibilidade encontram-se descritos no Capítulo 2, item 2.1.1.

A fim de promover a inclusão das pessoas com deficiência ou restrição na sociedade, observa-se que não apenas as funções primárias do ambiente são importantes, como as atividades culturais, mas também as funções secundárias, como a interação entre os usuários. É o caso dos espaços culturais, que têm como objetivo oferecer momentos de lazer e entretenimento a todos, porém, para as pessoas com deficiência, estes espaços significam um pouco mais, pois geram oportunidades de contato com outras pessoas e favorecem a inclusão na sociedade, através da arte, da música, da dança, da cultura.

Acredita-se que a cultura e a arte convidem as pessoas a deixar seu território familiar para explorar novos conhecimentos, novos “mundos”. A arte contribui para a auto-expressão, conhecimento e independência. Deste modo, a cultura e os ambientes destinados a ela, quando acessíveis espacialmente a todas as pessoas, permitem novas formas de contribuir para à inclusão social.

## **1.2 QUESTÕES DE PESQUISA**

Apresento a seguir as questões centrais que norteiam esta pesquisa e que estão relacionadas ao uso dos espaços culturais por todas as pessoas considerando a existência de diferentes habilidades e restrições.

- Quais as necessidades espaciais das pessoas que possuem algum tipo de restrição em Centros Culturais?
- Quais os principais elementos que dificultam a orientação espacial, o deslocamento, o uso dos ambientes e equipamentos e a comunicação dos usuários em Centros Culturais?
- Como possibilitar a acessibilidade espacial em centros culturais para pessoas com algum tipo de restrição?
- Existem interferências relevantes nas diferentes tipologias e programas das edificações quanto às condições de acessibilidade espacial?

## **1.3 OBJETIVOS**

### **1.3.1 OBJETIVO GERAL**

Adequar instrumento de avaliação das condições de acessibilidade para sua aplicação em edifícios culturais já existentes e desenvolver princípios projetuais que promovam a acessibilidade espacial de futuros centros culturais.

### **1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Conhecer as necessidades em termos espaciais das pessoas com restrições;
- Avaliar as condições de acessibilidade a edificações culturais com tipologias vertical e horizontal, identificando aspectos positivos e negativos;

- A partir de estudo de casos, avaliar as condições de acessibilidade espacial com base na legislação e normas existentes, e elaborar recomendações técnicas;
- Elaborar e testar instrumento de avaliação das condições de acessibilidade espacial para edifícios culturais.
- Definir critérios para a elaboração de princípios projetuais que garantam a acessibilidade em centros culturais.

## 1.4 MÉTODOS

Esta pesquisa se desenvolve a partir da realização de um estudo de dois casos: o edifício sede da Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves (CENTUR), situado na cidade de Belém, Pará, e o Centro Integrado de Cultura Henrique da Silva Fontes (CIC), localizado na cidade de Florianópolis, Santa Catarina.

Segundo Yin (2004), um estudo de caso é uma pesquisa empírica onde se investiga um fenômeno contemporâneo dentro do contexto que está inserido, ou seja, retrata a realidade do objeto de estudo, buscando reunir o maior número de informações detalhadas e conhecer as dimensões e as complexidades de um determinado caso.

Optou-se pelo estudo comparado dos dois casos devido aos aspectos semelhantes quanto ao uso e administração pelo Governo do Estado; por serem os centros culturais de maior importância nas referidas capitais e por possuírem configurações espaciais distintas – o CENTUR possui arranjo físico verticalizado e o CIC uma estrutura térrea. Desta forma, pode-se verificar se as diferentes tipologias, verticais e horizontais, influenciam na acessibilidade espacial dos edifícios em estudo.

A abordagem desta pesquisa é qualitativa descritiva. Qualitativa, pois trabalha com valores, representações, hábitos, atitudes e opiniões, e descritiva por estudar relações entre variáveis, sem manipulá-las. Para realizar este estudo, a pesquisa é efetuada a partir da combinação de quatro métodos distintos. Primeiramente será realizada a fundamentação teórica dos temas em estudo, utilizando o método da **Análise Documental**. A fim de compreender e aprofundar melhor o tema, e levantar as questões práticas quanto à acessibilidade, são realizadas pesquisas de campo, utilizando os métodos da **Visita Exploratória, do Passeio Acompanhado**, e da **Entrevista** nos dois locais escolhidos.

O emprego de diferentes métodos foi realizado a fim de sanar as possíveis limitações de cada um, complementando-os. Espera-se assim reunir conhecimento teórico e prático que permita compreender as questões de acessibilidade em centros culturais.

### 1.4.1 MÉTODO 01: ANÁLISE DOCUMENTAL

Este método consiste na fundamentação teórica dos estudos, abordando uma revisão histórica, conceitual e atualizada dos dois temas específicos **acessibilidade** e **centro cultural**.

Consistirá também na análise de documentos, plantas arquitetônicas e imagens, para melhor compreensão e domínio dos objetos de estudo.

Quanto à acessibilidade são abordados conceitos principais e estudo específico sobre pessoas com restrições e suas necessidades espaciais, assim como as legislações existentes. A análise dos dispositivos legais abrange o âmbito nacional, estadual e municipal, tais como o Decreto 5.296 de 02 de dezembro de 2004, as leis específicas de acessibilidade, como a lei nº 6.020/97, do Estado do Pará, e as Normas da ABNT, como a NBR 9050/04, a fim compreender como o tema está sendo tratado na esfera do Poder Público e como este tem influenciado na promoção da acessibilidade espacial, em especial nos edifícios destinados a cultura. Quanto aos centros culturais são abordadas suas definições, evolução histórica no Brasil e distintos programas de acessibilidade cultural.

#### **1.4.2 MÉTODO 02: VISITA EXPLORATÓRIA E LEVANTAMENTO**

Este método consiste no registro do espaço construído quanto às condições de acessibilidade, a partir de visitas exploratórias no local, onde é realizado levantamento de dados, a partir das técnicas de medições e registros fotográficos.

Segundo Ornstein (1992), as visitas exploratórias buscam analisar a funcionalidade do ambiente construído, propiciando a indicação dos principais aspectos positivos e negativos do objeto de estudo.

A partir da análise documental foram estudadas as plantas baixas arquitetônicas dos centros culturais – CENTUR e CIC – a fim de confrontá-las com a realidade e possibilitar a familiarização da pesquisadora com os objetos de estudo.

Cabe ressaltar que este método é de fundamental importância para a organização e realização dos Passeios Acompanhados, assim como para a elaboração das entrevistas, pois permite o desenvolvimento de análise inicial do problema e formulação de questões a serem verificadas e aprofundadas a partir da aplicação dos outros métodos. Quanto às análises realizadas durante as visitas exploratórias, estas são apresentadas em tabelas síntese, que encontram-se no Capítulo 6.

#### **1.4.3 MÉTODO 03: PASSEIO ACOMPANHADO**

Com o objetivo de buscar informações precisas referentes às dificuldades e facilidades de deslocamento, orientação, uso e comunicação de pessoas com restrições nos centros culturais em estudo, é utilizado o método investigativo desenvolvido por Dischinger (2000), denominado Passeio Acompanhado.

O método do Passeio Acompanhado é desenvolvido a partir de visitas supervisionadas no local em estudo, na companhia de pessoas com restrições. Previamente são definidos pelo pesquisador um percurso e as atividades a serem realizadas pelos convidados. O pesquisador

deve acompanhar o entrevistado, mas não conduzi-lo ou ajudá-lo. Durante o passeio, solicita-se ao entrevistado que relate as questões referentes à percepção do ambiente, as tomadas de decisões (comportamento e ação) e quais as informações relevantes para compreensão do espaço. O entrevistado deve manifestar sua opinião sobre as facilidades e os problemas encontrados ao longo do percurso. Cabe ao pesquisador registrar, a partir das técnicas de anotações, gravações e fotografias, as situações mais significativas. Posteriormente as gravações são transcritas e as fotos selecionadas, além de serem organizadas em mapas sintéticos dos percursos realizados. (DISCHINGER, 2000).

Este método permite acompanhar e compreender situações concretas vivenciadas por usuários, principalmente aqueles com restrições. O Passeio Acompanhado permite ao pesquisador responder a problemas de natureza complexa a partir da observação direta do comportamento do usuário no ambiente e da verbalização de suas ações. Por exemplo, no caso de um usuário cego, busca-se compreender questões referentes ao processo de orientação (como o entrevistado sabe onde está e quais elementos do ambiente indicam sua posição), e quais informações são relevantes para a compreensão do espaço. Logo, o pesquisador, através deste método, consegue abordar de forma mais ampla e detalhada as reais necessidades dos usuários.

#### 1.4.4 MÉTODO 04: ENTREVISTAS

Este método consiste em entrevistas estruturadas, que se caracterizam por conversas informais orientadas por um roteiro previamente estabelecido. Segundo Marconi & Lakatos (2003), esta entrevista pode ser denominada “formulário”, pois refere-se a uma coleção de questões que são perguntadas e anotadas por um entrevistador numa situação face à face com outra pessoa.

A elaboração das entrevistas foi baseada no formulário desenvolvido por Carlin (2004), porém com algumas modificações, a fim de adequar-se aos locais de estudo aqui avaliados. A definição final do formulário tem também como base as observações realizadas durante as visitas exploratórias no local.

As perguntas aplicadas nas entrevistas buscam, primeiramente, identificar se o entrevistado é funcionário do centro cultural e se é a sua primeira visita ao local, caso a resposta seja positiva, este usuário é descartado da amostra. Isto ocorre devido a possibilidade do funcionário não perceber os reais problemas do edifício e pela necessidade da pesquisadora em obter informações quanto a frequência de visitas, ambiente mais utilizado, entre outras. Posteriormente busca-se identificar o perfil e hábitos do usuário, como ele identifica e utiliza os acessos, as circulações, os ambientes, as atividades e as saídas de emergência. São também abordadas questões quanto à orientação, ao conhecimento da

programação cultural e a satisfação do usuário com relação aos ambientes do centro cultural. Os formulários encontram-se no apêndice B.

É importante ressaltar que as entrevistas têm como objetivo identificar as dificuldades de acessibilidade dos usuários, aparentemente sem restrições, nos centros culturais em estudo, enquanto os passeios acompanhados visam trabalhar estas questões com usuários com restrições.

## 1.5 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

O **Capítulo 1, Introdução**, apresenta os temas a serem estudados, expõe a justificativa e relevância do trabalho, as questões que o norteiam, os objetivos gerais e específicos. Há, também, a descrição dos métodos e técnicas utilizados e, por fim, a estrutura da dissertação.

O **Capítulo 2, denominado Fundamentação Teórica**, aborda uma revisão histórica, conceitual e atualizada dos dois temas específicos: acessibilidade e centro cultural. Quanto à acessibilidade são abordados os conceitos principais e estudos específicos sobre deficiências e restrições, além da legislação existente. Com relação ao tema centro cultural, mostra definições, evolução histórica no Brasil e alguns programas de acessibilidade cultural.

O **Capítulo 3, Estudo de Casos**, apresenta os objetos de estudo desta dissertação, através de uma breve descrição referente ao histórico, implantação, configuração e atividade dos dois centros culturais.

Descreve, também, a aplicação dos três métodos qualitativos utilizados na pesquisa de campo: Visita Exploratória, Passeio Acompanhado e Entrevista. São apresentadas a caracterização da amostra e a elaboração dos Passeios Acompanhados e das Entrevistas. Posteriormente, são descritos os resultados obtidos na aplicação destes métodos e, em seguida, é realizada uma discussão dos dados encontrados em cada centro cultural. É importante salientar que, as transcrições e os mapas dos Passeios Acompanhados encontram-se no Apêndice A.

Foram aplicadas e testadas, também, em ambos os objetos de estudo, o instrumento de avaliação, denominado Planilhas de Avaliação, as quais encontram-se descritas no Capítulo 4 deste trabalho.

O **Capítulo 4, Planilhas de Avaliação**, apresenta a elaboração, estrutura e aplicação de um instrumento de avaliação que visa analisar, sob o ponto de vista técnico, de forma rápida e prática, as condições de acessibilidade do edifício em estudo. Em seguida, é apresentada a descrição do laudo técnico, resultado da aplicação das planilhas. O jogo completo, com as cinco Planilhas de Avaliação elaboradas pelo Misitério Público de Santa Catarina, e as sete desenvolvidas pela pesquisadora, encontra-se no Apêndice C e no Anexo A desta dissertação.

No **Capítulo 5, Recomendações para Acessibilidade dos Dois Casos**, são apresentadas Recomendações Técnicas a partir de Tabelas Sínteses, que organizam os

resultados obtidos na aplicação dos métodos qualitativos e das Planilhas de Avaliação, e propõem soluções ou melhorias para cada situação.

O **Capítulo 6, Princípios para Acessibilidade em Centro Cultural**, mostra a importância da elaboração de princípios projetuais que promovam e garantam a acessibilidade espacial em edifícios destinados à cultura. Em seguida, são apresentados os critérios utilizados para a elaboração e a descrição dos princípios.

O **Capítulo 7, Conclusões e Recomendações**, apresenta uma síntese dos resultados encontrados na pesquisa, o aprendizado obtido durante o trabalho e a verificação do cumprimento dos objetivos. Ainda neste capítulo, há a apresentação de sugestões para futuras pesquisas.

Por fim, são apresentadas as **Referências, Apêndices e Anexo**.

## **CAPÍTULO 02: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Para a melhor compreensão da questão da acessibilidade espacial em centros culturais é necessário que se faça uma revisão histórica e conceitual destes dois temas.

Assim, este capítulo é composto por quatro partes: a primeira compreende os conceitos e princípios da Acessibilidade Espacial. Em seguida será abordada a questão das Deficiências e Restrições, sua evolução, conceituação e classificação. A terceira parte consta de uma explanação sobre os dispositivos legais quanto à acessibilidade espacial existentes no Brasil e, por fim, a conceituação e evolução dos centros culturais e as características arquitetônicas relevantes à acessibilidade espacial dos mesmos.

### **2.1 ACESSIBILIDADE**

O termo acessibilidade é bastante abrangente e envolve inúmeros conceitos e definições. Para Dischinger (2005), a acessibilidade não está apenas ligada a fatores físico-espaciais (distância, deslocamento, conforto, etc), mas também a aspectos políticos, sociais e culturais (como preço de transporte público, o analfabetismo, a falta de compreensão de uma informação por um turista estrangeiro), que influem na realização das atividades desejadas. Nesta pesquisa, os aspectos abordados dizem respeito à questão arquitetônica, ou seja, aos fatores relacionados às condições de acessibilidade espacial.

A acessibilidade espacial refere-se à possibilidade de participação e uso dos espaços por todas as pessoas em condições de igualdade e sem discriminação, sendo uma das condições para atingir a inclusão social. Conforme Duarte (2005), a acessibilidade do espaço construído não deve ser compreendida como um conjunto de medidas que favoreceriam apenas às pessoas com deficiência – o que poderia aumentar a exclusão espacial e a segregação destes grupos -, mas sim medidas técnico-sociais destinadas a acolher todos os usuários em potencial. Para isso, é necessário garantir total acesso aos mais variados locais e atividades, eliminando as diversas barreiras existentes que comprometem a participação de todos.

Conforme Dischinger *et al* (2004), quando se trata de pessoas com algum tipo de deficiência, estas barreiras se agravam, afetando suas condições de acesso aos lugares, a obtenção de informações e o próprio desempenho de atividades. Segundo Ubierna (1995), acessibilidade é a possibilidade de manipular objetos e equipamentos dentro de um determinado espaço e também a participação das atividades em qualquer lugar de um ambiente físico, inclusive as atividades sociais.

Em sua nova versão, a ABNT, através da NBR 9050/2004, define acessibilidade como sendo a possibilidade e condição de alcance, percepção e entendimento para a utilização com segurança e autonomia de edificações, espaço, mobiliário urbano e equipamentos.

Portanto, diferentes autores consideram a acessibilidade espacial um conceito amplo, para Dischinger *et al* (2004), a acessibilidade espacial é a possibilidade de compreensão da função, da organização e das relações espaciais que o ambiente estabelece, e a participação das atividades que ali ocorrem, fazendo uso dos equipamentos disponíveis com segurança e autonomia.

A fim de promover a acessibilidade no ambiente construído, é fundamental que se identifiquem os diferentes elementos que dificultam ou impedem a circulação, a percepção, a compreensão e a apropriação dos espaços e atividades, por parte dos usuários, bem como os obstáculos de ordem social e psicológica que impedem seu uso efetivo (DISCHINGER *et al*, 2004).

Conforme ainda o mesmo autor, estes elementos são usualmente denominados como barreiras, podendo ser divididas em três categorias:

Barreiras Atitudinais: dizem respeito à atitude, são barreiras estabelecidas na esfera social, em que as relações humanas centram-se nas restrições dos indivíduos e não em suas habilidades, dificultando sua inclusão e participação na sociedade.

Barreiras Físicas: são as de origem arquitetônicas, originárias de elementos físicos ou do desenho espacial que dificultam ou impedem a realização de atividades desejadas de forma independente, causando diversos tipos de restrições.

As barreiras físicas podem ser classificadas em barreiras fixas e barreiras dinâmicas em relação a sua permanência no tempo e no espaço. As barreiras fixas são, normalmente, elementos físicos construídos ou naturais que não se deslocam, ou modificam suas aparências e atributos, como mobiliário urbano, edificações, entre outros. As barreiras dinâmicas incluem elementos espaciais que permanecem um curto período de tempo, periodicamente ou não, num mesmo local, tais como veículos estacionados sobre as calçadas, barracas de vendedores ambulantes, suportes informativos móveis, etc.

Barreiras de Informações: são os elementos arquitetônicos (ruas, quadras, edifícios, etc), os elementos de informação adicional (placas, mapas, sinais sonoros, etc) e os elementos de informação verbal (interpessoais), que perturbam ou reduzem as possibilidades de obtenção da informação espacial desejada. Estes influenciam na acessibilidade, uma vez que estão diretamente ligados à capacidade do indivíduo de orientar-se e deslocar-se no ambiente.

Assim, ao criar espaços acessíveis, as soluções devem atender a todas as demandas, destacando as habilidades das pessoas, independentemente de possuírem algum tipo de restrição. A acessibilidade deve assumir um caráter holístico, de inclusão.

### 2.1.1 COMPONENTES DA ACESSIBILIDADE ESPACIAL

A fim de compreender melhor as questões referentes à acessibilidade espacial de pessoas que possuem algum tipo de restrição, Dischinger & Bins Ely (2006) identificaram quatro componentes, a partir dos quais é possível avaliar-se o nível de acessibilidade do ambiente construído. São eles: orientação, deslocamento, uso e comunicação.

Orientação: condição de compreensão do espaço (legibilidade espacial) a partir de sua configuração arquitetônica e da sua organização funcional. É a possibilidade de distinguir o local onde se está, e o percurso que se deve fazer para chegar a um determinado destino, a partir de informação arquitetônica e suportes informativos (placas, letreiros, sinais, mapas). Segundo Bins Ely *et al* (2002), a orientação é um processo cognitivo que depende da capacidade de cada pessoa em perceber e tratar as informações, definindo estratégias de ação e executando-as.

Cabe ressaltar que as informações adicionais devem ser acessíveis a todos, como textos em Braille para o deficiente visual e pictogramas para analfabetos e crianças. A ausência destas informações gera situações constrangedoras, pois acentua as restrições, causando exclusão e reduzindo a acessibilidade do ambiente. Quando não há o cumprimento deste componente no ambiente, a pessoa com restrição sensorial visual é uma das mais prejudicadas.

Deslocamento: condição de movimento nos percursos horizontais e verticais e sua continuidade. É a possibilidade de deslocar-se de forma independente em percursos livres de obstáculos, que ofereçam conforto e segurança ao usuário. Este componente quando não aplicado gera dificuldades principalmente às pessoas com restrições físico-motoras. Por exemplo, a ausência de rampa ou algum dispositivo eletromecânico que possibilite a circulação de um usuário de cadeira de rodas dentro de ambientes com desníveis como cinemas e teatros.

Uso: condição que possibilita a utilização dos equipamentos e a participação nas atividades fins. Os equipamentos devem ser acessíveis a todos os usuários e manuseados com segurança, conforto e autonomia. Pessoas com restrições físico-motoras (ausência de força física, coordenação motora, precisão ou mobilidade) possuem limitações para utilizar certos equipamentos existentes no ambiente, como por exemplo, um cadeirante alcançar uma estante de livros com altura inadequada. O usuário com restrição visual, por exemplo, possui dificuldade para visitar uma exposição de arte, devido à ausência de dispositivos de áudio-descrição ou textos em Braille, que informe sobre as obras expostas e as atividades existentes.

Comunicação: condição de troca e intercâmbio entre pessoas e entre pessoas e equipamentos de tecnologia assistiva (como terminais de computadores e telefones com mensagens de texto), que permitam o ingresso e uso do ambiente. Na ausência deste

componente no ambiente, os usuários com restrições sensoriais auditivas e restrições cognitivas (com limitações na produção lingüística) são os que mais enfrentam dificuldades, como por exemplo, a ausência de funcionários capacitados (intérpretes de Libras) para o atendimento de usuários surdos nos centros culturais.

Cabe salientar que a NBR 9050/2004, ao conceituar o termo acessível, evidencia que este implica tanto a acessibilidade física como a de comunicação do usuário. A acessibilidade espacial, em especial nos centros culturais, depende destes componentes, portanto o não cumprimento de um deles compromete os demais, dificultando ou até mesmo impedindo o acesso de pessoas com restrições nos ambientes.

Estes componentes foram utilizados, nesta pesquisa, para avaliar as condições de acessibilidade dos edifícios estudados durante a realização dos passeios acompanhados, das visitas exploratórias, das entrevistas e da aplicação das planilhas de avaliação.

## 2.2 DEFICIÊNCIAS E RESTRIÇÕES

Ao analisar espaços de uso coletivo, como os centros culturais, deve-se compreender a diversidade dos usuários que freqüentam estes ambientes, suas restrições e suas habilidades. Para tal, as conceituações e classificações são importantes para entender a evolução da consciência social frente estas pessoas.

### 2.2.1 EVOLUÇÃO HISTÓRICA

Para uma melhor compreensão das condições de inclusão social das pessoas com restrições, é necessário entender como se deu sua integração e participação na sociedade ao longo da história.

Entre os povos primitivos, onde o homem dependia exclusivamente da caça e de sua relação com a natureza, a pessoa com deficiência era, na maioria das vezes, exterminada. Isso ocorria devido à incapacidade de subsistir sozinha, tornando-se um grave empecilho para a sobrevivência do grupo. Outro fator era o nomadismo dos povos, que comprometia a sobrevivência das pessoas que possuíam dificuldades para deslocar-se. Porém, mesmo na pré-história existem exemplos de pessoas com deficiência que eram sustentadas pelo grupo.

Na Antigüidade, a sociedade grega possuía dois padrões de qualidade humana: o ateniense e o espartano. No primeiro, o corpo era visto como algo desprezível, enquanto a mente simbolizava superioridade. O espartano valorizava a perfeição do corpo e a força física (BINS ELY *et al*, 2001). Em Esparta, assim como na Roma Antiga, a deficiência era considerada uma fraqueza. Portanto, a lei obrigava o patriarca a matar seu filho recém-nascido frágil ou deficiente, pois não servia para ser um soldado forte e destemido.

Conforme Lanchoti (2000), no Renascimento é possível observar algumas pinturas alusivas ao comportamento social das pessoas em forma de ajuda, solidariedade e compaixão para com as pessoas com alguma deficiência.

Na era Moderna, devido ao surgimento dos métodos de abordagem científica e ao desenvolvimento da medicina, é clara a busca de soluções técnicas que tentam amenizar as dificuldades de pessoas com deficiência. Nesta época vários inventos foram criados para propiciar meios de trabalho e de locomoção a estas pessoas, tais como a cadeira de rodas, as bengalas, as muletas, os coletes, as próteses, os veículos adaptados. É também quando o francês Louis Braille cria um método capaz de unir os deficientes visuais ao mundo da linguagem escrita, o código Braille (FEIJÓ, 2003).

Na Idade Contemporânea, cada vez mais o homem é pensado a partir das relações que estabelece com a sociedade. As pessoas com deficiência começam a fazer parte de programas educativos, entretanto, permanecem isoladas do convívio social (BINS ELY *et al*, 2001).

No século XX, as pessoas com deficiência ainda sofreram com a discriminação da sociedade. As teorias racistas e o ideal de raça superior, manifestadas na Alemanha e em outros países no início do século, contribuíram para a estigmatização destas pessoas e culminaram em práticas de extermínio na II Guerra Mundial (BINS ELY *et al*, 2001). No entanto, após este período, devido ao grande contingente de mutilados de guerra, os ex-combatentes norte-americanos iniciaram reivindicações por mudanças de atitude face às pessoas com deficiência, por seus direitos de igualdade e de acesso ao ambiente físico da cidade e à vida social (AMENGUAL, 1995).

Devido às reivindicações, ao avanço tecnológico e a abertura de novas frentes de trabalho, leis foram desenvolvidas e aprovadas, programas de reabilitação foram elaborados e estudos sobre o tema vêm sendo realizados. Iniciativas como a aprovação, em 1975, da Declaração dos Direitos das Pessoas Deficientes e a proclamação, em 1981, do Ano Internacional para as Pessoas Deficientes, visavam a conscientização da população quanto aos seus direitos e à garantia de inclusão na sociedade.

Percebem-se, ao longo da história, mudanças significativas quanto à compreensão e abordagem das questões referentes às pessoas com algum tipo de restrição, oriundas ou não de deficiências. Os resultados dessas modificações refletem diretamente na definição dos conceitos hoje utilizados.

### 2.2.2 CONCEITOS

Ao analisar espaços de uso coletivo, como os centros culturais, com grande diversidade de frequentadores, deve-se compreender as limitações e necessidades apresentadas por uma parcela desta população usuária, que pode apresentar restrições no uso do espaço oriundas ou não de deficiências. Cabe, portanto, entender a diferença entre os dois termos – deficiência e restrição.

Em 1975, a Declaração dos Direitos das Pessoas Deficientes, estabeleceu que o termo “pessoas deficientes” refere-se a qualquer pessoa incapaz de assegurar por si mesma, total ou parcialmente, as necessidades de uma vida individual ou social normal, em decorrência de

uma deficiência, congênita ou não, em suas capacidades físicas (SOUZA, 1998). Esta visão ainda está ligada essencialmente a noção de incapacidade do indivíduo.

Devido à complexidade de se adotar uma linguagem comum entre os profissionais, a Organização Mundial de Saúde – OMS – publicou em 1980 a classificação, intitulada, “*International Classification of Impairments, Disabilities and Handicaps*” – ICIDH, (Classificação Internacional de Deficiências, Incapacidades e Limitações) (WHO, 1980), composta por um manual de conseqüências das doenças, com enfoque patológico. Esta classificação definia os termos: deficiência (*impairment, déficience, deficiencia*<sup>4</sup>), incapacidade (*disability, incapacite, discapacidad*) e desvantagem (*handicap, handicapé, minusvalia*). A “deficiência” era uma perda total ou anormalidade de uma estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica, que diz respeito às funções e estruturas a nível orgânico. A “incapacidade” era toda restrição ou ausência da capacidade de realizar uma atividade dentro da margem considerada normal ao ser humano. Por sua vez, a “desvantagem” era caracterizada pelo nível social das conseqüências de uma deficiência ou incapacidade, que impede o desempenho de atividades consideradas normais.

Conforme Bins Ely *et al* (2001), esta primeira abordagem foi baseada na deficiência, centrando-se nas limitações do indivíduo, e não em como o projeto de ambientes e/ou equipamentos adequados poderiam facilitar ou até mesmo suprir as necessidades individuais.

No ano de 1999, após um intenso processo de revisão, a OMS propõe uma nova abordagem, a “*International Classification of Impairments, Disabilities and Handicaps*” - ICIDH 2, (Classificação Internacional de Deficiências, Incapacidades e Limitações) (WHO, 1997), baseada nos conceitos de “deficiência, atividade e participação”. Quanto ao termo deficiência, não houve modificações significativas na conceituação. O termo atividade era usado para classificar as ações individuais do cotidiano, estando diretamente relacionado à performance do indivíduo em realizá-las. E o termo participação estava relacionado com a interação entre o indivíduo e o ambiente, examinando o desenvolvimento das situações do cotidiano em relação às suas deficiências, atividades, condições de vida e o próprio contexto em que vivia. Nesta classificação percebe-se a preocupação na criação de ambientes menos restritivos que favoreçam a participação de todos.

Em 2001, uma nova classificação é elaborada pela OMS, definida como “*International Classification of Functioning, Disability and Health*” – ICF (Classificação Internacional de Funcionamento, Incapacidade e Saúde) (WHO, 2002). Trata-se de uma classificação relacionada a saúde do indivíduo, suas condições corporais e seu desempenho para a realização de uma atividade e de participação na sociedade. A ICF utiliza o termo “restrição” para indicar o grau de dificuldade que cada pessoa possui para realizar alguma atividade, e leva em consideração os aspectos sociais das restrições, criando um mecanismo para

---

<sup>4</sup> Termos utilizados, respectivamente em inglês, francês e espanhol.

documentar o impacto físico e social que o ambiente promove no funcionamento do indivíduo. A classificação da ICF é feita por um sistema de letras e números, onde as letras determinam a escala/tipo e a numeração especifica a deficiência e o grau da mesma (DISCHINGER *et al* 2004). Nesta classificação verificou-se que o termo restrição é mais amplo podendo ou não originar-se de uma deficiência à nível fisiológico do indivíduo. Além da palavra não possuir um sentido pejorativo e agressivo.

Para a Associação Brasileira de Normas Técnicas, ABNT, em sua Norma 9050/2004, pessoa com deficiência é aquela que tem limitada sua capacidade de relacionar-se com o meio e utilizá-lo. O termo “deficiência” refere-se a redução, limitação ou inexistência das condições de mobilidade, de percepção das características do ambiente e de utilização das edificações, espaço, mobiliário, equipamento urbano e elementos, em caráter temporário ou permanente.

Conforme as definições da ABNT observou-se que, o termo deficiência é utilizado para designar o problema específico de uma disfunção no nível fisiológico do indivíduo. É normalmente associado à noção de incapacidade, o que nem sempre ocorre: por exemplo, uma pessoa com baixa visão, que, com auxílio de lentes especiais, consegue ler. Além disso, a palavra deficiência ainda gera preconceito na sociedade.

Com isso, observa-se a necessidade e importância da conceituação do termo “restrição”, que, conforme Dischinger *et al* (2004), envolve a relação entre as condições do indivíduo e as características do meio ambiente, considerando a sua percepção, compreensão e ação. As causas das restrições podem ser tanto oriundas de uma deficiência (paralisia, cegueira, surdez...), como por uma limitação, temporária ou permanente, podendo ocorrer devido fatores ambientais, culturais ou sócio-econômicos.

De acordo com estas definições, uma pessoa paraplégica, em cadeira de rodas, possui uma deficiência físico-motora, resultado de uma disfunção fisiológica. Em consequência, sofre restrições diversas, como a incapacidade de subir escadas, a dificuldade em alcançar objetos muito altos, e de se deslocar em pisos irregulares e desnivelados. No entanto, uma pessoa que teve seus membros inferiores traumatizados e encontra-se em uma cadeira de rodas temporariamente, também apresenta restrições para realizar atividades, sem possuir uma deficiência. Uma pessoa idosa, por exemplo, devido ao processo natural de envelhecimento, pode vir a ter problemas de ofuscamento, e com isso apresentar diversas restrições visuais, tais como ofuscamento, amarelamento, dificuldade de retrair a pupila na mudança de ambientes claros e escuros, entre outras. No entanto, não significa que esta pessoa possua uma deficiência visual decorrente de uma patologia.

Cabe ressaltar, que nesta pesquisa, o termo “deficiência” será utilizado para designar o problema específico de uma disfunção no nível fisiológico do indivíduo (por exemplo, paralisia, cegueira, surdez). O termo “restrição” será utilizado para designar as dificuldades resultantes da relação entre as condições dos indivíduos e as características do meio ambiente.

Mesmo com o avanço quanto à conceituação das deficiências e restrições, ainda existe uma grande dificuldade em classificá-las. Alguns dos motivos são a diversidade de deficiências e a variação da classificação de acordo com o tema, como pela classificação médica ou por habilidades (BINS ELY *et al*, 2001).

### 2.2.3 CLASSIFICAÇÃO

#### 2.2.3.1 CLASSIFICAÇÃO DAS DEFICIÊNCIAS

Apesar de sua complexidade, a classificação das deficiências e a sua compreensão são fundamentais para conhecer as verdadeiras necessidades espaciais dos indivíduos, a fim de, se possível, eliminar situações que gerem incapacidade e exclusão.

Conforme Dischinger & Bins Ely (2006), as deficiências estão classificadas da seguinte forma: deficiências sensoriais, deficiências cognitivas, deficiências físico-motoras e deficiências múltiplas.

##### **Deficiências Sensoriais**

Referem-se às deficiências em que há perdas significativas nas capacidades dos sistemas de percepção. <sup>5</sup>Conforme Gibson (1966), estes sistemas são classificados em: sistema básico de orientação, háptico, visual, auditivo e palato-olfativo. As alterações nestes sistemas geram dificuldades no indivíduo em perceber as informações do meio ambiente, ou de outras pessoas, e em utilizar o espaço e objetos, dificultando sua participação em diversas atividades.

**a) Deficiências no sistema de orientação:** são aquelas que provocam alterações ou perda da capacidade de equilíbrio do indivíduo, afetando a manutenção da postura ereta, a percepção do movimento próprio de aceleração (início e fim do movimento do indivíduo) e a identificação dos referenciais espaciais corpóreos e ambientais (eixos vertical / horizontal, direções direita / esquerda, etc.). O sistema de orientação responde as forças de gravidade e localiza-se no labirinto (estrutura interna do ouvido) atuando de forma coordenada com os outros sistemas sensoriais (visão, audição, háptico).

**b) Deficiências no sistema háptico:** são aquelas que alteram a obtenção de informação que permitem sentir a localização e movimento de qualquer parte do corpo, e distinguir vibrações, pressão, peso, temperatura, texturas, volumes, formas; sensações de dor e prazer, etc. Estas sensações são percebidas não apenas pelo tato, mas também através de sensores em vários órgãos e estruturas corpóreas (pele, músculos, posição de juntas, órgãos internos, etc.).

---

<sup>5</sup> Os sistemas de orientação, háptico e palato-olfativo não estão classificados legalmente no Brasil.

**c) Deficiências no sistema visual:** são aquelas que provocam limitações na capacidade de enxergar. Abrange o espectro que compreende desde problemas de cegueira até os de visão parcial (baixa visão), sendo estes os mais comuns. Conforme o Decreto 5.296/04, no caso de cegueira a acuidade visual é igual ou menor que 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica. Isto significa que o indivíduo cego possui somente alguma percepção da luz (distingue a claridade) ou nenhuma visão. Com relação a visão parcial, esta pode ser oriunda de diferentes patologias no sistema visual (frente do olho, fundo do olho, nervo óptico e cérebro), afetando a visão de formas distintas, como a perda de nitidez, manchas no campo visual, ofuscamento, etc.

**d) Deficiências no sistema auditivo:** conforme o Decreto 5.296/04, são aquelas que constituem a perda bilateral, parcial ou total de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Kz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz. Na perda total da capacidade de perceber estímulos sonoros, o indivíduo não ouve a fala humana, e com isso não adquire, naturalmente, o código da linguagem oral. Na audição reduzida, o indivíduo possui dificuldades, porem, não está impossibilitado de compreender a fala humana, localizar a origem e natureza de eventos sonoros e se expressar oralmente.

As pessoas com deficiência auditiva desenvolvem outras habilidades como a leitura labial, o aprendizado da linguagem dos sinais e a discriminação dos sons.

**e) Deficiências no sistema palato-olfativo:** são aquelas que comprometem a capacidade do indivíduo em, através de células localizadas na boca e no nariz, distinguir e compreender as composições químicas dos objetos, a partir da ingestão e inalação, bem como, identificar o ambiente a partir da presença de odores. Conforme Dischinger & Bins Ely (2006), assim como os sistemas hápticos e de orientação, o palato-olfativo pode contribuir para a obtenção de informações ambientais na presença de outras deficiências sensoriais.

### **Deficiências Cognitivas**

São aquelas que se referem às dificuldades para a compreensão e tratamento das informações recebidas (atividades mentais), podendo afetar processos de aprendizado e aplicação de conhecimento, como também a comunicação lingüística (fala) e interpessoal. As deficiências cognitivas podem comprometer as habilidades de concentração, memória e raciocínio. Com isso, o indivíduo pode apresentar dificuldades para resolução de problemas e para concentrar-se; para aprender e utilizar a linguagem oral e escrita; para enfrentar situações novas e tomadas de decisões, implicando na dependência de outras pessoas e em dificuldades de convívio social.

De acordo com esta classificação, está incluída entre as deficiências cognitivas, a “deficiência mental”, que conforme o Decreto 5.296/04 refere-se ao funcionamento intelectual significativamente inferior à média, com manifestação antes dos dezoito anos e limitações

associadas a duas ou mais áreas de habilidades adaptativas, tais como: comunicação; cuidado pessoal; habilidades sociais; utilização dos recursos da comunidade; saúde e segurança; habilidades acadêmicas; lazer; e trabalho.

### **Deficiências Físico-Motoras**

São aquelas que alteram a capacidade de motricidade do indivíduo, acarretando dificuldades ou impedimentos para realizar algum movimento. Além, da ausência, má-formação, lesões, ou paralisia dos membros inferiores e superiores, outros fatores podem alterar os movimentos do indivíduo, tais como a presença de dor, o excesso de contração, a falta de tonicidade muscular, problemas neurológicos, entre outros.

Em geral, as deficiências físico-motoras afetam a realização de atividades que demandam força física (agarrar, puxar, empurrar, levantar, torcer, etc.); coordenação motora e precisão (rotacionar, pinçar, escrever), ou ainda aquelas relativas à mobilidade do indivíduo no espaço (caminhar, correr, pular). Problemas encontrados nos membros e articulações inferiores – quadris, pernas e pés – em geral, implicam na redução da mobilidade e locomoção. Já os membros e articulações superiores – ombros, braços e mãos – implicam na redução da força, alcance, coordenação e precisão dos movimentos.

### **Deficiências Múltiplas**

Ocorre quando o indivíduo apresenta a associação de mais de um tipo de deficiência.

As deficiências múltiplas são mais comumente encontradas na população idosa, devido a presença de patologias, (a perda parcial da visão, doenças no sistema nervoso, doenças articulares, etc.). Porém, podem ocorrer em consequência de diversas causas, como a paralisia cerebral, que além das deficiências físico-motoras, gera dificuldades na produção lingüística; a surdocegueira, quando o indivíduo possui deficiências tanto auditivas quanto visuais, entre outras.

### **2.2.3.2 CLASSIFICAÇÃO DAS RESTRIÇÕES**

Conforme a classificação elaborada por Dischinger & Bins Ely (2006), as deficiências, as características do meio ambiente e as restrições estão diretamente relacionadas. Isto significa que a presença de uma deficiência implica na existência de determinados níveis de limitações para a realização de atividades. No entanto, o grau de dificuldades pode ser minimizado através de soluções acessíveis e pela presença de equipamentos de tecnologia assistiva, da mesma forma que pode ser agravado devido às características ambientais.

Logo, o termo restrição pode ser definido como as dificuldades existentes para a realização de atividades desejadas resultantes da relação entre as condições dos indivíduos e os atributos do meio ambiente.

A fim de avaliar espaços e equipamentos, visando sua utilização por um maior número de pessoas, com ou sem deficiência, as restrições foram classificadas em quatro categorias.

### Restrições na percepção sensorial

Referem-se às dificuldades em perceber as informações do meio ambiente devido à presença de elementos que impedem ou dificultam a obtenção de estímulos através dos distintos sistemas sensoriais (visual, auditivo, palato-olfativo, háptico e orientação) (Figuras 01 e 02).



Figura 01: Ausência de sinal sonoro dificulta travessia de pessoas cegas.  
Fonte: acervo pessoal



Figura 02: Placa revestida com material brilhoso dificulta leitura de pessoas com baixa visão.  
Fonte: acervo pessoal

### Restrições em atividades de comunicação

Referem-se às dificuldades de comunicar-se socialmente através da fala ou da utilização de códigos, devido às características do meio ambiente (existência de ruídos, dispositivos de controle, etc). Estas características afetam, principalmente, pessoas com deficiência auditiva, ou deficiência cognitiva em sua produção lingüística. (Figuras 03 e 04)



Figura 03: Ausência de intérpretes de LIBRAS em local de atendimento ao público dificulta a comunicação de pessoas surda e/ou mudas.  
Fonte: acervo pessoal



Figura 04: Presença de interfones pode dificultar acesso de pessoas com deficiência auditiva  
Fonte: acervo pessoal

## Restrições no processo cognitivo

Referem-se às dificuldades no tratamento das informações espaciais ou interpessoais para a realização de atividades que requerem compreensão, aprendizado e tomada de decisão, afetando principalmente pessoas com deficiência cognitiva (Figuras 05 e 06).



Figura 05: Espaços poluídos visualmente dificultam a orientação espacial principalmente de pessoas com deficiência cognitiva.

Fonte: acervo pessoal



Figura 06: Placa informativa com sentido dúbio dificulta a compreensão da localização dos ambientes (seta indicando para frente ou acima?).

Fonte: acervo pessoal

## Restrições na realização de atividades físico-motoras

Referem-se ao impedimento ou às dificuldades para realizar atividades que dependam de força-física, coordenação motora, precisão ou mobilidade. Entende-se por mobilidade a capacidade de deslocamento ou de percorrer uma trajetória livre para a realização de uma determinada ação; força é a capacidade de superar a resistência ou se opor ao esforço muscular; precisão é a habilidade de atingir os objetivos da melhor forma possível; coordenação é a capacidade de articular os movimentos corretos para atingir tais objetivos (Figuras 07 e 08).



Figura 07: Presença de desníveis dificulta o deslocamento de pessoas em cadeira de rodas.

Fonte: acervo pessoal



Figura 08: Altura inadequada de mobiliário dificulta o alcance manual de pessoas com baixa estatura.

Fonte: acervo pessoal

## 2.2.4 DADOS ESTATÍSTICOS NO BRASIL

Em países como o Brasil, o número de pessoas com deficiência ou com algum tipo de restrição está relacionado diretamente com as más condições de vida. No entanto, outro fator significativo é o aumento da população idosa, ou seja, o crescimento de pessoas com restrições múltiplas na sociedade. Segundo o Censo/2000, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, a população brasileira estimada, com faixa etária superior a 60 anos, é de 8,6%. Porém, estima-se que em 2025, a expectativa de vida seja acima de 80 anos em vários países, inclusive o Brasil. No entanto, é importante ressaltar que provavelmente, a população brasileira, assim como a da Índia e da China, vai envelhecer antes do país se desenvolver o suficiente para oferecer melhores condições de vida para esta parcela da população.

Conforme Bahia (1998), as principais causas das deficiências no Brasil estão relacionadas às condições de pobreza, a má nutrição de mães e filhos, a contaminação ambiental, aliadas causas mais globais, como o alto índice de acidentes de trânsito e a violência urbana. Dados do Departamento Nacional de Trânsito (DENATRAN) de 2002 mostram que em cada 10.000 brasileiros, 20,7 ficaram feridos em acidentes de trânsito, porém, são escassos os dados estatísticos referentes às seqüelas destas vítimas.

Segundo a OMS, 450 milhões de pessoas no mundo possuem algum tipo de deficiência. Estes dados se baseiam na estimativa de que nos países em desenvolvimento, como o Brasil, o percentual de deficientes é de 10%, distribuídos da seguinte forma: 5% Deficiência Mental, 2% Deficiência Física, 1,5% Deficiência Auditiva, 1% Deficiência Múltipla e 0,5% Deficiência Visual.

Os dados do Censo Demográfico, conforme o IBGE (2000)<sup>6</sup>, afirmam que o número de pessoas com deficiência no Brasil chega a 24,5 milhões ou 14,5% da população. Sendo distribuídos: 1,2% Deficiência Mental, 0,6% Deficiência Física, 3,4% Deficiência Motora, 2,4% Deficiência Auditiva e 6,9% Deficiência Visual.

Nota-se que, os resultados do Censo/2000, demonstram dados com diferenças significativas em relação aos estimados pela OMS para o Brasil. Acredita-se que essa diferença ocorreu devido a realização do censo ser por amostragem, o que não demonstra os números reais de deficientes e deficiências no país, e a possível ausência de critérios, ou até

---

<sup>6</sup> Os dados do Censo Demográfico, conforme o IBGE (2000), afirmam que 24,5 milhões ou 14,5% da população possui uma deficiência. Sendo distribuídos: 8,3% Deficiência Mental, 4,1% Deficiência Física, 16,7% Deficiência Auditiva, 48,1% Deficiência Visual e 22,9% Deficiência Motora. No entanto, a fim de comparar os dados do Censo com os previstos pela ONU, foi necessário realizar um cálculo matemático para que o somatório das porcentagens por deficiência obtidos pelo IBGE fosse igual a 14,5%.

mesmo, de esclarecimento das pessoas que realizaram a pesquisa, quanto às definições e classificações corretas das deficiências.

Cabe salientar que o referido censo dividiu as deficiências físico-motoras em 2 tipos: a deficiência física – refere-se ao indivíduo que apresenta paralisia permanente total, das pernas, de um dos lados do corpo e a falta de membros - e a deficiência motora – refere-se a incapacidade ou dificuldade do indivíduo em caminhar ou subir escadas.

## 2.3 DISPOSITIVOS LEGAIS

Na década de 40, as Organizações das Nações Unidas decretaram a “Declaração Universal dos Direitos Humanos”, a qual garantiu o direito de cidadania a todas as pessoas com deficiência. A partir de então, diversos programas e movimentos foram iniciados no mundo em busca da igualdade e dos direitos desta parcela da população.

Em 1982, a Assembléia das Nações Unidas aprovou, no seu Programa de Ação Mundial para Pessoas com Deficiência, diretrizes sobre a cultura, que apontam uma responsabilidade aos estados-membros de “providenciar para que as pessoas com deficiência tenham oportunidades de utilizar ao máximo suas qualidades criativas, artísticas e intelectuais, não só em seu próprio benefício como também para o enriquecimento da comunidade. Com esse objetivo, lhe deve ser assegurado o acesso às atividades culturais. Se necessário, devem ser feitas adaptações especiais para satisfazer as necessidades das pessoas, tais como: comunicação para surdos; e literatura em Braille para pessoas com deficiência visual” (BRASIL, 2001).

Consta na Constituição Federal de 1988, que os fundamentos da nação são promover a dignidade da pessoa humana e garantir o exercício da cidadania para que não haja desigualdades sociais e sejam eliminados quaisquer preconceitos ou discriminações. Isto significa conceder a todos, inclusive as pessoas com algum tipo de restrição, direitos sociais à educação, à saúde, ao trabalho, ao lazer e à segurança (BRASIL, 1988).

O pleno exercício dos direitos às pessoas com alguma restrição, foi ratificado pela **Lei nº 7.853/89**, que transferiu para Estados e Municípios a responsabilidade pela adoção de normas que eliminem as barreiras de acesso às edificações e aos espaços urbanos.

Também em nível federal, foi aprovado o mais novo **Decreto nº 5.296** de 2 de dezembro de 2004, que

regulamenta as Leis nºs 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências (BRASIL, 2004).

O Decreto institui que, para a aprovação e licenciamento de projetos arquitetônicos e urbanísticos, a concepção e implantação devem atender os princípios do desenho universal,

tendo como referenciais básicas às normas técnicas de acessibilidade da ABNT. São instituídas condições de acessibilidade na habitação de interesse social, aos bens culturais imóveis, ao transporte coletivo, o acesso à informação e à comunicação, além de definir termos como acessibilidade, barreiras, edificações de uso público, uso coletivo, e de uso privado, desenho universal, e outros.

Quanto ao acesso aos espaços culturais, o Decreto, em seu Artigo 23, determina a existência de espaços e assentos destinados a pessoas em cadeira de rodas, obesas e com deficiência visual. Determina também, a existência de sistemas de tecnologia assistiva ou a presença física de um intérprete de LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais - para pessoas com restrições auditivas.

O Decreto estipula prazo de 30 (trinta) meses para a adaptação de edifícios já existentes, contando a partir da data de sua publicação.

A fim de suprir uma carência de referenciais técnicos a respeito da questão da acessibilidade, a Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT elaborou a NBR 9050. No ano de 2004, a NBR 9050 foi revisada e passou a ser chamada de “Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos”. A norma atende a preceitos de desenho universal, e deve ser aplicada a todos os projetos que vierem a ser elaborados, construídos, bem como as reformas e ampliações de edificações e equipamentos já existentes.

A norma prevê em seu item 8.2, condições de acessibilidade em espaços culturais, como cinemas, auditórios, teatros e similares. Prevê espaços e assentos para cadeirantes, pessoas com mobilidade reduzida e obesas (ABNT, 2004), sem, no entanto referir-se a assentos para pessoas com restrição visual e auditiva. Quanto aos dispositivos de tecnologia assistiva, refere-se apenas que estes devem atender no palco as pessoas com restrição visual e auditiva, sem especificar se são para os atores ou aos espectadores, desconsiderando os espaços destinados a camarins, hall de entrada, locais de exposições, entre outros. A norma não possui uma descrição ou exemplificação dos possíveis dispositivos de tecnologia assistiva existentes.

Embora esteja avançando na questão da acessibilidade, a norma propõe situações muito específicas, pontuais, com poucas alternativas, principalmente quando se trata de edifícios já existentes. É importante ressaltar que os desenhos de soluções apresentados na norma são obrigações a serem seguidas e não sugestões projetuais.

Cabe salientar que, além da NBR 9050/04, outras normas dispõem sobre condições de acessibilidade, como a NBR 13.994 que refere-se aos elevadores de passageiros; a NBR 9077/01 que trata das saídas de emergência e o manual intitulado “Turismo para Portadores de Deficiência Física – Normas para facilidade de acesso e locomoção”, elaborado em 1987, pela Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR).

O Ministério das Cidades, em julho de 2005, criou o Programa Brasil Acessível, cujo objetivo é estimular e apoiar os governos estaduais e municipais a desenvolver ações que

garantam a acessibilidade das pessoas com restrições nos sistemas de transportes, equipamentos urbanos e nas áreas públicas. Através do seu Caderno 2: Construindo a Cidade Acessível, são apresentados parâmetros técnicos destinados aos profissionais da engenharia e arquitetura, e sugestões de ações a serem realizadas pelo Poder Público.

No âmbito do Estado do Pará, a Lei nº 6.020, de 10 de janeiro de 1997, dispõe sobre as normas de adaptação de prédios de uso público, a fim de assegurar o acesso adequado às pessoas com restrições. Considera edifício de uso público todo aquele que abriga atividades que se caracterizem por atendimento ao público. A referida lei institui condições de acessibilidade para espaços e/ou equipamentos como circulações horizontal e vertical, portas, sanitários e quanto a comunicação visual. No entanto, não prevê um artigo referente aos espaços culturais.

No Estado de Santa Catarina, a Lei 12.870, de 12 de janeiro de 2004, dispõe sobre a política estadual para a promoção e integração social das pessoas com restrições. Conforme a referida lei, cabe aos órgãos e entidades do poder público assegurar o pleno exercício dos direitos básicos destas pessoas, incluindo o direito ao lazer e a cultura. No seu Capítulo VII, oferece algumas medidas para que edifícios destinados ao lazer e a cultura sejam acessíveis, remetendo-se às especificações constantes na ABNT.

Na esfera do Município de Belém, algumas leis de acessibilidade já foram publicadas, como a Lei nº 7.942, de 19 de Janeiro de 1999 que dispõe sobre a adaptação de listas e placas de preços e cardápios em bares, lanchonetes, restaurantes, supermercados e estabelecimentos similares, ao uso de deficientes visuais. A Lei nº 8.068, de 28 de maio de 2001, estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas com restrições, mediante a supressão de barreiras e de obstáculos nas vias e espaços públicos, no mobiliário urbano, na construção e reforma de edifícios e nos meios de transporte e de comunicação no Município de Belém. A referida lei, em seu Artigo 12 estabelece que os locais de espetáculos, conferências, aulas e outros de natureza similar deverão dispor de espaços reservados para pessoas que utilizam cadeira de rodas, e de lugares específicos para pessoas com deficiência auditiva e visual, inclusive acompanhante, de acordo com a NBT 9050 da ABNT, de modo a facilitar-lhes as condições de acesso, circulação e comunicação (BELÉM, 2001).

No Município de Florianópolis a Lei Complementar nº 60, de 11 de maio de 2000, institui o Código de Obras e de Edificações, e dá outras providências. O código diz respeito às normas gerais para administração e execução de obras e serviços congêneres. Quanto às questões de acessibilidade, o código em seu Artigo 259 determina que todas as edificações de uso coletivo deverão propiciar às pessoas com restrições, melhores e mais adequadas condições de acesso e uso, obedecendo às normas da ABNT e da legislação municipal específica, a Lei nº 2.153, de 24 de outubro de 1984, a qual é bastante antiga e ultrapassada.

O Sistema CONFEA/CREA, em cumprimento ao Artº 11 do Decreto 5.296/04, vem elaborando regras para a fiscalização da responsabilidade técnica sobre o atendimento das leis e normas que garantem o acesso das pessoas com restrições nas edificações e meios de transportes. O CREA/SC estabeleceu um código de classificação da atividade técnica para acessibilidade, denominado A0831 – Acessibilidade – Adequação de Obra/ Serviço ao Decreto 5.296/04. O código deverá ser anotado na ART, juntamente com a anotação dos códigos das atividades, garantindo a responsabilidade do profissional para que a obra/serviço atenda as regras previstas nas normas técnicas e na legislação específica.

Cabe ressaltar que, as leis e normas aplicadas em diferentes âmbitos (federal, estadual e municipal) podem apresentar diversos parâmetros para uma mesma solução de projeto. Deve-se ainda considerar que podem existir problemas de acessibilidade cuja solução não está prevista pelas leis e normas existentes. É importante salientar que a prioridade das leis está relacionada diretamente com seu grau de especificação (por exemplo, se lei municipal for mais abrangente e específica que a estadual, a primeira prevalece).

## **2.4 CENTRO CULTURAL**

### **2.4.1 DEFINIÇÃO**

O termo Cultura possui um conceito de apreensão difícil, mutante no tempo, contraditório em dados momentos, levando as imprecisões que o tempo não esclareceu e que se estendem aos setores fundamentais da sociedade. Por essa razão há uma fluidez quanto ao conceito de “Centro de Cultura” (MILANESI, 1997).

Mesmo com esse grau de complexidade, algumas definições quanto aos espaços destinados à cultura foram feitas no decorrer dos anos, em todo o mundo.

Desde que o homem passou a registrar o conhecimento, houve um espaço para armazenar as idéias, quer registradas em argila, papiro, pergaminho, papel ou CD-ROM, - as bibliotecas. Da mesma forma, o homem nunca deixou de reservar áreas para trocar idéias. Com o tempo, a área para armazenar documentos e para discuti-los, passou a ser a mesma. Com isso a biblioteca passou a ser a mais antiga e freqüente instituição identificada com a cultura (MILANESI, 1997).

No entanto, os espaços destinados à produção cultural não se resumiram apenas às bibliotecas. Ao longo da história, a cultura passou a ser cultivada em edificações diversas e muitas vezes monumentais, como os teatros, as grandes óperas e os museus. Porém, em meados do século XX, uma nova configuração surgiu para o espaço destinado à cultura, conhecido como Centro Cultural. A característica principal deste novo espaço é a sua multifuncionalidade, a capacidade de abrigar diversas expressões culturais num mesmo local.

Não há exatamente um modelo de centro cultural. Pode-se dizer que o centro cultural é o local de reuniões de produtos culturais, com a possibilidade de discuti-los e de praticar a

criação de novos produtos. O público é formado pelos que exercitam a criatividade e pelos criadores potenciais, ou seja, todos.

Em 1975, a Lei francesa definiu centro cultural como: “Estabelecimento público que favorece a criação de obras de arte e do espírito; contribui para o enriquecimento do patrimônio cultural da nação, da informação e formação do público, da difusão da informação artística e da comunicação social. [...] Ele assegura o funcionamento e a animação, com os organismos públicos e privados que lhe são associados, de um conjunto cultural consagrado a todas as formas de criação artística, notadamente no âmbito das artes plásticas, da pesquisa acústica e musical, da estética industrial, da arte cinematográfica, assim como a leitura pública” (MILANESI, 1997, p. 53).

Os centros culturais são espaços para cultivar a capacidade de romper e de criar. Tem a função de encontrar caminhos que permitam a liberdade de chegar ao conhecimento, seja qual for, e discuti-lo.

Existem várias nomenclaturas para os espaços destinados a cultura: Centro de Cultura, Casa de Cultura, Atelier de Cultura... Seja o que for, é necessário dar um sentido aos espaços que, em nome da cultura, são construídos. Porém sabe-se que isso está relacionado com a própria cultura que se faz neste espaço.

No Brasil, devido à colonização portuguesa, a vida cultural se sustentou na base das três entidades tradicionais: biblioteca, teatro e museu. Eles, juntos ou isoladamente, são identificados como centros de cultura. Um centro de cultura pode ser um museu municipal e o museu municipal em outra cidade se chama Casa de Cultura e a Casa de Cultura numa localidade é exatamente como a biblioteca pública de outra (MILANESI, 1997).

Conforme ainda o mesmo autor, independentemente do local, cidade, ou país, o centro cultural, por menor que seja, deve permitir a concretização das ações básicas: informar, discutir e criar. A primeira refere-se à ação mais freqüente nos centros culturais: todo o conjunto de processos e procedimentos que leva o público a ter acesso a informações. A informação busca, não apenas atender a eventuais demandas, mas estar presente na vida coletiva, ligando diversos segmentos populares às esferas de seus interesses e necessidades.

A segunda ação, discutir, é fundamental num centro de cultura, pois propicia a potencialização da informação. Discutir as informações significa, pois, buscar outras possibilidades de explicar e indicar novos caminhos para superar dificuldades do indivíduo ou do meio. É uma atividade fundamental num centro de cultura, pois dá a dinâmica que lhe é absolutamente necessária.

A terceira e última ação, criar, é o que dá sentido as duas outras (informar e discutir). A criação permanente é o objetivo de um centro cultural, sendo este o gerador de novos discursos e propostas.

## 2.4.2 CENTRO CULTURAL NO BRASIL

Durante o século XX, por todo o mundo, foram inaugurados centros, espaços, casas, “*maisons*”, destinadas à cultura. Porém, cada um com características distintas, conforme a cultura e as necessidades de cada sociedade. No Brasil, não se falava em centros de cultura, até que os países do chamado primeiro mundo tomassem a iniciativa de construí-los.

No entanto, antes dos centros culturais chegarem ao País, já havia espaços multifuncionais destinados a cultura, os quais abrigavam diversas expressões culturais, tais como o Atelier Coletivo, no Recife, os Centros Populares de Cultura, no Rio de Janeiro e o Atelier Livre, em Porto Alegre.

Segundo Amaral (1987), devido sua natural articulação com a arte popular da região, que emerge com força maior que em outras áreas do País, em decorrência da forte tradição cultural, o Nordeste foi, de certa forma, o precursor no “descobrir” e “assumir” a importância do popular nos anos 50 e 60, a partir de organismos especialmente criados para esse fim.

Em 1952, o escultor e desenhista, Abelardo da Hora fundou o Atelier Coletivo da Sociedade de Arte Moderna do Recife, que tinha como um dos seus objetivos desenvolver o aprendizado a partir de acontecimentos diários da própria vida: os afazeres, o trabalho, as festas. Ou seja, criar uma identidade com a arte popular. O Atelier oferecia para a comunidade cursos de gravura e fotografia.

Como extensão do Atelier Coletivo, Abelardo da Hora foi um dos idealizadores do Movimento de Cultura Popular – MCP. Os ateliês deste movimento surgiram por volta dos anos 60 e eram abertos à comunidade de diferentes faixas etárias. O MCP foi o precursor na proposta cultural de ampliar o diálogo entre arte e a criatividade popular.

Conforme Amaral (1987), o MCP era dividido em setores: artes plásticas e artesanatos, música, canto, dança, teatro e educação. O movimento construiu um anfiteatro e implantou cinco “Praças de Cultura”, cada uma dotada de postos de empréstimos de livros, um teatro, uma sala para exposições e conferências, além da Galeria de Arte as margens do rio Capibaribe.

Com o objetivo primordial de “levar a arte ao povo”, Oduvaldo Vianna Filho, em 1960, fundou no Rio de Janeiro, o primeiro Centro Popular de Cultura – CPC. Os centros se disseminaram pelo país, sob a égide da União Nacional dos Estudantes (UNE) e se desenvolveram basicamente em torno do teatro, porém, logo após, se ampliaram para a música popular e a dança.

Em Porto Alegre, no final de 1960, o pintor e artista plástico Iberê Camargo propôs a criação de um Atelier Livre, com o objetivo de espantar o marasmo cultural no Rio Grande do Sul, iniciando-se os “Encontros com Iberê”. Em 1962, a Seção de Cultura da Secretaria Municipal de Educação, que já vinha patrocinando estes encontros, cedeu o local nos altos do Mercado Público. Porém, o Atelier Livre só teve seu espaço definitivo em 1978, no Centro

Municipal de Cultura, com área de 1.716 m<sup>2</sup>, com salas para oficinas, saguão de exposições e auditório. A história do Atelier é marcada por significativas e contínuas inovações, como o I Festival de Arte da Cidade de Porto Alegre, o I Festival de Desenho e o projeto Luz, Cor e Movimento.

Ainda nos anos 60, falou-se na criação das Casas de Cultura, como o fez Josué Montello, e do Programa de Ação Cultural do MEC em 1973, no governo de Médici. Mas as propostas não foram concretizadas por serem consideradas mais uma suposta cópia de modelos estrangeiros; prevalecendo a alegação que se tratava de um “sonho”, do “desejado” ao qual se opunham o “possível” e a “realidade”. Alegavam que os centros culturais eram “caros demais”, sendo adequados apenas para países ricos (COELHO, 1986). Assim:

Na prática, as bibliotecas, inclusive claramente direcionadas para as necessidades da população, eram o que mais se aproximava de um espaço polivalente de ações culturais e de convivência (MILANESI, 1997, p.102).

Conforme Coelho (1986), apenas na década de 80 é que surgirão os primeiros centros de cultura, mais ou menos dignos desse nome, financiados pelo Estado – dois, na cidade de São Paulo. O primeiro deles, o do Jabaquara, foi uma tentativa de implantação absolutamente empírica. Já o Centro Cultural São Paulo contou com um pouco mais de apoio organizativo. Cabe salientar que nenhum dos dois foi projetado para ser um centro de cultura, mas apenas bibliotecas.

O Centro do Jabaquara, na periferia da cidade, foi inaugurado em julho de 1980, com um programa de ação cultural definido pela prática de oficinas, tais como, de artes plásticas, história da arte, dança, teatro entre outras. O Centro Cultural São Paulo, concebido inicialmente para abrigar a extensão da Biblioteca Mário de Andrade, foi inaugurado em maio de 1982. Porém, no decorrer de suas obras, uma série de adaptações teve de ser realizada a fim de transformá-lo em um dos primeiros espaços multidisciplinares do país. O Centro oferece espetáculos de teatro, dança e música, mostras de artes visuais, projeções de cinema e vídeo, oficinas, debates e cursos, além de manter sob sua guarda expressivos acervos da cidade de São Paulo como a Pinacoteca Municipal.

Atualmente, não é possível indicar quantos centros de cultura existem no Brasil. Ou pelo menos, quantas instituições foram registradas com esse nome. No entanto, sabe-se que cada um possui características próprias, devido à cultura, aos costumes e até mesmo, ao local onde está inserido na malha urbana. É o caso do Centro de Ciências e Cultura, em Porto Alegre, que por ser vinculado a uma instituição de ensino e pesquisa, possui infra-estrutura e público mais voltado para ações científicas, o que o difere do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura localizado no centro histórico de Fortaleza, que prioriza ações culturais como teatro, cinema, música, entre outras.

O Centro de Ciências e Cultura da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) foi inaugurado em 1998, construído junto ao campus daquela instituição, na capital do estado. O conjunto possui área de aproximadamente 28 mil metros quadrados, e destaca-se tanto por sua dimensão como pelo equilíbrio dos volumes sólidos e bem definidos (Figura 09).

O edifício reúne em seus quatro volumes atividades principais: museu de ciências e tecnologia, centro de processamento de dados da universidade, teatro e centro de extensão universitária.

Com 13500 metros quadrados de área construída, o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, localizado na cidade de Fortaleza, abriga dois museus, um teatro, dois cinemas um planetário, um anfiteatro ao ar livre e um auditório, além de espaços para a realização de cursos e oficinas.

A construção está implantada em uma área de 20 mil metros quadrados, situada na antiga zona portuária da cidade, a qual possui um conjunto arquitetônico formado por sobrados.

O arranjo físico do Centro Dragão do Mar é composto por uma série de volumes e espaços vazios, que funcionam como uma espécie de conector entre os edifícios já existentes e os novos. O conjunto de edifícios do centro cultural ocupa dois quarteirões, ligados por uma passarela metálica (Figura 10).

A primeira quadra abriga o Memorial da Cultura Cearense, área destinada a informações e o Museu de Arte Contemporânea. Rampas, elevadores e escadas fazem a ligação vertical entre os percursos superiores e o solo. Na segunda quadra – ocupada, em parte, por blocos de antigos casarões – fica o conjunto destinado ao teatro, cinemas, auditório, planetário e áreas para os cursos.

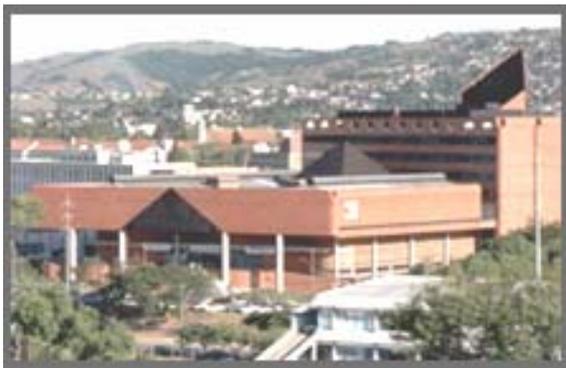


Figura 09: Centro de Ciências e Cultura  
Fonte: MCT, 2005.



Figura 10: Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura  
Fonte: DRAGÃO DO MAR, 2005.

No entanto, uma das características mais marcantes no Brasil, é a revitalização de edifícios históricos e a reciclagem dos seus usos. Com isso, observa-se que, muitos desses edifícios antigos vêm sendo destinados a espaços culturais, como é o caso do Centro Cultural Banco do Brasil, em São Paulo e a Casa da Cultura Mário Quintana, em Porto Alegre.

O Centro Cultural Banco do Brasil, foi inaugurado em 2001, em São Paulo, com a missão de contribuir para a revitalização da região central da cidade (Figura 11).

Tombado por órgão municipal e estadual de preservação do patrimônio histórico, o edifício da primeira agência do Banco do Brasil de São Paulo, construído em 1901, foi totalmente restaurado. A partir das leis da Operação Urbana Centro, foi possível aproveitar o recuo dos fundos do lote para a ampliação da área construída de 3.600 para 4.100 metros quadrados, diferença usada para acomodar a escada de incêndio e parte dos equipamentos de ar condicionado (CORBIOLI, 2001).

O grande desafio desta obra foi preservar a linguagem arquitetônica da edificação e, ao mesmo tempo, dotá-la de recursos de automação predial e garantir que o espaço pudesse exercer suas novas funções.

O edifício possui diversos espaços, como o teatro italiano, o cinema, sala de vídeo, auditório, espaços para mostras, além de restaurante e cibercafé, dispostos entre o subsolo e o terceiro pavimento.

A Casa de Cultura Mário Quintana, localizada na cidade de Porto Alegre, teve sua história iniciada em 1980, quando o Banco do estado – Bannrisul - comprou o antigo prédio do Hotel Majestic, o qual foi construído entres os anos de 1916 e 1933. Posteriormente, em 1980, o hotel foi adquirido pelo Estado, e um ano mais tarde foi arrolado como patrimônio histórico, tendo início, a partir de então sua transformação em Casa de Cultura (Figura 12).

A edificação possui 12 mil metros quadrados e sua morfologia é composta por dois blocos interligados em vários níveis por passarelas, concretizando a idéia de um centro cultural onde os eventos pudessem acontecer simultaneamente e as pessoas tivessem chance de se movimentar livremente pelos espaços (BECKER, 1993).

Os espaços da Casa de Cultura Mário Quintana estão voltados para o cinema, a música, as artes visuais, a dança, o teatro, a literatura, a realização de oficinas e eventos ligados à cultura.



Figura 11: Centro Cultural Banco do Brasil  
Fonte: CORBIOLI, 2001.

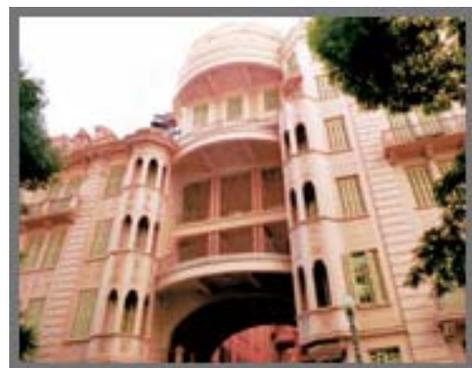


Figura 12: Casa de Cultura Mário Quintana  
Fonte: BECKER, 1993.

Observa-se que a idéia de criar espaços multifuncionais culturais foi disseminada do norte ao sul do país, com intuito de divulgar e incentivar a Cultura brasileira. Estes espaços vão desde edifícios contemporâneos a imóveis tombados, possuindo diversas formas, ações e programas culturais, conforme as características, necessidades e possibilidades de cada grupo social.

### 2.4.3 ACESSIBILIDADE EM CENTROS CULTURAIS

A cultura é um instrumento de relações sociais, é uma forma dos homens estabelecerem relações entre si, definirem valores e significados. Portanto, a cultura deve estar ao alcance de todos, permitindo que a sociedade construa e preserve suas referências históricas, costumes, condutas, desejos e reflexões.

Segundo Turino (2005), um povo que não tem um acervo de conhecimentos, arte e memória, não tem referências que lhe permitam projetar-se para o futuro; estará condenado a ser um mero receptor, nunca um criador.

É um direito do homem o acesso à informação, ao conhecimento. Para que isso, na prática, possa ser efetivado é preciso criar espaços e serviços capazes de colocar à disposição das pessoas tudo o que elas desejam e precisam conhecer. Aquilo que é considerado como “patrimônio cultural da humanidade” deve estar ao alcance de todos, independentemente de classe, de habilidade, de restrição e de idade, bem como toda e qualquer informação que possa ser de interesse coletivo (MILANESI, 1997).

Portanto, a cultura deve ser socializada, democratizada. Conforme Amaral (1987), a socialização da cultura é entendida como uma possibilidade de estender a muitos a oportunidade de se iniciarem no fazer artístico e, assim, estarem aptos a fruir do prazer estético diante da produção de arte.

O espaço destinado à cultura é o local onde cada pessoa, com restrições ou não, poderá conduzir suas experiências, inventando, criando. O centro cultural, com seus livros, exposições, oficinas, rodas de discussão, é um espaço de liberdade.

Portanto, esses espaços devem possuir áreas de convivência, acessíveis a todos, para que haja um público que conviva e troque informações. O espaço deve propiciar a aproximação humana, convivência de crianças, adultos, jovens adolescentes e idosos, independente de suas habilidades, a fim de contribuir com a inclusão. Conforme Souza (1998), a troca de experiências vivenciadas em espaços coletivos não segregadores é um dos aspectos positivos que as atividades culturais podem proporcionar.

As atividades culturais são, potencialmente, fatores de inclusão social para pessoas de diferentes etnias, classes sociais, faixas etárias e para as pessoas com alguma restrição ou deficiência. Segundo Loureiro (2002), todos os homens são capazes de conhecer e fazer, isto é, produzir representações, realistas ou abstratas. São capazes, ainda, de se exprimir, de projetar a vida interior, construir alegorias, penetrar nos símbolos e nos mitos. Podem os

homens (com deficiência ou não) agir nos momentos decisivos do processo artístico como conhecer, fazer, experimentar. Assim:

Nada indica que a arte só possa nascer deste ou daquele corpo, desta ou daquela alma, deste ou daquele material, desta ou daquela realidade. [...] Se a inspiração artística é um influxo passageiro e causador de uma intuição, ela é um gesto que pode acontecer no homem enquanto ser cultural, o que significa ocorrer também no cadeirante, no deficiente visual, no portador de diferentes necessidades especiais (LOUREIRO, 2002, p.14).

Uma visão mais ampla da questão se alia à necessidade de se conceber e construir ambientes que garantam o acesso a todas as pessoas. Os espaços culturais devem possuir características que permitam a criação de condições de acessibilidade espacial para promover a inclusão, tais como, ambientes que permitam o deslocamento de pessoas com deficiência físico-motora (rampas, elevadores); o acesso a informação e orientação para pessoas com deficiência sensorial visual (material em Braille, mapas táteis); o acesso à comunicação para pessoas surdas (terminais de computadores acessíveis); o uso de equipamentos (como o mobiliário para pessoas obesas); entre outros.

No entanto, não é o que acontece nos centros culturais no Brasil. Estes são, muitas vezes, projetados com potencial artístico e cultural, mas desconsiderando as características da coletividade e da diversidade das necessidades espaciais de seus usuários. Logo não são espacialmente acessíveis.

Porém, os projetistas não estão sozinhos. O Poder Público também deve contribuir para que estes ambientes tornem-se acessíveis, colaborando para a inclusão das pessoas com restrições, seja através de legislação que defina parâmetros para a construção e funcionamento das atividades culturais, seja pelo incentivo e promoção de atividades integradas e não excludentes. Pois, conforme Duarte (2005), basta que um só cidadão seja impedido de ter acesso a uma instituição pública para que a função social do espaço público seja questionada.

A questão cultural passou a ser incorporada no rol de atividades humanas imprescindíveis ao processo de implementação e consolidação dos direitos básicos do cidadão. A realização de programas e de projetos culturais que tenham eminentemente um caráter inclusivo e que garantam a participação de todas as pessoas interessadas devem ser estimuladas e apoiadas pelo Poder Público e pela sociedade em geral.

#### **2.4.4 PROGRAMAS DE ACESSIBILIDADE CULTURAL NO ÂMBITO NACIONAL**

A fim de incentivar e valorizar a participação das pessoas com algum tipo de restrição e principalmente contribuir com a inclusão social, vêm sendo criados e aplicados no Brasil, diversos programas que buscam garantir a acessibilidade em espaços culturais. A seguir são apresentados os objetivos de alguns dos programas mais importantes existentes no país.

#### 2.4.4.1. PROGRAMA ARTE SEM BARREIRAS / *VERY SPECIAL ARTS*

Em 1990, chegou ao Brasil o programa Arte Sem Barreiras, cuja origem é o programa *Very Special Arts*, criado em 1974, no *Kennedy Center for Performing Arts*, em Washington, nos Estados Unidos, com objetivo principal de possibilitar o desenvolvimento da capacidade criativa da pessoa que possui alguma deficiência.

O programa foi incorporado às atividades da Fundação Nacional de Arte (FUNARTE), do Ministério da Cultura, atuando nacionalmente na formação, promoção e integração sócio-cultural da pessoa com deficiência, a partir de comitês regionais e municipais.

Conforme a FUNARTE (2005), o programa utiliza a arte como linguagem universal, como um meio para a expressão de sentimento, percepções e sensibilidade das pessoas com restrição. O Arte sem Barreiras acredita que talentos criativos e habilidades que não se evidenciam pelos métodos tradicionais podem se desenvolver a partir de processos artísticos, ampliando o universo da criação.

O Arte Sem Barreiras desenvolve atividades que visam proporcionar a inclusão de pessoas com alguma restrição, a partir de ações como: capacitar gestores, educadores e profissionais em arte voltada para este segmento; consultoria para acessibilidade em teatros, casas de espetáculos, galerias e oficinas de arte; promoção de intercâmbio e debates de experiências metodológicas, pesquisas e parcerias; além de sensibilização, aproximação e interação de educadores, dirigentes da cultura e pesquisadores.

O programa atua em duas vertentes: no desenvolvimento e apresentação no âmbito de congressos, mostras e encontros de arte, de experiências estéticas sob a orientação de arte-educadores, e no incentivo e difusão profissional de trabalhos em condições de circular em espaços culturais acessíveis.

É importante ressaltar que o programa Arte Sem Barreiras não possui um local específico para realizar suas atividades, e sim, é aplicado em diversos espaços culturais por todo o Brasil, os quais devem ser acessíveis para receber seus visitantes. Porém, infelizmente, essa condição nem sempre ocorre.

#### 2.4.4.2 MUSEU DE ARTE E PÚBLICO ESPECIAL

Desenvolvido em 1991, no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, o projeto “Museu e Público Especial”, tem como objetivo a realização de um programa permanente de ação educativa e cultural dirigido ao público que possui algum tipo de restrição. Conforme Menezes (2000), no projeto, os educadores elaboram e aplicam atividades adaptadas às necessidades dos participantes incluindo utilização de material multisensorial e a realização de atividades práticas que contribuam para o entendimento da arte.

Segundo a coordenadora do projeto, Tojal (1999), as instituições de arte que visam acolher pessoas com restrições em seus espaços, devem garantir a acessibilidade espacial,

permitindo o acesso de todos os visitantes; organizar exposições adaptadas cuja museologia possibilite tanto a circulação nestes espaços, como a apreensão e interação dos participantes com os objetos neles expostos; desenvolver e reproduzir materiais multisensoriais de reprodução bi e tridimensional de obras de arte originais; produzir e editar catálogos, folders, textos em tinta e em Braille sobre artistas e obras em exposição; e implantar um acervo de materiais didáticos multisensoriais dirigidos à percepção tátil, auditiva e visual. Além desses aspectos, as instituições culturais devem organizar e ministrar cursos de extensão e oficinas sobre Ensino da Arte na Educação Especial; formar profissionais especializados; capacitar funcionários; e elaborar programas de ação educativa adaptados a cada tipo de restrição.

O projeto, além de possibilitar o acesso à cultura, contribui para a melhoria de ensino e aprendizagem da arte, bem como para a produção artística, principalmente das pessoas que possuem algum tipo de restrição.

#### **2.4.4.3 PROGRAMA EDUCATIVO PARA PÚBLICOS ESPECIAIS - PEPE**

Em 2003, a Pinacoteca do Estado de São Paulo criou o PEPE, com o objetivo de atender o público que possui alguma restrição e capacitar educadores, estudantes e profissionais da saúde, da arte e da museologia.

Assim como o programa Museu de Arte e Público Especial, o PEPE foi idealizado pela arte-educadora Amanda Tojal, juntamente com uma equipe formada por educadores, artistas plásticos e designers. A ação do programa é concentrada nas obras do acervo permanente da Pinacoteca. O programa promove visitas orientadas, nas quais o público, em especial o com restrição visual, pode explorar as obras de arte a partir do toque, da audição e do olfato.

Algumas obras do acervo são reproduzidas em relevo, com materiais como borracha e resina, e são transformadas em jogos, que depois de montados tornam-se uma amostra tridimensional da obra de arte. Outros aspectos do programa são a publicação e edição de catálogos com textos impressos em tinta e em Braille, e a produção de maquetes táteis que reproduzem o edifício da Pinacoteca e seu entorno, para que as pessoas com restrições possam melhor compreender seu espaço.

Quanto à questão espacial da Pinacoteca, pode-se observar, a partir da pesquisa realizada por Lopes (2005), que algumas medidas foram realizadas a fim de tornar o espaço acessível, tais como: implantação de rampas; portas de entrada automática com vão livre de 1,50m; mobiliário posicionado fora da faixa de circulação; presença de sanitários adaptados; espaço reservado para cadeira de rodas no auditório; entre outras.

Porém, pôde-se observar que estas medidas não são suficientes, pois aspectos como a ausência de sinalização tátil no piso e suportes informativos táteis para pessoas com restrições visuais; e tecnologia assistiva para comunicação de pessoas com restrições auditivas, dificultam a circulação e compreensão do espaço, prejudicando sua acessibilidade.

#### 2.4.4 PROGRAMA CINEMA EM PALAVRAS

Em parceria com o Ministério da Cultura, o Centro Cultura Louis Braille, localizado em Campinas, São Paulo, desenvolveu e implantou o programa Cinema em Palavras. O programa visa a inclusão social e digital e o acesso a bens culturais, assim como o desenvolvimento da autonomia intelectual de pessoas com restrições visuais.

O espaço no qual o programa está sendo realizado, é constituído por um auditório e um laboratório de informática que possui um programa especial de tradução sonora dos textos exibidos na tela, tanto do cinema quanto do computador (AGENCIA ANHANGUERA, 2005).

Além de programas específicos, experiências estão sendo realizadas no Brasil, como aconteceu nas exposições da Camille Claudel e de Salvador Dalí, no Rio de Janeiro e em São Paulo, respectivamente, na quais pessoas com deficiência visual puderam tocar as esculturas e conhecer, pelo tato, as obras daqueles artistas (SOUZA, 1998).

Iniciativas como estas, geram um importante processo de inclusão das pessoas com restrição, tanto pelo lado do seu desenvolvimento pessoal, quanto pelo aspecto das relações pessoais e sociais. Segundo Loureiro (2002), a cultura, a arte constituem-se em instrumentos de restauração de características humanas básicas, como a iniciativa, a autonomia e a individualidade.

#### 2.4.5 PROGRAMAS DE ACESSIBILIDADE CULTURAL NO ÂMBITO INTERNACIONAL

A fim de conhecer como outros países têm procurado garantir a acessibilidade em espaços culturais, são apresentados a seguir dois dos programas de acessibilidade cultural que abrangem diversas cidades norte-americanas e européias. Em seguida, são apresentados as características espaciais e os programas de três dos mais importantes espaços culturais dos Estados Unidos e da Europa.

##### 2.4.5.1 PROGRAMA “ARTS ACCESS” – E.U. A.

A partir de um programa piloto, em 1993, o *Arts Access* foi criado, sustentado pelo ideal de que pessoas com ou sem deficiência possuem em comum a capacidade de imaginação da mente humana. O programa tem como objetivo capacitar artistas para que estes possam desenvolver trabalhos com pessoas que possuem algum tipo de restrição. Estes instrutores demonstram as técnicas que podem ser utilizadas, discutem sobre história da arte e ensinam métodos artísticos. Porém, sempre respeitando o desejo e a capacidade cognitiva e física de cada aluno. O programa é multidisciplinar e não está baseado em doutrinas terapêuticas ou educacionais.

O *Arts Access* atua em diversas áreas tais como, pintura, arte digital, escultura, dança, teatro, literatura, entre outros. O programa está inserido em diversos espaços culturais, como o Museu de Utha e o Centro Cultural de Ohio. Porém, cabe ressaltar que o programa não possui

um espaço específico, é apenas aplicado por diversas instituições culturais, as quais devem estar adaptadas e acessíveis para receber seus visitantes (ARTS ACCESS PROGRAM, 2005).

#### **2.4.5.2 PROGRAMA “ARTE ACESS” - PORTUGAL**

A partir da união da Associação Nacional de Arte e Criatividade para Deficientes (ANACED), junto com espaços culturais, como o Palácio Nacional de Queluz, o Museu dos Colches, o Museu de José Malhoa, o Museu Nacional de Arte Antiga, entre outros, foi possível a elaboração do projeto Arte Acess. O programa tem como objetivo criar locais acessíveis para que pessoas com restrições possam ter a oportunidade de explorar e desenvolver a arte com autonomia (CALAÇA, 2003).

A fim de alcançar seu objetivo, o programa realizou diversas modificações e inovações nestes espaços culturais. Para as pessoas cegas foram produzidos folders em Braille com a planta baixa, a história e outras informações sobre os museus. No Museu Nacional dos Colches<sup>7</sup> foi elaborada uma miniatura de um colche em madeira para ser manuseada por pessoas com restrições visuais, com o objetivo de transmitir o que seria este meio de transporte.

O museu do Carro Elétrico, na cidade do Porto, desenvolveu visitas específicas para pessoas com restrições visuais, recorrendo sempre ao universo dos sons. No Palácio Nacional de Queluz foi implantado um sistema de áudio portátil, onde são dadas informações sobre cada uma das salas e suas obras, e instruções para o deslocamento de pessoas com restrições visuais.

Para as pessoas com restrições auditivas, alguns museus desenvolveram filmes com a inclusão da linguagem dos sinais, explicando sobre os artistas e as obras em exposição.

No Museu da Cidade, em Lisboa, o espaço foi adaptado para receber pessoas com restrições e desenvolve atividades como oficinas práticas, onde é possível o toque, por pessoas cegas, em réplicas dos objetos museológicos.

Além das adaptações espaciais os museus capacitam seus funcionários e dispõem de visitas guiadas para grupos de pessoas com restrições.

#### **2.4.5.3 MUSEU DE ARTE MODERNA - NOVA YORK**

O MoMA, como é mais conhecido, percebeu a diversidade de habilidades e necessidades de seu público, e com isso, em 2000, criou o seu programa de acessibilidade, baseado no Very Special Arts, a fim de oferecer equipamentos, atividades e serviços para pessoas que possuem alguma restrição (MOMA, 2000).

O Museu possui todas suas entradas e áreas de uso público acessíveis a cadeiras de rodas, incluindo galerias, jardins, restaurantes, entre outros. O mesmo acontece com os

---

<sup>7</sup> Colche é uma palavra da língua portuguesa (Portugal) que significa charrete.

sanitários, os bebedouros, e elevadores. Quanto aos telefones públicos, estes possuem amplificadores de volumes e transmissão de texto, para pessoas com restrições auditivas.

Os folhetos de informações, os catálogos das exposições e serviços são impressos em fontes ampliadas e em Braille, para pessoas com restrições visuais. Nos teatros existe sistema de amplificação sonora para filmes e leituras. Fones de ouvidos com a programação para crianças e adultos estão disponíveis no museu, nas galerias e salas de oficinas.

O Museu possui programações específicas para atender este público. Para pessoas com restrições auditivas, existe: interpretações em línguas de sinais, fones de ouvidos com amplificadores e assistência por computador em tempo real para atividades como leituras, *tours*, e outras.

Para atender usuários com restrições visuais o Museu oferece: **MoMA áudio**, programa de áudio que descreve detalhes das coleções, com comentários, músicas, e referenciais teóricos; **Touch Tour**, programa em que pessoas cegas ou com baixa visão podem tocar em esculturas, pinturas e objetos selecionados da coleção do museu; **Arts Courses**, cursos oferecidos para crianças e adultos que incluem visitas tocadas, descrição verbal e diagramas táteis; **Art in Sight**, programa que possui descrição verbal de temas, artistas e exposições específicas.

Além destes programas, o MoMA também oferece atividades e serviços específicos para idosos, cursos de capacitação de estudantes e funcionários que trabalham com pessoas com restrições, e serviços em escolas e comunidades.

#### 2.4.5.4 CENTRO CULTURAL BARBICAN - LONDRES

Assim como diversos centros culturais e espaços como teatros e museus britânicos, o Barbican Centre possui seu programa de acessibilidade, o qual visa facilitar e estimular a participação de pessoas com restrições em atividades culturais.

O centro cultural possui um Guia de Acessibilidade, que se encontra disponível em texto pela internet, em Braille, em fontes ampliadas e em fitas de áudio. O guia de acessibilidade dispõe de detalhes como altura dos guichês das bilheterias, quais as rotas acessíveis, com o nome das ruas e estações de metrô mais próximas, inclinação das rampas, largura das portas, e os serviços oferecidos em cada ambiente.

O *Barbican Centre Access Group* foi formado em 2000 e a cada dois meses os membros do grupo se reúnem para discutir a acessibilidade do centro cultural.

O centro cultural possui elevador de passageiros para conectar seus pavimentos, permite a entrada de cães-guias, dispõe de informações impressas com fontes ampliadas, prevê espaço para cadeira de rodas e assentos para acompanhantes nos cinemas, teatros e auditórios, assim como, assentos específicos que possuem dispositivos sonoros com ajuste de volume. O espaço também possui sistema de áudio descrição de performances, tais como expressões faciais e ações, para pessoas com restrições visuais; intérprete de língua de sinais;

e assentos específicos para pessoas com restrições auditivas nos teatros e auditórios (ACCESS GUIDE, 2005).

Outros ambientes e equipamentos do centro cultural estão preparados para receber pessoas com algum tipo de restrição, tais como os sanitários, estacionamentos, telefones públicos, cafés e restaurantes.

Cabe ressaltar que todos os serviços e ambientes acessíveis são representados e indicados a partir da sinalização com os símbolos internacionais de acesso.

#### 2.4.5.5 CENTRO GEORGE POMPIDOU - PARIS

A fim de oferecer ao usuário que possui algum tipo de deficiência ou restrição acesso a arte e a cultura, o Centro George Pompidou criou o núcleo Célula de Acessibilidade (*Cellule Accessibilité*). Este núcleo coordena diversas ações para garantir, com segurança e autonomia, plena participação nas atividades existentes.

Para o usuário com restrição visual, por exemplo, o centro cultural oferece serviços como os percursos táteis, no qual o visitante pode tocar, sentir e explorar as obras em exposição; as vistas orais, elaboradas com intuito de descrever ao usuário a história e as características dos artistas e suas obras; e as caminhadas arquiteturais, que possibilitam o visitante percorrer e tocar no edifício e sua estrutura. O Pompidou também possui cabines de leitura com isolamento acústico, condicionador de ar e iluminação específica. As cabines são equipadas com computadores com sintetizador de voz, que possibilitam o acesso ao catálogo da biblioteca e à internet, além de máquina de datilografar e impressora Braille. No espaço de música e documentos existem 12.000 títulos musicais e 2.000 originais falados de textos, peças teatrais, conferências científicas e históricas (GEORGE POMPIDOU, 2006).

Quanto ao usuário com restrições auditivas, o centro cultural possui funcionários intérpretes de língua de sinais nos ambientes como os museus, as exposições e as bibliotecas, e, também, em algumas atividades como as visitas pelo edifício e as oficinas. Os filmes exibidos nos cinemas são legendados e nos teatros existem amplificadores de som individuais com volume ajustável.

O Pompidou possui um centro de treinamento neuro-pedagógico que capacita seus funcionários para melhor receber e auxiliar pessoas com restrições cognitivas.

Todas as atividades e espaços do centro cultural são acessíveis a cadeirantes e às pessoas que possuem mobilidade reduzida.

O núcleo Célula de Acessibilidade publica anualmente um folheto (*“Visiteurs handicapés”*) com a programação cultural voltada ao público com restrição, fornecendo os contatos para agendamento de visitas, que podem ser individuais ou em grupo.

A partir da fundamentação teórica realizada neste capítulo, foi possível compreender que a acessibilidade espacial é essencial para que todos os usuários consigam perceber o espaço construído, orientar-se, utilizar os equipamentos existentes, participar das atividades desejadas, comunicar-se, e deslocar-se com segurança e conforto. Para tal, é necessário que ao projetar o ambiente, considere-se a diversidade humana, ou seja, diferentes habilidades e restrições dos usuários.

Sabe-se que no Brasil há um número significativo de leis e normas que garantem a participação e acessibilidade de todos os cidadãos no espaço construído. No entanto, observa-se que não há cobrança e fiscalização, por parte do Poder Público, quanto ao cumprimento desta legislação. Desta forma, a maior parte dos edifícios culturais não atende as necessidades espaciais de seus usuários em potencial.

Os programas culturais com atividades voltadas às pessoas que possuem algum tipo de restrição são de suma importância para a inclusão social. No entanto, cabe ressaltar que apenas a existência dos programas não é suficiente para garantir a participação destes usuários, já que esta participação somente é possível a partir das condições de acessibilidade dos ambientes. É importante também lembrar que tanto os programas culturais, quanto as condições ambientais devem considerar a possibilidade da pessoa com restrição incorporar um duplo papel: espectador das atividades culturais e, também, protagonista.

## **CAPÍTULO 03: ESTUDO DE CASOS**

O Capítulo 2 desta dissertação trouxe referencial teórico sobre os temas acessibilidade espacial e centro cultural, atualizando o conhecimento da pesquisadora e contextualizando as informações para a realidade dos objetos em estudo. Porém, com o objetivo de levantar dados coerentes com a realidade referente à acessibilidade em espaços destinados à cultura no Brasil, optou-se pela realização da pesquisa de campo.

Para tanto, conforme dito no Capítulo 1, foram escolhidos dois edifícios para estudo, o CENTUR e o CIC. A escolha desses edifícios se deu, principalmente em função de suas configurações espaciais distintas, o CENTUR com tipologia vertical e o CIC com estrutura térrea.

O estudo desses casos constitui-se basicamente em três etapas. A primeira constitui em visitas exploratórias, cujo objetivo é analisar e compreender as condições de acessibilidade dos edifícios. A segunda e terceira etapas constituem no emprego dos métodos do Passeio Acompanhado e da Entrevista, que buscam identificar e compreender as reais necessidades dos usuários nos locais em estudo.

Estas duas edificações também foram utilizadas para testar a aplicação do instrumento de avaliação desenvolvido pelo Ministério Público de Santa Catarina e pela pesquisadora, o qual está descrito no Capítulo 4.

### **3.1 ESTUDO DE CASO 01: EDIFÍCIO SEDE DA FUNDAÇÃO CULTURAL DO PARÁ TANCREDO NEVES – CENTUR**

O CENTUR, como é mais conhecido, teve sua construção iniciada em 1978, com o intuito de abrigar um espaço aberto ao debate, manifestações artísticas e produção cultural. No entanto, por motivos políticos, o edifício só teve suas obras concluídas oito anos depois.

Situado no centro da cidade de Belém, no bairro nobre de Nazaré, o CENTUR dispõe de um espaço com 25 mil metros quadrados de área construída, com estrutura para a realização de congressos, conferências, exposições, feiras, e outros.

O seu conjunto arquitetônico é formado por um bloco, o qual é constituído por dois volumes: o embasamento (subsolo e térreo) e a torre sobre ele, com quatro pavimentos (Figura 14). O acesso ao edifício é feito por quatro entradas principais para pedestres, e uma entrada para veículos, com espaço coberto para embarque e desembarque de passageiros.

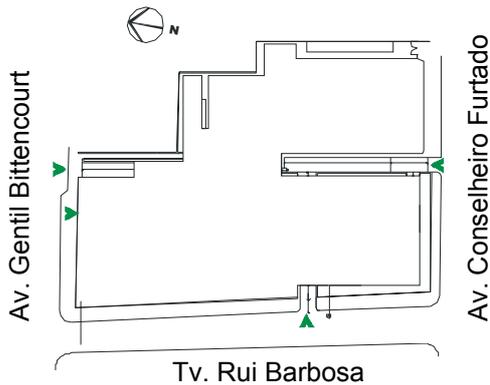


Figura 13: Planta de situação  
Fonte: CENTUR



Figura 14: CENTUR  
Fonte: acervo pessoal

O Centro Cultural é um espaço multifuncional, dividido em setores: administrativo (subsolo e 4º pavimento), setor de eventos (térreo e 1º pavimento), setor das bibliotecas (2º, 3º e 4º pavimentos) e o setor do cinema, teatro e galeria (subsolo e térreo).

O edifício é composto por: auditório (750 lugares), salas de apoio, teatro (500 lugares), cinema (80 lugares), biblioteca pública (com sala de audiovisual, seção Braille, brinquedoteca, gibiteca, hemeroteca, biblioteca infantil, biblioteca geral, periódicos, Obras Raras, Obras do Pará e sala Haroldo Maranhão, além de cabinas de estudo individuais), galeria de arte, fonoteca, e um centro de eventos com 4.530 metros quadrados de área total (Figuras 15 e 16). O edifício também possui serviço bancário, área administrativa e 94 vagas de estacionamento, sendo que duas são destinadas a pessoas com restrições.



Figura 15: Biblioteca  
Fonte: acervo pessoal



Figura 16: Hall de eventos  
Fonte: acervo pessoal

Cabe ressaltar que, ao longo do tempo, algumas reformas foram realizadas no edifício, porém sem alterar sua proposta inicial.

### 3.1.1 REALIZAÇÃO DE PASSEIOS ACOMPANHADOS

#### 3.1.1.1 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA E ELABORAÇÃO DO EXPERIMENTO

A fim de obter informações reais e significativas quanto às condições de acessibilidade no objeto de estudo, optou-se por realizar os Passeios Acompanhados com usuários que apresentem algum tipo de dificuldade para deslocar-se, orientar-se e utilizar possíveis equipamentos existentes nos ambientes. Cabe ressaltar que a pesquisadora não encontrou usuário com restrição para comunicar-se disposto à realizar o Passeio Acompanhado. Os passeios foram realizados nos meses de janeiro e fevereiro de 2005, com a participação dos seguintes entrevistados:

- Usuário com cadeira de rodas, devido as suas restrições físico-motoras de deslocamento e de uso dos equipamentos devido a limitações de alcance e força.
- Usuária idosa, devido as suas restrições múltiplas (sensorial e físico-motora), possuindo dificuldades de orientar-se e obter informações, em consequência de deficiência visual leve (baixa-visão); e dificuldade para deslocar-se, por caminhar lentamente devido a falta de equilíbrio, em razão da idade avançada.
- Usuário cego, devido ao fato de possuir restrição sensorial visual, possuindo dificuldades em utilizar alguns equipamentos e em orientar-se, em consequência da ausência da percepção da informação ambiental visual. Porém, o fato de já conhecer o local, contribuiu para informar quanto aos referenciais não-visuais, utilizados para orientação.
- Usuário sem conhecimento do local, em razão de sua provável dificuldade para orientar-se no ambiente.

Pelo fato do objeto de estudo possuir múltiplos usos e ser um espaço grande, a pesquisadora não definiu percursos específicos, mas sim atividades. Estas foram: entrar no edifício, encontrar e simular o uso dos espaços como a seção Braille, a galeria de arte, a agência bancária, o cinema, o teatro, os sanitários, as salas da biblioteca, o auditório, a fonoteca, o *hall* de eventos, as circulações horizontais e verticais, as saídas de emergência e o estacionamento. As atividades foram escolhidas devido ao fato de serem as mesmas realizadas pelo público em geral, no dia-a-dia do centro cultural.

Com o objetivo de complementar as observações realizadas durante os Passeios Acompanhados, no final, foram realizadas algumas perguntas, tais como: qual o local de referencia para marcar um encontro? qual a frequência que vai ao CENTUR? qual o transporte e acesso que utiliza para chegar até o edifício? Foram também realizadas perguntas referentes à possibilidade de acesso e uso do espaço com independência.

### 3.1.1.2 RESULTADOS GERAIS DOS PASSEIOS ACOMPANHADOS

A partir da aplicação do método investigativo qualitativo Passeio Acompanhado, pôde-se constatar diversas dificuldades quanto à acessibilidade espacial dos usuários com algum tipo de restrição no centro cultural. A seguir, são descritos e analisados, conforme os componentes de acessibilidade, alguns resultados encontrados. As descrições detalhadas de cada passeio acompanhado e os mapas ilustrados encontram-se no apêndice A.

Com relação à **orientação** do usuário, constatou-se, por exemplo, a ausência de suportes informativos visuais e táteis indicando o nome, a função e a localização do edifício, seus acessos e ambientes, causando desorientação para o usuário que desconhece o local, para a idosa e para o usuário com restrição visual. Pôde-se observar a ausência de sinalização vertical com o símbolo internacional de acesso nas vagas de estacionamento destinadas as pessoas com restrições físico-motora e visual, prejudicando sua identificação pelos usuários. Contatou-se, também, a ausência de identificação do balcão de informações e das circulações verticais, desde a entrada do edifício, e a presença de suportes informativos mal localizados com pouca legibilidade e visibilidade. Outros aspectos foram observados, como a ausência de anúncio verbal dentro da cabina, indicando o pavimento em que o elevador encontra-se parado, e a ausência de pisos guias e/ou mapa tátil indicando a localização da seção Braille para o usuário com restrição visual.

Quanto ao componente **deslocamento**, constatou-se, por exemplo, que os passeios no entorno do centro cultural possuem pavimentação irregular e obstáculos como vegetação, lixeiras e telefones públicos dentro da faixa de circulação, dificultando o acesso tanto para o usuário em cadeira de rodas, como para o cego e a idosa com baixa visão. Observou-se também a inexistência de uma rota livre de obstáculos a partir das vagas de estacionamento para deficientes até alguns ambientes do centro cultural, como a galeria de arte e a agencia bancária. O mesmo ocorre entre os camarins e o acesso ao palco do teatro. Dentro do cinema e do teatro observou-se a ausência de um dispositivo eletromecânico (plataformas, elevadores hidráulicos,...) para vencer os desníveis das circulações, possibilitando o deslocamento de um cadeirante. Outros aspectos foram observados como a ausência de espaço suficiente para a circulação e manobra de uma cadeira de rodas entre as estantes de livros e entre as mesas de estudo na biblioteca, e a disposição do mobiliário da sala da hemeroteca que impedia a circulação de um cadeirante.

Com relação ao **uso** dos elementos e equipamentos existentes no centro cultural, observou-se, por exemplo, a presença de obstáculos (cones, cavaletes,...) e a ausência de espaço para circulação e transferência nas vagas de estacionamento destinadas as pessoas com restrições físico-motora e visual, dificultando, ou até mesmo, impedindo sua utilização. Constatou-se a ausência de área de aproximação frontal e de alturas dentro da faixa de

alcance manual e visual de um cadeirante, tanto nas bilheterias, nos balcões de atendimento, como nos telefones públicos. Observou-se também, a existência de vãos com dimensões inadequadas nas portas das cabinas telefônicas, impossibilitando o uso de um cadeirante. Dentro do elevador, observou-se a ausência de contraste de material e a inexistência de sinalização tátil na botoeira da cabina, dificultando a utilização por pessoas com restrições visuais. Nas bibliotecas observou-se a inexistência de mesas acessíveis e a presença de fichários e estantes com altura fora da faixa de alcance manual e visual tanto do cadeirante como da idosa. Aspectos como a ausência de corrimãos e balizas laterais na rampa e escada do auditório, a existência de poltronas localizadas distantes do palco, fora do alcance visual do usuário, e a ausência de espaço destinado a cadeirantes e assentos para pessoas com restrições visuais próximos ao palco / tela, também foram observados durante os passeios.

Quanto às perguntas realizadas no final de cada passeio, constatou-se que o hall em frente ao cinema é o local preferido para marcar um encontro, porém, para o usuário cadeirante, este local seria o elevador do subsolo. Quanto à frequência, observou-se que apenas o usuário com restrição visual visita o local toda semana, devido a existência da biblioteca Braille. Já com relação ao transporte, todos citaram os ônibus urbanos, porém cada entrevistado acessaria o edifício por uma entrada diferente. Quanto à independência, observou-se que apenas o usuário com restrição visual acessaria e utilizaria os ambientes com autonomia. Acredita-se que isto ocorra pelo fato de visitar o centro cultural frequentemente.

É importantes ressaltar, que no CENTUR não foram realizados passeios acompanhados com usuários com restrições auditivas ou dificuldades de comunicação, o que certamente mostrariam diversos problemas.

Os demais resultados observados durante os passeios acompanhados serão sintetizados e organizados em tabelas sínteses, no Capítulo 5, juntamente com os dados obtidos nas entrevistas e nas visitas exploratórias, a fim de possibilitar uma melhor compreensão quanto às condições de acessibilidade neste centro cultural.

### **3.1.2 ENTREVISTAS**

#### **3.1.2.1 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA E ELABORAÇÃO DO EXPERIMENTO**

Conforme já dito no Capítulo 1, item 1.4.4, o intuito da aplicação das entrevistas é identificar as dificuldades de acessibilidade de usuários, aparentemente sem restrições, no centro cultural.

Segundo Lida (2005), a amostra realizada nesta pesquisa classifica-se como estratificada, pois os sujeitos são escolhidos de acordo com uma classificação prévia e com certas características, explicadas a seguir, que podem influir nos resultados.

Optou-se por entrevistar apenas usuários que estivessem sozinhos, a fim de evitar interferências do acompanhante. Quanto aos funcionários, estes não foram entrevistados por estarem acostumados com o local, e por isso, poderiam não perceber os reais problemas do edifício. Não foram abordadas, também, pessoas que estavam visitando o centro cultural pela primeira vez, devido à necessidade do pesquisador em obter informações quanto à frequência de visitas, os ambientes mais utilizados, as atividades mais realizadas, entre outras.

Após as visitas exploratórias, observou-se que o público mais freqüente no CENTUR era composto por jovens e adultos, optando-se, então, por entrevistar apenas estes usuários.

Quanto ao tamanho da amostra, optou-se por entrevistar um número de sujeitos não significativos estatisticamente<sup>8</sup>, um total de 50, devido à complexidade dos ambientes e pelo fato da pesquisa ser qualitativa.

As entrevistas foram realizadas no hall principal do prédio, por ser o local de entrada dos usuários, e nos corredores de circulação de cada um dos pavimentos.

Para a realização das entrevistas, foram explicados anteriormente ao entrevistado o motivo e o tempo necessário para efetuá-las (em média 5 minutos). O formulário aplicado encontra-se no Apêndice B desta dissertação.

### 3.1.2.2 RESULTADOS DAS ENTREVISTAS

Os resultados a seguir referem-se as 50 entrevistas realizadas no CENTUR no período entre 12 de julho e 05 de agosto de 2005. Os dados obtidos são analisados e discutidos comparando-os com as avaliações realizadas no local, pela pesquisadora, durante as visitas exploratórias.

- **Perfil da Amostra**

Pôde-se constatar que com relação ao sexo dos usuários entrevistados, 54% são masculinos e 46% femininos. Porém, devido à amostra não ser representativa, pode-se considerar que o centro cultural possui um público misto.

A partir das entrevistas constatou-se que a faixa etária dos usuários é mista, sem diferenças significativas, com 30% dos entrevistados com idade entre 26 e 30 anos, 26% com idade entre 15 e 20 anos e 22% na faixa etária acima dos 30 anos. Quanto a esta última faixa etária, observou-se que freqüenta o local mais no período da noite, para eventos como shows, peças teatrais e cinema.

Em relação à escolaridade, a amostra constitui-se, na sua maior parte, 34%, por usuários com Ensino Médio completo; 24%, com Curso Superior completo e 24% com Curso Superior incompleto. Pôde-se observar que a grande maioria dos usuários com ensino médio completo busca o CENTUR para estudar para concursos de vestibular, devido o edifício possuir

---

<sup>8</sup> Para o número de sujeitos ser calculado estatisticamente deve-se utilizar a fórmula apresentada por Lida (2005) :  $n = \{t \cdot s / e\}^2$ , onde, n= número de sujeitos, t= coeficiente tabelado, s= desvio-padrão, e=precisão estatística desejada.

diversos ambientes destinados a bibliotecas e salas de apoio. O número significativo de usuários que estão cursando ou já completaram o Curso Superior contribuiu para a pesquisa, devido a melhor compreensão das perguntas e da importância do estudo.

Quanto à frequência de visitas dos usuários entrevistados, constatou-se que a maior parte (44%) visita o local pelo menos uma vez por mês, 36%, visita ao menos uma vez por semana e apenas 20% frequenta “raramente” o centro cultural.

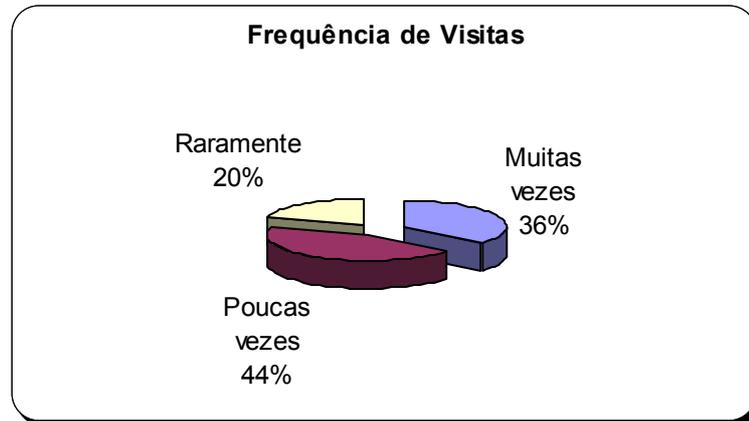


Gráfico 01: Frequência de visitas - CENTUR

- **Acesso**

Com relação à utilização dos acessos, constatou-se que um número elevado de entrevistados (40%), utiliza a escadaria da Av. Gentil Bittencourt (Figura 17). Este dado pode ser justificado devido a avenida possuir um grande fluxo de veículos e pessoas, por ser uma das mais importantes da cidade e, principalmente, por possuir nas proximidades do CENTUR uma parada de ônibus.

Pôde-se constatar que, mesmo não indo de carro, um número significativo de usuários (30%) entra no edifício a partir do acesso para veículos, utilizando a escadaria central do subsolo. Acredita-se que este dado se justifique devido esta entrada possuir acesso a partir de duas avenidas, ambas com paradas de ônibus na proximidade do centro cultural. Em relação à frequência de visitas ao local, constatou-se que esta não interfere na escolha do acesso ao edifício.

Quanto à identificação dos acessos, constatou-se que um número elevado de usuários entrevistados, 44% na primeira vez que visitaram o local, não conseguiu encontrá-los, recorrendo a outra pessoa para orientar-se. Este número se justifica pelo fato de não haver uma preocupação em destacar, a partir da arquitetura ou outros elementos, as entradas principais do edifício e, principalmente, pela ausência de sinalização com boa visibilidade e localização, indicando o nome, o número, os acessos e a função do CENTUR. Também por este fator, constatou-se que nenhum dos entrevistados seguiu as placas de sinalização.

Cabe ressaltar que, 34% dos usuários disseram não ter problemas para identificar os acessos devido já conhecerem o local há muito tempo e não lembrarem da primeira vez que

visitaram o centro cultural. Pôde-se constatar que, independente de quantas vezes o usuário frequenta o centro cultural, a grande maioria recorre à outra pessoa para orientar-se, principalmente, devido à má sinalização.

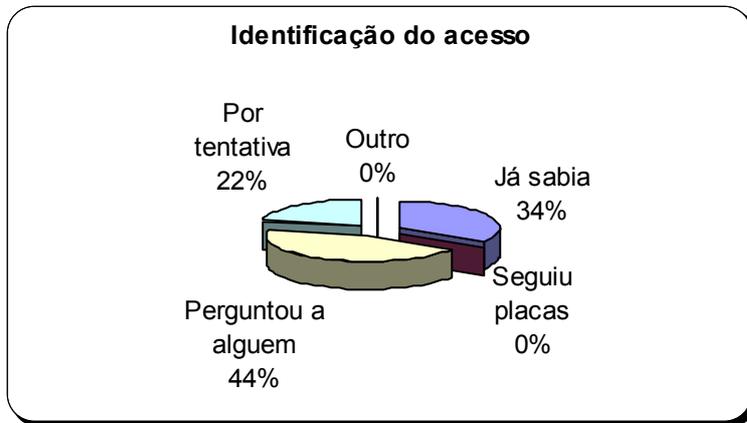


Gráfico 02: Identificação do acesso - CENTUR



Figura 17: Acesso Av. Gentil Bittencourt.

Fonte: acervo pessoal

### • Circulação Vertical

Apesar do centro cultural possuir dois elevadores para servir seus seis pavimentos, constatou-se que a escada é a circulação vertical mais utilizada, citada por 64% dos entrevistados. Entre estes usuários, 81% escolheram a escada devido considerarem o meio mais rápido e eficiente, já que os elevadores são lentos e possuem pequenas dimensões.

Constatou-se, também, que a escolha da escada para acessar os demais pavimentos, independe da frequência de visitas ao centro cultural. No entanto, entre os usuários que raramente vão ao local, a metade optou pelo uso dos elevadores. Acredita-se que este dado se justifique devido a presença de um funcionário assistente que orienta os usuários quanto a localização dos ambientes.

Quanto a identificação destas circulações verticais, constatou-se que a maior parte dos entrevistados (64%) procura estes elementos sozinhos, por tentativa, e 22% pedem auxílio para outras pessoas. Acredita-se que estes dados se justifiquem devido à ausência de sinalização e pelo fato das circulações não se encontrarem em local visível ao usuário desde a entrada do edifício. Este dado também se confirma independente da frequência de visitas do usuário ao centro cultural.

Cabe ressaltar que os elevadores são acessíveis ao público em geral apenas a partir do pavimento térreo, pois no subsolo somente funcionários, idosos e pessoas com deficiência podem utilizá-los. Porém, não existe sinalização indicando a localização e informando quanto ao uso restrito destes elevadores.

- **Orientação**

Pôde-se constatar que é elevado o número de entrevistados (80%) que alguma vez já se sentiu perdido ou desorientado dentro do CENTUR. Este dado pode ser justificado devido às dimensões do edifício e, principalmente, pela quantidade reduzida de placas de sinalização, a inexistência de mapas, a má disposição e a ausência de informações necessárias tais como nome, função e localização dos ambientes.

Com relação a frequência de visitas, constatou-se que, quanto mais assíduo o usuário, menos tem a sensação de estar perdido. Porém, o número de entrevistados que se sentem desorientados no centro cultural, é elevado, mesmo entre os que visitam o local mais vezes.

Quanto a como o usuário faz para orientar-se, constatou-se que a grande maioria (92,5%) dos que já se sentiram perdidos, independente da frequência de visitas, recorre à outra pessoa para buscar informações.

Um dado importante constatado foi a unanimidade entre os usuários entrevistados em não recorrer às sinalizações para orientar-se. Acredita-se que a má localização, a ausência de informações necessárias, e a quantidade insuficiente de placas informativas, justifique o fato de 28% dos usuários relatarem que elas não existem e 30% que não as encontraram. Entre os entrevistados, 34% admitiram não procurá-las, por considerarem mais fácil e rápido buscar ajuda com outra pessoa.

Cabe ressaltar que o balcão de informações no pavimento térreo, não possui identificação, não está em local visível ao usuário desde a entrada do edifício, e muitas vezes não possui funcionários para atendimento, fazendo com que os usuários busquem informações, principalmente, com os “seguranças” do centro cultural.

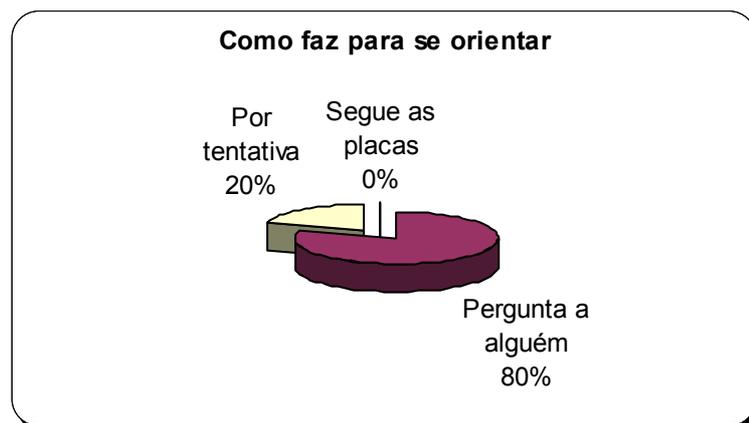


Gráfico 03: Como faz para se orientar - CENTUR

- **Local para encontro**

Com relação ao local dentro do CENTUR que o usuário marcaria um encontro, constatou-se que a grande maioria (34%) respondeu em frente ao cinema, e em segundo lugar, em frente à escadaria da Av. Gentil Bittencourt (24%). Quanto ao motivo da escolha do local, a

categoria “fácil de encontrar” foi a mais citada, com 78% dos entrevistados, e em segundo lugar a categoria “chama atenção” (16%) (Figura 18).

Acredita-se que a escolha pelo cinema seja devido o mesmo encontrar-se no pavimento térreo, possuir sinalização indicando o nome do ambiente e, principalmente, pela visibilidade da bilheteria desde as entradas principais do edifício. Quanto à escadaria da Av. Gentil, acredita-se que seja pelo fato de ser a entrada mais utilizada pelos entrevistados.

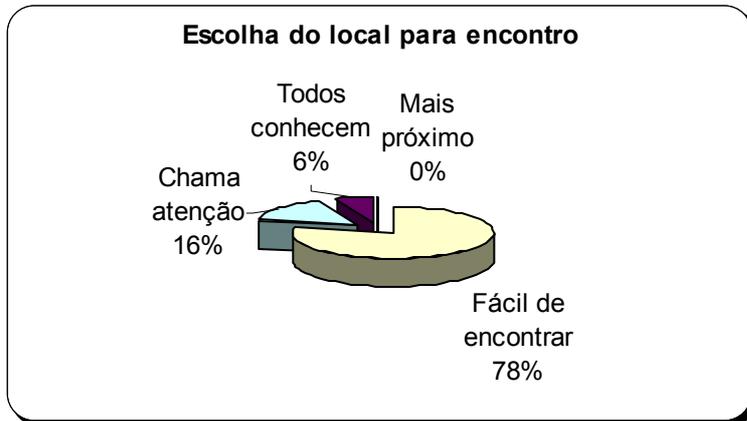


Gráfico 04: Escolha do local para encontro - CENTUR



Figura 18: Cinema  
Fonte: acervo pessoal

- **Saídas de emergência**

Pôde-se constatar que a totalidade (100%) dos entrevistados não sabe localizar as saídas de emergência e as rotas de fuga no centro cultural. Acredita-se que este fato se justifique devido a ausência de sinalização e a falta de preocupação em destacar a presença destes elementos entre os demais. Este dado confirma o descaso da administração do centro cultural e também dos seus usuários quanto à segurança do local.

- **Ambiente mais utilizado**

Com relação ao ambiente mais utilizado pelos entrevistados, o mais citado foi a Biblioteca (62%). Acredita-se que este dado se justifique devido grande parte dos ambientes do centro cultural destinar-se a este uso (totalizando dois pavimentos). Cabe ressaltar que a categoria “Biblioteca” inclui a biblioteca central, as salas de periódicos, gibiteca, hemeroteca, jornais, sala Haroldo Maranhão, Obras Raras e Obras do Pará. Em segundo lugar, o cinema foi o mais citado, com 16% das respostas. Acredita-se que a variedade dos filmes (nacionais, estrangeiros, antigos e atuais), seja o motivo maior da busca por este espaço. Cabe ressaltar que independente da frequência de visitas dos usuários entrevistados a biblioteca e suas salas de apoio, são os ambientes mais procurados.

- **Informações**

Quanto ao acesso às informações sobre as atividades que acontecem no CENTUR, as respostas tiveram diferenças pouco significativas, pois 52% dos entrevistados disseram receber

as informações, entre eles, 30% as recebem através de jornais, 30% no próprio local, através de informativo mensal, e 23% através da Rádio Cultura, administrada pelo Estado, e 48% acreditam que haja pouca divulgação sobre a programação do centro cultural.

Apesar do número elevado de respostas negativas, constatou-se que até os usuários que pouco ou raramente freqüentam o CENTUR, possuem acesso às informações sobre a programação cultural, principalmente através do rádio e jornais.

- **Satisfação do usuário**

Com relação à questão de sentir-se à vontade para utilizar o espaço e participar de suas atividades, 10% dos entrevistados relataram a existência de preconceito no atendimento por parte de alguns funcionários, principalmente em relação a aparência dos usuários.

Quanto às perguntas com respostas abertas, verificou-se que as atividades que o público mais gosta de participar são as leituras na biblioteca, por ser um local tranquilo para estudo; e assistir a filmes no cinema, devido a sua diversidade. Com relação ao que o usuário não gosta no local, a grande maioria disse estar satisfeito com o centro cultural, porém, questões quanto à ausência de lanchonete e o horário restrito de funcionamento da biblioteca, também foram citadas.

### **3.2 ESTUDO DE CASO 02: CENTRO INTEGRADO DE CULTURA – CIC**

O Centro Integrado de Cultura Henrique da Silva Fontes, CIC, como é conhecido, foi inaugurado em 1982, pelo Governo do Estado de Santa Catarina, com intuito de abrigar as diversas formas de manifestações artísticas e produção cultural da região.

Localizado na Avenida Irineu Bornhausen, no bairro da Trindade, conhecida como uma das áreas mais movimentadas da cidade de Florianópolis. O centro cultural fica próximo a Avenida Beira Mar Norte, em frente a bifurcação dos caminhos das praias e da Universidade Federal de Santa Catarina (Figura 19).

Sua configuração arquitetônica é composta por uma área total construída de aproximadamente 10 mil metros quadrados, dispostos em uma edificação térrea, com amplos espaços abertos. Seus volumes são interrompidos por diversos jardins internos, sendo alguns deles abertos para os usuários (Figura 20).

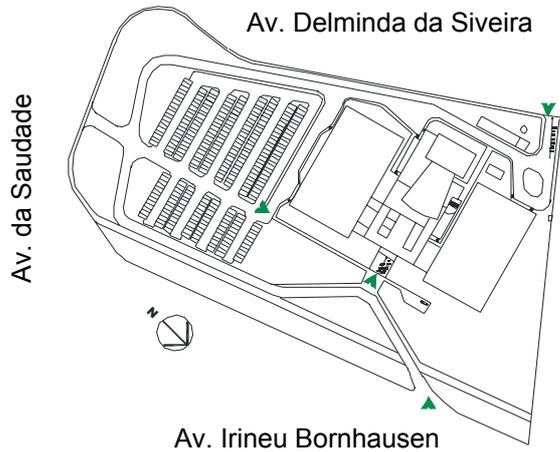


Figura 19: Planta de situação CIC  
Fonte: CIC



Figura 20: Fachada CIC  
Fonte: acervo pessoal

O acesso ao edifício é feito por uma entrada principal para pedestres, a partir de uma escadaria, e uma entrada para veículos, com espaço coberto para embarque e desembarque de passageiros (Figura 21). Possui amplo espaço aberto com jardim e área de estacionamento para mais de 300 veículos, sendo que duas destas são destinadas a pessoas com restrições.

O edifício apresenta em seu espaço físico a seguinte estrutura, no pavimento térreo: administração, cinema/auditório, camarins do teatro, oficinas de arte, Orquestra Sinfônica de Santa Catarina, Museu de Arte de Santa Catarina, Academia Catarinense de Letras, Núcleo de Documentação Áudio Visual, Atelier de Conservação e Restauro de Bens Móveis, Museu da Imagem e do Som, o Café Matisse, e salões de exposições (Figura 22).

No pavimento superior encontram-se o *hall* de acesso ao teatro, mas conhecido como *foyer*, os sanitários e a bomboniere. Para chegar até este pavimento, o acesso é feito apenas a partir de rampas.



Figura 21: Acesso principal  
Fonte: acervo pessoal



Figura 22: Exposições  
Fonte: acervo pessoal

### 3.2.1 REALIZAÇÃO DOS PASSEIOS ACOMPANHADOS

#### 3.2.1.1 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA E ELABORAÇÃO DO EXPERIMENTO

Com o objetivo de obter informações reais e significativas quanto às condições de acessibilidade no objeto de estudo, optou-se por realizar os Passeios Acompanhados com usuários que apresentem algum tipo de dificuldade para deslocar-se, orientar-se, comunicar-se e utilizar possíveis equipamentos existentes nos ambientes. Os passeios foram realizados neste centro cultural nos meses de junho e novembro de 2005, com a participação dos seguintes entrevistados:

- Usuária com cadeira de rodas, devido as suas restrições físico-motoras de deslocamento e de uso dos equipamentos devido a limitações de alcance e força.
- Usuária idosa, devido restrições múltiplas (sensorial e físico-motora), possuindo dificuldades em orientar-se e obter informações, em consequência de deficiência visual leve (baixa-visão); e dificuldade para deslocar-se, por caminhar lentamente devido utilizar muletas, em razão a idade avançada.
- Usuário cego, devido ao fato de possuir restrição sensorial visual, possuindo dificuldades em utilizar alguns equipamentos e em orientar-se, em consequência da ausência da percepção da informação ambiental visual.
- Usuária sem conhecimento do local, em razão de sua provável dificuldade para orientar-se no ambiente.
- Usuária surda, devido ao fato de possuir restrição sensorial auditiva, possuindo dificuldades para comunicar-se, obter informações e utilizar alguns equipamentos e ambientes.

As atividades selecionadas para serem realizadas pelos usuários, a fim de obter informações sobre as facilidades e os problemas de acessibilidade no centro cultural, foram: identificar e entrar no edifício, encontrar e simular o uso dos espaços como *hall* de entrada, as bilheterias, os museus de arte, o Café Matisse, o cinema, o teatro, os sanitários, as salas de aula, os camarins, as circulações horizontais e verticais, as saídas de emergência e o estacionamento. As atividades foram escolhidas devido serem as mesmas realizadas pelo público em geral, no dia-a-dia do centro cultural.

Com o intuito de complementar as observações realizadas durante os Passeios Acompanhados, no final, foram realizadas algumas perguntas, tais como: qual o local de referencia para marcar um encontro? qual a frequência que vai ao CIC? qual o transporte e acesso que utiliza para chegar até o edifício? Foram realizadas também perguntas referentes à possibilidade de acesso e uso do espaço com independência.

### 3.2.1.2 RESULTADOS GERAIS DOS PASSEIOS ACOMPANHADOS

Após a aplicação do método, puderam-se observar quais as reais necessidades e dificuldades quanto à acessibilidade das pessoas com algum tipo de restrição no Centro Integrado de Cultura. Em seguida, são descritos e analisados, conforme os componentes da acessibilidade, alguns dos resultados observados no ambiente. As descrições detalhadas de cada passeio e os mapas ilustrados encontram-se no apêndice A.

Quanto à **orientação** dos usuários, as dificuldades foram encontradas desde o passeio no entorno do edifício, pois se observou a ausência de sinalização tátil e visual indicando o acesso para pedestres, o local destinado a embarque e desembarque e a localização do estacionamento para veículos, prejudicando principalmente o usuário cego e a pessoa que não conhece o local. No estacionamento, observou-se a ausência de sinalização adequada com o símbolo internacional de acesso nas vagas destinadas a pessoas com restrições físico-motora e visual, e a inexistência de suportes informativos indicando a localização do acesso principal do edifício. Dentro do centro cultural, observou-se a existência de sinalização, porém as informações encontravam-se incompletas e desatualizadas. Pôde-se observar a ausência total de sinalização tátil indicando a localização e os nomes dos ambientes, dificultando a orientação do usuário cego. Ao longo das circulações e dos saguões pôde-se observar a inexistência de placas com o símbolo internacional de acesso indicando ao usuário com restrição físico-motora, a localização dos sanitários acessíveis. Observou-se, também, no Museu da Imagem e do Som, a existência de um mapa, porém este se encontrava mal localizado, com pouca visibilidade e legibilidade, dificultando principalmente a orientação da usuária idosa com baixa visão.

Com relação ao **deslocamento** dos usuários, diversos obstáculos foram encontrados, como a irregularidade da pavimentação e a presença de veículos estacionados sobre os passeios, dificultando a circulação do usuário em cadeira de rodas e com restrição visual. Pôde-se observar, também, a ausência de uma rota livre de obstáculos a partir da vaga de estacionamento para pessoas com deficiência e do passeio até a entrada principal do edifício. Observou-se que, devido à ausência de rampa para vencer o desnível do terreno, o usuário cadeirante necessitou utilizar a pista de veículos para chegar até a entrada do edifício, porém a mesma possui inclinação inadequada, exigindo auxílio de outra pessoa. Ao longo das circulações e do saguão, pôde-se observar o piso regular e nivelado, porém em alguns ambientes, como o Café Matisse e o anfiteatro, desníveis com dimensões elevadas dificultaram o deslocamento do cadeirante. Observaram-se também, aspectos como a ausência de piso tátil indicando a localização de painéis informativos e esculturas ao longo das circulações, dificultando o deslocamento do usuário cego.

Quanto ao **uso** dos equipamentos e elementos existentes no CIC, diversos aspectos foram observados durante os passeios, como o piso inclinado e a presença de correntes na vaga de estacionamento destinada a pessoa com restrição próxima ao edifício e a inclinação inadequada tanto da rampa externa como a de acesso ao primeiro pavimento do centro cultural. Pôde-se observar a inexistência de corrimãos em ambos os lados da rampa e nas circulações do teatro e cinema, dificultando a utilização pela usuária idosa. No teatro observou-se a ausência de espaço de circulação suficiente entre as fileiras de poltronas e, no *foyer*, a presença de mobiliário com dimensões inadequadas dificultando o uso pela idosa. Nos camarins, os acessórios encontravam-se instalados fora da faixa de alcance manual de uma pessoa em cadeira de rodas. No café e na bomboniere constatou-se a inexistência de área de aproximação para um cadeirante no balcão de atendimento e a ausência de cardápios e lista de preços em Braille, para o usuário cego. Nas salas de aula observou-se a ausência de bancadas de trabalho e mesas acessíveis à cadeira de rodas, e, nos museus, a presença de expositores com altura inadequada, fora da faixa de alcance visual do cadeirante.

Quanto ao componente **comunicação**, diversas dificuldades foram encontradas durante o passeio realizado com a usuária surda. Pôde-se observar, por exemplo, a ausência de funcionários capacitados (intérpretes de LIBRAS) para o atendimento do usuário com restrição auditiva, tanto no balcão de informações, quanto nos ambientes como o Café Matisse. Observou-se, também, a ausência de local destinado ao intérprete no palco do teatro, a ausência de sistema de alarme simultaneamente luminoso e sonoro em todos os ambientes e ao longo das circulações, sinalizando situações de emergência, tanto para usuários com restrições auditivas, como para usuários com restrições visuais.

Quanto às perguntas realizadas no final de cada passeio, observou-se que o hall de entrada é o local escolhido por unanimidade para marcar um encontro. Quanto ao acesso, todos utilizam a entrada principal do edifício. Já em relação a frequência de visitas, constatou-se que, apenas a usuária cadeirante, devido trabalhar no local, vai ao CIC toda semana. Os demais admitiram não possuir conhecimento constante da programação do centro cultural. Quanto à independência, a usuária idosa, a surda e a que não conhecia o local observaram que conseguiriam utilizar o ambiente com autonomia. Já a cadeirante, relatou que precisaria de ajuda apenas para utilizar a rampa de acesso ao teatro. O usuário cego observou que, em lugares complexos, com diversas atividades, ele normalmente precisa de alguém para auxiliá-lo.

Com relação aos demais resultados encontrados, estes serão sintetizados e organizados em tabelas síntese, no Capítulo 5, a fim de possibilitar uma melhor compreensão quanto às condições de acessibilidade neste centro cultural.

## 3.2.2 ENTREVISTAS

### 3.2.2.1 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA E ELABORAÇÃO DO EXPERIMENTO

Para a realização das entrevistas neste edifício, os critérios quanto à escolha e o tamanho da amostra foram os mesmo utilizados no CENTUR, apresentados no Capítulo 3, item 3.1.2.1 desta dissertação.

As entrevistas foram aplicadas no hall de entrada do edifício e ao longo das circulações, com duração média de cinco minutos cada uma. O formulário aplicado encontra-se no Apêndice B desta dissertação.

### 3.2.2.2 RESULTADOS DAS ENTREVISTAS

A seguir, são apresentados os resultados analisados referentes as 50 entrevistas realizadas no CIC, no período entre junho e agosto de 2005. Os dados obtidos são analisados e discutidos comparando-os com as avaliações realizadas durante as visitas exploratórias no local.

- **Perfil da Amostra**

A fim de compreender o perfil do usuário que frequenta o CIC, foram realizadas perguntas referentes ao sexo, idade, escolaridade e frequência de visitas dos entrevistados.

Quanto ao sexo, constatou-se que, 34% eram o público masculino e 66% o feminino. Apesar da amostra não ter valor representativo, pôde-se, a partir de observações, constatar que o público feminino é o mais frequente no centro cultural.

Com relação à faixa etária dos usuários constatou-se que 22% dos entrevistados possuíam idade entre 15 e 20anos, 18% entre 21 e 25 anos, 12% entre 26 e 30 anos e a grande maioria (48%) com idade acima dos 30 anos.

Acredita-se que o número elevado de usuários na faixa etária acima dos 30 anos seja devido, principalmente, as atividades e eventos que o centro cultural realiza, como mostra de cinemas estrangeiros, peças teatrais, entre outros.

Outro dado importante foi quanto à escolaridade, onde 42% dos entrevistados possuíam Curso Superior completo e, em segundo lugar, com 26% Curso Superior incompleto. Com isso, constatou-se que o público mais frequente no CIC é formado por adultos e com formação superior.

Quanto à frequência de visitas dos entrevistados, constatou-se que 56% frequentam o local “muitas vezes”, ou seja, pelo menos uma vez por semana, 28% “poucas vezes”, pelo menos uma vez por mês e 16% vão “raramente”. Com isso, observou-se o público fiel que o centro cultural possui.

- **Acessos**

Com relação à utilização dos acessos, constatou-se que a grande maioria dos entrevistados (56%) utiliza a pista de veículos (embarque e desembarque) para chegar a entrada principal do edifício, 28% utilizam o acesso dos fundos, a partir da Av. Delminda da Silveira, e 16% acessam pela escadaria principal (Figura 23).

Acredita-se que a escolha da maioria dos usuários pelo acesso a partir da pista de veículos, seja devido esta ser continuação da calçada da Av. Irineu Bornhausen, estar próxima a Av. Beira Mar, uma das principais da cidade, e por ser o único acesso para quem utiliza o estacionamento. Quanto ao acesso pelos fundos, em princípio entrada de serviço, se dá devido à existência de paradas de ônibus na proximidade do centro cultural. Com relação à escadaria principal, acredita-se que o número pequeno de usuários seja devido à ausência de sinalização indicando a entrada do edifício.

Pôde-se constatar que independente da frequência de visitas ao centro cultural, os entrevistados optam por utilizar a pista de veículos como acesso principal. Acredita-se que o fluxo dos veículos, também, colabore para esta escolha.

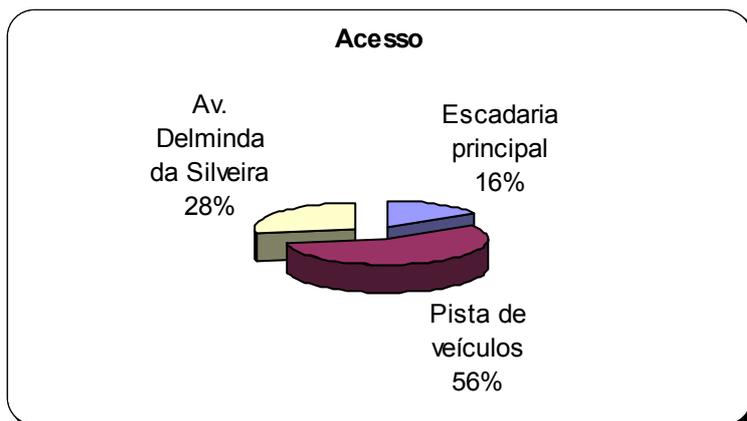


Gráfico 05: Acesso - CIC



Figura 23: Pista de veículos  
Fonte: acervo pessoal

- **Estacionamento**

Com relação à identificação do acesso e localização do estacionamento, constatou-se que dentre os entrevistados que foram de carro, 72% responderam já conhecer o local, 12% responderam que identificaram por tentativa, procurando, e 6% seguindo as placas de sinalização.

Portanto, observa-se que o baixo número de pessoas que utilizam as placas é devido as mesmas serem precárias. Cabe ressaltar que, durante o período das entrevistas, a pesquisadora identificou apenas uma placa indicando o local do estacionamento, e encontrava-se na entrada do estacionamento, sem visibilidade para quem chegava ao centro cultural. Acredita-se que o sentido da pista dos veículos leve o usuário a encontrar o local exato da entrada.

Constatou-se que dentre os entrevistados que utilizam o estacionamento e freqüentam “muitas vezes” o local, 85% responderam já conhecer o local, entre os que visitam “poucas vezes”, 67% também já possuíam este conhecimento e, entre os que “raramente” freqüentam o CIC, 40% disseram encontrar o estacionamento por tentativa, procurando.

Com isso, constata-se que o fato de freqüentar o local faz com que o usuário já o conheça bem e não perceba a ausência de sinalização indicando a entrada e saída do estacionamento. Acredita-se que a ausência desta sinalização é o motivo pelo qual o usuário que raramente vai ao local, busque sozinho, por tentativa a entrada do estacionamento (Figura 24).

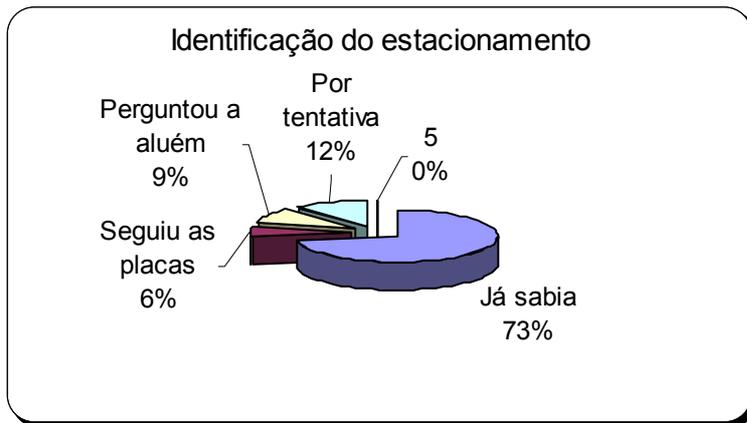


Gráfico 06: Identificação do estacionamento - CIC



Figura 24: Ausência de sinalização  
Fonte: acervo pessoal

- **Orientação**

Pôde-se constatar que 66% dos usuários entrevistados alguma vez já se sentiram perdidos no CIC. Este número pode ser justificado, principalmente, devido à má disposição, a desatualização e a quantidade insuficiente de sinalização, e à ausência de informações necessárias com nome, função e localização dos ambientes existentes no local.

A arquitetura, a disposição dos ambientes no centro cultural, também é um fator importante, pois muitas salas encontram-se em corredores fechados, de difícil visibilidade, o que dificulta a identificação e orientação do usuário. Um dos entrevistados comentou: “Para mim isso aqui é um labirinto”.

Constatou-se que, mesmo os usuários que freqüentam muitas vezes o local, já tiveram a sensação de estarem perdidos. Este fato se justifica, principalmente, devido à quantidade reduzida e a desatualização das placas de sinalização. Porém, pôde-se constatar que quanto mais freqüente o usuário, menos ele se sente perdido, demonstrando que esta sensação tem relação direta com a freqüência de visitas.

Quanto a questão sobre como o usuário faz para se orientar dentro do CIC, constatou-se que a maior parte dos usuários (70%) recorre à outra pessoa e 30% buscam informações por tentativa, procurando.

Pôde-se constatar que a necessidade de pedir auxílio para outra pessoa a fim de orientar-se independe da frequência de visitas no local. Este fato pode ser justificado, novamente, devido à deficiência das sinalizações.

É importante ressaltar que a totalidade (100%) dos entrevistados não utiliza as placas de sinalização para se orientarem no centro cultural. Dentre estes, 40% responderam que elas não existem, 28% não acharam e 20% não procuraram.

Acredita-se que este fato ocorre devido à má disposição e à quantidade insuficiente de suportes informativos. A existência de um balcão de informações localizado no hall de entrada do edifício, com funcionários para informar o usuário, fazem com que estes não procurem e não sintam falta das placas de sinalização.



Gráfico 07: Como faz para se orientar - CIC

- **Local de Encontro**

Quanto ao local, dentro do CIC, que o usuário escolheria para marcar um encontro, constatou-se que: 42% escolheriam o hall de entrada e em segundo lugar, 36% o Café Matisse. Com relação ao motivo da escolha do local, 66% responderam “fácil de encontrar” e 28% “todo mundo sabe onde fica”.

Desta forma, acredita-se que o hall de entrada é um referencial devido sua localização e sua boa visibilidade, pois as portas são de vidro e o usuário pode enxergar quem está chegando ao centro cultural (Figura 25). Quanto ao Café Matisse, acredita-se que é um ponto de encontro devido ser um espaço com paredes e decoração coloridas, se destacando do resto do edifício, além de possuir música e ser o único espaço destinado a lanches, possuindo som e cheiro de “bar”, elementos utilizados como referência espacial.

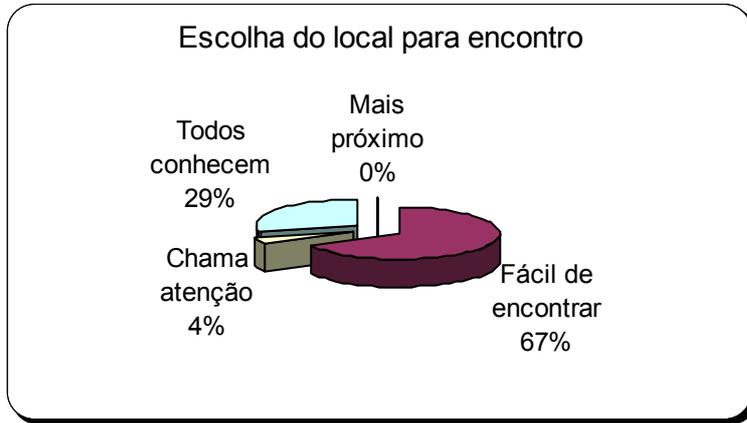


Gráfico 08: Escolha do local para encontro - CIC

Figura 25: Hall de entrada  
Fonte: acervo pessoal

- **Saída de Emergência**

Quanto à sinalização das saídas de emergência e rotas de fuga, constatou-se que 92% dos entrevistados não sabem localizá-las. Este número é justificado devido à ausência de placas de sinalização ao longo das circulações e dentro dos ambientes como, as salas para oficinas, museus, banheiros, entre outros. Cabe ressaltar que, o teatro é o único local onde se encontraram placas indicando as saídas de emergência.

- **Ambiente mais utilizado**

Com relação ao ambiente mais utilizado, os mais citados foram às salas de oficinas (36%) e o cinema (24%). Acredita-se que a diversidade das oficinas oferecidas tais como, dança, pintura, cerâmica, instrumentos musicais, entre outros, é o motivo maior para que estes sejam os espaços mais utilizados. Quanto ao cinema, acredita-se que a variedade de filmes seja o fator principal da busca por esse espaço. Porém, cabe ressaltar que o valor dos ingressos é inferior aos demais cinemas da cidade, contribuindo ainda mais para sua utilização.

Pôde-se constatar que entre os entrevistados que freqüentam “muitas vezes”, 62% utilizam as salas de oficinas, entre os que freqüentam “poucas vezes”, 38% responderam utilizar o cinema e dentre os que “raramente” vão ao CIC, 62,5% buscam os eventos do teatro.

Portanto, constatou-se que, as atividades realizadas nas salas de oficinas justificam o público mais freqüente do centro cultural.

- **Informações**

Quanto ao acesso às informações sobre as atividades e eventos que ocorrem no CIC, as respostas tiveram diferenças pouco significativas, pois 58% responderam recebe-las (a maior parte, 58% as recebem no próprio local, e, 27% recebem a partir de jornais), e 42% disseram não ter conhecimento da programação cultural. Pôde-se constatar que, às atividades permanentes do CIC, como as oficinas, possuem pouca divulgação fora do centro cultural. É importante salientar que é grande o número de usuários que telefona para o local, a fim de obter informações sobre as atividades realizadas.

Constatou-se que o acesso às informações sobre a programação cultural tem relação direta com a frequência de visitas ao local. Com isso, constatou-se que dentre os usuários que raramente visitam o espaço, apenas 25% recebem estas informações, sendo estas (100%) a partir de jornais.

- **Satisfação do usuário**

Quanto à questão sobre sentir-se à vontade para utilizar o espaço e participar das atividades, 16% dos entrevistados responderam negativamente. Observou-se que a grande maioria destes usuários considera o centro cultural elitizado, onde o “povo” não tem acesso.

Outro fator foi à questão da “frieza” do centro cultural. Observou-se que os ambientes e seus elementos decorativos são compostos por materiais e cores sóbrias, como o aço, a ardósia, as cores cinza, verde escuro e preto, o que não remete as pessoas ser um espaço destinado à cultura e à arte, esta última muitas vezes relacionadas a cores vivas e fortes, diferente do que se encontra no CIC.

Com relação às questões com respostas abertas, constatou-se que 34% dos usuários gostam mais de participar das atividades relacionadas ao teatro e em segundo lugar, com 28% das respostas, o cinema. Acredita-se que a escolha pelo teatro seja por ser um dos únicos da cidade e por possuir eventos freqüentemente.

Quanto ao que não gosta no CIC, a maior parte respondeu estar satisfeito com o espaço, porém alguns pontos foram citados como a elitização do público, a falta de divulgação dos eventos e a “frieza” dos ambientes. Um dos entrevistados comentou: “O CIC não parece um centro cultural, não é alegre, é frio”. Acredita-se que devido o Café Matisse ser um espaço com música, colorido e aconchegante, foi escolhido, por um numero significativo de entrevistados, como local de encontro.

### 3.3 DISCUSSÃO

#### 3.3.1 RESULTADOS DOS PASSEIOS ACOMPANHADOS - CENTUR X CIC

Após a análise dos resultados encontrados durante os passeios acompanhados, pôde-se observar algumas semelhanças quanto às condições de acessibilidade de pessoas com restrições nos centros culturais em estudo, que serão descritas a seguir.

Com relação à **orientação** dos usuários, observou-se, por exemplo, que em ambos os edifícios, existe uma carência de suportes informativos (visuais e táteis) desde os passeios até o interior dos centros culturais, o que causou a desorientação da usuária idosa, do que não possuía conhecimento do local, e do usuário com restrição visual. Pôde-se observar, também, a existência de balcões de informações, porém, no CENTUR este se encontra em local de difícil identificação para quem chega ao edifício, o que não ocorre no CIC, pois o balcão está no hall de entrada do centro cultural. Nos teatros, observou-se que, no CENTUR, a sinalização

indicando a numeração das poltronas e fileiras são mais visíveis do que no CIC, porém ambos não possuem sinalização tátil para o usuário com restrição visual. Diversos aspectos foram observados nos centros culturais, como a ausência de ingresso impressos em Braille; a ausência de títulos e textos explicativos táteis sobre as obras expostas nos museus e na galeria de arte, para o usuário cego; a ausência de suportes informativos ao longo das circulações indicando o nome e a localização dos ambientes, entre outros.

Quanto ao **deslocamento**, obstáculos semelhantes foram encontrados no entorno dos edifícios, como a pavimentação irregular e a ausência de rebaixamentos nos passeios, dificultando a circulação do cadeirante e do usuário cego. Observou-se, também, que em ambos os centros culturais, o cadeirante necessitou utilizar a pista de veículos para acessar o edifício, devido à ausência de rampas. Quanto às circulações verticais, no CENTUR, constatou-se a existência de escadas e elevadores, o que facilitou o deslocamento tanto da idosa como do cadeirante. Já no CIC, o único acesso para o 1º pavimento é feito apenas através de rampa, e esta possui inclinação inadequada, fazendo com que o cadeirante necessitasse de auxílio de outra pessoa para subi-la. Ao longo das circulações e dos saguões dos centros culturais, foram encontrados obstáculos como painéis informativos, esculturas, vasos com plantas, entre outros, o que dificultou o deslocamento tanto do cadeirante como do usuário com restrição visual. Observou-se, também, nos cinemas e nos teatros, a ausência de dispositivos eletromecânicos (elevadores hidráulicos, plataformas,...) para o usuário em cadeira de rodas vencer os desníveis das circulações. No CIC constatou-se a existência de uma rota livre de obstáculos entre os camarins e o palco. Já no CENTUR isto não ocorre, pois o acesso ao palco é realizado apenas por escadas, o que impede a circulação do cadeirante.

Com relação ao **uso** dos equipamentos e elementos existentes nos centros culturais, observou-se, por exemplo, a ausência de área de aproximação frontal para uma cadeira de rodas nos balcões de atendimento e informações, e nas bilheterias; a ausência de espaço para circulação e transferência de um cadeirante nas vagas de estacionamento destinadas a deficientes. Observou-se, também, em ambos os edifícios, a ausência de espaço reservado para cadeirantes, de assentos destinados às pessoas com restrições visuais e auditivas próximo ao palco, e de assentos para obesos, nos cinemas e nos teatros. Quanto aos telefones públicos, observou-se que tanto no CENTUR, como no CIC, as instruções de uso possuem textos em fontes reduzidas, dificultando a leitura de pessoas com baixa visão, como os idosos. No entanto, no centro cultural de Florianópolis, o telefone está instalado dentro da faixa de alcance manual e visual de um cadeirante, o que não ocorre no CENTUR.

Quanto à **comunicação**, é importante ressaltar que no CENTUR não foi realizado passeio acompanhado com pessoas com restrições auditivas ou com dificuldade para comunicar-se. Porém, alguns aspectos constatados durante o passeio com a usuária surda no CIC, também foram observados, pela pesquisadora, no CENTUR, como a ausência de intérpretes de LIBRAS, e a ausência de algum tipo de tecnologia assistiva (terminal de

computador) que possibilitasse a comunicação do usuário com restrição auditiva com os funcionários dos centros culturais.

Por fim, pôde-se observar que os passeios acompanhados contribuíram para o conhecimento e a melhor compreensão, por parte da pesquisadora, das reais necessidades dos usuários com restrições nos centros culturais.

Apesar de possuírem tipologias e configurações distintas, observou-se durante os Passeios Acompanhados, a presença de aspectos semelhantes quanto às condições de acessibilidade. Em ambos os centros culturais foram encontrados problemas referentes à orientação, como a ausência de placas informativas; ao deslocamento, como a presença de desníveis; ao uso, como as dimensões inadequadas do mobiliário; e à comunicação, como a inexistência de funcionários capacitados para atender pessoas surdas, independentemente da tipologia da edificação.

### 3.3.2 RESULTADOS DAS ENTREVISTAS - CENTUR X CIC

Após o término da análise das entrevistas, buscou-se comparar os resultados obtidos em cada centro cultural, a fim de verificar se aspectos como, diferentes configurações espaciais, atividades e costumes, interferem na orientação e no uso dos espaços de pessoas que aparentemente não possuem restrições.

- **Perfil da Amostra**

Quanto ao perfil das amostras pôde-se constatar que o público de ambos os centros culturais é misto, porém no CIC há predominância do público feminino.

Com relação à idade dos usuários, constatou-se que o público entre 15 e 20anos é freqüente em ambos os centros culturais, porém conforme foi dito, em Florianópolis, há maior freqüência do público com idade acima dos 30 anos. Acredita-se que este resultado seja devido às atividades oferecidas, que são direcionadas, na maioria das vezes, para o público adulto. Quanto ao CENTUR, pôde-se observar a existência de programações direcionadas para o público jovem e até infantil, como as atividades realizadas nas salas de brinquedoteca, biblioteca infantil e gibiteca, diferente do que ocorre no CIC.

Outro fator importante, também relacionado com as atividades oferecidas, é a escolaridade dos usuários. No CENTUR o público mais freqüente possui Ensino Médio completo, ou seja, mais jovem, e no CIC, a predominância é o usuário com formação superior.

Quanto à freqüência de visitas, observou-se que o CIC possui um público mais fiel (56%), que visita pelo menos uma vez por semana o espaço. Conforme já foi dito, acredita-se que este fato seja devido às atividades realizadas nas oficinas, pois as mesmas possuem cargas horárias a serem cumpridas. No CENTUR, o público mais assíduo é de apenas 36%. Acredita-se que isto ocorra devido as atividades serem livres, sem horários, o que não “obriga” o usuário estar freqüentemente no local.

- **Acessos**

Pôde-se constatar que, em ambos os centros culturais, a presença de paradas de ônibus próximas ao edifício, e a existência de entradas por avenidas importantes, são fatores essenciais no momento da escolha do acesso pelo entrevistado.

Com relação à identificação dos acessos principais dos edifícios e dos estacionamentos, constatou-se que, em ambos, o usuário necessitou pedir auxílio a outra pessoa para orientar-se ou procurar sozinho o local exato, devido à precariedade ou até inexistência das placas de sinalização.

- **Orientação**

Quanto a se sentir perdido no local, constatou-se que no CENTUR (80%), o número de pessoas que já tiveram essa sensação é mais significativo que no CIC (66%). Acredita-se que este fato seja devido à grande dimensão do espaço, a má localização do balcão de informações, além da existência de sinalizações inadequadas e insuficientes. Porém, pôde-se constatar que em ambos os centros culturais, independente da frequência de visitas, os usuários já se sentiram desorientados, e que a sua grande maioria (80% no CENTUR e 70% no CIC), recorre a outra pessoa para orientar-se.

Deve-se à má localização, à desatualização e à quantidade insuficiente das placas de sinalização, o grande número de usuários que possuem dificuldades de orientação nos edifícios. É interessante ressaltar que é unânime, entre os entrevistados, a não utilização das placas de sinalização, por acreditarem que elas não existem ou que são difíceis de encontrar.

- **Local de Encontro**

Quanto ao local para marcar um encontro, constatou-se que em ambos, a escolha da grande maioria estava relacionada com a entrada do edifício, fato este justificado devido estes referenciais serem considerados de fácil identificação. Quanto aos outros ambientes citados, tais como em frente ao cinema (CENTUR) e no Café Matisse (CIC), acredita-se que a escolha seja devido os mesmos possuírem sinalização indicando sua localização e por possuírem elementos de destaque como a bilheteria do cinema e a decoração do Café.

- **Saída de Emergência**

Com relação às saídas de emergência e rotas de fuga, constatou-se que por quase unanimidade, os entrevistados não souberam identificá-las. Acredita-se que em ambos os centros culturais, existe uma omissão de responsabilidade, quanto ao destaque e sinalização destes elementos e, principalmente, quanto a segurança do espaço e dos usuários.

- **Ambiente mais utilizado**

Quanto aos ambientes, observou-se que os espaços em que o usuário possui mais liberdade, podendo criar, desenvolver atividades, pesquisar e estudar tais como, as salas de oficinas e bibliotecas são os mais procurados e mais utilizados nos centros culturais.

- **Informação**

Apesar de ambos os centros culturais serem administrados pelo governo do Estado, e com isso disporem de diversos veículos de comunicação (jornais, rádios), constatou-se que um número significativo de entrevistados considera os eventos e as atividades mal divulgados.

Acredita-se que devido grande parte da divulgação da programação cultural acontecer dentro dos espaços, através de informativos mensais, esta não alcance um número elevado de usuários, principalmente os que “raramente” visitam o local. Este fato colabora ainda mais para que a frequência não se estenda a um público mais diversificado.

- **Satisfação do usuário**

Com relação às críticas negativas dos usuários, constatou-se que, em ambos os centros culturais, foram citadas questões com razões sociais tais como, elitização do público no CIC e o preconceito no atendimento dos usuários no CENTUR. No entanto, quanto à questão espacial, as críticas mais significativas foram quanto à “frieza” e monotonia dos ambientes do CIC, e a ausência de alguns espaços, como lanchonete, no CENTUR.

A partir destes resultados, pôde-se constatar que, independente do edifício possuir seis pavimentos, como o CENTUR, ou tipologia horizontal, como o CIC, a ausência ou a precariedade das sinalizações faz com que o usuário sinta dificuldade para orientar-se no ambiente, e até mesmo para conhecer e participar das atividades oferecidas pelos centros culturais.

## CAPÍTULO 04: PLANILHAS DE AVALIAÇÃO

### 4.1 PLANILHAS DE AVALIAÇÃO E LAUDOS TÉCNICOS

Como se observou no Capítulo 3 desta dissertação, a aplicação dos métodos qualitativos investigativos - Passeio Acompanhado e Entrevista - é fundamental para a compreensão e avaliação detalhada das reais necessidades espaciais das pessoas com restrições e das condições de acessibilidade de um edifício.

No entanto, para a realização de análise mais profunda, é necessário um maior tempo disponível e profissionais com conhecimento específico no assunto, o que, na maioria das vezes, não ocorre nos órgãos públicos fiscalizadores. Devido a isto, houve a necessidade da elaboração de um instrumento expedito que avaliasse as condições de acessibilidade espacial de forma mais rápida e prática.

Para tanto, o Programa de Acessibilidade do Ministério Público de Santa Catarina, coordenado pela Dr<sup>a</sup> Sônia Groisman Piardi, através de uma equipe multidisciplinar composta por associações de pessoas com diferentes deficiências, técnicos da Secretaria de Urbanismo e Serviços Públicos (SUSP) e do Departamento de Infra-estrutura (DEINFRA), representantes do Corpo de Bombeiros, do Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura (CREA), do Sindicato da Indústria da Construção Civil (SINDISCON), e pesquisadores do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina, da qual fez parte a autora desta dissertação, e as professoras Vera Helena Bins Ely e Marta Dischinger, elaborou uma série de Planilhas de Avaliação, com intuito de desenvolver laudos técnicos que identifiquem, principalmente, os aspectos negativos encontrados nos edifícios.

As planilhas elaboradas pelo programa correspondem aos ambientes normalmente encontrados em edifícios de uso público: áreas de acesso, saguões, circulações verticais e horizontais, sanitários e locais para atividade coletivas (Ver Anexo A). Porém, ambientes específicos, tais como salas de aula, lanchonetes, cinemas, entre outros, não foram contemplados neste programa. Para tal, a fim de avaliar as condições de acessibilidade em centros culturais, houve a necessidade da elaboração e adequação, pela pesquisadora, de planilhas específicas, num total de sete, sendo estas: cinema, teatro, auditório, biblioteca, museu, galeria de arte, sala de aula e lanchonete. Estas planilhas encontram-se no Apêndice C desta dissertação.

As doze planilhas são compostas por perguntas elaboradas em conformidade com os aspectos legais nos diferentes âmbitos - federal, estadual e municipal - e com as normas específicas existentes. As leis e normas utilizadas na elaboração das planilhas foram: a **NBR 9.050/04** – Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos; a **NBR**

**13.994** – Elevadores de passageiros; a **NBR 9.077/01** – Saídas de Emergência em Edifícios; a **Lei Município de Belém 7.400/88** – que dispõe sobre as edificações do Município de Belém e dá outras providências; a **Lei Município de Florianópolis 0060/00** – Código de Obras do Município de Florianópolis; e o **Decreto Federal nº 5.296** de 2 de dezembro de 2004 - que regulamenta as Leis nºs 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências.

Quanto à estrutura das planilhas, ela é realizada da seguinte forma: cada uma possui na sua parte superior um espaço reservado para identificação do edifício, local, data e o nome do avaliador, além da numeração, o título da planilha (área de acesso, saguões, circulação horizontal...) e a legenda referente aos componentes de acessibilidade.

As planilhas são compostas por nove colunas, divididas em 6 blocos distintos: identificador, legislação, componentes de acessibilidade, itens a conferir, resposta e observações. O bloco itens a conferir serve como referência para os demais.

O bloco identificador possui algarismos, onde o primeiro indica a numeração da planilha (1-12) e o segundo o item a conferir.

No segundo bloco – legislação - existem duas colunas, na qual a primeira refere à lei, norma ou decreto, e a segunda aos artigos correspondentes. O não preenchimento destas colunas evidencia as perguntas elaboradas que não se encontravam na legislação, porém são de suma importância para a avaliação. Cabe ressaltar que, de acordo com a legislação vigente em cada estado e município, foram elaboradas planilhas distintas para cada centro cultural em estudo.

No terceiro bloco estão indicados, através de ícones, os quatro componentes de acessibilidade (orientação, deslocamento, uso e comunicação) que classificam os itens a conferir. No quarto bloco, de acordo com os diferentes ambientes ou elementos a avaliar foram organizados os itens a conferir, formulados através de perguntas.

O quinto bloco é reservado para a resposta da questão avaliada (sim, não, inexistente, não se aplica). No sexto e último bloco, possui um espaço para possíveis observações, tais como medições, sugestões para futuras intervenções, entre outros. Cabe ressaltar que o preenchimento deste espaço é muito importante, pois complementa a avaliação.

Após a aplicação das planilhas, conforme dito anteriormente, é elaborado um laudo, o qual é composto por duas partes: a ficha de identificação do edifício (página 108) e o laudo técnico. Na ficha de identificação possuem informações como: o nome, a função, a propriedade (estadual, municipal ou privado), o endereço do acesso principal, a cidade que está localizado, o número de pavimentos e acessos, e se o edifício é tombado ou não. Existe um espaço reservado para a descrição de observações de problemas graves, que não constam nas planilhas, como ausência de funcionários, segurança da edificação, falta de higiene, entre

outras. Na parte inferior da ficha existe um espaço para colocação das plantas do edifício, com sua situação no espaço urbano, os acessos principais e secundários, e sua setorização.

Quanto ao laudo técnico, este está estruturado da seguinte forma: na parte superior possui um espaço para a identificação do edifício, local, data e nome do avaliador, numeração e título da planilha. Em seguida, o laudo é composto por 4 colunas: a primeira coluna possui os algarismos indicando a planilha e o item conferido. Na segunda coluna estão as descrições de cada item conferido cuja resposta foi negativa, e em seguida, na terceira coluna, as observações realizadas no local pela pesquisadora. Na quarta e última coluna, estão as ilustrações com as legendas dos itens conferidos.

Sabe-se que este laudo técnico gera resultados mais simplificados que os obtidos nos Passeios Acompanhados e nas Entrevistas. Porém, sabe-se também, que o laudo é uma das ferramentas que os Ministérios Públicos possuem para atuar, fiscalizando e cobrando providências dos responsáveis pelos edifícios que encontram-se fora das leis e normas de acessibilidade vigentes. É importante ressaltar que os laudos técnicos apenas apontam os problemas, cabendo aos responsáveis pela administração dos edifícios encaminhar à profissionais para busca de soluções.

## 4.2 RESULTADO DA APLICAÇÃO

As Planilhas de Avaliação foram aplicadas em ambos os centros culturais no período compreendido entre julho e agosto de 2005, com duração média de uma hora cada planilha. É importante ressaltar que algumas planilhas foram aplicadas mais de uma vez, devido a alguns ambientes ou elementos se repetirem no edifício, como as circulações horizontais de cada pavimento. Optou-se por analisar apenas os ambientes de acesso ao público, por serem os de maior fluxo de usuários, excluindo, então, as áreas restritas aos funcionários.

É importante ressaltar que o laudo técnico serve para identificar os aspectos negativos referentes às condições de acessibilidade, a fim de contribuir para futuras adequações dos edifícios.

As Planilhas de Avaliação, elaboradas nesta dissertação, foram aplicadas e testadas nos dois edifícios em estudo, com intuito de verificar o funcionamento e a validade deste instrumento.

Conforme Sternick (1976), a validade do instrumento refere-se a sua capacidade de medir aquilo que se propõe, podendo ser subjetiva ou objetiva. A validade objetiva é determinada a partir de dados estatísticos, o que não é o caso deste estudo.

Ainda segundo o mesmo autor, a validade subjetiva pode ser de dois tipos: validade aparente e validade de conteúdo. A validade aparente é realizada por um grupo de peritos ou juízes que julga se o instrumento como um todo aparenta ser uma medida adequada daquilo

que pretende medir. Na validade de conteúdo, o grupo de peritos julga se o conteúdo dos itens é abrangente, representativo e se está relacionado com aquilo que se deseja medir.

Com isso, pôde-se atestar que as Planilhas de Avaliação encontram-se validadas subjetivamente, pois além de julgar a capacidade do instrumento de medir aquilo que se propõe, uma equipe de bolsistas e arquitetos do Ministério Público de Santa Catarina também verificou a clareza dos itens, a facilidade de leitura, a compreensão do conteúdo, a forma de apresentação do instrumento e, por fim, realizou as devidas correções.

Após a aplicação das planilhas, pôde-se identificar as diferentes características dos instrumentos de avaliação e efetuar uma comparação entre os dados obtidos nos laudos técnicos e os resultados encontrados na avaliação realizada nos centros culturais, a partir da aplicação dos métodos qualitativos. Os aspectos detectados nas Planilhas de Avaliação são precisos e estão diretamente relacionados com as leis e normas específicas de acessibilidade, já os passeios acompanhados e as entrevistas, devido a participação dos entrevistados, possibilitaram a detecção de novos problemas, nem sempre contemplados na legislação.

No entanto, constatou-se que diversos aspectos obtidos nos laudos técnicos foram também detectados pelos usuários durante as entrevista e os passeios acompanhados, não havendo discrepância entre os resultados encontrados. Com isso, pôde-se atestar o funcionamento do instrumento e a validade concorrente<sup>9</sup> de sua aplicação.

Cabe salientar que a organização e o levantamento dos dados obtidos a partir da aplicação das Planilhas de Avaliação foram fundamentais para a elaboração das tabelas sínteses, apresentadas no Capítulo 5.

A seguir será apresentado um exemplo de aplicação das Planilhas de Avaliação – Planilha 11 “Museu e Galeria de Arte” (CENTUR) – a respectiva ficha de identificação e o laudo técnico. Cabe salientar que o laudo a seguir é específico da planilha, não incluindo todos os ambientes do edifício. O jogo completo, com as doze planilhas de avaliação, encontra-se no Apêndice C e no Anexo A.

---

<sup>9</sup> Conforme Sternick (1976), a validade concorrente é determinada a partir da correlação dos escores do instrumento que se deseja testar com os escores de um instrumento de características semelhantes. Apesar de ambos os instrumentos estarem medindo características semelhantes eles são diferentes e podem até mesmo oferecer certas vantagens sobre outros.

## FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DO EDIFÍCIO

Nome do edifício: Edifício Sede da Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves

Função: Centro Cultural

Propriedade: Estadual  Municipal  Privado

Endereço acesso principal: Av. Gentil Bittencourt, 650

Local: Belém - Pará

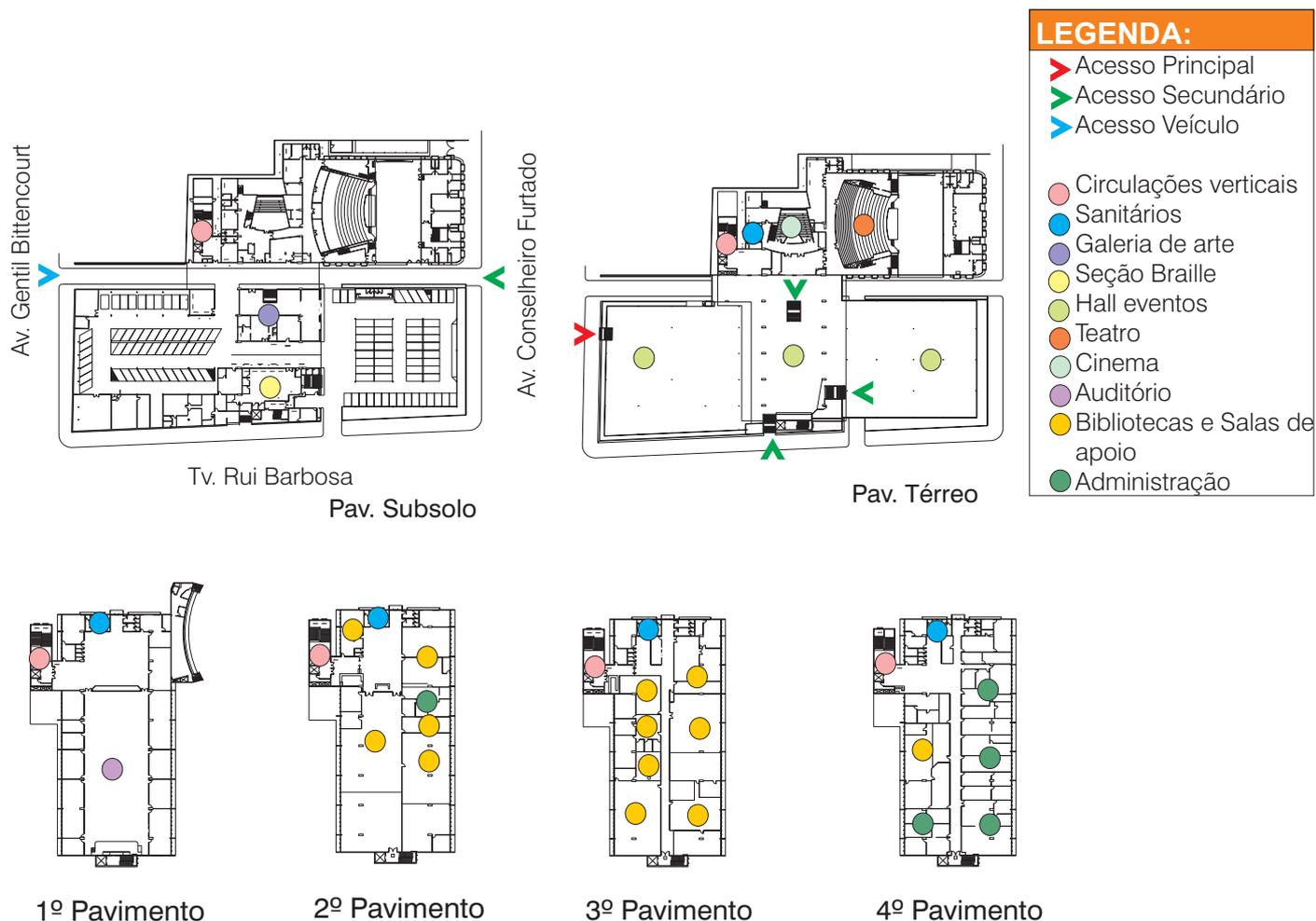
Número de pavimentos: 06

Número de acessos: 06

O edifício é tombado? SIM  NÃO

Observações:

## PLANTAS



EDIFÍCIO CENTUR  
 LOCAL BELÉM - PARÁ

AVALIADOR PESQUISADORA  
 DATA 25/07/05

COMPONENTES	
	Orientação
	Deslocamento
	Uso
	Comunicação

PLANILHA 11

MUSEU E GALERIA DE ARTE

Nº	LEGISLAÇÃO		C	ITENS A CONFERIR	RESPOSTA			OBSERVAÇÕES
	LEI/NBR	ARTIGO			SIM	NÃO	NA/	
<b>ACESSO</b>								
11.1	-	-		Há possibilidade de identificar as diferentes atividades a partir de suporte informativo visual e tátil?		X		Não existe suporte informativo visual e tátil indicando a localização do ambiente no edifício.
11.2	-	-		O acesso ambiente é efetuado por uma rota acessível?		X		Existem degraus para acessar a circulação e a entrada principal do ambiente.
11.3	-	-		Nos ambientes complexos, com mais de uma atividade, os diferentes setores estão devidamente identificados?			X	
11.4	-	-	 	Quando o acesso ao ambiente é feito através de videofones e/ou interfones a botoeira é acessível aos cadeirantes e às pessoas com baixa estatura?			X	
11.5	-	-		Quando o acesso ao ambiente é feito através de videofones e/ou interfones, existe algum tipo de tecnologia assistiva para comunicação do surdo e/ou mudo para acesso ao edifício?			X	
11.6	9.050/04	6.2.4 6.2.5		Na existência de catracas ou portas giratórias de controle aos ambientes, há acesso alternativo a cadeirantes, obesos ou pessoas com mobilidade reduzida?			X	
11.7	-	-		Na existência de acesso alternativo, há campanha ou outro meio (visor) para solicitar abertura da porta?			X	
11.8			 	Existem <i>sites</i> na WEB acessíveis às pessoas com restrição visual, com informações sobre a localização, as atividades e a programação do ambiente?	X			No <i>site</i> do centro cultural existe o dispositivo para instalação do programa sintetizador de texto –DOSVOX.
<b>BILHETERIA</b>								
11.9	9.050/04	9.5.5.1		Na existência de bilheteria, a mesma está localizada em rotas acessíveis?			X	
11.10	9.050/04	9.5.5.1		O guichê da bilheteria tem altura máxima de 1,05m a partir do piso?			X	

11.11	9.050/04	9.5.5.2	 Existe área de aproximação adequada para garantir 80cm e altura livre inferior mínima de 73cm)?			X	
11.12	9.050/04	9.5.5.2	 Existe área de manobra com rotação de 180° (1,50m x1,20m)?			X	
11.13	-	-	 A bilheteria pode ser identificada visualmente ou por informação adicional (placas indicativas)?			X	
11.14	-	-	 Há suporte informativo tátil que permita a identificação do local da bilheteria para pessoas com restrição visual?			X	
11.15	-	-	 Existem ingressos que possuam informações táteis para a pessoa com restrição visual?			X	
11.16	-	-	 Existe algum tipo de equipamento de tecnologia assistiva (terminal de computador) que permita a comunicação de pessoas surdas e/ou mudas com os funcionários?			X	
11.17	-	-	 Existem placas informativas visuais com os nomes dos filmes, espetáculos em exibição, horários e preços?			X	
11.18	-	-	 Existem placas informativas em Braille com os nomes dos filmes, espetáculos em exibição, horários e preços?			X	
<b>MUSEU</b>							
11.19	9.050/04	6.9.1.1	 Os corredores e passagens têm largura mínima de 120cm?	X			O ambiente possui circulações amplas.
11.20	9.050/04	6.9.2.1	 Há uma largura mínima de 80cm para a transposição de uma cadeira de rodas por portas e obstáculos fixos?		X		As portas de entrada, quando abertas, impedem a circulação de uma cadeira de rodas próximo ao painel informativo.
11.21	9.050.04	6.1.1	 O piso dos corredores e passagens é revestido com material antiderrapante?	X			O piso do ambiente é antiderrapante do tipo "granilite".
11.22	9.050.04	6.1.1	 Os pisos dos corredores e passagens têm nivelamento contínuo e sem degraus?		x		Existem degraus dentro do ambiente, impedindo a circulação plena de uma cadeira de rodas.
11.23	9.050.04	6.1.1	 Há, em circulações muito amplas, faixas de piso em cor e textura diferenciadas guiando os usuários?		X		Há possibilidade de instalação de faixas adesivas em cor e textura contrastante no piso do ambiente.
11.24	9.050.04	6.1.4	 Na existência de desníveis maiores que 1,5cm há rampas?		x		Presença de desníveis com 15cm de altura.
11.25	9.050/04	8.2.1.6	 Existem dispositivos de tecnologia assistiva para atender as pessoas com restrição visual e auditiva?		X		
11.26	9.050/04	5.7.5	 Existe sistema de áudio descrição sobre as exposições, que permita a informação e orientação de pessoas com restrição visual?		X		
11.27	9.050/04	5.7.5	 Na existência destes equipamentos, possuem controle de volume individual?			X	

11.28	-	-		Existem títulos, textos explicativos ou similares em todas as obras expostas?	X		Apenas em algumas exposições possuem textos explicativos sobre cada obra.
11.29	9.050/04	8.2.2.1		Os títulos, textos explicativos ou similares são legíveis e estão dentro do alcance visual de pessoas com baixa estatura e de usuários de cadeira de rodas?	X		Os textos estão dentro da faixa de alcance visual, porém as fontes utilizadas são pequenas, com pouca legibilidade.
11.30	9.050/04	5.5.2		Há contraste entre o texto e fundo e a superfície sobre o qual está afixado?	x		O texto é impresso em etiqueta branca com tinta preta, afixada na parede de cor branca.
11.31	9.050/04	8.2.2.1		Existem textos explicativos em Braille de cada objeto exposto, para a compreensão da pessoa com restrição visual?	X		
11.32	9.050/04	8.2.2		Os objetos expostos para visitação pública estão em locais acessíveis?	X		
11.33	-	-		Os objetos expostos estão a uma altura que abranja o campo visual de uma pessoa com baixa estatura e pessoas com cadeira de rodas?	X		
11.34	-	-		Existe sinalização tátil no piso indicando a localização das obras em exposição?	X		Presença de objetos expostos ao longo do salão isentos de sinalização tátil no piso.
11.35	-	-		Existe sinalização visual no piso indicando desníveis (degraus)?	X		Presença de degraus no ambiente isentos de sinalização visual.
11.36	5.296/04	Art. 6		Existe um serviço de atendimento para pessoas com restrição auditiva, prestado por pessoas capacitadas (intérpretes de LIBRAS)?	X		
11.37	9.077/01	4.6.2.8		Existe sistema de sinalização de emergência instalado no ambiente?	X		Há possibilidade de instalar, no ambiente, sistema de sinalização de emergência.
11.38	9.050/04	5.2.3		Há sistema de alarme simultaneamente sonoro e luminoso instalado no ambiente?	X		Há possibilidade de instalar, no ambiente, sistema de alarme simultaneamente sonoro e luminoso.
11.39	-	-	 	As portas de acesso ao ambiente possuem vão mínimo de 1,50m e abrem no sentido da saída proporcionando escoamento?	X		Portas com abertura para dentro do ambiente com vãos de 80cm. Há possibilidade de instalar porta da entrada com vão maior que 1,50m.

## LAUDO TÉCNICO

### PLANILHA 11

### MUSEU E GALERIA DE ARTE

Nº ITEM	DESCRIÇÕES	OBSERVAÇÕES	ILUSTRAÇÕES
<b>ACESSO</b>			
11.1	Não há possibilidade de identificar as diferentes atividades a partir de suporte informativo visual e tátil.	Não existe suporte informativo visual e tátil indicando a localização do ambiente no edifício.	
11.2	O acesso ambiente não é efetuado por uma rota acessível.	Existem degraus para acessar a circulação e a entrada principal do ambiente.	
<b>MUSEU</b>			
11.20	Presença de largura inferior a 80cm para a transposição de uma cadeira de rodas por portas e obstáculos fixos.	As portas de entrada, quando abertas, impedem a circulação de uma cadeira de rodas próximo ao painel informativo.	Item 11.2
11.22	Ausência de pisos nivelados e sem degraus, ao longo das circulações do ambiente.	Existem degraus dentro do ambiente, impedindo a circulação plena de uma cadeira de rodas.	
11.23	Ausência, em circulações muito amplas, de faixas de piso em cor e textura diferenciadas para guiar os usuários.	Há possibilidade de instalação de faixas adesivas em cor e textura contrastante no piso do ambiente.	
11.24	Presença de desníveis maiores que 1,5cm isentos de rampas.	Presença de desníveis com 15cm de altura.	
11.25	Ausência de dispositivos de tecnologia assistiva para atender as pessoas com restrição visual e auditiva.		Item 11.22 e 11.24
11.26	Ausência de sistema de áudio descrição sobre as exposições, que permita a informação e orientação de pessoas com restrição visual.		
11.28	Ausência de títulos, textos explicativos ou similares em todas as obras expostas.	Apenas em algumas exposições possuem textos explicativos sobre cada obra.	
11.29	Presença de títulos, textos explicativos ou similares com pouca legibilidade.	Os textos estão dentro da faixa de alcance visual, porém as fontes utilizadas são pequenas, com pouca legibilidade.	
11.31	Ausência de textos explicativos em Braille de cada objeto exposto, que contribua para a compreensão da pessoa com restrição visual.		Item 11.29
11.34	Ausência de sinalização tátil no piso indicando a localização das obras em exposição.	Presença de objetos expostos ao longo do salão isentos de sinalização tátil no piso.	
11.35	Ausência de sinalização visual no piso indicando desníveis (degraus).	Presença de degraus no ambiente isentos de sinalização visual.	
11.36	Ausência de um serviço de atendimento para pessoas com restrição auditiva, prestado por pessoas capacitadas (intérpretes de LIBRAS).		
11.37	Não existe sistema de sinalização de emergência instalado no ambiente?	Há possibilidade de instalar, no ambiente, sistema de sinalização de emergência.	
11.38	Ausência de sistema de alarme simultaneamente sonoro e luminoso instalado no ambiente?	Há possibilidade de instalar, no ambiente, sistema de alarme simultaneamente sonoro e luminoso.	Item 11.39
11.39	As portas de acesso possuem vão inferior a 1,50m e abrem para dentro do ambiente.	Portas com abertura para dentro do ambiente com vãos de 80cm. Há possibilidade de instalar porta de correr na entrada com vão maior que 1,50m.	

## **CAPÍTULO 05: RECOMENDAÇÕES PARA ACESSIBILIDADE DOS DOIS CASOS**

### **5.1 RECOMENDAÇÕES TÉCNICAS**

Após a aplicação dos métodos qualitativos – Visita Exploratória, Passeio Acompanhado e Entrevista – e das Planilhas de Avaliação em ambos os centros culturais em estudo, foi possível elaborar recomendações técnicas com soluções e melhorias para cada situação observada, a fim de garantir as condições de acessibilidade espacial no CENTUR e no CIC.

#### **5.1.1 TABELAS SÍNTESES**

Com o intuito de organizar e sintetizar os resultados obtidos durante a realização da pesquisa de campo e as recomendações técnicas elaboradas, são utilizadas tabelas sínteses, as quais foram desenvolvidas conforme o esquema a seguir.

As tabelas são compostas por oito colunas. Primeiramente é apresentado, em forma de ícone<sup>10</sup>, o componente de acessibilidade espacial que é analisado (deslocamento, orientação, uso ou comunicação), em seguida, os elementos que serão avaliados no edifício (áreas de acesso, saguões, circulação horizontal, circulação vertical, sanitário, cinema, teatro, auditório, biblioteca, café, salas de aula, museus e galeria de arte). Para cada elemento é feita uma avaliação quanto aos aspectos positivos e negativos encontrados e, em seguida, a identificação do centro cultural que se refere. Para o CENTUR é utilizada a cor laranja e para o CIC a cor rosa, que também aparecem nas bordas das ilustrações, identificando o local. Quando o aspecto analisado é encontrado em ambos os edifícios, é utilizada a cor azul. A seguir, há uma descrição resumida dos aspectos encontrados e são evidenciados, em forma de ícones, os usuários acometidos pelos problemas e facilidades referentes à acessibilidade espacial dos centros culturais. Após, são recomendadas soluções ou melhorias para cada caso e, por fim, com intuito de ilustrar a descrição efetuada na coluna quatro, são expostas fotografias realizadas nos centros culturais, devidamente identificadas através das cores nas bordas e de textos.

Convém ressaltar que as recomendações de soluções ou melhorias expostas nas tabelas sínteses servem como base para a elaboração dos princípios de acessibilidade para projetos de centros culturais, que são apresentados no Capítulo 6 desta dissertação.

---

<sup>10</sup> Os ícones apresentados foram elaborados pela pesquisadora, com exceção daqueles referentes aos usuários.

## 5.1.2 LEGENDAS

### COMPONENTES DE ACESSIBILIDADE



Orientação



Deslocamento



Uso



Comunicação

### ASPECTOS



Aspectos positivos



Aspectos negativos

### CENTROS CULTURAIS

**CENTUR**

Elementos encontrados no edifício da Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves

**CIC**

Elementos encontrados no Centro Integrado de Cultura

**CENTUR  
CIC**

Elementos encontrados em ambos os centros culturais

### USUÁRIOS



Usuário com restrição físico-motora



Usuário com restrição sensorial visual



Usuário com restrição sensorial auditiva



Usuário idoso



Todos os usuários (sem restrições aparentes)

Componente	Elemento Observado	Aspecto	Centro Cultural	Descrição	Ilustração	Usuário	Recomendação	
<p>ORIENTAÇÃO</p> 	<p>ÁREAS DE ACESSO AO EDIFÍCIO</p>	<p>+</p>	<p>CENTUR</p>	<p>Presença de figuras ilustrativas no muro do edifício. (Fig.01)</p>	 <p>Fig. 01</p>		<p>Sempre que possível, deve-se utilizar elementos arquitetônicos e decorativos que sirvam de referenciais para os usuários.</p>	
				<p>Possibilidade de visualização das vagas destinadas a pessoas com deficiência, desde a entrada do estacionamento.</p>	 <p>Fig.02</p>		<p>As vagas de estacionamento para pessoas com deficiência devem ser de fácil identificação.</p>	
		<p>ÁREAS DE ACESSO AO EDIFÍCIO</p>	<p>-</p>	<p>CENTUR CIC</p>	<p>Ausência de mecanismo que emita sinal sonoro nos semáforos da via pública.</p>	 <p>Fig. 03</p>		<p>Instalar semáforos com dispositivos sonoros sempre que houver travessia de pedestres.</p>
					<p>Ausência de piso tátil de alerta sinalizando situações que envolvam risco, como início e término de rampas e escadas. (Fig.02)</p>	 <p>Fig.04</p>		<p>Providenciar instalação de piso tátil de alerta quando houver obstáculos e pisos guias em locais muito amplos.</p>
					<p>Ausência de piso tátil guia no pátio externo do edifício. (Fig. 03)</p>	 <p>Fig.05</p>		<p>Instalar pisos táteis nos passeios indicando a localização do edifício e seus acessos, para usuários com restrições visuais.</p>
					<p>Ausência de sinalização tátil nos passeios que permita identificação do edifício e seus acessos.</p>			<p>Instalação de suportes informativos visuais e táteis em locais estratégicos indicando o nome e os acessos principais do edifício.</p>
					<p>Ausência de suportes informativos táteis e visuais em boa localização indicando os acessos ao edifício. (Fig. 04)</p>			
					<p>Ausência de sinalização indicando a localização do acesso principal do edifício a partir do estacionamento.</p>			
					<p>A sinalização das vagas de estacionamento para pessoas com deficiência está inadequada. (Fig.05)</p>			<p>Providenciar sinalização vertical e no piso, com o símbolo internacional de acesso, nas vagas destinadas as pessoas com deficiência.</p>
					<p>A sinalização das vagas de estacionamento para pessoas com deficiência está inadequada. (Fig.05)</p>			

Tabela 01 – Tabela Síntese - Orientação (Áreas de acesso ao edifício)

Componente	Elemento Observado	Aspecto	Centro Cultural	Descrição	Ilustração	Usuário	Recomendação	
<p>ORIENTAÇÃO</p> 	<p>SAGUÕES</p>	<p>+</p>	<p>CENTUR</p>	<p>Presença de sinalização indicando as catracas de entrada e saída. (Fig.06)</p>	 <p>Fig.06</p>		<p>Manter as placas informativas distinguindo as catracas de acesso e providenciar sinalização tátil.</p>	
			<p>CIC</p>	<p>Presença de painéis informativos com a programação cultural.</p>	 <p>Fig.07</p>		<p>A fim de orientar o usuário deve haver constantemente suportes informativos com a programação do centro cultural.</p>	
		<p>CIC</p>	<p>Existência de balcão de informações visível desde a entrada no edifício, com presença constante de funcionários. (Fig. 07)</p>	<p>CENTUR</p>	<p>Ausência de identificação do balcão de informações desde a entrada do edifício.</p>	 <p>Fig.08</p>		<p>Providenciar a instalação e atualização de suportes informativos visuais e táteis (mapas, diagramas,...) no interior do edifício.</p>
		<p>CIC</p>	<p>Ausência de suportes informativos visuais e táteis indicando o nome e a localização dos ambientes existentes em cada pavimento. (Fig.08)</p>		<p>Presença de sinalização com informações desatualizadas e incompletas.</p>			
		<p>CENTUR</p>	<p>-</p>	<p>CENTUR</p>	<p>As placas informativas existentes possuem pouca legibilidade, estão mal localizadas e são revestidas com material ofuscante. (Fig. 09)</p>	 <p>Fig.09</p>		<p>Providenciar instalação de suportes informativos em pontos estratégicos, com textos legíveis e revestidos com material não brilhoso.</p>
		<p>CENTUR</p>		<p>Ausência de cartões táteis indicando a numeração da cabina do guarda-volume.</p>	 <p>Fig.10</p>		<p>Implantar cartões táteis para que o usuário com restrição visual possa identificar a cabina do guarda-volume.</p>	
		<p>CENTUR</p>	<p>Ausência de piso tátil (alerta) indicando obstáculos como painéis informativos e esculturas ao longo do saguão. (Fig.10)</p>	<p>CIC</p>	<p>Instalar piso alerta quando houver obstáculos ou retirar os painéis e as esculturas da faixa de circulação.</p>			

Tabela 02 – Tabela Síntese - Orientação (Saguões)

Componente	Elemento Observado	Aspecto	Centro Cultural	Descrição	Ilustração	Usuário	Recomendação	
<p style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg);">ORIENTAÇÃO</p> 	CIRCULAÇÃO HORIZONTAL		<b>CENTUR CIC</b>	<p>Presença de placas afixadas em algumas portas indicando o nome dos ambientes. (Fig.11)</p> <p>Ausência de placas informativas indicando a localização dos ambientes ao longo das circulações. (Fig.12)</p> <p>Ausência de sinalização tátil nos batentes ou paredes adjacentes das portas dos ambientes. (Fig.13)</p> <p>Presença de placas com textos com pouca legibilidade.</p> <p>Ambientes localizados em corredores, isentos de sinalização.</p>	 <p style="text-align: center;">Fig.11</p>  <p style="text-align: center;">Fig.12</p>  <p style="text-align: center;">Fig.13</p>  <p style="text-align: center;">Fig.14</p>	    	<p>Providenciar instalação e atualização de sinalização visual e tátil nas portas e ao longo das circulações, indicando a localização e o nome de todos os ambientes.</p>	
			<b>CIC</b>	<p>Ausência de sinalização visual indicando as saídas de emergência e as rotas de fuga.</p> <p>Ausência de piso tátil (alerta) indicando obstáculos como painéis informativos e esculturas ao longo das circulações. (fig. 14)</p>	 <p style="text-align: center;">Fig.15</p>	 	<p>Instalar, em locais estratégicos, sinalização indicando as saídas de emergência e rotas de fuga.</p> <p>Instalar piso alerta quando houver obstáculos ou retirar os painéis e as esculturas da faixa de circulação.</p>	
		CIRCULAÇÃO VERTICAL		<b>CENTUR</b>	<p>Presença de dispositivo visual e sonoro indicando a chegada do elevador. (Fig. 15)</p> <p>Funcionário assessorista dentro do elevador.</p>		 	<p>Manter dispositivo visual e providenciar sinais sonoros distintos de subida e descida.</p>
				<b>CIC</b>	<p>Circulação visível desde a entrada do edifício.</p> <p>As circulações verticais não são identificadas desde a entrada do edifício.</p>		  	<p>A presença deste funcionário orienta os usuários quanto à localização dos ambientes.</p> <p>As circulações devem ser identificadas visualmente ou por informações adicionais (placas indicativas), desde a entrada do edifício.</p>

Tabela 03 – Tabela Síntese - Orientação (Circulações)

Componente	Elemento Observado	Aspecto	Centro Cultural	Descrição	Ilustração	Usuário	Recomendação		
<p style="text-align: center;">ORIENTAÇÃO</p> 	CIRCULAÇÃO VERTICAL		<b>CENTUR</b>	Ausência de sinais sonoros distintos indicando o sentido em que a cabina do elevador se movimenta.	 Fig.16		Providenciar instalação de dispositivo sonoro e luminoso, com sinais distintos, para identificar o sentido da cabina do elevador e cada chamada registrada.		
			<b>CIC</b>	Ausência de anúncio verbal dentro da cabina do elevador.	 Fig.17		Implantar, dentro da cabina, sistema automático com anúncio verbal indicando o pavimento em que o elevador encontra-se parado.		
		<b>-</b>	<b>CENTUR</b>	Ausência de sinalização visual e tátil indicando o número do pavimento. (Fig.16)	 Fig.18	 	Instalar sinalização visual e tátil indicando o nº do pavimento, nos halls, nos batentes dos elevadores e no corpo das escadas e rampas.		
		<b>CIC</b>	Ausência de piso tátil de alerta próximo à entrada do elevador e no início e término das escadas. (Fig.17)	<b>CENTUR</b>	Ausência de sinalização visual nas bordas dos degraus. (Fig.18)	 Fig.18	 	Instalar piso tátil de alerta em situações que envolvam risco ao usuário.	
	SANITÁRIOS E SANITÁRIOS PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA		<b>+</b>	<b>CENTUR</b>	Presença de placas informativas com texto e figuras afixadas nas portas dos sanitários. (Fig.19)	 Fig.19		Providenciar sinalização visual indicando as saídas de emergência e rotas de fuga no corpo das escadas e rampas.	
			<b>-</b>	<b>CIC</b>	Ausência de sinalização indicando a existência e localização dos sanitários para pessoas com deficiência.		 	Manter sinalização visual com boa legibilidade indicando os sanitários.	

Tabelas 04 – Tabela Síntese - Orientação (Circulações e Sanitários)

Componente	Elemento Observado	Aspecto	Centro Cultural	Descrição	Ilustração	Usuário	Recomendação
<p style="text-align: center;">ORIENTAÇÃO</p> 	<p>SANITÁRIOS E SANITÁRIOS PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA</p>			Ausência do símbolo internacional afixado na porta dos sanitários para pessoas com deficiência.	 Fig.20		Instalar e padronizar sinalização tátil e visual com símbolo internacional de acesso indicando a localização e os tipos dos sanitários.
				Ausência de sinalização visual e tátil indicando o tipo (feminino e masculino) dos sanitários acessíveis.	 Fig.21		Providenciar sinalização pictórica e tátil indicando o local e os tipos de sanitários.
				Ausência de sinalização tátil nas paredes adjacentes as portas dos sanitários.	 Fig.22		Elementos como as bilheterias, as poltronas e as fileiras devem ser sinalizados e identificados desde a entrada dos ambientes.
				Presença de sinalização visual indicando o local e o tipo das bilheterias. (Fig.20)		Presença de sinalização visual indicando a numeração das fileiras e poltronas no teatro. (Fig.21)	 Fig.23
	Dentro do cinema e do teatro existem placas indicando as saídas de emergência.		Camarins com sinalização visual afixada nas portas. (Fig.22)	 Fig.24			Manter a sinalização visual indicando as portas dos camarins.
	<p>CINEMA / TEATRO</p>			Planta baixa do teatro impressa indicando a localização das poltronas. (Fig.23)			Sempre que houver um novo espetáculo deve ser impresso layout das poltronas do teatro com informações visuais e táteis, a fim de orientar na escolha da poltrona.
		A sinalização indicando o local do cinema e teatro encontra-se mal localizada e afixada sobre vidro, sem contraste entre texto e fundo. (Fig.24)					Os suportes informativos devem estar em locais estratégicos, com boa legibilidade e visibilidade desde a chegada ao edifício e aos pavimentos.

Tabela 05– Tabela Síntese - Orientação (Sanitários)



Componente	Elemento Observado	Aspecto	Centro Cultural	Descrição	Ilustração	Usuário	Recomendação	
<p style="text-align: center;">ORIENTAÇÃO</p> 	<p style="text-align: center;">AUDITÓRIO</p>	+	CENTUR	<p>Presença de sinalização visual na entrada do auditório.</p>	 <p style="text-align: center;">Fig.30</p>		<p>Deve haver suportes informativos visuais e táteis localizados em pontos estratégicos, dentro do alcance visual e manual do usuário, que possibilitem a identificação do ambiente desde a chegada ao pavimento, e o conhecimento de sua programação.</p>	
		<p style="text-align: center;">-</p>	<p style="text-align: center;">CENTUR</p>	<p>Ausência de sinalização visual e tátil que permita a identificação do auditório desde a chegada ao pavimento. (Fig. 30)</p>	 <p style="text-align: center;">Fig.31</p>		<p>Sempre que houver situações que envolvam risco, como o desnível entre o palco e a plateia, e o início e término de rampas e escadas, deve-se instalar piso tátil de alerta. Deve-se instalar sinalização visual nas bordas dos degraus.</p>	
				<p>As placas informativas existentes possuem textos com fontes reduzidas e estão afixadas na parte superior das portas.</p>	 <p style="text-align: center;">Fig.32</p>		<p>Providenciar instalação de sinalização de emergência em pontos estratégicos e em maior quantidade, devido a dimensão do ambiente.</p>	
				<p>Não existe suporte informativo visual e tátil com a programação dos eventos do auditório.</p>	 <p style="text-align: center;">Fig.33</p>		<p>Instalar guias de balizamento com altura mínima de 5cm nas rampas e escadas que não possuem paredes laterais.</p>	
				<p>No desnível entre o palco e a plateia não existe sinalização tátil no piso.</p>	<p>Placas indicando as saídas de emergência mal localizadas e em quantidade insuficiente. (Fig. 32)</p>		<p>Sempre que possível, disponibilizar funcionários nos ambientes para informar os usuários.</p>	
		<p>Ausência de sinalização visual nos degraus e de piso tátil de alerta no início e término da rampa e escada de acesso ao palco. (Fig.31)</p>	<p>Ausência de guia de balizamento lateral na escada e rampa de acesso ao palco. (Fig.33)</p>					
	<p>Presença constante de funcionários para orientar os usuários.</p>							
	<p style="text-align: center;">BIBLIOTECA S</p>	+	CENTUR	<p>Presença constante de funcionários para orientar os usuários.</p>				

Tabela 07 – Tabela Síntese - Orientação (Auditório)

Componente	Elemento Observado	Aspecto	Centro Cultural	Descrição	Ilustração	Usuário	Recomendação
ORIENTAÇÃO 	BIBLIOTECAS	+	CENTUR	Presença de sinalização visual afixada nas portas indicando o nome dos ambientes. (Fig.34)			Manter suportes informativos visuais indicando o nome dos ambientes, os serviços, as atividades oferecidas e o material disponível.
				Presença de sinalização informando os setores e assuntos dos livros existentes. (Fig.35)			
				Na seção Braille, as estantes e livros possuem informações táteis e visuais.			Manter sinalização visual e tátil na seção Braille, possibilitando a utilização do material por pessoas com ou sem restrição visual.
				Ausência de sinalização ou suportes táteis indicando a localização da seção Braille. (Fig.36)			
				Sinalização visual mal localizada e com pouca visibilidade.			Providenciar instalação de suportes informativos em pontos estratégicos, com boa visibilidade e legibilidade, informando as atividades oferecidas nos ambientes.
				Ausência de suporte informativo indicando o funcionamento dos ambientes.			
				Sinalização afixada nas portas identificando o nome dos ambientes. (Fig.37)			
				Sinalização com nome do ambiente afixada no vidro sem contraste ente texto e fundo. (Fig38)			
	GALERIA DE ARTE E MUSEUS	+	CIC				
		-	CENTUR				

Tabela 08 – Tabela Síntese - Orientação (Galeria de Arte/Museu)

Componente	Elemento Observado	Aspecto	Centro Cultural	Descrição	Ilustração	Usuário	Recomendação	
<p style="text-align: center;">ORIENTAÇÃO</p> 	<p style="text-align: center;">GALERIA DE ARTE E MUSEUS</p>		CENTUR	Ausência de texto explicativo sobre cada obra em exposição. (Fig. 39)	 <p style="text-align: center;">Fig.39</p>		Providenciar instalação de títulos e textos explicativos com boa legibilidade, dentro do alcance visual do usuário, e impressos em Braille para a informação de usuários com restrição visual.	
			CIC	Textos com títulos das obras mal localizados, com pouca visibilidade e legibilidade. (Fig.40)			 <p style="text-align: center;">Fig.40</p>	
			CENTUR CIC	Ausência de piso tátil indicando a localização das obras.	 <p style="text-align: center;">Fig.41</p>			
				Ausência de dispositivos com explicações verbais sobre as obras expostas.				
	<p style="text-align: center;">CAFÉ MATISSE</p>		+		Presença de sinalização visual indicando a localização e o acesso do ambiente.	 <p style="text-align: center;">Fig.42</p>		Manter a sinalização visual e providenciar suportes informativos táteis indicando o nome, função e a localização do ambiente.
				CIC	Ausência de sinalização tátil identificando o ambiente. Ausência de suporte informativo visual e tátil com a lista e preços dos produtos. (Fig.42)			
	<p style="text-align: center;">SALAS DE AULA</p>		+		Sinalização afixada nas portas identificando o nome dos ambientes.	 <p style="text-align: center;">Fig.42</p>		Providenciar sinalização visual e tátil ao longo das circulações e nos sagüões, indicando a localização e as atividades realizadas nas salas de aula.
				CIC	Ausência de sinalização tátil indicando a localização, nome e horários das salas e atividades.			

Tabela 09 – Tabela Sínteses- Orientação (Café e Sala de Aula)

Componente	Elemento Observado	Aspecto	Centro Cultural	Descrição	Ilustração	Usuário	Recomendação
DESLOCAMENTO	ÁREAS DE ACESSO AO EDIFÍCIO	+	CENTUR	Existência de semáforos e faixas de travessia próximos ao edifício.			Manter semáforos e faixas onde houver travessia de pedestres.
			CIC	Presença de rampa de acesso próxima à entrada do edifício.			Sempre que houver desníveis, deve haver rampas adequadas para o deslocamento do cadeirante.
			CENTUR CIC	Presença de local para embarque e desembarque de passageiros próximo à entrada do edifício. (Fig.43)			Sempre que possível, deve haver espaço para embarque e desembarque de passageiros próximo ao edifício.
			CIC	Presença de vaga de estacionamento próxima ao edifício, destinada às pessoas com deficiência.			As vagas de estacionamento para pessoas com deficiência devem estar localizadas em rotas acessíveis e próximas a entrada principal do edifício.
			CIC	Ausência de rota acessível desde a vaga de estacionamento para pessoas com deficiência até a entrada do edifício. (Fig.44)			
		-	CIC	Ausência de semáforos e faixas de travessia próximos ao edifício.			Instalar semáforos e faixas onde houver travessia de pedestres.
				Passeios com pavimentação irregular e sem manutenção. (Fig.45)			Utilizar no passeio piso com material firme, regular e antiderrapante sob qualquer condição climática.
			CENTUR CIC	Presença de obstáculos nos passeios (vegetação, lixeiras, telefones públicos, placas, canteiros,...). (Fig.46)			Retirar os obstáculos dos passeios, relocal e alinhar os elementos urbanos (postes, sinalizações, telefones,...), de forma que deixe uma faixa livre de circulação com largura mínima de 1,20m.
				Ausência de rebaixamento nos passeios. (Fig.47)			Providenciar execução de rebaixamento dos passeios em ambos os lados da via, nivelados com o leito carroçável, sempre que houver faixas de travessia.

Tabela 10 – Tabela Síntese - Deslocamento (Área de acesso ao edifício)

Componente	Elemento Observado	Aspecto	Centro Cultural	Descrição	Ilustração	Usuário	Recomendação
DESLOCAMENTO 	ÁREAS DE ACESSO AO EDIFÍCIO		CENTUR	Presença apenas de escadas nos acessos principais ao edifício. (Fig.49)	 Fig.49		Providenciar a execução de rampas com piso firme, regular e antiderrapante e/ou instalação de equipamentos eletromecânicos (elevadores hidráulicos).
			CENTUR CIC	Ausência de rota acessível do passeio à entrada principal do edifício.	 Fig.50		Deve haver pelo menos uma rota acessível, ou seja, livre de obstáculos, entre o passeio e a entrada principal do edifício.
			CIC	Pista de veículo com inclinação inadequada utilizada como acesso de pedestres.	 Fig.51		Deve haver circulação exclusiva de pedestre para acessar o edifício.
			CENTUR CIC	Presença apenas de escadas no acesso secundário lateral do edifício. (Fig.50)	 Fig.50		Sempre que possível, as entradas secundárias dos edifícios devem ser acessíveis.
			CENTUR CIC	Presença de obstáculos na vaga de estacionamento destinada as pessoas com deficiência. (Fig.51)	 Fig.51		Retirar qualquer obstáculo que se encontre na vaga, possibilitando o deslocamento com segurança e conforto ate a entrada principal.
			CENTUR	Existência de acesso alternativo nas catracas de controle. (Fig.52)	 Fig.52		Manter acesso alternativo desobstruído e a presença de funcionário para auxílio.
			CENTUR CIC	Vãos de portas com larguras suficientes para o acesso de uma cadeira de rodas.	 Fig.52		Manter vãos das portas sem obstáculos e soleiras com altura máxima de 0,5cm.
			CENTUR CIC	Piso regular e nivelado.	 Fig.52		Manter o material do piso sempre firme, antiderrapante e regular.

Tabela 11 – Tabela Síntese – Deslocamento (Áreas de acesso ao edifício)

Componente	Elemento Observado	Aspecto	Centro Cultural	Descrição	Ilustração	Usuário	Recomendação
<p style="text-align: center;">DESLOCAMENTO</p> 	SAGUÕES	-	CENTUR CIC	Presença de obstáculos nos saguões (painéis informativos móveis). (Fig.53)			Retirar obstáculos das zonas de circulação dos saguões (painéis informativos).
			CENTUR CIC	Corredores com larguras adequadas. (Fig.54)			Corredores de uso público devem possuir largura suficiente para a passagem de duas cadeiras de rodas.
		CIC	Piso de material antiderrapante e regular.	Presença de telefone público e bebedouro fora da faixa de circulação.			O material do piso deve ser firme, antiderrapante e regular. Manter equipamentos como telefones, bebedouro e mobiliário fora da faixa de circulação.
		CENTUR CIC	Existência de degraus e outros obstáculos nas circulações (lixeiras, painéis informativos, caixas de ar condicionado,...). (Fig.55)			Executar rampas e retirar obstáculos (lixeiras, painéis) que prejudiquem ou impeçam o deslocamento nas zonas de circulação.	
	CIRCULAÇÃO VERTICAL	-	CIC	Piso de material escorregadio.	Existência de elevadores com espaço para manobra e giro de uma cadeira de rodas.		O material do piso deve ser firme, antiderrapante e regular. Sempre que possível, instalar elevadores em rotas acessíveis e com dimensionamento da cabina adequado para a manobra de uma cadeira de rodas.
			CENTUR	Presença de patamares nas mudanças de direção das rampas e escadas. (Fig.56)		Deve haver patamares, isentos de obstáculos, sempre que houver mudança de direção tanto nas escadas como nas rampas.	
		+	CENTUR CIC	Patamares isentos de obstáculos.			
							

Tabela 12 – Tabela Síntese – Deslocamento (Saguões)

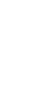
Componente	Elemento Observado	Aspecto	Centro Cultural	Descrição	Ilustração	Usuário	Recomendação
<b>DESLOCAMENTO</b> 	CIRCULAÇÃO VERTICAL           CINEMA / TEATRO	           	 	Piso da rampa de material antiderrapante e regular. Escadas com dimensões adequadas. Pavimentação das escadas com material liso, e com cor e textura pouco contrastante. (Fig.57) Ausência de corrimãos em ambos os lados da escada. (Fig.58)	 <p style="text-align: center;">Fig.57</p>  <p style="text-align: center;">Fig.58</p>  <p style="text-align: center;">Fig.59</p>  <p style="text-align: center;">Fig.60</p>	          	Utilizar piso de material firme, regular e antiderrapante. Executar escadas conforme as dimensões previstas na NBR 9050/04, utilizando material de piso rugoso, antiderrapante e com cor e textura contrastante com a do pavimento. Providenciar corrimãos em ambos os lados da escada.  Executar rampas conforme as inclinações dimensões previstas na NBR 9050/04.  Sempre que possível, deve haver mais de um tipo de circulação vertical, como rampas, escadas, elevadores, etc.  As bilheterias devem estar em locais com piso nivelado e isentos de obstáculos. Manter o piso do cinema e teatro, assim como de todos os outros ambientes, com material firme, regular e antiderrapante, sob qualquer condição. Manter a abertura das portas sempre para o lado de fora do ambiente, para facilitar o escoamento de pessoas.
			 	Rampa com inclinação inadequada. Presença apenas de rampa para acessar o 1º pavimento do edifício. (Fig.59) Ausência de equipamento eletromecânico vertical (plataformas, elevadores, etc.). As bilheterias do cinema e teatro estão localizadas em rota acessível.	 	Piso de material antiderrapante e firme. (Fig.60) Presença de portas de saída que abrem para o lado de fora do ambiente.	

Tabela 13 – Tabela Síntese – Deslocamento (Circulações)

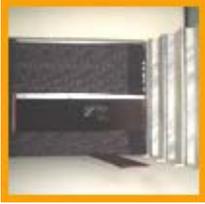
Componente	Elemento Observado	Aspecto	Centro Cultural	Descrição	Ilustração	Usuário	Recomendação	
DESLOCAMENTO	CINEMA / TEATRO	+	CENTUR	No teatro, os camarotes são nivelados com o pavimento de acesso.			Possibilitar o uso dos camarotes por pessoas com restrições físico-motoras, juntamente com um acompanhante.	
			CENTUR CIC	Patamar de entrada dos ambientes é nivelado com o piso da circulação externa.			Manter piso nivelado entre a circulação e as entradas dos ambientes.	
			CIC	Presença de uma rota livre de obstáculos entre os camarins e o palco.		 	Entre os camarins e o palco deve haver uma rota isenta de obstáculos, facilitando a circulação dos usuários.	
		CENTUR	Ausência de uma rota livre de obstáculos, interligando os camarins ao palco. (Fig.61)		 		Executar rampas com piso firme e antiderrapante e com corrimãos, para vencer os desníveis existentes no interior dos ambientes.	
		CENTUR CIC	Presença de degraus para vencer os desníveis dentro dos ambientes. (Fig.62)				Para vencer o desnível entre platéia e palco deve haver rampas, conforme a NBR9050/04, ou dispositivos como plataformas e elevadores hidráulicos.	
		CIC	Rampa de acesso ao palco do cinema com largura inadequada e mal localizada.		 		Providenciar alargamento das portas nos banheiro, possibilitando a circulação de uma cadeira de rodas.	
		CENTUR CIC	Ausência de rampa de acesso entre o palco e a platéia do teatro. (Fig.63)					Retirar das faixas de circulação qualquer tipo de elemento suspenso que possua altura inferior a 2,10m do piso.
		CIC	Portas dos banheiros dos camarins com larguras inadequadas.					
		CIC	Presença de elemento suspenso decorativo no foyer do teatro com altura inadequada. (Fig.64)					

Tabela 14 – Tabela Síntese – Deslocamento (Cinema /Teatro)

Componente	Elemento Observado	Aspecto	Centro Cultural	Descrição	Ilustração	Usuário	Recomendação
<b>DESLOCAMENTO</b> 	AUDITORIO			Circulações internas com dimensões adequadas.			Manter as circulações do auditório com larguras adequadas, isentas de obstáculos e com material de piso regular e antiderrapante.
				As portas de saída abrem para o lado de dentro do ambiente.			Providenciar abertura das portas de saída para o lado externo do ambiente.
	BIBLIOTECAS			Balcões de atendimento localizados em rotas livres de obstáculos.			Manter os balcões de atendimento sempre em rotas livres de obstáculos.
				O lay-out das mesas dificulta a circulação de uma cadeira de rodas. (Fig.65) Presença de obstáculos nas zonas de circulação (estantes, painéis, revisteiros,...). (Fig.66) Ausência de espaço para circulação e manobra de uma cadeira de rodas, entre as estantes. (Fig.67)			Reorganizar o lay-out das mesas, deixando espaço adequado para circulação. Relocar elementos, como as estantes e revisteiros, de forma que fiquem fora das zonas de circulação. Providenciar espaço para a circulação e manobra de uma cadeira de rodas entre as estantes de livros.
	GALERIA DE ARTE E MUSEUS			Ambientes amplos com circulações internas com dimensões adequadas. (Fig.68) Piso nivelado e com material firme e regular no interior do ambiente.			Manter as circulações dos ambientes com larguras adequadas e isentas de obstáculos e com material de piso regular e antiderrapante.

Tabela 15 – Tabela Síntese – Deslocamento (Auditório)

Componente	Elemento Observado	Aspecto	Centro Cultural	Descrição	Ilustração	Usuário	Recomendação
<b>DESLOCAMENTO</b> 	GALERIA DE ARTE E MUSEUS			As portas dos ambientes possuem vãos com larguras adequadas.			As portas devem possuir vãos livres mínimos de 80cm.
				Portas com vãos estreitos. (Fig.69)			Instalar rampa para vencer o desnível na entrada principal da galeria.
	SANITÁRIOS e SANITÁRIOS PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA			Os sanitários para pessoas com deficiência se encontram em uma rota acessível. Existência de área de circulação e manobra dentro dos sanitários para pessoas com deficiência. (Fig.71)			Mantém os sanitários em rotas acessíveis e com dimensões adequadas que possibilitem a circulação e manobra de uma cadeira de rodas.
				Ausência de sanitários adaptados para pessoas com restrições físico-motoras.			Instalar no edifício, pelo menos um conjunto de sanitários feminino e masculino, acessível a pessoas com restrições.
	CAFÉ MATISSE			Presença de acesso secundário nivelado.			Os ambientes devem possuir pelo menos uma entrada acessível para usuários com cadeiras de rodas.
				Presença de desníveis para acessar o ambiente. (Fig.72)			Executar rampas com piso firme e antiderrapante, para vencer os desníveis existentes no interior dos ambientes.

Tabela 16 – Tabela Síntese – Deslocamento (Galeria de arte / Museu)

Componente	Elemento Observado	Aspecto	Centro Cultural	Descrição	Ilustração	Usuário	Recomendação
<p>DESLOCAMENTO</p> 	CAFÉ MATISSE	-	CIC	Ausência de espaço suficiente para circulação entre o mobiliário. (Fig.73)			Reorganizar o layout do mobiliário, de modo que não prejudique a circulação dos usuários, principalmente com restrições físico-motoras e visuais.
				Mobiliário localizado dentro da faixa de circulação. (Fig.74)			Manter as portas com vãos livres mínimos de 80cm, possibilitando a passagem de um cadeirante.
	SALAS DE AULA	+	CIC	As portas dos ambientes possuem vãos com larguras adequadas. (Fig.75)			Manter pisos nivelados e isentos de obstáculos
				Piso nivelado e de material antiderrapante.			Reorganizar o layout do mobiliário, de modo que não prejudique a circulação dos usuários, principalmente com restrições físico-motoras e visuais.

Tabela 17 – Tabela Síntese – Deslocamento (Café e sala de aula)

Componente	Elemento Observado	Aspecto	Centro Cultural	Descrição	Ilustração	Usuário	Recomendação
 USO	ÁREAS DE ACESSO AO EDIFÍCIO	+	CENTUR	As escadas de acesso ao edifício possuem corrimãos em ambos os lados e degraus com dimensões conforme a NBR9050/04.			Manter as escadas de acesso com dimensões conforme a NBR 9050/04, com corrimãos em ambos os lados e espelhos fechados.
			CENTUR CIC	Existem vagas de estacionamento destinadas às pessoas com deficiência.			As vagas devem estar localizadas próximas a entrada do edifício, possuir espaço para circulação e transferência de uma cadeira de rodas e devem ser isentas de obstáculos.
		-	CENTUR CIC	As vagas de estacionamento destinadas às pessoas com deficiência não possuem espaço para circulação e transferência. (Fig.77)			Instalar corrimãos nas escadas a uma altura de 92cm do piso medido de sua geratriz superior.
			CENTUR	Presença de obstáculos dificultando o uso das vagas.			Providenciar instalação de bancos de descanso ao longo dos pátios e halls.
			CIC	Os corrimãos nas escadas estão instalados com alturas inadequadas.			Instalar rampas conforme a NBR9050/04.
			CENTUR CIC	Ausência de corrimãos na escadaria externa. (Fig.78)			Sempre que possível, deve haver mobiliário para espera nos saguões do edifício.
	SAGUÕES	+	CIC	Bancos de descanso em quantidade insuficiente.			Manter os telefones públicos instalados conforme a NBR 9050/04
			CENTUR CIC	Rampa de acesso com inclinação inadequada. (Fig.79)			Sempre que possível, deve haver superfície de apoio junto ao telefone, dentro do alcance visual e manual de um cadeirante ou pessoa de baixa estatura.
			CIC	Presença de mobiliário para espera.			Deve haver balcões de atendimento com área de aproximação e altura adequada para o uso de um cadeirante ou pessoa de baixa estatura.
		-	CIC	Telefone publico em altura adequada e com área de aproximação. (Fig.80)			
			CENTUR	Presença de apoios para objetos pessoais nas cabinas de telefone.			
			CIC	Ausência de superfície de apoio para objetos pessoais junto ao telefone publico.			

Tabela 18 – Tabela Síntese – Uso (Áreas de acesso ao edifício)

Componente	Elemento Observado	Aspecto	Centro Cultural	Descrição	Ilustração	Usuário	Recomendação		
	SAGUÕES	+	CIC	Presença de mobiliário com dimensões inadequadas.	 Fig.82		Providenciar mobiliário com dimensões confortáveis possibilitando o uso de idosos, obesos, entre outros.		
			CENTUR CIC	Ausência de espaço para cadeirantes e assentos para obesos junto ao mobiliário de espera.	 Fig.83		Providenciar espaço para estacionar uma cadeira de rodas e assentos maiores para pessoas obesas. Instalar telefones acessíveis (altura max. 1,20m e altura livre inferior min. de 73cm) e bebedouros com área de aproximação lateral e altura máxima de 90cm.		
		-	CENTUR CIC	Ausência de telefones e bebedouros acessíveis para cadeirantes e pessoas com baixa estatura. (Fig.82)	 Fig.84		Instalar suportes informativos táteis dentro da faixa de alcance manual do usuário e textos com fontes ampliadas para o uso de pessoas com baixa visão.		
				Ausência de informações táteis quanto ao uso dos telefones. (Fig.83) Presença de informações visuais nos telefones com pouca legibilidade. (Fig.84)	 Fig.85		Deve haver telefones com amplificador de sinais para o uso de pessoas com restrições auditivas.		
		CIRCULAÇÃO HORIZONTAL		+	CENTUR	Ausência de telefones com amplificador de sinais.	 Fig.86		Instalar portas com acionamento de abertura automático ou de material mais leve, com largura min. de 80cm, e maçanetas do tipo alavanca (com altura de 90 à 1,10m do piso), possibilitando o uso de pessoas com restrições físico-motoras.
					CENTUR CIC	As portas das cabinas telefônicas são pesadas, com maçanetas tipo bola e vãos com dimensões inadequadas. (Fig.85)			Instalar portas com acionamento de abertura automático ou de material mais leve, com largura min. de 80cm, e maçanetas do tipo alavanca (com altura de 90 à 1,10m do piso), possibilitando o uso de pessoas com restrições físico-motoras.
				-	CENTUR CIC	Presença de portas com maçanetas tipo bola.			
					CENTUR	Presença de portas de vidro pesadas. (Fig.86)			

Tabela 19 – Tabela Síntese – Uso (Saguões)

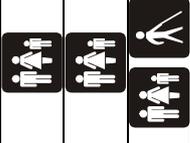
Componente	Elemento Observado	Aspecto	Centro Cultural	Descrição	Ilustração	Usuário	Recomendação						
 OSN	CIRCULAÇÃO VERTICAL	+	CENTUR	As escadas possuem medidas conforme a norma	 Fig.87		Manter as escadas com dimensões conforme a NBR 9050/04, com corrimãos em ambos os lados, espelhos fechados, e patamares isentos de obstáculos.						
				As escadas possuem degraus fechados. (Fig.87)			 Fig.88		Manter os comandos de emergência agrupados na parte inferior da botoeira no interior do elevador.				
				Ausência de obstáculos nos patamares das escadas.					 Fig.89		Instalar os botões de chamada a uma altura de 90cm a 1,10m do piso, e providenciar sinalização tátil de identificação.		
				Presença de comandos de emergência agrupados na parte inferior da botoeira dos elevadores.							 Fig.90		A botoeira deve estar localizada no lado direito de quem está de frente para o elevador, ser de material contrastante e possuir marcação em Braille correspondente.
				Botões de chamada dos elevadores com alturas inadequadas e sem sinalização tátil adjacente.									 Fig.91
		Ausência de sinalização tátil na botoeira do interior da cabina do elevador.	-	CENTUR CIC	Ausência de corrimãos em ambos os lados das escadas e rampas. (Fig.89)	 Fig.90		Providenciar instalação de guarda corpos e corrimãos em ambos os lados das escadas e rampas, com alturas, dimensões e prolongamento conforme a NBR 9050/04, de material não cortante e isentos de arestas.					
		Ausência de contraste no material utilizado na botoeira interna do elevador. (Fig.88)			 Fig.91				Ausência de barras fixas de apoio dentro do elevador.				
		Ausência de corrimãos em ambos os lados das escadas e rampas. (Fig.89)							 Fig.91		Os corrimãos estão instalados a uma altura superior a recomendada e não possuem prolongamento. (Fig.90)		
		Os corrimãos possuem seção retangular.									 Fig.91		Os corrimãos possuem seção retangular.
		Guarda corpo com arestas e de material cortante.(Fig.91)											 Fig.91
Guarda corpo com altura inadequada.	 Fig.91		Guarda corpo com altura inadequada.										

Tabela 20 – Tabela Síntese – Uso (Circulações)

Componente	Elemento Observado	Aspecto	Centro Cultural	Descrição	Ilustração	Usuário	Recomendação	
USO	CIRCULAÇÃO VERTICAL	-	CENTUR	Ausência de destaque indicando a localização do alarme de incêndio. (Fig.92)	 <p>Fig.92</p>		Os alarmes devem estar instalados em locais visíveis e de destaque entre os demais elementos.	
				Presença de maçanetas tipo alavanca nos boxes do sanitário.			 <p>Fig.93</p>	
USO	SANITÁRIOS E SANITÁRIOS PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA	+	CENTUR CIC	Presença de espelhos instalados com alturas adequadas.	 <p>Fig.94</p>			
				Existência de cabides no interior dos boxes.				Sempre que possível, deve haver cabides para pendurar objetos pessoais.
				A distribuição dos aparelhos e peças no sanitário para pessoas com deficiência permite o uso de um cadeirante. (Fig.93)				
				Os acessórios (toalheiro, saboneteira, espelho,...) dos sanitários para deficientes estão dentro da faixa de alcance. (Fig.94)				
Presença de prateleira de apoio para objetos pessoais no sanitário para pessoas com deficiência	CENTUR	-	Ausência de sanitários destinados às pessoas com deficiência.	 <p>Fig.95</p>		Os vãos das portas devem possuir no mínimo 80cm de largura, possibilitando a passagem de uma cadeira de rodas. (Fig.95)		
Boxes com vãos insuficientes para passagem de uma cadeira de rodas. (Fig.95)			CENTUR CIC					

Tabela 21 – Tabela Síntese – Uso (Circulações e Sanitários)

Componente	Elemento Observado	Aspecto	Centro Cultural	Descrição	Ilustração	Usuário	Recomendação											
 USO	SANITÁRIOS E SANITÁRIOS PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA			Presença de torneira tipo cruz.	 Fig.96		Instalar torneiras de pressão, com sensores ou do tipo alavanca para facilitar o uso por pessoas com restrições físico-motoras.											
				Os acessórios (toalheiro, saboneteira, etc) estão em quantidades insuficientes e instalados fora da faixa de alcance manual. (Fig.96)			 Fig.97	 	Providenciar maior quantidade de acessórios nos sanitários e instalá-los dentro da faixa de alcance manual confortável, a uma altura de 80cm a 1,20m do piso.									
				Barras de apoio afixadas com altura e posição inadequadas. (Fig.97)					 Fig.98		Instalar barras de apoio nas laterais e no fundo do vaso sanitário, a uma altura de 75cm do piso, com comprimento mínimo de 80cm.							
				Vaso sanitário para pessoas com deficiência com altura inadequada.							 Fig.99		Providenciar instalação de assento no vaso sanitário, a uma altura de 46cm do piso.					
				Ausência de sanitários para pessoas com deficiência no 1º pavimento. (Fig.98)									 Fig.100		Instalar um conjunto de sanitários acessíveis no 1º pavimento do edifício.			
				Mobiliário dos camarins com alturas adequadas e com área de aproximação frontal. (Fig.99)												Manter mobiliário dos camarins com dimensões acessíveis para um cadeirante.		
				Bilheterias com altura adequada.												 	As bilheterias devem estar a uma altura máxima de 1,05m do piso e possuir área de aproximação para uma cadeira de rodas (largura min. 90cm, profundidade min. 30cm e altura livre inferior min. 73cm).	
			 	Ausência de área para aproximação nas bilheterias. (Fig.100)													 	Providenciar poltronas identificadas próximas ao palco e/ou tela, para o uso por pessoas com baixa visão e restrições auditivas.
				Ausência de poltronas próximas ao palco/tela para pessoas com restrições visuais e auditivas.														

Tabela 22 – Tabela Síntese – Uso (Sanitários)

Componente	Elemento Observado	Aspecto	Centro Cultural	Descrição	Ilustração	Usuário	Recomendação	
 	CINEMA / TEATRO		CENTUR CIC	Ausência de espaços destinados a cadeirantes. (Fig. 101)	 <p>Fig. 101</p>		Providenciar espaços para cadeira de rodas com dimensões mínimas de 80cm por 1,20m, acrescido de 30cm de largura na frente, atrás ou em ambas as posições.	
				Ausência de poltronas destinadas às pessoas com mobilidade reduzida e obesas.			 <p>Fig. 102</p>	 
			CIC	Ausência de espaço destinado à acomodação de um cão guia.	 <p>Fig. 103</p>		Providenciar espaço destinado para acomodação de um cão guia.	
				Ausência de vão livre com medidas inadequadas entre as fileiras das poltronas. (Fig. 102)				Providenciar espaço livre frontal de no mínimo 60cm entre as fileiras das poltronas.
			CENTUR CIC		Escadas com degraus inadequados e sem corrimãos. (Fig. 103)	 <p>Fig. 104</p>		Instalar escadas com dimensões conforme a NBR 9050/04 (espelho com altura entre 16 e 18cm e pisos com profundidade entre 28 e 32cm) e com corrimãos em ambos os lados.
					Ausência de dispositivo de áudio descrição para pessoas com restrições visuais.			Implantar sistema de áudio descrição com fones de ouvido individuais, possibilitando o uso dos ambientes por pessoas com restrições visuais.
			CENTUR	Mobiliário do s camarins sem área para aproximação frontal. (Fig. 104)		O mobiliário dos camarins deve possuir área de aproximação frontal e os acessórios devem estar dentro da faixa de alcance manual e visual de uma pessoa de baixa estatura e em cadeira de rodas.		
			CIC	Presença de espelhos e cabides instalados com altura inadequada.		 		

Tabela 23 – Tabela Síntese – Uso (Cinema / Teatro)

Componente	Elemento Observado	Aspecto	Centro Cultural	Descrição	Ilustração	Usuário	Recomendação
 USO	CINEMA / TEATRO/ AUDITÓRIO			Ausência de corrimãos e balizas laterais na escada e na rampa de acesso ao palco do auditório. (Fig.105)	 Fig. 105		Instalar corrimãos em ambos os lados das escadas (altura de 92cm do piso medido de sua geratriz superior), e providenciar balizas laterais de no mínimo 5cm de altura, garantindo o uso seguro por pessoas com restrições visuais.
				No auditório, existem poltronas distantes do palco, fora do alcance visual do usuário. (Fig.106)	 Fig. 106		Instalar mobiliário com dimensões adequadas e confortáveis para o uso de pessoas com restrições físico-motoras.
				Balcão da bomboniere do teatro com altura inadequada e sem área para aproximação	 Fig. 107		Providenciar balcões de atendimento com uma parte de no mínimo 90cm de largura, altura máxima de 90cm do piso, altura inferior livre de no mínimo 73cm e profundidade livre mínima de 30cm.
				Ausência de cardápio em Braille.	 Fig. 108		Elaborar cardápio em Braille para usuários com restrições visuais.
	BIBLIOTECAS			Presença de mobiliário com dimensões adequadas nas cabines de estudo. (Fig.108)		Manter as cabinas de estudo com altura inferior livre mínima de 73cm, altura máxima da superfície de 85cm e profundidade mínima livre de 50cm.	

Tabela 24 – Tabela Síntese – Uso (Biblioteca)

Componente	Elemento Observado	Aspecto	Centro Cultural	Descrição	Ilustração	Usuário	Recomendação
USO 	BIBLIOTECAS	+	CENTUR	Existência de mobiliário com medidas antropométricas para crianças. (Fig. 109)			Sempre que houver atividades infantis, o mobiliário deve estar de acordo com as medidas antropométricas de uma criança.
				Mesas acessíveis a cadeirantes. (Fig. 110)			As mesas de estudo devem possuir altura inferior livre mínima de 73cm, altura máxima da superfície de 85cm e profundidade mínima livre de 50cm.
		-		Ausência de área de aproximação frontal nos balcões de atendimento.			Providenciar balcões de atendimento com uma parte de no mínimo 90cm de largura, altura máxima de 90cm do piso, altura inferior livre de no mínimo 73cm e profundidade livre mínima de 30cm.
			CENTUR	Presença de fichários e estantes com altura fora da faixa de alcance manual e visual. (Fig.111)			Providenciar instalação de fichários e estantes com altura máxima de 1,20m do piso.
	GALERIA DE ARTE E MUSEUS	+	CENTUR	Obras de arte instaladas dentro da faixa de alcance visual. (Fig.112)			Manter as obras em exposição instaladas dentro da faixa de alcance visual de um cadeirante e de pessoas com baixa estatura.
			CIC	Presença de moveis expositores com altura inadequada. (Fig. 113)			Instalar móveis expositores com altura máxima de 1,05m do piso, possibilitando a visualização de um cadeirante e de pessoas com baixa estatura.
		-	CENTUR	Presença de portas pesadas e com larguras inadequadas.			Providenciar portas com vãos mínimos de 80cm e de material mais leve, possibilitando o uso de pessoas com restrições físico-motoras.

Tabela 25 – Tabela Síntese – Uso (Galeria de Arte/ Museu)

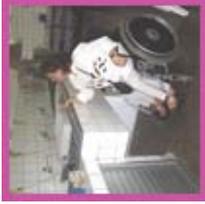
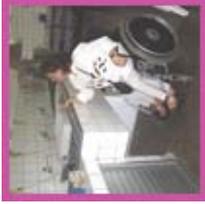
Componente	Elemento Observado	Aspecto	Centro Cultural	Descrição	Ilustração	Usuário	Recomendação
	CAFÉ MATISSE	+	CIC	Presença de mesas acessíveis com altura, largura e profundidade adequadas. (Fig.114)			Manter as mesas acessíveis ao usuário em cadeira de rodas.
				Balcão de atendimento com altura inadequada e sem área de aproximação frontal. (Fig115)			Providenciar balcões de atendimento com uma parte de no mínimo 90cm de largura, altura máxima de 90cm do piso, altura inferior livre de no mínimo 73cm e profundidade livre mínima de 30cm.
		-	CIC	Ausência de cardápios e lista de preços em Braille.			Elaborar cardápio em Braille para usuários com restrições visuais.
				Presença de mobiliário e equipamentos (revisteiro e freezer) fora da faixa de alcance manual e sem área de aproximação frontal para um cadeirante. (Fig.116)			Instalar prateleiras com altura máxima de 1,20m do piso, e equipamentos (freezer) com área de aproximação frontal e altura máxima de 90cm do piso.
				Portas das salas com dimensões adequadas.			Manter os vãos das portas com larguras mínimas de 80cm.
	SALAS DE AULA	+	CIC	Portas com maçanetas tipo bola.			Instalar maçanetas do tipo alavanca a uma altura entre 90cm e 1,10m do piso.
				Bancada de trabalho fora do alcance manual de um cadeirante ou pessoa de baixa estatura. (Fig. 117)			As bancadas de trabalho devem possuir altura máxima de 90cm do piso, altura inferior livre de no mínimo 73cm e profundidade livre mínima de 30cm.
		-	CIC	Ausência de mesas adaptadas para um cadeirante. (Fig.118)			Providenciar mesas de estudo com altura inferior livre mínima de 73cm, altura máxima da superfície de 85cm e profundidade mínima livre de 50cm.
				Ausência de manuais de informações em Braille sobre os elementos e materiais encontrados nas salas de aula.			Providenciar elaboração de manuais em Braille e textos com fontes ampliadas, para auxiliar alunos com restrições visuais e utilização dos materiais e equipamentos.

Tabela 26 – Tabela Síntese – Uso (Café e Sala de aula)

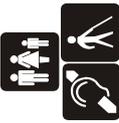
Componente	Elemento Observado	Aspecto	Centro Cultural	Descrição	Ilustração	Usuário	Recomendação		
<p style="text-align: center;">COMUNICAÇÃO</p> 	SAGUÕES			Ausência de tecnologia assistiva que permita a comunicação do surdo e/ou mudo com os funcionários.	 <p style="text-align: center;">Fig. 119</p>		Providenciar instalação de algum tipo de tecnologia assistiva, como terminais de computador, que permita a comunicação de pessoas surdas e /ou mudas com os funcionários do centro cultural		
				Ausência de funcionários capacitados (intérpretes) para o atendimento de usuários com restrições auditivas (Fig.119).			 <p style="text-align: center;">Fig.120</p>		Capacitar alguns funcionários (curso de intérpretes de Libras) para o atendimento de pessoas com restrições auditivas.
				Ausência de telefone público que transmita mensagem de texto.					Instalar, se possível, telefone público que transmita mensagens de texto.
	CIRCULAÇÃO HORIZONTAL/ SANITÁRIOS/ MUSEUS			Ausência de sistema de alarme simultaneamente luminoso e sonoro ao longo das circulações e nos ambientes (Fig. 120).	 <p style="text-align: center;">Fig.120</p>		Providenciar instalação de sistema de alarme simultaneamente luminoso e sonoro, que comunique a todos os usuários, inclusive pessoas com restrições auditivas e visuais, situações de emergência.		
				Ausência de sistema de alarme simultaneamente luminoso e sonoro ao longo das circulações.			Instalar videofones dentro e fora das cabinas do elevador, possibilitando a comunicação dos usuários, inclusive surdos e /ou mudos, em caso de emergência.		
	CIRCULAÇÃO VERTICAL			Ausência de meio de comunicação de duas vias (interfones / videofones) instalados dentro e fora dos elevadores (Fig. 121).	 <p style="text-align: center;">Fig.121</p>		Instalar videofones dentro e fora das cabinas do elevador, possibilitando a comunicação dos usuários, inclusive surdos e /ou mudos, em caso de emergência.		
				Ausência de local no palco destinado a intérpretes de LIBRAS.			Providenciar espaços no palco destinados a intérpretes de Libras com boa visualização e iluminação.		
	CINEMA / TEATRO/ AUDITÓRIO			Ausência de sistema de alarme simultaneamente luminoso e sonoro no ambiente.			Providenciar instalação de sistema de alarme simultaneamente luminoso e sonoro, que comunique situações de emergência.		

Tabela 27 – Tabela Síntese – Comunicação (Áreas de acesso ao edifício)

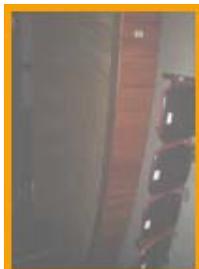
Componente	Elemento Observado	Aspecto	Centro Cultural	Descrição	Ilustração	Usuário	Recomendação		
<p style="text-align: center;">COMUNICAÇÃO</p> 	<p style="text-align: center;">CINEMA / TEATRO/ AUDITÓRIO</p>		<p style="text-align: center;"><b>CENTUR CIC</b></p>	Ausência de local no palco destinado a intérpretes de LIBRAS (Fig.122).	 <p style="text-align: center;">Fig.122</p>		Providenciar espaços no palco destinados a intérpretes de Libras com boa visualização e iluminação.		
				Ausência de equipamentos de informação sonora e sistemas de tradução em tempo real.			 <p style="text-align: center;">Fig.123</p>		Implantar sistema sonoro de tradução em tempo real, tanto nos filmes, como nos espetáculos teatrais, possibilitando a participação de usuários com restrição visual e iletrados.
				Ausência de sistema de legenda em tempo real.					
	<p style="text-align: center;">CAFÉ MATISSE</p>		<p style="text-align: center;"><b>CIC</b></p>	Ausência de dispositivo sonoro e luminoso que indique o início e intervalos dos espetáculos (Fig.123).	 <p style="text-align: center;">Fig.124</p>		Instalar dispositivo sonoro e luminoso no hall do cinema e do teatro, indicando o momento do início e intervalos dos filmes e espetáculos, principalmente para pessoas com restrições visuais e auditivas.		
				Ausência de tecnologia assistiva que permita a comunicação do surdo e/ou mudo com os funcionários.				Providenciar instalação de algum tipo de tecnologia assistiva, como terminais de computador, que permita a comunicação de pessoas com surdas e /ou mudas com os funcionários.	
				Ausência de funcionários capacitados (intérpretes) para o atendimento de usuários com restrições auditivas (Fig.124).				Capacitar alguns funcionários (curso de intérpretes de Libras) para o atendimento de pessoas com restrições auditivas.	
<p style="text-align: center;">SALAS DE AULA</p>		<p style="text-align: center;"><b>CIC</b></p>	Ausência de sistema de alarme simultaneamente luminoso e sonoro ao nos ambientes.		Ausência de sistema de alarme simultaneamente luminoso e sonoro dentro dos ambientes.				
			Ausência de dispositivo sonoro e visual que indique o início e intervalos das aulas.		Instalar dispositivo sonoro e luminoso nas salas de aula e nas circulações, indicando o início e intervalos das atividades.				

Tabela 28 – Tabela Síntese – Comunicação (Cinema / Teatro/ Auditório)

## **CAPÍTULO 06: PRINCÍPIOS PARA ACESSIBILIDADE**

### **EM CENTRO CULTURAL**

#### **6.1 INTRODUÇÃO**

Com intuito de contribuir efetivamente para a elaboração de futuros projetos de centros culturais, são apresentados a seguir princípios projetuais, que visam promover e garantir a acessibilidade espacial em edifícios destinados à cultura.

A partir da análise das situações encontradas nos dois edifícios em estudo, e na sistematização dos aspectos positivos e negativos, foram definidos critérios gerais para a elaboração dos princípios.

Os critérios estabelecem como a aplicação dos princípios possibilitará a inclusão e integração de pessoas com restrições em centros culturais. Tais critérios foram baseados em Dischinger *et al* (2004), sendo estes:

##### **a) Direito à equidade e participação**

Os ambientes de um centro cultural devem ser projetados de forma a garantir a acessibilidade para todos os seus usuários, promovendo a inclusão social e a interação entre indivíduos com condições físicas, cognitivas e sensoriais diferentes. Assim, ambientes e equipamentos adaptados e que garantam a acessibilidade devem estar junto aos demais, possibilitando a participação e uso independente por pessoas com habilidades diversas, impedindo a segregação ou estigmatização dos usuários.

##### **b) Direito à independência**

Todos os ambientes de um centro cultural – cinema, teatro, biblioteca, auditório, etc... - e seus componentes – poltronas, estantes, pisos, palcos, etc... – devem permitir que os usuários desempenhem e participem das atividades com independência. Devem-se prover, sempre, condições para a independência de usuários com algum tipo de restrição. Caso o mesmo esteja impossibilitado de realizar uma atividade de forma independente, deve ser previsto um acompanhante.

##### **c) Direito ao conforto e segurança**

O desenho dos ambientes e seus equipamentos devem minimizar os riscos, o cansaço, reduzir o esforço físico e evitar acidentes. Assim, devem possibilitar o uso e desempenho das atividades com conforto e segurança, de acordo com as necessidades de cada indivíduo. Devem também ser eliminados ou isolados elementos perigosos e sinalizadas corretamente situações de risco como desníveis, degraus, entre outras.

#### **d) Direito à informação espacial**

Todos os usuários, independente de suas habilidades, devem possuir acesso à informação espacial necessária para a compreensão, orientação e uso dos espaços. A informação espacial pode ser a partir de elementos arquitetônicos ou adicionais (mapas, totens, sinalizações, etc...) do tipo visual, tátil e sonora, possibilitando também a orientação de usuários com algum tipo de restrição.

### **6.2 PRINCÍPIOS PROJETUAIS**

A seguir, são apresentados os princípios que têm como objetivo orientar arquitetos e engenheiros na elaboração de projetos de centros culturais, garantindo o acesso e participação de todos os seus usuários.

Cabe salientar que, apesar da aplicação dos princípios, é importante observar o contexto local e a especificidade de cada caso. Deve-se considerar que, devido à complexidade dos problemas, a promoção da acessibilidade em edifícios destinados à cultura exigirá um trabalho multidisciplinar, composto por arquitetos, engenheiros, administradores do local, arte-educadores, e os próprios usuários, com e sem deficiências.

#### **PRINCÍPIO 1: ACESSO AO EDIFÍCIO**

- 1.1 Os percursos externos existentes até a(s) entrada(s) do centro cultural – desde a via pública, passeios, pátios e estacionamentos – devem garantir condições de conforto e segurança para os usuários. As dimensões, o tratamento do piso, a declividade dos passeios, os rebaixamentos, as sinalizações visuais, táteis e sonoras, devem seguir a NBR 9050/04.
- 1.2 Devem existir semáforos com dispositivo sonoro e rebaixamentos de guias em ambos os lados da via pública para facilitar a travessia do pedestre.
- 1.3 Os passeios que levam até a entrada do edifício devem seguir os aspectos estabelecidos pela NBR 9050/04. Devem-se instalar pisos táteis para indicar situações de perigo, informações quanto à mudança de direção e a localização do edifício e seus acessos principais.
- 1.4 Devem-se utilizar elementos decorativos e arquitetônicos que sirvam de referenciais e contribuam para a orientação do usuário na identificação do edifício e seus acessos.
- 1.5 Deve haver, ao menos, uma rota acessível, ou seja, isenta de obstáculos, entre o passeio e a entrada principal do edifício.
- 1.6 Devem estar previstos: local para embarque e desembarque próximo a entrada principal do centro cultural, e, pelo menos, uma vaga destinada as pessoas com deficiência também próxima a este acesso, com espaço adequado para a circulação e transferência de uma cadeira de rodas. A vaga preferencial deve estar vinculada a uma rota acessível que permita o deslocamento com conforto e segurança, e deve ser de fácil identificação.

- 1.7 Deve haver suporte informativo visual e tátil em pontos estratégicos indicando o nome e os acessos principais do centro cultural.

## **PRINCÍPIO 2: CIRCULAÇÕES**

- 2.1 Todas as circulações, tanto externas quanto internas, devem garantir condições de acessibilidade, evitando interrupções e descontinuidade. As circulações devem conectar todos os ambientes do centro cultural, garantindo conforto e segurança no deslocamento do usuário. Com relação aos ambientes, todos devem possuir pelo menos uma entrada acessível, conforme a NBR 9050/04.
- 2.2 As circulações horizontais devem seguir o que a NBR 9050/04 estabelece quanto às dimensões, declividade e tratamento do piso. Devem prever marcações no piso indicando o acesso aos ambientes, e a presença de material informativo, como sinalizações e mapas táteis. Deve-se utilizar contraste de cor entre os planos do piso e da parede, possibilitando a melhor percepção do espaço por pessoas com baixa visão.
- 2.3 As circulações verticais – rampas, escadas ou elevadores – devem ser identificados visualmente ou por informações adicionais (placas informativas) desde a entrada do edifício.
- 2.4 As escadas e rampas devem ser executadas conforme as dimensões e declividades previstas na NBR 9050/04, utilizando material de piso rugoso, antiderrapante e com cor e textura contrastante com a do piso do pavimento. Além disso, deve haver corrimãos, instalados a duas alturas, em ambos os lados da circulação.
- 2.5 Os elevadores devem ser instalados em rotas acessíveis e devem seguir aspectos estabelecidos pela norma, como dimensionamento adequado da cabina possibilitando a manobra de uma cadeira de rodas, implantação de sistema automático com anúncio verbal indicando o pavimento em que a cabina encontra-se parada, sistema de dispositivo sonoro e luminoso indicando o sentido da cabina e as chamadas registradas, entre outros.
- 2.6 Próximos às escadas, devem existir rampas e elevadores, garantindo a acessibilidade independente a todos os usuários evitando segregação.
- 2.7 Deve-se instalar piso tátil de alerta próximo à entrada dos elevadores, no início e término de rampas e escadas, e quando houver obstáculos ao longo das circulações.

## **PRINCÍPIO 3: USO DE AMBIENTES E EQUIPAMENTOS**

- 3.1 Os ambientes e equipamentos existentes no centro cultural devem possibilitar a utilização e participação de todos os seus usuários, com conforto e segurança, possibilitando a inclusão de pessoas com restrições nas diversas atividades.
- 3.2 Todos os ambientes devem possuir, ao menos, uma entrada com dimensões previstas na norma e circulações internas acessíveis.

- 3.3 Deve existir informação visual, tátil e sonora indicando a localização e uso correto dos ambientes e equipamentos existentes no centro cultural.
- 3.4 Deve existir, ao menos, um conjunto de sanitários feminino e masculino acessíveis às pessoas com deficiência, conforme os aspectos estabelecidos pela NBR 9050/04.
- 3.5 Em ambientes como cinemas, teatros, auditórios devem estar previstos espaços para pessoas em cadeira de rodas e poltronas destinadas às pessoas com restrição auditiva, visual, com mobilidade reduzida e obesa. Estes espaços e poltronas devem possuir dimensões conforme a norma e devem poder ser identificados a partir de sinalização visual e tátil.
- 3.6 O mobiliário das bibliotecas, salas de aula, museus, lanchonetes e demais ambientes deve garantir alcance visual e manual e a aproximação do usuário.

#### **PRINCÍPIO 4: INFORMAÇÃO ESPACIAL**

- 4.1 O edifício deve possibilitar a orientação e informação do usuário, a partir de elementos arquitetônicos, decorativos e de suportes adicionais do tipo visual, tátil e sonoro. É importante prever sinalização luminosa para pessoas com restrições auditivas, táteis (textura de piso, mapas táteis) para pessoas com restrições visuais, pictóricas para crianças e iletrados, sinalizações gráficas, alfabéticas, entre outras.
- 4.2 A informação espacial deve possuir legibilidade para auxiliar na identificação dos ambientes complexos e na setorização das diferentes atividades.
- 4.3 Os suportes informativos devem estar localizados em pontos estratégicos (de tomada de decisão) do edifício, com boa legibilidade e visibilidade e, caso seja necessário, devem ser constantemente atualizados.
- 4.4 Os pisos táteis devem ser utilizados para indicar percursos a seguir (piso guia), mudanças de direção, e situações que ofereçam risco ao usuário (piso alerta). Além disso, o contraste de cores e texturas auxiliam na definição espacial para pessoas com baixa visão.
- 4.5 Os ambientes e elementos como as bilheterias, as poltronas preferenciais, os sanitários, as circulações verticais, os balcões de informação, e as saídas de emergência, devem ser sinalizados e identificados desde a entrada do edifício.

#### **PRINCÍPIO 5: SERVIÇOS E TECNOLOGIA ASSISTIVA**

- 5.1 Todos os usuários, independentemente de suas habilidades, possuem o direito a utilização dos serviços oferecidos pelo centro cultural e dos equipamentos, instrumentos e materiais, de uso individual ou coletivo, necessários para a realização e participação das atividades.
- 5.2 Os funcionários devem ser capacitados (interpretes de LIBRAS) para garantir o atendimento de pessoas com restrições auditivas. Deve haver terminais de computador que permita a comunicação de pessoas surdas e/ou mudas com os funcionários do centro cultural.

- 5.3 Em todos os ambientes e equipamentos deve haver material em Braille e textos impressos com fontes ampliadas, possibilitando a utilização e participação de pessoas com restrições visuais.
- 5.4 Os terminais de computadores existentes devem possuir programas especiais, como por exemplo, o sintetizador de texto – DOSVOX para pessoas com restrições visuais.
- 5.5 Em ambientes como cinema, teatro, e auditórios deve haver sistema de tradução e legenda em tempo real, além de intérprete de LIBRAS.
- 5.6 Nos museus e galerias de arte deve haver sistema de áudio, com fones de ouvido individuais, que permita a orientação e informação sobre os ambientes e as exposições, principalmente para usuários com restrições visuais. Deve-se prever, também, intérprete de LIBRAS durante as visitas guiadas, possibilitando a participação de pessoas com restrição auditiva.
- 5.7 A divulgação da programação do centro cultural deve ser efetivada através de informativos visuais e táteis. No caso de divulgação veiculada pela televisão, deve haver a janela com intérprete de LIBRAS e legendas, conforme a NBR 15290/05.

## **PRINCÍPIO 6: SEGURANÇA**

- 6.1 Os ambientes e equipamentos devem permitir a experimentação e exploração por todos os usuários sem expô-los a riscos, através da escolha de elementos e materiais adequados.
- 6.2 Todos os revestimentos de piso devem ser firme, regulares e antiderrapantes.
- 6.3 As escadas, rampas e terraços devem possuir corrimãos contínuos, com extremidades recurvadas e arestas seguras, e guarda-corpos com altura mínima conforme a NBR 9050/04.
- 6.4 Deve haver, em todos os ambientes e circulações, sistema de alarme simultaneamente luminoso e sonoro, que comunique os usuários, inclusive pessoas com restrição auditiva e visual, situações de emergência.
- 6.5 Nos elevadores deve haver um meio de comunicação de duas vias instalado dentro e fora da cabina, que possibilite também o uso por indivíduos surdos e/ou mudos.
- 6.6 Nos sanitários, deve haver sinalização de emergência ao lado da bacia sanitária para acionamento em caso de queda, e a porta de acesso deve abrir para o lado de fora do ambiente.
- 6.7 As saídas e rotas de emergência devem ser identificadas pelo usuário a partir de todos os ambientes existentes no centro cultural.

## **CAPÍTULO 07: CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES**

### **7.1 CONCLUSÕES**

Promover a acessibilidade espacial é fundamental para que as pessoas, independentemente de suas habilidades e restrições, exerçam o seu direito ao lazer, ampliem seu convívio social e participem de atividades culturais.

Porém, apesar da existência de inúmeros dispositivos legais que garantem o direito à igualdade a todos os cidadãos e a efetiva acessibilidade aos espaços físicos urbanos, a presente pesquisa mostrou que as pessoas com restrições ainda sofrem com a existência de barreiras atitudinais – discriminação por parte de outras pessoas – e com as barreiras físicas, originárias do espaço físico, que dificultam ou impedem a realização de atividades.

Sabe-se, ainda, que para garantir que espaços, em especial os culturais, atendam à maior diversidade possível de usuários, é fundamental que arquitetos e engenheiros procurem desenhar de forma inclusiva.

Porém, a ausência dos conceitos de Desenho Universal nos currículos dos cursos de arquitetura e engenharia, contribui para que estes profissionais não possuam conhecimento específico das leis e normas de acessibilidade e não conheçam e compreendam a diversidade e complexidade das necessidades espaciais dos usuários, principalmente daqueles com restrições. A ausência deste conhecimento dificulta o reconhecimento dos problemas do meio ambiente e a formulação de diagnósticos apropriados, fazendo com que os profissionais projetistas concebam, muitas vezes, espaços inacessíveis e inseguros ao usuário.

A fim de conhecer as reais necessidades espaciais dos usuários, acompanhar e compreender situações concretas vivenciadas por estes, aplicou-se nos dois estudos de caso desta pesquisa, os métodos qualitativos – Visita Exploratória, Passeio Acompanhado e Entrevista.

A aplicação de diferentes métodos possibilitou sanar as possíveis limitações de cada um, complementando-os, contribuindo para a identificação da natureza dos problemas levantados nos centros culturais quanto aos componentes de acessibilidade espacial, problemas nem sempre abordados na legislação.

A partir da aplicação do método Passeio Acompanhado foi possível detectar diversos aspectos inexistentes nas leis e normas específicas, quanto ao componente orientação constatou-se, por exemplo, a ausência de ingressos impressos em Braille e de suportes informativos táteis que orientem na identificação da poltrona para pessoas com restrições visuais no cinema e no teatro. Quanto ao deslocamento, observaram-se alguns problemas, como, por exemplo, o layout inadequado do mobiliário das bibliotecas e salas de apoio,

dificultando a circulação de cadeirantes e pessoas com restrições visuais. Quanto ao uso constatou-se, por exemplo, a ausência de bancos para descanso no hall principal do CENTUR, e com relação à comunicação diversos aspectos foram constatados a ausência de algum tipo de tecnologia assistiva (terminal de computador) que permita a troca de informações do surdo e/ou mudo com os funcionários e a ausência de dispositivos sonoros e visuais que indique o início e os intervalos dos espetáculos realizados no teatro, para pessoas com restrições visuais e auditivas.

Pôde-se constatar, a partir da aplicação das entrevistas, que mesmo as pessoas sem deficiências apresentaram restrições no uso dos espaços e na participação das atividades, o que demonstrou problemas gerais de acessibilidade relacionados tanto aos projetos arquitetônicos dos centros culturais, quanto às informações adicionais.

Constatou-se, também, que aspectos como as diferentes tipologias (vertical e horizontal), atividades e costumes, não interferiram na orientação, deslocamento, uso e comunicação dos usuários, pois, os problemas encontrados possuem características bastante semelhantes, em ambos os locais estudados.

Em atendimento ao prazo de 30 meses estipulado pelo Decreto 5.296 de 02 de dezembro de 2004, houve a necessidade do Poder Público desenvolver programas de fiscalização e de melhorias das condições de acessibilidade espacial. No entanto, devido a necessidade de efetuar uma avaliação de forma rápida e prática das condições de acessibilidade espacial, o Ministério Público de Santa Catarina elaborou um instrumento expedito de avaliação, denominado Planilhas de Avaliação. Estas planilhas foram desenvolvidas em conformidade com os aspectos legais e já encontram-se validadas subjetivamente, conforme apresentado no Capítulo 4 desta dissertação.

Porém as planilhas elaboradas pelo Ministério Público correspondem apenas a ambientes normalmente encontrados em edifícios institucionais, tais como áreas de acesso, saguões, sanitários, etc., não contemplando ambientes específicos, como salas de aula, cinema, teatro, entre outros. Devido a isto, a partir do instrumento do Ministério Público, foram elaboradas nesta pesquisa planilhas específicas para a avaliação de centros culturais.

Com o intuito de verificar se o instrumento é realmente capaz de avaliar aquilo que se propõe, as Planilhas de Avaliação foram aplicadas e testadas em ambos os centros culturais. Após a aplicação das planilhas foram elaborados laudos técnicos que identificaram os aspectos negativos referentes à acessibilidade, encontrados nos dois objetos em estudo.

Com a aplicação das Planilhas de Avaliação pôde-se constatar que os resultados obtidos estão de acordo com os resultados encontrados durante as visitas exploratórias, os passeios acompanhados e as entrevistas. Constatou-se, ainda, que a aplicação deste instrumento possui validade concorrente, pois existe uma correlação entre os resultados encontrados com o instrumento e os constatados na avaliação realizada a partir dos métodos

qualitativos. A seguir são apresentados alguns dos problemas detectados nas planilhas e reforçados pelos usuários durante os passeios e as entrevistas.

Quanto à **orientação** diversos aspectos foram observados, tais como a ausência de placas informativas visuais (com nome, função e localização dos ambientes), que causa desorientação para o usuário que desconhece o local, para o idoso e, até mesmo para quem freqüentemente visita o centro cultural, exigindo auxílio constante de um funcionário, e a ausência de títulos, textos explicativos ou similares em Braille, para pessoas com restrições visuais, na galeria de arte e museus. Com relação ao **deslocamento**, constatou-se, por exemplo, que tanto nos teatros como nos cinemas, os desníveis eram vencidos apenas por degraus, não havendo rampa ou algum dispositivo mecânico que facilitasse a circulação do usuário em cadeira de rodas. Quanto ao **uso**, constatou-se, por exemplo, a ausência da área de aproximação tanto nas bilheterias como nos balcões de informação, e a existência de prateleiras na biblioteca com altura fora da faixa de alcance manual e visual do cadeirante, dificultando também o uso de pessoas com baixa estatura, como as crianças. Com relação à **comunicação** alguns problemas foram constatados, tais como a ausência de funcionários capacitados (intérpretes) para o atendimento de usuários com restrições auditivas; a ausência de equipamentos de informação sonora e sistemas de tradução em tempo real, para usuários com restrições visuais; e a inexistência de meios de comunicação de duas vias (interfones / videofones) instalados dentro e fora dos elevadores. Assim, pôde-se observar que ambos os centros culturais estudados não encontram-se preparados espacialmente para receber pessoas com algum tipo de restrição e, não possuem, em sua programação cultural, atividades voltadas para este público.

A partir da fundamentação teórica e da análise dos edifícios em estudo foi possível compreender as reais necessidades espaciais dos usuários com restrições, e com isso elaborar recomendações técnicas para cada situação encontrada em ambos os centros culturais. Estas recomendações serão entregues à direção dos dois edifícios em estudo, a fim de contribuir para futuras reformas e adaptações.

Espera-se, a partir das Planilhas de Avaliação elaboradas neste trabalho, contribuir com os programas de acessibilidade de órgãos públicos, tais como os Ministérios Públicos Estaduais, que visam fiscalizar e melhorar as condições espaciais de edifícios já existentes.

Por fim, almejando-se orientar arquitetos e engenheiros na elaboração de futuros centros culturais, desenvolveu-se princípios projetuais que visam promover a acessibilidade espacial, contribuindo para a inclusão social e a participação por todas as pessoas, inclusive aquelas com restrições, nas atividades realizadas em edifícios destinados à cultura.

## 7.2 RECOMENDAÇÕES PARA FUTURAS PESQUISAS

Apesar de ter-se desejado aprofundar as questões referentes à acessibilidade espacial, especialmente em centros culturais, sabe-se que existem diversos aspectos a serem pesquisados e complementados sobre o assunto.

Deste modo, cabe sugerir alguns objetos de pesquisas futuras, que foram considerados importantes ao longo do desenvolvimento deste trabalho:

- Elaborar diretrizes com soluções projetuais gráficas específicas para centros culturais;
- Identificar quais os ambientes e atividades artísticas e culturais mais contribuem para a participação e desenvolvimento das pessoas que possuem algum tipo de restrição, buscando a valorização a partir de projetos melhor resolvidos.
- Investigar quais as dificuldades encontradas por pessoas com deficiências cognitivas, aqui não abordadas, em espaços complexos, com diversas atividades, como os centros culturais.
- Investigar o custo e impacto financeiro para tornar acessível um centro cultural já existente.

## REFERÊNCIAS:

- ACCESS GUIDE. Barbican Centre. Disponível em: <<http://www.barbican.org.uk/>>. Acesso em: 10 jun. 2005.
- AGÊNCIA ANHANGUERA. Deficientes visuais ganham cinema. Campinas, 2005. Disponível em: <<http://www.cosmo.com.br/>>. Acesso em: 26 ago. 2005.
- AMARAL, Aracy A. **Arte para quê?** A preocupação social na arte brasileira 1930-1970: subsídios para uma história social da arte no Brasil. 2ª. ed. rev. São Paulo: Nobel, 1987.
- AMENGUAL, Clotilde. Barreiras Arquitetônicas. In: CURSO BÁSICO SOBRE ACESSIBILIDADE AO MEIO FÍSICO (Rio de Janeiro: 1994). **Anais do VISIAMF**. Brasília: CORDE, 1995 p.34 –52.
- ARTS ACCESS PRORAM. Disponível em: <<http://www.artsaccessprogram.com/>>. Acesso em: 06 set. 2005.
- ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas: **NBR 15.290 Acessibilidade em comunicação na televisão**. Rio de Janeiro, 2005.
- ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas. **NBR 9050: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaço e equipamentos urbanos**. Rio de Janeiro, 2004.
- ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas: **NBR 9077 Saída de emergência em edifícios**. Rio de Janeiro, 2001.
- ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas: **NBR 13.994. Elevadores de Passageiros. Elevadores para transporte de pessoa portadora de deficiência**. Rio de Janeiro, 2000.
- BECKER, Vera Maria. Reciclagem, uma alternativa de preservação. In: **Revista Projeto Design**. 160 ed. São Paulo: ARCO, 1993. p.30.
- BELÉM. **Lei nº 7.942, de 19 de Janeiro de 1999**. Dispõe sobre a adaptação de listas e placas de preços e cardápios em bares, lanchonetes, restaurantes, supermercados e estabelecimentos similares, ao uso de deficientes visuais.
- BELÉM. **Lei nº 8.068, de 28 de maio de 2001**. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas com restrições, mediante a supressão de barreiras e de obstáculos nas vias e espaços públicos, no mobiliário urbano, na construção e reforma de edifícios e nos meios de transporte e de comunicação no Município de Belém.
- BINS ELY, Vera H. M ; DISCHINGER, Marta; MATTOS, Melissa Laus. **Sistemas de informação ambiental**: elementos indispensáveis para a acessibilidade e orientabilidade. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ERGONOMIA, 12., 2002, Recife. Anais... – CD ROM. Recife: ABERGO, 2002.
- BINS ELY, Vera H. M et al. **Desenho Universal**: por uma arquitetura inclusiva. Florianópolis: Grupo PET/Arq/ SESu/ UFSC, 2001.
- BAHIA, Sérgio R (coord.). Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência. **Município e Acessibilidade**. Brasília, DF: CORDE, 1998.

BRASIL. **Decreto nº 5.296 de 2 de dezembro de 2004.** Regulamenta as Leis nºs 10.048, de 8 de novembro de 2000 e 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências.

BRASIL. Ministério da Justiça. Secretaria de Estado dos Direitos Humanos. Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência. **Programa de ação mundial para pessoas com deficiência–Nações Unidas.** Tradução: Edílson Alkimin da Cunha. Brasília, DF: CORDE, 2001.

BRASIL. **Lei nº 7.853** de 24 de outubro de 1989. Dispõe sobre o apoio às pessoas portadoras de deficiência, sua integração social, sobre a Coordenadoria Nacional para Integração de Pessoas Portadoras de Deficiência, CORDE, 1989.

BRASIL. Senado Federal. Secretaria-Geral da Mesa. **Constituição Federal de 1988.**

CALAÇA, Ana Sofia. Aproximar a arte das pessoas com deficiência, 2005. Disponível em: <[http://www.tsf.pt/online/vida/inerior.asp?id\\_artigo+TSF132527/](http://www.tsf.pt/online/vida/inerior.asp?id_artigo+TSF132527/)>. Acesso em: 28 ago. 2005.

CARLIN, Fernanda. **Acessibilidade espacial em shopping center:** um estudo de caso. 2004.168f. Dissertação de Mestrado em Engenharia da Produção – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

COELHO NETO, José Teixeira. **Usos da cultura:** políticas de ação cultural. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

CORBIOLI, Nanci. Agência bancária restaurada é devolvida à cidade como espaço cultural. In: **Revista Projeto Design.** 256 ed. São Paulo: ARCO, 2001. p. 61.

CREA/SC. Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia de Santa Catarina. **Código de acessibilidade.** Disponível em: <[http://www.crea\\_sc.org.br/](http://www.crea_sc.org.br/)>. Acesso em: 20 nov. 2005.

DENATRAN. Departamento Nacional de Trânsito. 2002. Disponível em: <<http://www.denatran.gov.br/>>. Acesso em: 21 nov. 2005.

DISCHINGER, Marta; BINS ELY, Vera H. M. **Promovendo acessibilidade nos edifícios públicos:** guia de avaliação e implementação de normas técnicas. Santa Catarina: Ministério Público do Estado, [2006]. Trabalho em andamento.

DISCHINGER, Marta. **Acessibilidade e Desenho Universal.** 07 abril.2005. Notas de aula.

DISCHINGER, Marta; BINS ELY, Vera H. M; MACHADO, Rosângela. **Desenho Universal nas Escolas:** acessibilidade na rede municipal de ensino de Florianópolis. Florianópolis: PRELO, 2004.

DISCHINGER, Marta. **Designing for all senses:** accessible spaces for visually impaired citizens. Göteborg, Sweden, 2000. 260f. Thesis (for the degree of Doctor of Philosophy) – Department of Space and Process School of Architecture, Chalmers University of Technology, 2000.

DISCHINGER, Marta; BINS ELY, Vera H. M. **A importância dos processos perceptivos na cognição de espaços urbanos para portadores de deficiência visual.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ERGONOMIA, 9., 1999, Salvador. Anais... CD ROM. Salvador: ABERGO, 1999.

DRAGÃO DO MAR. Disponível em: <<http://www.dragaodomar.org.br/>>. Acesso em: 10 abr. 2005.

DUARTE, Cristiane Rose; COHEN, Regina. **Pesquisa e projeto de espaços públicos:** rebatimentos e possibilidades de inclusão da diversidade física no planejamento das cidades. In: PROJETER 2005 – II SEMINÁRIO SOBRE ENSINO E PESQUISA EM PROJETO DE ARQUITETURA, 2005, Rio de Janeiro. Anais do II PROJETER. 2005.

EMBRATUR- Empresa Brasileira de Turismo. Ministério da Indústria e do Comércio. **Turismo para Portadores de Deficiência Física** – Normas para a facilidade de acesso e locomoção. Rio de Janeiro, 1987.

FÁVERO, Eugênia Augusta Gonzaga. **Direitos das Pessoas com Deficiência:** garantia de igualdade na diversidade. Rio de Janeiro: WVA, 2004.

FEIJÓ, Alessandro Rahbani Aragão. **Direitos humanos e proteção jurídica da pessoa portadora de deficiência:** normas constitucionais de acesso e efetivação da cidadania à luz da Constituição Federal de 1988. Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria de estado de Direitos Humanos, 2003.

FLORIANÓPOLIS. **Lei Complementar nº 60**, de 11 de maio de 2000. Institui o Código de Obras e de Edificações, e da outras providências.

FUNARTE. Disponível em: <<http://www.funarte.gov.br/VSA/>>. Acesso em: 07 set. 2005.

GEORGE POMPIDOU. Disponível em: <<http://www.centrepompidou.fr/>>. Acesso em: 10 abr. 2006.

GIBSON, James. **The senses considered as perceptual systems**. Boston, Houghtan Mifflin Company, 1966.

HERTZBERGER, Herman; [tradução Carlos Eduardo Lima Machado]. **Lições de Arquitetura**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. **Houaiss dicionário da língua portuguesa**. Instituto Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IIDA, Itiro. **Ergonomia:** projeto e produção. 2ª edição rev. e ampl. - São Paulo: Edgar Blücher, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico 2000: primeiros resultados da amostra** Rio de Janeiro, 2002. Parte 1.

LANCHOTI, José Antônio. **A inclusão e a exclusão na educação a partir da arquitetura**. Plures – Humanidades, Ribeirão Preto, v. 1, n. 1, p. 34-52, 2002.

LOPES, Maria Elisabete. **Metodologia de análise e implantação de acessibilidade para pessoas com mobilidade reduzida e dificuldade de comunicação**. São Paulo, 2005. Tese de doutorado, FAUUSP.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **A estética de uma ética sem barreiras**. In: Caderno de Textos: Educação, Arte, Inclusão. Organização André Andries. Vol 1, n.1- Rio de Janeiro: FUNARTE, 2002.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5ª ed. – São Paulo: Atlas, 2003.

MCT. Museu de Ciência e Tecnologia. Disponível em: <<http://www.mct.pucrs.br/>>. Acesso em: 20 mar. 2005.

MENEZES, Ebenezzer. **Ensinando arte para um público especial**. Agência Educa Brasil. 2000. Disponível em <<http://www.educabrasil.com.br/eb/exe/texto.asp?id+327/>> . Acesso em: 29 out. 2005.

MILANESI, Luís. **A Casa da Invenção**: Biblioteca e Centro Cultural. 3ª ed. São Caetano do Sul: Ateliê Editorial, 1997.

MINISTÉRIO DAS CIDADES. Brasil acessível. Disponível em: <<http://www.cidades.gov.br/>>. Acesso em: 26 nov. 2005.

MOMA 2000. Access Innovation in the Arts Award. Disponível em: <[http://www.moma.org/education/moma\\_access.htm./>](http://www.moma.org/education/moma_access.htm./>). Acesso em: 28 ago. 2005.

NULL, Roberta; CHERRY, Kenneth. *Universal Design: creative solutions for ADA compliance*. SI:se. 1996.

ONU – Organização das Nações Unidas. **Declaração dos Direitos das Pessoas Deficientes**, 1975.

ONU – Organização das Nações Unidas. *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, 1948.

ORSTEIN, Sheila W. *Avaliação pós-ocupação do ambiente construído*. São Paulo, Studio Nobel: EDUSP, 1992.

PARÁ. **Lei nº 6.020, de 10 de janeiro de 1997** Dispõe sobre as normas de adaptação de prédios de uso público, a fim de assegurar o acesso adequado às pessoas com deficiência.

PASSINI, Romedi. **Wayfinding design**: logic, application and some thoughts on universality. Montreal: Design Studies, v. 17 n.3. 1996.

SANTA CATARINA. **Lei nº 12.870, de 12 de janeiro de 2004**. Dispõe sobre a política estadual para a promoção e integração social das pessoas com deficiência.

SOUZA, Ubiratan da S. R. **O Município para Todos**. Rio de Janeiro: IBAM; Brasília: CORDE, 1998.

STERNICK, Civia. **Instrumento de medida**. Arq. Brás. Psic. Apl., Rio de Janeiro, 28(1):48-67. 1976.

TOJAL, Amanda Pinto. **Museu de arte e público especial**. São Paulo, 1999. Dissertação de mestrado. ECA – USP.

TURINO, Célio. **Uma Gestão Cultural Transformadora**: proposta para uma Política Pública de Cultura. Disponível em: <[http://www.cultura.gov.br/programas\\_e\\_acoes/cultura\\_viva/noticias/materias\\_especiais/](http://www.cultura.gov.br/programas_e_acoes/cultura_viva/noticias/materias_especiais/)>. Acesso em: 28 ago. 2005.

UBIERNA, José Antônio Juncá. *Mobilidade e Transporte Acessível*. In: CURSO BÁSICO SOBRE ACESSIBILIDADE AO MEIO FÍSICO (Rio de Janeiro: 1994). **Anais do VISIAMF**. Brasília: CORDE, 1995.

YURGEL, Marlene. **Urbanismo e lazer**. São Paulo: Nobel, 1983.

WHO - WORLD HEALTH ORGANIZATION. **International Classification of Functioning, Disability and Health – CIF**. World Health Organization. Geneva: 2002.

WHO - WORLD HEALTH ORGANIZATION. **International Classification of Impairments, Actives and Participation –ICIDH 2**. World Health Organization. Geneva: 1997.

WHO - WORLD HEALTH ORGANIZATION. **International Classification of Impairments, Disabilities and Handicaps –ICIDH**. World Health Organization. Geneva: 1980.

YIN, Robert K. **Case Study Research: design and methods**. Tradução e síntese: Ricardo Lopes Pinto. Disponível em: <[http://www.eac.fea.usp.br/metodologia/estudo\\_caso.htm/](http://www.eac.fea.usp.br/metodologia/estudo_caso.htm/)>. Acesso em: 21 nov. 2005.

## APÊNDICE A

## DESCRIÇÃO DOS PASSEIOS ACOMPANHADOS

### ESTUDO DE CASO 01 – CENTUR

#### PASSEIO 01: USUÁRIO COM CADEIRA DE RODAS

**Entrevistado (a):** A. G. D., 36 anos. O usuário utiliza cadeira de rodas há 22 anos, não possui os membros inferiores, o que lhe causa um certo desequilíbrio, pois seu tronco e seus membros superiores são grandes e fortes.

**Experiência:** possui conhecimento prévio apenas do subsolo e do pavimento térreo do CENTUR.

**Atividade:** entrar no edifício, encontrar e simular o uso dos espaços como a seção Braille, a galeria de arte, a agência bancária, o cinema, o teatro, os sanitários, as salas da biblioteca, o auditório, a fonoteca, o *hall* de eventos, o estacionamento, circulações horizontais e verticais e encontrar a saída.

A visita ao CENTUR, com o usuário com restrição físico-motora foi realizada no dia 18 de janeiro de 2005, no período compreendido entre 15h00min e 17h00min.

Ao chegar ao CENTUR, o veículo, no qual o personagem estava como passageiro, foi estacionado na vaga destinada a pessoas com deficiência. No entanto, existiam sobre a vaga uma placa e um cavalete, os quais foram retirados pelos funcionários. O usuário sentiu dificuldade para sair do carro, pois não havia espaço de circulação suficiente (Foto 01). O usuário relatou que das outras vezes que foi até o centro cultural, foi de ônibus, entrando pela Tv. Rui Barbosa, pelo acesso dos veículos.

Para encontrar a seção Braille foi preciso perguntar ao funcionário, pois não havia informação visual. Ao tentar entrar no ambiente, foi necessário ajuda de outra pessoa para abrir a porta, pois essa era de vidro, pesada e larga (Foto 02). Comentou que “seria melhor se fosse uma porta automática”. Dentro do ambiente não encontrou dificuldades para deslocar-se.

Para chegar à Galeria de Arte, o usuário deslocou-se pelo estacionamento e observou que as juntas de dilatação do piso eram muito largas, podendo engatar as rodas da frente da cadeira. Ao tentar chegar à Galeria encontrou vários desníveis e necessitou de ajuda dos funcionários para conseguir entrar (Foto 03 e 04). O piso plano e nivelado no interior do ambiente proporcionou uma boa circulação ao cadeirante. O usuário não encontrou dificuldades para contemplar as obras expostas, pois estavam dentro do seu ângulo de visão (Foto 05).

Ao sair da Galeria o usuário tentou ir até a agência bancária, porém foi impossível, pois, além da ausência de rebaixamento na calçada, a soleira da porta de entrada possuía mais de 10cm de altura (Foto 06).

Para subir até o térreo, o usuário foi em direção ao *hall* do elevador, o qual possuía rampa de acesso (Foto 07), e utilizou-o, não encontrando dificuldades, pois a cabina possuía área para manobra de uma cadeira de rodas e a botoeira estava ao alcance do usuário.

Ao chegar ao térreo, o usuário sentiu dificuldade de encontrar o cinema, devido à ausência de placas informativas, necessitando buscar informações com os funcionários. No balcão de informações, o usuário conseguiu utilizá-lo, porém não havia espaço para aproximação (Foto 08). O mesmo observou-se nas bilheterias do cinema e do teatro (Foto 09). Ao tentar utilizar o telefone público, observou que todos eram altos, impossibilitando o usuário de enxergar o visor com os números discados (Foto 10).

As portas de entrada do *hall* do cinema e do teatro possuíam soleiras com 8cm de altura, dificultando o acesso do usuário, o mesmo comentou: “essa entrada tinha que ter uma rampa. Quem não sabe andar de cadeira de rodas ou não tem força no braço não entra sozinho”.

Ao conseguir entrar no cinema, observou-se que não havia espaço destinado a pessoas com cadeira de rodas e a circulação possuía degraus. Portanto, o único local onde o cadeirante conseguiria ficar, seria no patamar da escada em frente a porta, dificultando a circulação dos outros usuários (Foto 11a e Foto 11b). No teatro, foi impossível o acesso do cadeirante, pois nem no patamar da escada havia espaço para estacionar a cadeira de rodas (Foto 12). Os únicos locais acessíveis ao cadeirante no teatro são os camarotes, pois são nivelados com o pavimento de acesso. Porém seu uso é restrito aos diretores do centro cultural. Quanto aos camarins, o usuário conseguiu utilizá-los, porém não havia uma rota acessível até o palco, possuindo apenas escadas.

Para utilizar o sanitário, o usuário precisou perguntar onde estava localizado, devido a ausência de placas informativas. Ao encontrar, entrou, utilizou o lavatório e simulou o uso do mictório sem problemas. Porém, não conseguiu utilizar a papeleira, devido a mesma estar instalada fora da faixa de alcance do cadeirante, e não passou com a cadeira de rodas na porta do box individual de bacia sanitária (Foto 13a e Foto 13b).

O piso plano e nivelado da praça de eventos proporcionou bom deslocamento ao usuário (Foto 14).

Ao chegar no 1º pavimento e entrar no auditório, observou-se que não havia espaço destinado a cadeirantes e que a rampa existente de acesso ao palco estava com inclinação muito além do recomendável, tornando impossível sua utilização (Foto 15 e Foto 16). No hall do pavimento, o personagem não conseguiu usar as cabinas de telefone público, devido à largura insuficiente da porta (Foto 17).

Nos 2º e 3º pavimentos, para entrar no saguão das bibliotecas, o usuário precisou passar pelo acesso alternativo entre as catracas de controle (Foto 18 e Foto 24). Ao tentar utilizar a biblioteca, o usuário encontrou dificuldades para deslocar-se entre as mesas e entre as estantes de livro (Foto 19 e Foto 20). Em certo momento teve que voltar de ré, pois não

havia espaço para manobra entre as estantes. Quanto às mesas, o personagem conseguiu utilizá-las sem problemas (Foto 21). Outro fator observado foi a altura das prateleiras, que estavam fora da faixa de alcance do cadeirante, impossibilitando-o de manusear os livros (Foto 22 e Foto 23). Devido o *lay-out* das mesas de atendimento na sala da hemeroteca, não foi possível a entrada do usuário no ambiente, acontecendo o mesmo nas salas de áudio visual (Foto 25). Nas cabinas individuais de estudo, não havia mesa destinada a cadeirantes (Foto 26 e Foto 27).

Nos corredores o usuário não sentiu dificuldade, pois eram largos, nivelados e sem obstáculos que impedissem seu deslocamento. O usuário conseguiu utilizar os bebedouros existentes ao longo das circulações, porém estes não possuíam altura e espaço para aproximação de uma cadeira de rodas (Foto 28).

No 4º pavimento, o usuário teve problemas para entrar na fonoteca devido a rampa existente na porta de entrada (Foto 29). Ao simular o uso do ambiente, o usuário sentiu dificuldades para vencer o desnível do auditório e comentou “só consegui porque tenho força no braço e já tenho anos de cadeira de rodas” (Foto 30 e Foto 31).

Para sair do prédio, o usuário buscou o elevador para chegar ao subsolo e foi em direção ao estacionamento. No entanto, observou que quando vai sozinho ao centro cultural, utiliza a rampa de saída dos veículos (Foto 32).

Cabe ressaltar, que não foi possível fazer o passeio no entorno do CENTUR, pois no momento estava chovendo. No entanto, o usuário comentou que os desníveis, os buracos, a ausência de rebaixamento nos passeios e os diversos obstáculos tornam seu deslocamento ainda mais difícil.

# CENTUR

## Passeio Acompanhado 01- Cadeirante



Foto 01



Foto 02



Foto 03



Foto 04



Foto 05



Foto 06



Foto 07



Foto 08



Foto 09



Foto 10



Foto 11 a



Foto 11 b



Foto 12



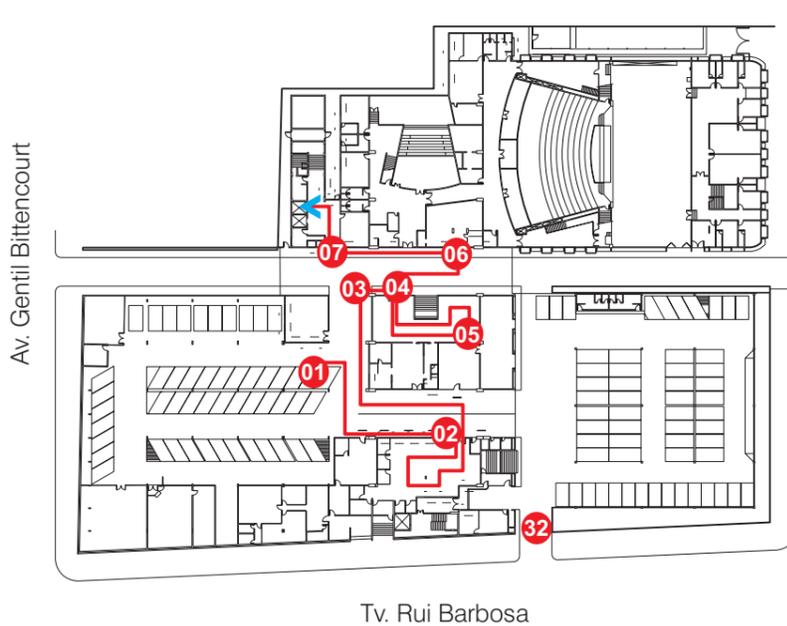
Foto 13 a



Foto 14

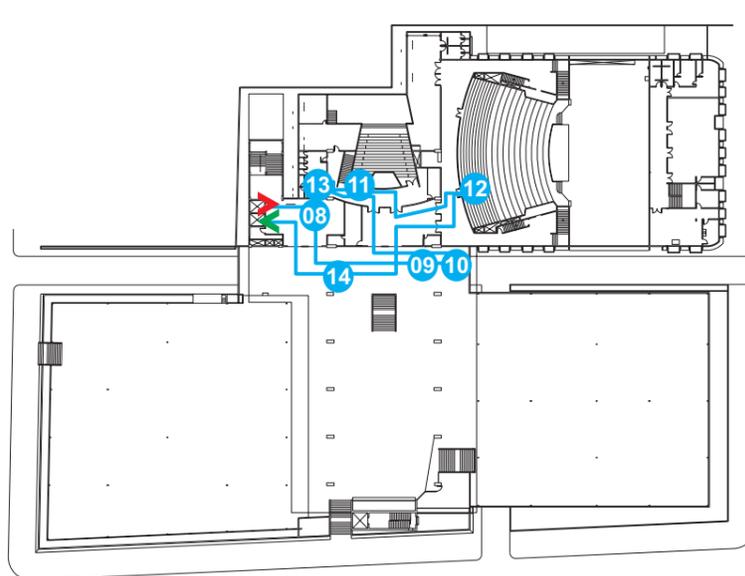


Foto 13 b



Tv. Rui Barbosa

Pav. Subsolo



Pav. Térreo

Figura 26 – Mapas Passeio Acompanhado Cadeirante CENTUR – subsolo e térreo.



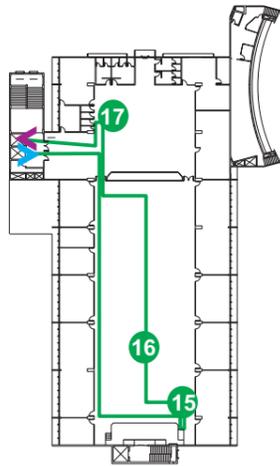
Foto 15



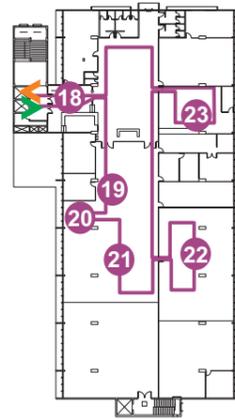
Foto 16



Foto 17



1º Pavimento



2º Pavimento



Foto 23



Foto 22



Foto 18



Foto 19



Foto 20



Foto 21



Foto 24



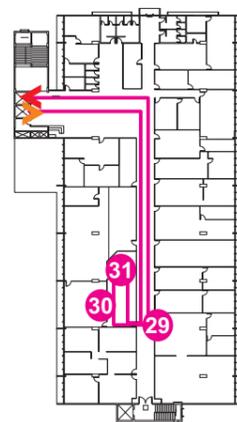
Foto 25



Foto 26



3º Pavimento



4º Pavimento



Foto 31



Foto 30



Foto 27



Foto 28



Foto 29

## PASSEIO 02: USUÁRIA IDOSA

**Entrevistado (a):** A.G.O., 75 anos. A entrevistada possui restrições múltiplas (sensorial e físico-motora), possuindo dificuldades de orientar-se e obter informações, em consequência de deficiência visual leve (baixa-visão); e dificuldade de deslocar-se, por caminhar lentamente devido a falta de equilíbrio, em razão a idade avançada.

**Experiência:** possui conhecimento prévio do subsolo, dos pavimentos térreo e 1º do CENTUR.

**Atividade:** entrar no edifício, encontrar e simular o uso dos espaços como a seção Braille, a galeria de arte, a agência bancária, o cinema, o teatro, os sanitários, as salas da biblioteca, o auditório, a fonoteca, o *hall* de eventos, o estacionamento, circulações horizontais e verticais e encontrar a saída.

A visita ao CENTUR, com o usuário idoso foi realizada no dia 20 de janeiro de 2005, no período compreendido entre 15h00min e 16h00min.

Ao chegar ao CENTUR, o veículo, no qual a entrevistada estava como passageira, foi estacionado na Tv. Rui Barbosa, em frente à escadaria de acesso. A usuária iniciou o passeio pelo pavimento térreo, porém conforme solicitado pela pesquisadora, foi necessário encontrar a agência do Banco Banpará, que se encontrava no subsolo. Ao tentar encontrar a agência foi preciso pedir informações aos funcionários, pois não havia suporte informativo. Para chegar ao subsolo, a entrevistada utilizou a escada, sempre segurando no corrimão. Ao chegar ao subsolo, logo identificou a agência, pois reconheceu a logomarca do Banco. Porém, só consegui realmente ler a placa quando se encontrava a uma distância de aproximadamente 2m. Em frente à agência possuíam duas portas de vidro, as quais confundiram a usuária. Em uma das portas havia um aviso com o horário de funcionamento, que devido ao tamanho da fonte utilizada, a entrevistada não conseguiu ler (Foto 01).

Ao buscar a Galeria de Arte, a usuária foi na direção correta, devido à porta de vidro larga e a iluminação que a chamou atenção (Foto 02). Dentro da Galeria, a usuária conseguiu ler apenas o texto com o tema da exposição, devido o mesmo estar escrito com fontes grandes e simples. Observou que as obras em exposição não possuíam placas informativas com o nome do autor e seu tema. O piso plano e nivelado e a iluminação adequada no interior do ambiente proporcionou uma boa circulação da usuária. Ao sair da Galeria observou-se o cuidado da usuária ao se deslocar, sempre se preocupando com a existência de degraus ou desníveis.

Para encontrar a seção Braille a usuária não quis pedir informações e disse: “Vou tentar achar sozinha, sem perguntar”. Porém, devido à falta de sinalização a usuária foi em direção errada e precisou de orientação. Comentou: “Nunca iria imaginar que tivesse uma biblioteca

dentro de um estacionamento. Está muito mal localizada. Não é qualquer pessoa que acha, está muito escondida”. Ao entrar no ambiente, a usuária não encontrou dificuldades.

Para subir até o térreo, a usuária utilizou a escadaria que já conhecia anteriormente (Foto 03). Ao chegar tentou buscar o cinema e o teatro. A entrevistada identificou a bilheteria do teatro e se dirigiu até a mesma. Observou que não havia placas informativas com os espetáculos em cartaz, os preços e os horários.

Ao tentar utilizar o telefone público, não conseguiu utilizar o cartão e ler as informações existentes (Foto 04). Comentou: “os números eu consigo usar porque já conheço, mas não sei como e onde colocar o cartão”.

Devido à ausência de placas informativas, a usuária sentiu dificuldade para localizar o cinema, necessitando buscar informações com os funcionários. Ao entrar e simular o uso sentiu dificuldades para deslocar-se, necessitando se abaixar e segurar no encosto das poltronas (Foto 05). Comentou: “Assim é muito ruim, tinha que ter corrimão” Quanto às poltronas a usuária achou confortáveis, que encontravam-se em uma boa altura e comentou “o declive está muito bom, a gente enxerga tudo lá embaixo.” Para subir as escadas a usuária também precisou se apoiar nas poltronas.

Ao buscar o sanitário, a usuária precisou de ajuda devido não conseguir ler o que estava escrito nas placas afixadas nas portas. Dentro do sanitário na encontrou dificuldades.

No hall a entrevistada não conseguiu identificar a entrada do teatro, devido a ausência de placas informativas e comentou: “tenho que adivinhar, pois não tem placa. Devia ter uma indicação, umas setas indicando onde é e o que é.” Dentro do teatro a usuária sentiu as mesmas dificuldades para deslocar-se precisando de ajuda para descer os degraus (Foto 06). Quanto à numeração das fileiras, afixada na parede, a usuária conseguiu enxergar, porém a das poltronas foi impossível.

Para subir ao 1º pavimento a usuária precisou de informações para localizar as escadas e os elevadores. Ao esperar pelo elevador, a usuária não encontrou dificuldades em acessar o botão de chamada e conseguiu enxergar os números acima da porta, os quais indicavam o local em que o elevador se encontrava. Dentro do elevador precisou de ajuda do assessorista, pois devido a ausência de contraste do material utilizado (metal escovado), não conseguiu enxergar os números da botoeira (baixo relevo, sem cor).

Ao chegar no 1º pavimento encontrou o auditório, devido a porta estar aberta, pois não havia sinalização indicando o local e o nome. Dentro do ambiente não encontrou dificuldades para deslocar-se, porém quanto à escada de acesso ao palco sentiu receio, devido a falta de corrimão (Foto 07). A pesquisadora perguntou quanto à preferência entre escadas e rampas e a usuária respondeu: “Se tiver corrimão eu uso a rampa, se não eu prefiro a escada, porque eu tenho medo de cair na rampa. Mas se for pra descer e se o piso for bom, eu prefiro a rampa, que eu vou devagar.” No hall do pavimento, a entrevistada não identificou as cabinas de

telefone público, devido à ausência de informações adicionais. Para subir até o 2º pavimento a idosa utilizou o elevador (Foto 08).

Ao chegar no 2ª pavimento, a entrevistada não conseguiu ler o suporte informativo, devido o tamanho da fonte utilizada e a altura que estava afixado. Para entrar no saguão das bibliotecas utilizou a catraca sem dificuldades. Devido à presença de suportes informativos, a usuária conseguiu identificar as portas de entrada e saída da biblioteca geral (Fotos 09 e 10). Porém, dentro do ambiente, se sentiu perdida, desorientada, pois não havia informação suficiente. Ao caminhar pela biblioteca, não identificou o local dos livros, precisando de ajuda para chegar até o balcão de empréstimos. Quanto ao uso das estantes, não encontrou dificuldades para alcançar os livros, porém necessitou retirá-los para conseguir ler seus títulos e autores (Foto 11).

Ao sair da biblioteca a usuária não percebeu a porta de saída, indo em direção à mesma porta que havia entrado. Precisou de orientação dos funcionários. Quanto ao bebedouro existente no hall, a altura da bica não estava suficiente e comentou: “tenho que me abaixar muito para alcançar a água” (Foto 12).

Ao subir para o 3º pavimento a entrevistada preferiu utilizar a escada e observou que a altura e profundidade dos degraus eram boas, confortáveis (Foto 13). No entanto, havia corrimão apenas de um dos lados e a usuária comentou: “Assim, a gente que precisa de corrimão, só tem uma alternativa, não pode escolher em que lado quer subir”.

Ao chegar no 3º pavimento, a usuário buscou informação nas pinturas que havia no hall da escada, porém estas eram apenas decorativas. Ao entrar não encontrou dificuldades para utilizar as catracas (Foto 14). Foi sugerido pela pesquisadora que a usuária encontrasse a sala Haroldo Maranhão, porém devido à ausência de sinalização ao longo dos corredores, passou em frente à sala, percorreu todo o corredor, tentando ler as placas de cada sala e não a encontrou (Foto 15 e 16). Comentou: “Podia ter uma placa dizendo onde é, ou então, ter uma pessoa aqui para orientar”. Para subir até o 4º pavimento a idosa utilizou o elevador, onde encontrou dificuldades para visualizar os números da botoeira, devido a ausência de contraste do material (Foto 17).

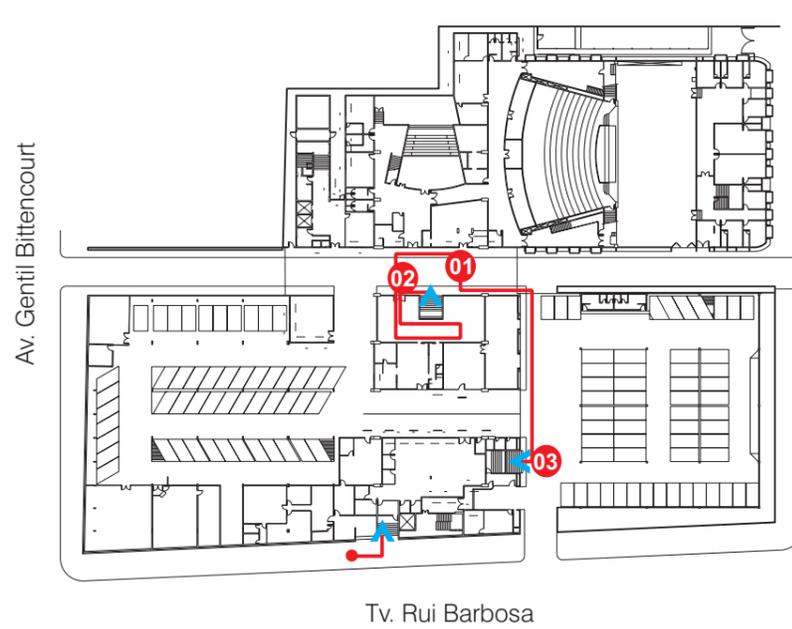
No 4º pavimento, a entrevistada precisou de informação de funcionário para encontrar a fonoteca. Ao entrar no ambiente a usuária quase sofreu uma queda ao tentar subir os degraus do auditório, devido os mesmos possuírem espelho inclinado e do mesmo material do piso, sem contraste (Fotos 18a e 18b). A usuária comentou: “É tudo da mesma cor, só consigo enxergar o primeiro, o segundo a gente confunde”.

Para sair do prédio, a usuária buscou o elevador para chegar ao térreo e foi em direção a mesma escada que havia chegado. Comentou: “eu marquei quando eu cheguei”.

Cabe ressaltar, que devido à chuva não foi possível realizar o passeio a partir da parada de ônibus mais próxima, não podendo avaliar as condições das calçadas no entorno do edifício.

# CENTUR

## Passeio Acompanhado 02- Idosa



Tv. Rui Barbosa

Pav. Subsolo



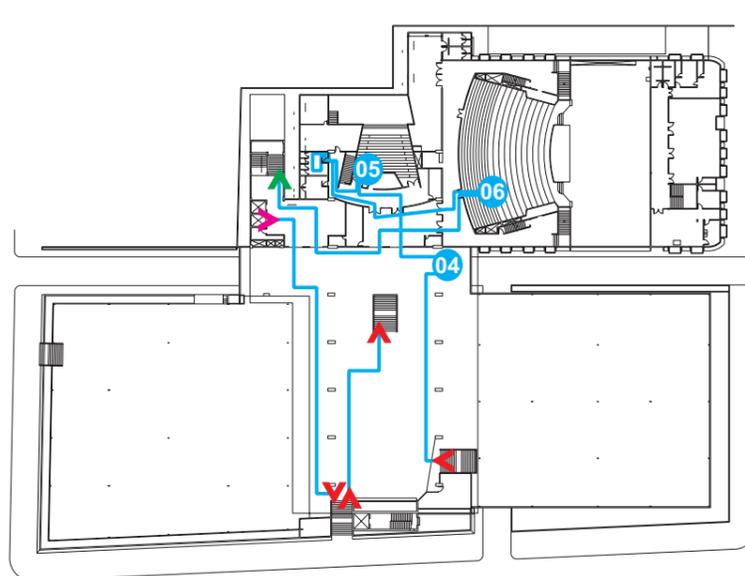
Foto 01



Foto 02



Foto 03



Pav. Térreo



Foto 04



Foto 05



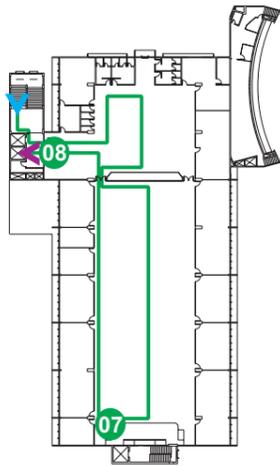
Foto 06

# CENTUR

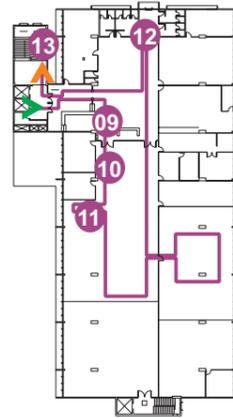
## Passeio Acompanhado 02- Idosa



Foto 07



1º Pavimento



2º Pavimento



Foto 13



Foto 08



Foto 09



Foto 10



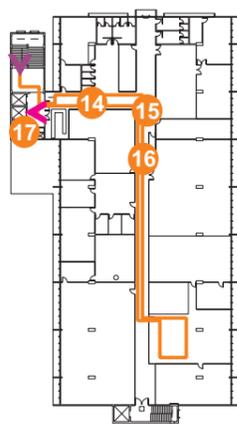
Foto 11



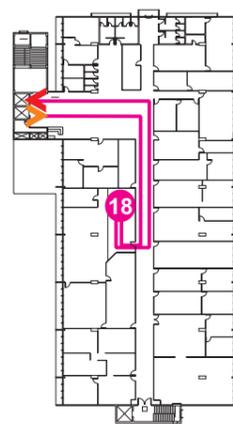
Foto 12



Foto 14



3º Pavimento



4º Pavimento



Foto 18 b



Foto 15



Foto 16



Foto 17



Foto 18 a

### PASSEIO 03: USUÁRIO CEGO

**Entrevistado (a):** A. S. B., 19 anos. O usuário possui restrição sensorial visual desde que nasceu, possuindo dificuldades de orientação, em consequência da ausência de percepção da informação ambiental visual. O usuário percebe alguma claridade.

**Experiência:** possui conhecimento prévio do CENTUR. Freqüenta diariamente a seção Braille.

**Atividade:** entrar no edifício, encontrar e simular o uso dos espaços como a seção Braille, a galeria de arte, a agência bancária, o cinema, o teatro, os sanitários, as salas da biblioteca, o auditório, a fonoteca, o *hall* de eventos, o estacionamento, circulações horizontais e verticais e encontrar a saída.

A visita ao CENTUR, com o usuário com restrição visual foi realizada no dia 26 de janeiro de 2005, no período compreendido entre 15h00min e 17h00minh.

Ao caminhar pelo entorno do edifício, o usuário conseguiu diferenciar o material do piso da calçada (pedra portuguesa) e do cordão de meio fio (cimentado). As calçadas da Av. Gentil Bittencourt e da Tv. Rui Barbosa são largas e o mobiliário existente encontra-se na sua lateral. Porém, ambas possuem buracos na pavimentação, devido ao deslocamento das pedras portuguesas, tornando-se um perigo para o usuário (Foto 01). Na calçada da Tv. Rui Barbosa existem telefones públicos e caixas dos Correios sem sinalização tátil no piso, os quais dificultam a circulação do usuário, além de obstáculos dinâmicos como vendedores ambulantes (Foto 02). Ao chegar à esquina o usuário percebeu a circulação de ar, conseguindo orientar-se (Foto 03). Na calçada da Av. Conselheiro Furtado, o usuário precisou de orientação da pesquisadora quanto à existência de um buraco perigoso, além da dificuldade de deslocar-se devido a vegetação que se encontrava no meio da circulação (Foto 04).

Para entrar no CENTUR, o entrevistado utilizou o acesso da Av. Conselheiro Furtado e devido conhecer previamente o local, foi em direção à seção Braille (Foto 05). O entrevistado utilizou como guia o barulho da central de ar condicionado, que está localizada no subsolo do edifício, em frente à Seção Braille (Foto 06). Comentou: “Pelo barulho ensurdecedor do ar sei quando tenho que dobrar, pois quando acaba a parede o som abre”. O usuário percebe a extensão, a amplidão de um espaço através da acústica. Disse: “Quando o som está mais fechado então é um ambiente menor ou fechado”.

Cabe ressaltar que quando o ônibus pára no ponto, que fica a uma quadra do CENTUR, o usuário utiliza a saída de veículos localizada na Tv. Rui Barbosa para entrar no edifício. Comentou: “Para dobrar na Rui Barbosa, percebo o barulho dos veículos e atravesso a rua. Ao chegar à rampa dos veículos do CENTUR, sei que ali é o local que devo entrar. Conforme vai escurecendo sei que estou entrando no prédio”.

Ao buscar a seção Braille, o usuário foi tateando a parede até encontrar uma porta de vidro, a qual ele já sabia da existência. O entrevistado também utilizou as balizas do estacionamento para guiá-lo na circulação. Cabe ressaltar que, em frente a seção Braille foi colocada uma lombada para diminuir a velocidade dos veículos dentro do estacionamento, gerando maior segurança aos usuários.

Dentro da Seção Braille o usuário não encontrou dificuldades, devido já conhecer todos os ambientes, o mobiliário e as divisões internas. Ao buscar uma das cabinas de computador, o usuário foi na direção correta, porém comentou: “a porta aberta me ajuda, pois quando está fechada temos que tatear a parede para encontrá-la”. Também conseguiu identificar e distinguir as cabinas devido algumas possuírem saída de ar condicionado (Foto 07). Quanto as estantes, todas possuem sinalização tátil, em Braille, para orientar o usuário. Os livros estão todos em Braille. O usuário, ao tenta encontrar um livro, primeiro tateou as etiquetas nas estantes e depois o título do livro.

Ao tentar encontrar a Galeria Theodoro Braga, devido à ausência de sinalização tátil tanto no piso quanto em suportes informativos, foi necessário buscar informação com um funcionário. Ao caminhar pelo estacionamento, o usuário percebeu alguns obstáculos devido à sombra dos mesmos e sentiu a presença de um veículo se aproximando devido ao barulho. Para entrar na galeria o usuário tateou a porta de vidro até encontrar a maçaneta. Dentro do ambiente o entrevistado não identificou o que estava sendo exposto, pois não havia sinalização em Braille nos textos explicativos e nas obras que estavam em exposição.

Para encontrar a agência bancária, foi preciso o usuário se concentrar para ouvir se estava vindo algum carro, pois era necessário atravessar a pista de embarque e desembarque. Durante o percurso até a agência, o entrevistado quase sofre um acidente, pois havia caixas de ar condicionado projetadas sobre a circulação, com altura livre inferior a 2,0 m (Fotos 08 e 09). Porém, o barulho do ar condicionado serviu como referência ao usuário para encontrar o ambiente.

Para subir até o térreo, o usuário utilizou o elevador. O sinal sonoro existente auxiliou o entrevistado, porém não possuía som distinto indicando o sentido do elevador e o pavimento que o mesmo se encontrava. No interior do elevador o usuário precisou da ajuda do assessorista, pois não havia sinalização tátil na botoeira e sinalização verbal indicando o pavimento.

No hall Ismael Nery o usuário comentou quanto a insegurança de se deslocar sozinho neste local, devido a presença de escadas as quais não possuem sinalização tátil no piso indicando o seu início e término. Comentou: “É difícil e perigoso para o cego andar sozinho aqui, a gente pode acidentalmente cair nas escadas”.

Quanto ao uso do telefone público o usuário não encontrou dificuldades, pois já conhecia o sistema de cartões e para discar utiliza a tecla nº 5, que possui uma marcação, como guia (Fotos 10a, 10b, 10c e 10d).



Ao tentar utilizar a hemeroteca, uma das salas de apoio da biblioteca, o entrevistado percebeu que era impossível, devido à ausência total de informações táteis, em Braille (Foto 18). Para encontrar a saída da biblioteca o usuário precisou de orientação da pesquisadora. Quanto ao uso da catraca de acesso, o entrevistado não encontrou dificuldades (Foto 19).

Ao chegar no 3º pavimento o entrevistado simulou o uso do guarda-volume. Devido à ausência de cartões em Braille, foi necessário que o funcionário informasse quanto à numeração da cabina do material.

Na cabina de xerox, havia uma placa, apenas com informações visuais, que dizia “Respeite a fila. Grávidas, deficientes e idosos têm prioridade”. Quanto à tabela de preços, o usuário precisou perguntar para o funcionário, pois não havia em Braille.

Ao tentar encontrar as salas do 3º pavimento o usuário apenas conseguiu identificar as que estavam com as portas abertas, devido à claridade. As demais foi necessário tatear até encontrar as maçanetas. Existia apenas sinalização visual indicando o nome das salas, dificultando a orientação do usuário. Dentro da sala de estudos, o usuário tentou identificar as cabinas com o tato, pois a bengala fazia barulho e a sala exigia silêncio (Foto 20).

Para subir para o 4º pavimento o entrevistado utilizou a escada, porém ao chegar ao hall, percebeu que era diferente dos demais. Para conseguir entrar o usuário tateou a parede e utilizou a bengala para encontrar a porta principal.

O hall deste pavimento era bastante amplo e sem mobiliário, o que dificultou na orientação do usuário. Foi necessária ajuda dos funcionários para que o entrevistado encontrasse a sala da fonoteca (Foto 21). Dentro do ambiente, o usuário percebeu a diferença dos materiais utilizados no piso da parte plana (carpete) e no auditório (madeira). Para subir no auditório o entrevistado precisou utilizar a bengala para identificar os degraus, devido à ausência de sinalização tátil e de cor contrastante nas bordas (Foto 22). Foi observada também a ausência de uma guia de balizamento na lateral do auditório.

Para sair do 4º pavimento o entrevistado buscou o elevador e pediu ajuda ao assessorista para que parasse no pavimento de saída do CENTUR. Ao chegar ao hall do subsolo o usuário foi em direção a Avenida Gentil Bittencourt através da entrada de veículos.

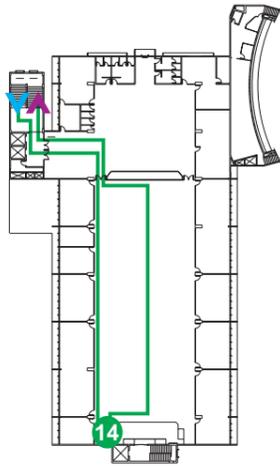


# CENTUR

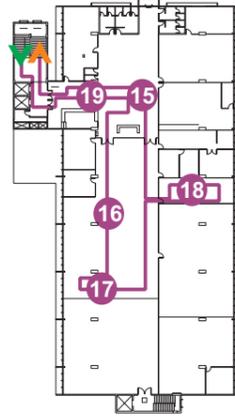
## Passeio Acompanhado 03- Cego



Foto 14



1º Pavimento



2º Pavimento



Foto 19



Foto 15



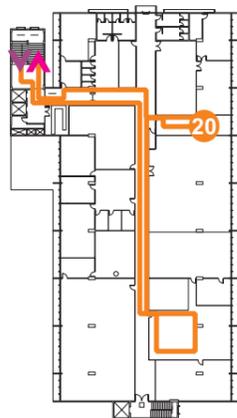
Foto 16



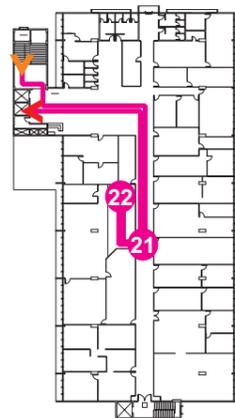
Foto 17



Foto 18



3º Pavimento



4º Pavimento



Foto 20



Foto 21



Foto 22

## PASSEIO 04: USUÁRIO QUE NÃO CONHECE O LOCAL

**Entrevistado (a):** F. E. H., 30 anos.

**Experiência:** usuário turista, não possui conhecimento prévio do CENTUR.

**Atividade:** entrar no edifício, encontrar e simular o uso dos espaços como a seção Braille, a galeria de arte, a agência bancária, o cinema, o teatro, os sanitários, as salas da biblioteca, o auditório, a fonoteca, o *hall* de eventos, o estacionamento, circulações horizontais e verticais e encontrar a saída.

A visita ao CENTUR, com o usuário que não conhece o local foi realizada no dia 01 de agosto de 2005, no período compreendido entre 12h30min e 14h30min.

O passeio teve início a partir da parada de ônibus mais próxima, localizada na Av. Gentil Bittencourt. Para encontrar o centro cultural, o usuário necessitou pedir informações as pessoas que estavam na parada de ônibus.

Ao observar as gravuras coloridas pintadas no muro, o usuário supôs que ali seria o centro cultural que estava à procura (Foto 01). Porém, não conseguiu identificar a presença de sinalização e procurou sozinho a entrada do edifício. Ao encontrar uma escadaria, da Tv. Rui Barbosa, o usuário subiu, sem ter certeza de que se tratava de umas das entradas do CENTUR (Foto 02). Ao subir, o usuário sentiu-se desorientado, devido à ausência de placas informativas. Após percorrer o hall, o entrevistado avistou a sinalização indicando as bilheterias do cinema e do teatro, só aí confirmando que estava no centro cultural.

Devido ter acessado o edifício pelo pavimento térreo, foi necessário que o entrevistado pedisse informações para encontrar o acesso ao pavimento subsolo, conforme solicitado pela pesquisadora.

Ao chegar ao subsolo, o usuário sentiu-se perdido, devido à ausência de sinalização indicando os ambientes existentes no pavimento. Para encontrar a Galeria Theodoro Braga, foi preciso pedir informações ao segurança, porém o usuário não compreendeu totalmente a orientação, necessitando recorrer a outra pessoa (Foto 03). Ao chegar em frente a galeria, o entrevistado não conseguiu visualizar o nome do ambiente que estava afixado no vidro, pois havia uma cortina da cor cinza prejudicando a sua compreensão (Foto 04). Cabe ressaltar que não foi possível entrar na galeria, pois a mesma estava fechada para manutenção.

Para encontrara a Seção Braille, foi necessário pedir informações ao funcionário e comentou: “Não tem placas, não tem como eu achar”. Após receber a informação o usuário deslocou-se pelo estacionamento e visualizou uma placa, na qual estava escrito “Acesso para deficientes” (Fotos 05 e 06). O usuário comentou: “Essa foi a única indicação que eu achei que pudesse me orientar de alguma forma”. Ao identificar o ambiente, o usuário entrou e não encontrou dificuldades para deslocar-se e orientar-se (Foto 07).

Ao sair da Seção Braille, sozinho o usuário buscou encontrar o acesso aos camarins do teatro, conforme solicitado pela pesquisadora. Devido à ausência de suportes informativos, ao

chegar em frente ao hall dos camarins, o usuário comentou: “Não sei se é aqui, não tem nada indicando”, necessitando, novamente, pedir informações ao funcionário (Foto 08).

Ao visualizar uma fila de pessoas e devido ao suporte informativo, o usuário identificou a agência bancária existente no subsolo (Foto 09).

Para subir até o pavimento térreo o entrevistado utilizou a mesma escadaria central, pela qual havia descido. Ao chegar, o usuário comentou sobre a ausência de placas informativas indicando quais os ambientes e os serviços que havia em cada pavimento do centro cultural.

Ao deslocar-se pelo hall Ismael Nery, o usuário identificou as demais entradas do edifício e as bilheterias do cinema e do teatro (Foto 10). Quanto aos telefones públicos, o entrevistado conseguiu identifica-los e utilizá-los, apesar da ausência de placas informativas, comentando: “não sei se tivesse uma feira ou uma exposição, se daria para encontrar os telefones”.

Ao tentar encontrar o cinema e o teatro, o usuário confundiu-se com a entrada do hall dos elevadores (Foto 11). Ao chegar ao hall do cinema e teatro, o entrevistado sentiu dificuldades para ler as placas informativas, devido ao tamanho das fontes e a má localização. Quanto às informações pintadas nas portas de vidro, devido a ausência de contraste, o usuário não conseguiu compreendê-las (Foto 12).

Para encontrar o acesso ao cinema, devido à ausência de visibilidade e legibilidade das placas informativas, o usuário necessitou recorrer à outra pessoa para buscar informações (Foto 13).

Ao entrar no teatro, deslocou-se sem dificuldades, porém não conseguiu identificar as placas informativas que indicavam a numeração das poltronas e das fileiras existentes. (fotos 14 e 15)

Dentro do hall das circulações verticais, o usuário visualizou um suporte informativo, porém o mesmo possuía apenas a programação de filmes da sala de áudio-visual, não contribuindo para a sua orientação no espaço (Foto 16). Ainda no hall, o entrevistado primeiramente identificou os elevadores, e em seguida as escadas, as quais utilizou para chegar até o 1º pavimento (Foto 17).

Ao chegar, o usuário sentiu dificuldades para identificar o que havia no pavimento, pois não encontrou sinalização para orientá-lo (Foto 18). Para identificar o auditório necessitou pedir informações. Dentro do ambiente, devido à amplitude do ambiente, a ausência de desnível entre as fileiras e a iluminação insuficiente, o usuário sentiu dificuldades para enxergar o palco, a partir das últimas poltronas e comentou: “sem possibilidade de enxergar daqui do fundo um texto que estivesse sendo exposto no palco” (Foto 19).

No saguão o entrevistado conseguiu identificar as cabinas de telefones e os sanitários, não encontrando problemas para utilizá-los (Foto 20).

Ao chegar ao 2º pavimento, o usuário visualizou um painel informativo com o nome da biblioteca, porém a placa de sinalização indicando os ambientes e as direções não foi percebida, devido ao tamanho das fontes e a má localização.

No saguão o entrevistado utilizou o guarda-volume e as catracas de acesso sem dificuldades. Quanto às salas de apoio, tais como a gibiteca e a brinquedoteca, o usuário conseguiu identificá-las devido à presença de placas indicativas nas portas dos ambientes. Porém, devido ao tamanho das fontes, o entrevistado comentou: “dependendo da distância, eu consigo ou não ler as placas”.

Quanto à biblioteca geral, devido à presença de suporte informativo indicando a entrada, o usuário não sentiu dificuldades para encontrá-la (Foto 21). Dentro do ambiente precisou buscar informações quanto aos serviços e o funcionamento da biblioteca. Com relação às estantes dos livros não houve dificuldades, pois havia sinalização indicando os assuntos e temas de cada prateleira, e estas possuíam altura ao alcance do usuário (Fotos 22 e 23).

Para identificar a sala de periódicos foi preciso o usuário aproximar-se da porta para conseguir ler a informação contida na sinalização (Foto 24). Dentro do ambiente o entrevistado não encontrou dificuldades para deslocar-se e utilizar as estantes, porém comentou que para encontrar um material específico teria que pedir auxílio para um funcionário, devido à ausência de informações (Foto 25).

Para sair do saguão o entrevistado utilizou as catracas sem dificuldades e buscou a escada para subir até o 3º pavimento (Foto 26).

Ao chegar ao hall do 3º pavimento o entrevistado visualizou o suporte informativo existente, porém não compreendeu as localizações e direções indicadas dos ambientes (Foto 27). Quanto à catraca de acesso, novamente, não encontrou dificuldades para utilizá-la (Foto 28).

Ao longo da circulação, sentiu-se desorientado, devido à ausência de sinalização, necessitando ler todas as placas que existiam nas portas dos ambientes (Fotos 29,30 e 31). Dentro da sala de jornais, o entrevistado não encontrou dificuldades para deslocar-se e para utilizar o mobiliário, o mesmo aconteceu na sala de cabines de estudo (Fotos 32 e 33). Comentou: “a distância entre as mesas pra mim está boa. A presença de outra pessoa não me incomodaria”.

Para subir até o 4º pavimento, o usuário observou a presença de um alarme de incêndio na parede da escada e comentou que talvez não o encontrasse com facilidade devido estar localizado junto a pinturas e gravuras coloridas, sem destaque (Foto 34).

No 4º pavimento, conforme solicitado pela pesquisadora, o usuário buscou a sala da fonoteca, porém, devido à ausência de sinalização, foi necessário pedir informações ao funcionário (Foto 35). A presença de uma placa afixada na porta indicando o nome da sala orientou o usuário (Foto 36). Devido à ausência de suporte informativos o usuário necessitou

recorrer a outra pessoa para compreender o uso dos serviços da sala. Quanto ao mobiliário, não encontrou dificuldades (Foto 37). Ao sair da sala, o entrevistado não percebeu a presença do desnível (Foto 38).

Para sair do centro cultural, o entrevistado buscou o elevador para chegar até o pavimento térreo e, em seguida utilizou a mesma escadaria que havia acessado o edifício (Fotos 39 e 40).

# CENTUR

## Passeio Acompanhado 04 - Pessoa que não conhece o local



Foto 01



Foto 02



Foto 03



Foto 04



Foto 05



Foto 06



Foto 07



Foto 10



Foto 11



Foto 12



Foto 13



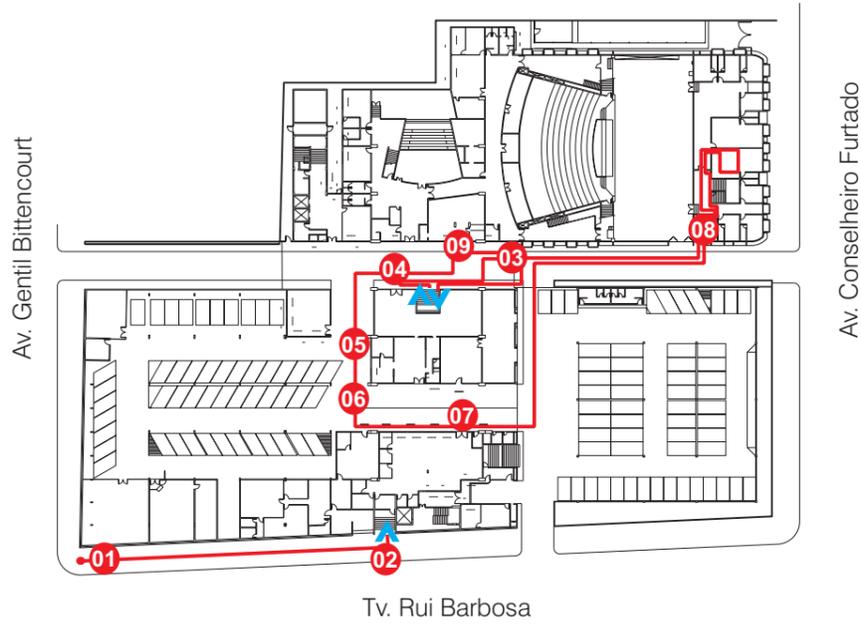
Foto 14



Foto 15



Foto 16



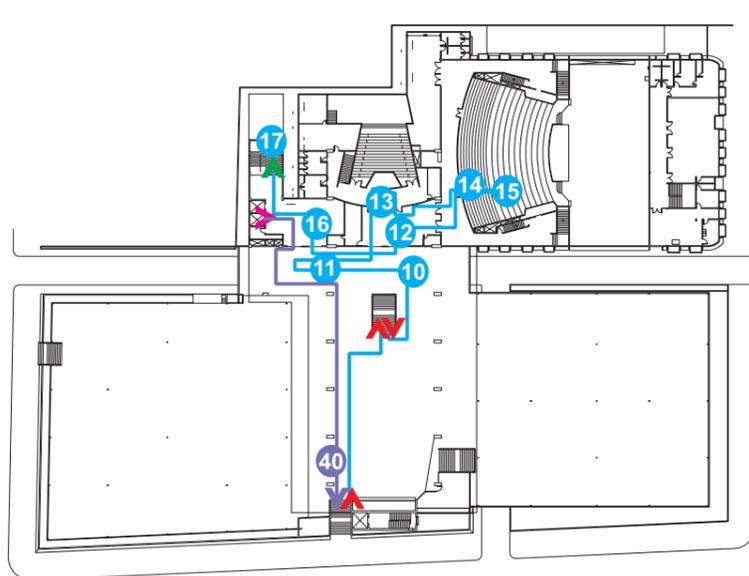
Pav. Subsolo



Foto 09



Foto 08



Pav. Térreo



Foto 40



Foto 17

# CENTUR

## Passeio Acompanhado 04 - Pessoa que não conhece o local



Foto 18



Foto 19



Foto 20



Foto 21



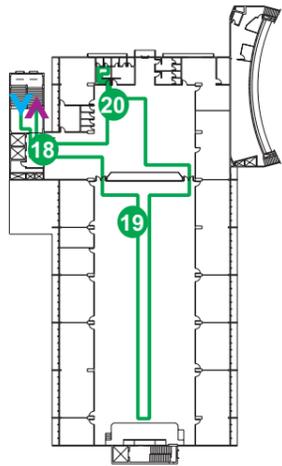
Foto 22



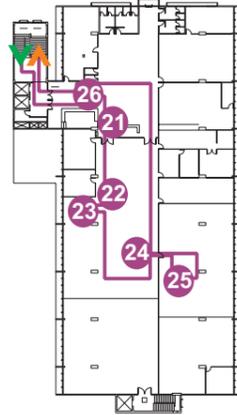
Foto 23



Foto 24



1º Pavimento



2º Pavimento



Foto 26



Foto 25



Foto 27



Foto 28



Foto 29



Foto 30



Foto 31



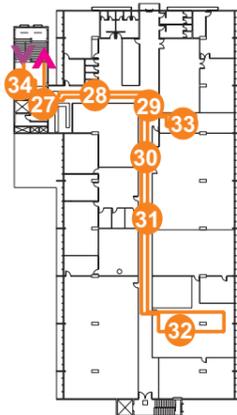
Foto 34



Foto 33



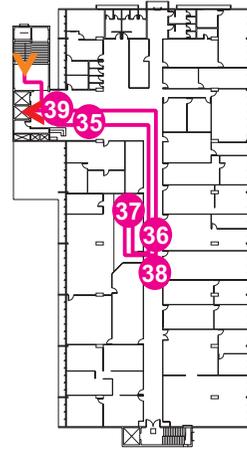
Foto 32



3º Pavimento

# CENTUR

## Passeio Acompanhado 04 - Pessoa que não conhece o local



4º Pavimento



Foto 35



Foto 39



Foto 36



Foto 37



Foto 38

Figura 34 – Mapas Passeio Acompanhado Pessoa que não conhece o local CENTUR – 4º pavimento.

## DESCRIÇÃO DOS PASSEIOS ACOMPANHADOS

### ESTUDO DE CASO 02 – CIC

#### PASSEIO 01: USUÁRIA QUE NÃO CONHECE O LOCAL

**Entrevistado (a):** V.G.D, 23 anos.

**Experiência:** usuária não possui conhecimento prévio do CIC.

**Atividade:** identificar o edifício, entrar, encontrar e simular o uso dos espaços como o hall de entrada, as bilheterias, o cinema, o teatro, os museus, o Café, os sanitários, os camarins, as salas de oficinas, o estacionamento, as circulações horizontais e verticais e por fim, encontrar a saída do centro cultural.

A visita ao CIC com a usuária que não possui conhecimento prévio do local foi realizada no dia 14 de junho de 2005, no período compreendido entre 16h30min e 17h45minh.

O passeio acompanhado teve início a partir da parada de ônibus mais próxima, localizada na Av. Irineu Bornhausen (Foto 01). Devido já ter passado de ônibus em frente ao centro cultural, a usuária já sabia que direção deveria seguir para chegar até o local. Ao longo do percurso, diversos obstáculos foram encontrados tais como, restos de materiais de construção e veículos estacionados sobre a calçada, prejudicando o deslocamento da usuária (Foto 02). Ainda sobre a calçada, a entrevistada não percebeu a paginação no piso com o nome do centro cultural.

Ao chegar em frente ao edifício, a usuária não encontrou sinalização indicando o acesso principal, no entanto ao visualizar a escadaria e o pórtico, supôs que esta seria a entrada (Foto 03). Comentou: “nada indica onde é a entrada”. Também, devido a ausência de sinalização, não identificou o acesso e o local do estacionamento para veículos e comentou: “nunca tinha vindo antes, porquê tinha medo de passar a entrada e não saber voltar”.

Ao chegar ao hall de entrada, a usuária logo visualizou o balcão de informações. Ao tentar encontrar a bilheteria do teatro, dirigiu-se ao guichê do cinema onde, após ler as informações, observou que estava no local errado (Foto 04). Para conseguir encontrar a bilheteria do teatro, recorreu ao funcionário no balcão de informações. Na bilheteria a usuária não encontrou dificuldades (Foto 05).

Para encontrar o Museu da Imagem e do Som, a entrevistada não encontrou dificuldades, pois conseguiu identificar o local a partir da sinalização existente. Dentro do espaço, devido à ausência de suporte informativo com boa visibilidade e legibilidade, a usuária necessitou de ajuda para identificar os ambientes existentes.

Dentro do MIS havia um mapa com informações visuais com a planta baixa do local e os nomes dos ambientes, porém a usuária encontrou dificuldades para se orientar, achando o suporte informativo confuso e pequeno.

Para encontrar a sala de exposições temporárias, a entrevistada foi por tentativa, identificando-a devido as portas estarem abertas e a presença de um *banner* informativo (Foto 06). Dentro do ambiente não encontrou dificuldades, porém comentou sobre a ausência de informações sobre a exposição.

Ao tentar encontrar a sala de piano e o sanitário feminino, utilizou as placas informativas que havia nas portas dos ambientes (Foto 07). No sanitário, a usuária não encontrou dificuldades, porém comentou que os boxes eram pequenos, sem espaço confortável para circulação (Foto 08).

Ao sair do MIS, a usuária identificou o Café Matisse, devido a existência de mesas e cadeiras no jardim. No Café, não encontrou problemas para deslocar-se e utilizar o mobiliário.

Para encontrar a Galeria Lindolf Bell, necessitou parar e observar o ambiente para tentar encontrar alguma informação, ou seja, para orientar-se. Após visualizar o nome da sala pintado na parede, a usuária entrou para observar a exposição e sentiu dificuldades para compreendê-la (Foto 09). Este fato se justifica devido à ausência de suportes informativos com o nome dos autores, das obras e as técnicas utilizadas.

A fim de localizar o espaço reservado para as oficinas de arte, a entrevistada foi em direção ao hall principal e então visualizou a sinalização afixada na porta do ambiente. Para encontrar a sala de cerâmica, foi necessário procurar sozinho, pois não havia sinalização e funcionário no balcão da secretaria das oficinas para informá-la (Foto 10).

Quanto à localização dos sanitários, a usuária procurou por suportes informativos, mas não encontrou, necessitando pedir auxílio para outra pessoa. Dentro do ambiente não sentiu dificuldades para deslocar-se e para utilizar os acessórios.

Ao sair do sanitário a usuária visualizou a sinalização que indicava o Museu de Arte de Santa Catarina. Porém, devido a sinalização está afixada no vidro, sem contraste entre figura e fundo, a entrevistada sentiu dificuldade para compreender o nome do museu (Foto 11).

Ao buscar o acesso aos camarins do teatro, foi necessário pedir informações ao funcionário, novamente, devido à ausência de sinalização. Dentro dos camarins, a usuária não sentiu dificuldades para deslocar-se e utilizar o mobiliário existente (Foto 12). Para encontrar o acesso ao palco, o “segurança” do local precisou orientá-la. No palco constatou a existência de obstáculos que dificultavam o uso das escadas que dão acesso a platéia.

Devido a desatualização e a má disposição das poucas placas informativas ao longo das circulações, a usuária necessitou de auxílio para encontrar o cinema/ auditório do centro cultural (Foto 13).

Conforme solicitado pela pesquisadora, a usuária tentou encontrar o acesso principal para o teatro. Para isso, foi necessário dirigir-se até o balcão de informações e pedir orientação para um funcionário. Devido a sinalização insuficiente e a ausência de elementos de destaque, a usuária observou a dificuldade em orientar-se dentro do CIC. Comentou: “é tudo muito igual. A arquitetura não ajuda”.

Ao subir a rampa, a entrevistada sentiu insegurança para utilizar o corrimão, devido a sua forma, dimensão, e também, pela existência de vegetação dificultando seu uso.

No *foyer*, a usuária não identificou a porta de entrada principal da sala de espetáculos, devido à ausência de suportes informativos e comentou: “eu seguiria o fluxo de pessoas para encontra a entrada do teatro”. Quanto aos sanitários, conseguiu identifica-los, devido já conhecer o símbolo utilizado pelo centro cultural.

Quanto ao uso das poltronas do teatro, observou que a pequena distância entre as fileiras dificultaria ou até mesmo impediria a circulação dos demais usuários (Fotos 14a e 14b). Comentou: “se eu estiver sentada ninguém passa, será preciso eu me levantar”.

A entrevistada sentiu dificuldades para utilizar as escadas, devido a variação nas alturas dos degraus e das larguras dos patamares (Fotos 15, 16a e 16b). A usuária conseguiu visualizar a numeração das fileiras e das poltronas sem problemas. Porém para encontrar uma poltrona específica comentou: “seria melhor se tivesse alguém ajudando, pois não tem como saber por onde começar a procurar”.

Ao sair do teatro, a entrevistada utilizou o balcão da bomboniere sem dificuldades. Porém, quanto ao cardápio observou que as fontes eram pequenas, o material ofuscante e a localização dificultavam a compreensão das informações (Fotos 17a e 17b).

Para sair do CIC, a usuária desceu pela rampa do teatro e dirigiu-se a porta pela qual havia entrado (Fotos 18 e 19). Ao sair, utilizou a pista de veículos e seguiu em direção a parada de ônibus.

# CIC

## Passeio Acompanhado 01 - Pessoa que não conhece o local



Foto 01



Foto 02



Foto 03



Foto 04



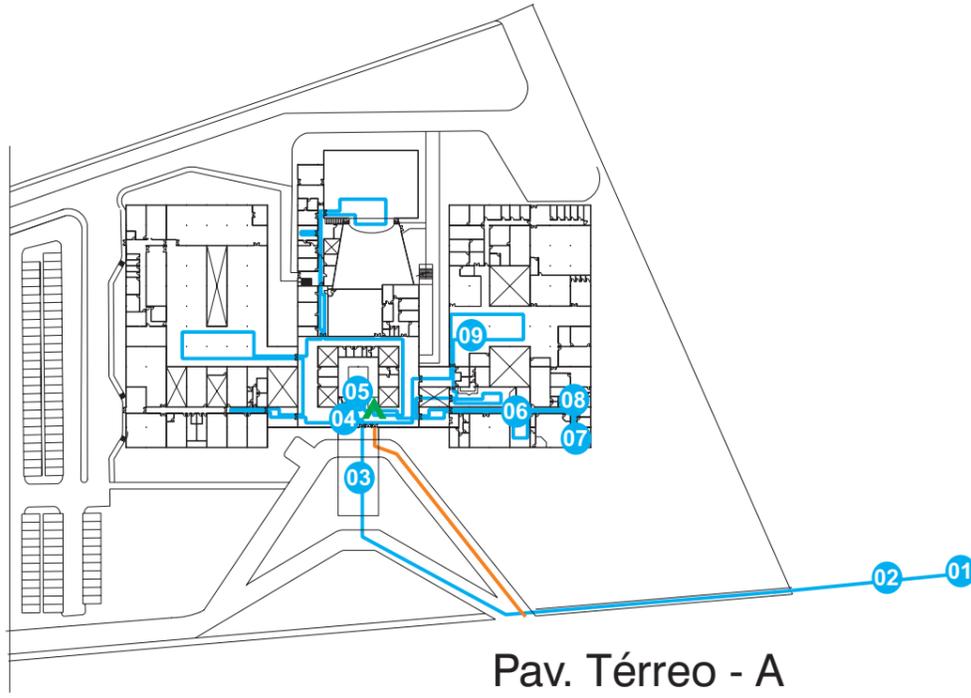
Foto 05



Foto 06



Foto 07



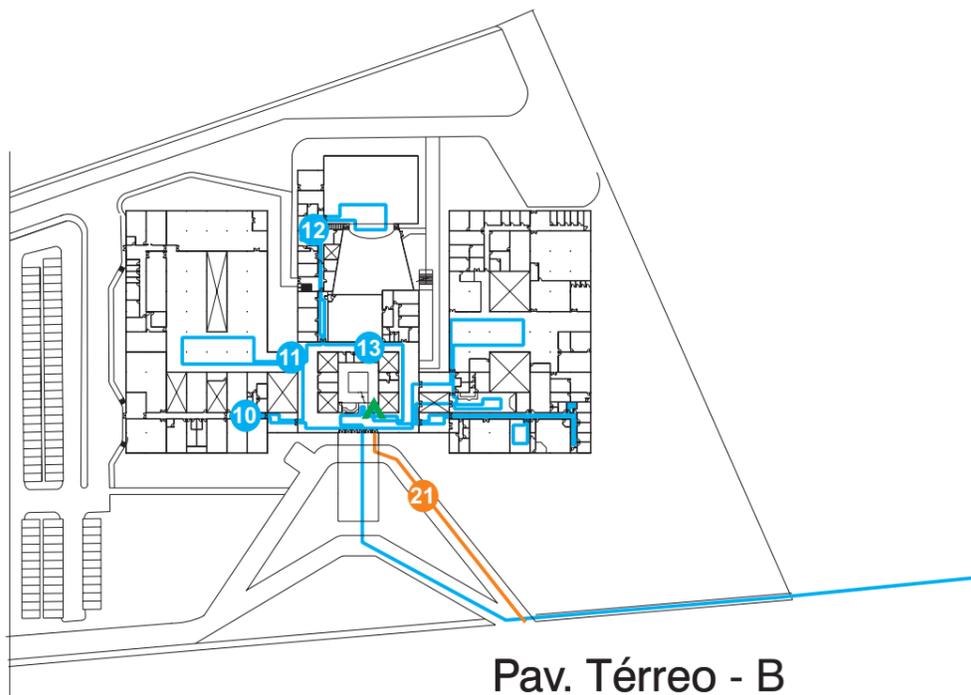
Pav. Térreo - A



Foto 09



Foto 08



Pav. Térreo - B



Foto 21



Foto 10



Foto 11



Foto 12



Foto 13

Figura 35 – Mapas Passeio Acompanhado Pessoa que não conhece o local CIC– térreo A e B.

CIC

## Passeio Acompanhado 01 - Pessoa que não conhece o local



Foto 14 a



Foto 14 b



Foto 15



Foto 16 a



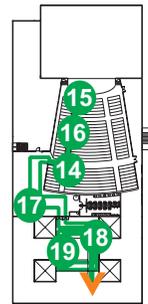
Foto 16 b



Foto 17 a



Foto 17 b



1º Pavimento



Foto 19



Foto 18

Figura 36 – Mapas Passeio Acompanhado Pessoa que não conhece o local CIC – 1º pavimento.

## PASSEIO 02: USUÁRIA COM CADEIRA DE RODAS

**Entrevistado (a):** F.R.A., 46 anos. A entrevistada não possui o movimento dos membros inferiores devido a uma paralisia infantil e utiliza muletas e cadeira de rodas há 15 anos.

**Experiência:** trabalha no CIC a mais de 15 anos, possuindo conhecimento total do edifício.

**Atividade:** identificar o edifício, entrar, encontrar e simular o uso dos espaços como o hall de entrada, as bilheterias, o cinema, o teatro, os museus, o Café, os sanitários, os camarins, as salas de oficinas, o estacionamento, as circulações horizontais e verticais e por fim, encontrar a saída do centro cultural.

A visita com a usuária de cadeira de rodas ao CIC foi realizada no dia 15 de junho de 2005, no período compreendido entre 13h45min e 15h00minh.

Devido a entrevistada trabalhar no centro cultural, e já se encontrar no local, a pesquisadora sugeriu para que o início do passeio fosse realizado a partir do estacionamento. Ao simular o uso da vaga de estacionamento, observou que o espaço era insuficiente, pois não havia área para transferência e circulação de uma cadeira de rodas. Constatou, também, que havia apenas sinalização vertical indicando o local da vaga, porém com altura inferior a sugerida pelas normas técnicas (Foto 01).

Para chegar a entrada do CIC, a entrevistada utilizou o passeio que leva do estacionamento ao edifício, no qual observou a presença de desníveis com altura superior a 5cm (Fotos 02, 03 e 04). Ao tentar deslocar-se pela pista de veículos, único meio de acesso, a usuária necessitou de auxílio para empurrar a cadeira, devido à inclinação incorreta da pista.

Quanto à vaga de estacionamento para pessoas com restrições próxima a entrada do edifício, a usuária comentou sobre a inclinação do piso e a presença constante de uma corrente isolando o local (Foto 05).

Ao tentar chegar a porta de entrada, utilizou a rampa existente, porém comentou que a inclinação não estava adequada e não era confortável (Foto 06).

Devido trabalhar no local há muitos anos, a usuária não sentiu dificuldades para orientar-se, pois já havia conhecimento dos ambientes existentes e as localizações exatas.

Ao tentar utilizar a bilheteria do cinema, a entrevistada sentiu dificuldades, pois a altura do vão encontrava-se fora da sua faixa de alcance manual e visual, e não havia espaço para aproximação da cadeira (Foto 07). O mesmo aconteceu na bilheteria do teatro, onde não conseguiu enxergar a planta baixa para escolha das poltronas, pois estava afixada no balcão, com altura superior ao seu alcance visual (Foto 08).

Ao se deslocar pelo hall principal do centro cultural, a usuária comentou sobre o material utilizado no piso (lajota ardósia), o qual é escorregadio e perigosos para quem usa

muletas. Comentou: "quando eu venho de muletas, procuro coloca-las nas lajotas mais rugosas para não escorregar".

Para chegar até as salas de oficinas não encontrou dificuldades para deslocar-se. Porém o balcão da secretaria dos cursos estava fora do seu alcance visual e manual e não possuía área para aproximação, prejudicando o seu uso (Foto 09). Dentro da sala de aula, a usuária encontrou dificuldade deslocar-se e para utilizar as mesas de trabalho (Foto 10).

Quanto ao telefone público e ao bebedouro, que se encontravam na circulação, a entrevistada não encontrou dificuldades para utilizá-los (Fotos 11 e 12).

Para chegar ao Museu de Arte de Santa Catarina, a usuária não encontrou dificuldades para deslocar-se, devido à ausência de inclinações e desníveis (Foto 13). Dentro do museu observou que as informações sobre os autores e as obras expostas possuíam fontes pequenas e encontravam-se fora do seu alcance visual (Foto 14).

Para chegar aos camarins, a usuária deslocou-se sem problemas. Dentro do ambiente observou que as bancadas estavam com altura adequada e possuíam espaço para aproximação de uma cadeira de rodas (Foto 15). Porém, no sanitário, foi impossível a entrada da cadeirante, devido à ausência de espaço para circulação da cadeira (Foto 16). Quanto aos acessórios, como toalheiro e saboneteira, não conseguiu utilizá-los, devido estarem fora da sua faixa de alcance (Foto 17).

Devido à ausência de desníveis na circulação entre os camarins e o palco, a usuária deslocou-se sem dificuldades (Foto 18). Porém, ao chegar ao palco, observou a ausência de rampa de acesso à platéia.

Quanto ao sanitário exclusivo para pessoas com restrições físico-motoras, a entrevistada conseguiu acessar e utilizar, pois a porta possuía vão superior a 80cm, existia espaço para manobra e transferência, barras de apoio e os acessórios estavam afixadas dentro da faixa de alcance. Porém, comentou que a barra de apoio lateral com inclinação de 45° não era confortável e que o vaso sanitário não estava com altura adequada (Fotos 19a, 19b e 19c).

Ao longo das circulações, a usuária não sentiu dificuldades, pois eram largos, nivelados e sem obstáculos que impedissem seu deslocamento.

Para entrar no cinema, a usuária não encontrou problemas, pois a porta possuía vão largo e o piso era nivelado com o da circulação (Foto 20). Porém, ao entrar observou que não havia espaço destinado a pessoas com cadeira de rodas e a circulação era feita por degraus. Portanto, o único lugar onde a usuária conseguiria ficar, seria no patamar de entrada, dificultando a circulação dos demais usuários. Comentou: "no escuro, as pessoas batem de encontro com a parte de trás da cadeira" (Fotos 21a e 21b).

Quanto ao acesso secundário que existe na lateral do CIC, a entrevistada foi impedida de utilizar, devido a existência de degraus e de rampa inadequada (Foto 22).

No Café Matisse, apesar da existência de desnível no acesso ao jardim, a usuária não possuiu dificuldades para deslocar-se (Foto 23). Porém, para acessar o segundo ambiente do Café, necessitou de ajuda para vencer o desnível do degrau. Dentro do ambiente, devido o layout das mesas, a usuária encontrou dificuldades para deslocar-se. Quanto ao balcão de atendimento e as mesas se encontravam fora do seu alcance visual e manual, e não possuía área para aproximação (Fotos 24a, 24b, 24c e 24d).

Ao chegar ao Museu da Imagem e do Som, a usuária dirigiu-se ao anfiteatro, porém foi impossibilitada de entrar, pois o vão da porta era inferior a 80cm, não havia espaço destinado à cadeira de rodas e a circulação era feita apenas por degraus (Foto 25).

Ao chegar à sala de exposições temporárias, apesar da existência de desnível na porta de entrada, a usuária conseguiu acessar o ambiente. Dentro da sala deslocou-se sem dificuldade, devido à ausência de desníveis. Porém, quanto aos expositores, observou que estavam fora do seu alcance, prejudicando a visualização das obras expostas (Foto 26).

Para subir até o 1º pavimento, necessitou de auxílio para utilizar a rampa existente, pois a mesma era extensa e possuía inclinação inadequada, o que impossibilitou a autonomia da entrevistada (Foto 27). Ao chegar ao pavimento, a usuária não encontrou dificuldades para acessar o foyer do teatro, pois as portas possuíam vãos largos e o piso nivelado (Foto 28). Ao tentar utilizar a bomboniere, a entrevistada comentou que o balcão estava fora da sua faixa de alcance (Foto 29).

Dentro do teatro, observou a ausência de espaço destinado a pessoas com cadeiras de rodas e a presença de degraus nas circulações (Fotos 30a, 30b e 30c). Portanto, os únicos locais onde a entrevistada poderia ficar, seriam no patamar principal, no alto do teatro, e na circulação em frente ao palco, a qual possui acesso pelo pavimento térreo. Cabe ressaltar que na circulação em frente ao palco, não há conforto, devido ao alcance e o angulo visual.

Quanto ao sanitário existente neste pavimento, observou a ausência de boxes destinados a pessoas com restrições físico-motoras, o que impossibilitou o uso da entrevistada (Foto 31).

Para descer a rampa, a usuária necessitou novamente de auxílio, devido a inclinação inadequada (Fotos 32a e 32b). Para sair do edifício, a entrevistada utilizou a pista de veículos e dirigiu-se ao estacionamento.

Cabe ressaltar que, quanto à orientação, apesar de já possuir conhecimento do local, a entrevistada observou que quando necessita de informações pede auxílio no balcão, com os funcionários.

CIC  
 Passeio Acompanhado 02- Cadeirante 



Foto 01



Foto 02



Foto 03



Foto 04



Foto 05



Foto 06



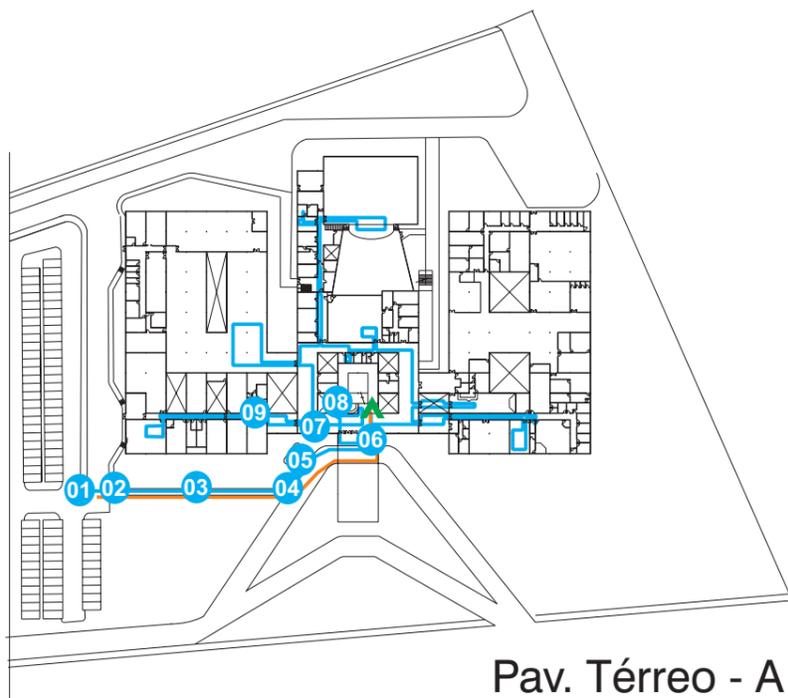
Foto 09



Foto 08



Foto 07



Pav. Térreo - A



Foto 10



Foto 11



Foto 12



Foto 13



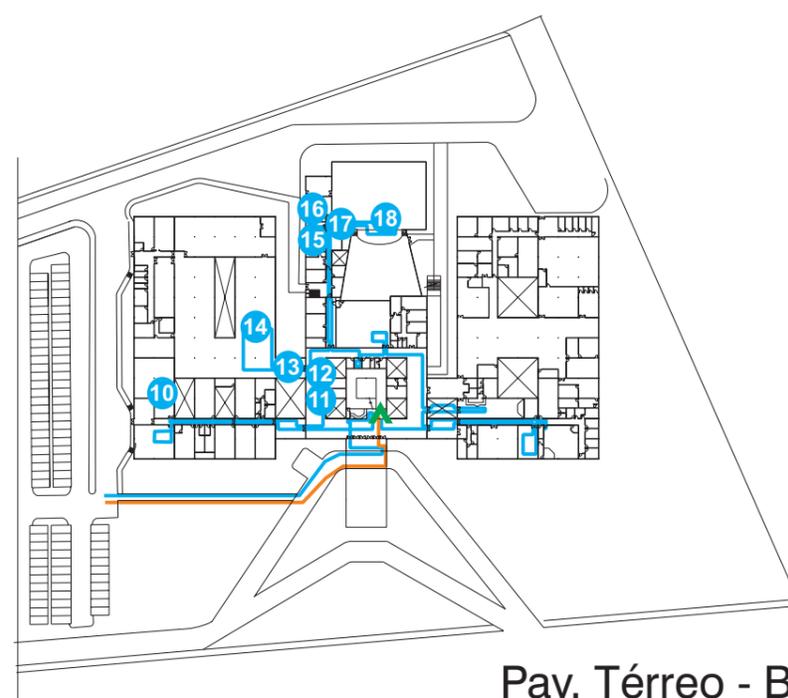
Foto 14



Foto 15



Foto 16



Pav. Térreo - B



Foto 18



Foto 17

CIC

Passeio Acompanhado 02- Cadeirante

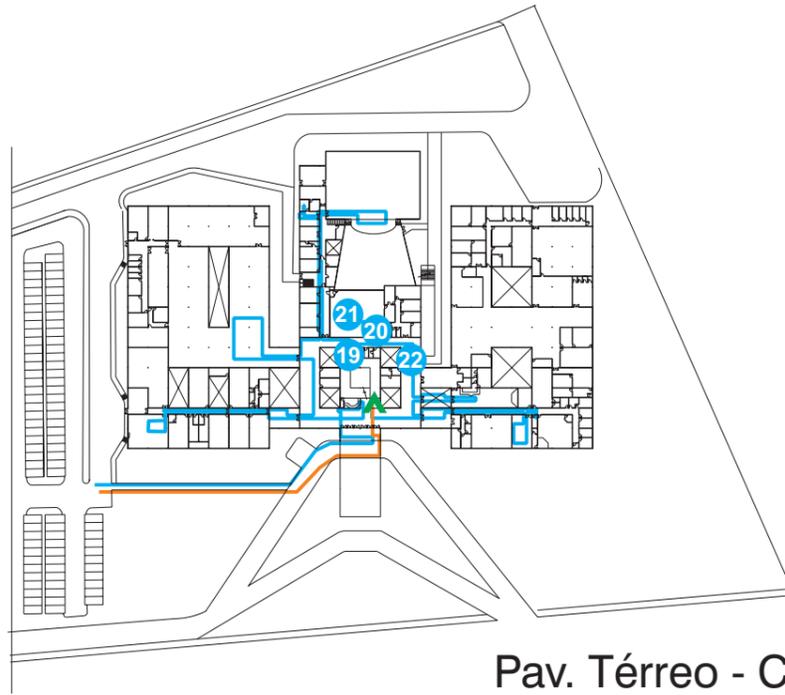


Foto 19 a



Foto 22



Foto 19 b



Foto 19 c



Foto 20



Foto 21 a



Foto 21 b

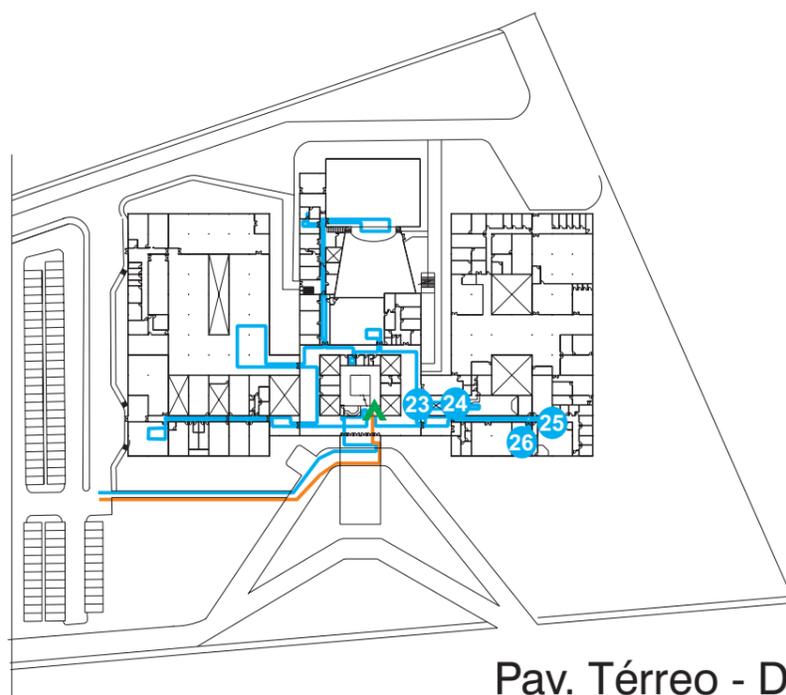


Foto 23



Foto 26



Foto 24 a



Foto 24 b



Foto 24 c



Foto 24 d



Foto 25

CIC

# Passeio Acompanhado 02- Cadeirante



Foto 27



Foto 28



Foto 39



Foto 30 a



Foto 30 b



Foto30 c



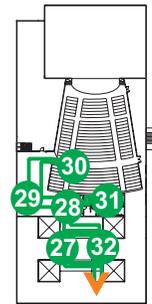
Foto 32 b



Foto 32 a



Foto 31



1º Pavimento

Figura 39 – Mapas Passeio Acompanhado Cadeirante CIC – 1º pavimento.

### PASSEIO 03: USUÁRIA IDOSA

**Entrevistado (a):** I. C. M., 77 anos. A entrevistada utiliza bengala para deslocar-se, há cerca de sete anos, pois possui restrições físico-motoras causadas pela artrose.

**Experiência:** possui conhecimento prévio apenas do hall principal, do Café Matisse e do teatro do CIC.

**Atividade:** identificar o edifício, entrar, encontrar e simular o uso dos espaços como o hall de entrada, as bilheterias, o cinema, o teatro, os museus, o Café, os sanitários, os camarins, as salas de oficinas, o estacionamento, as circulações horizontais e verticais e por fim, encontrar a saída do centro cultural.

O passeio realizado com a usuária idosa aconteceu no dia 16 de junho de 2005, pelo turno da tarde, no período compreendido entre 14h00min e 15h30minh.

A visita teve início a partir do estacionamento do CIC. Devido já ter conhecimento do local, a usuária, apesar da ausência de sinalização, sabia a direção que deveria seguir para encontrar a entrada principal do edifício. Porém, comentou que na primeira vez que visitou o centro cultural sentiu-se desorientada e necessitou de auxílio de outra pessoa.

Ao longo do passeio e da pista de veículos, obstáculos foram observados pela usuária, tais como desníveis e o material escorregadio do piso (Foto 01).

Ao chegar ao hall principal, tentou encontrar a bilheteria do teatro, porém, devido à ausência de sinalização, a usuária dirigiu-se para o guichê do cinema. Ao visualizar os cartazes que estavam em exposição divulgando os filmes e os horários, observou que estava na bilheteria errada. Quanto ao uso desta bilheteria, a entrevistada sentiu dificuldades, pois o vão de atendimento encontrava-se fora do seu alcance visual e manual (Fotos 02a e 02b).

Após perceber que estava no local errado, primeiramente, a usuária procurou achar sozinha a bilheteria do teatro. Sem sucesso, necessitou perguntar a alguém, porém, não havia percebido a existência do balcão de informações. Após visualizá-lo, pediu orientação para a funcionária, a qual a indicou o local exato da bilheteria desejada (Foto 03).

Ao chegar à bilheteria do teatro, a usuária não sentiu dificuldades, pois conseguiu utilizar o balcão e visualizar as informações que estavam expostas (Foto 04).

Para saber a localização do Museu de Arte de Santa Catarina, a entrevistada necessitou, novamente, recorrer ao balcão de informações.

Ao longo das circulações não sentiu dificuldades para deslocar-se. Quanto ao uso do telefone público, observou que as letras das informações eram pequenas, o que dificultavam sua compreensão (Foto 05).

Antes de chegar ao museu, a usuária tentou encontrar o sanitário feminino, porém, sentiu dificuldade para compreender o símbolo que representava o local (Foto 06). Dentro do ambiente conseguiu deslocar-se e utilizar os acessórios existentes.

Quanto ao museu, a usuária conseguiu identifica-lo devido a presença de sinalização afixada na porta e no painel informativo (Foto 07). Dentro do ambiente sentiu-se desorientada, devido a ausência de suportes informativos. Quanto às informações sobre as obras expostas, algumas estavam localizadas inadequadamente, com letras pequenas, com pouca legibilidade e visibilidade, dificultando a compreensão e uso da entrevistada (Foto 08).

Para encontrar o cinema, a idosa necessitou recorrer a outra pessoa para orientar-se. Dentro do ambiente, foi preciso deslocar-se devagar e com atenção, devido a ausência de sinalização nas bordas dos degraus e da altura elevada dos espelhos (Foto 09). Quanto ao mobiliário, não encontrou dificuldades para utilizá-lo, considerando-o confortável (Foto 10).

Ao sair do cinema, a usuária dirigiu-se ao Café Matisse sem problemas, devido já conhecer o local. Dentro do Café, a idosa conseguiu deslocar-se e utilizar o mobiliário existente, como as mesas, cadeiras e o balcão de atendimento (Fotos 11 e 12).

No Museu da Imagem e do Som, sentiu-se desorientada, devido à má localização do suporte informativo que indicava os ambientes existentes (Foto 13).

Quanto ao painel de informações existente no hall principal, a usuária sentiu dificuldade de compreensão, devido à desorganização e grande quantidade de folhetos expostos (Foto 14).

A entrevistada utilizou o mobiliário de espera existente no hall sem dificuldades e comentou: “essas poltronas são bastante confortáveis” (Foto 15).

Devido já saber onde se localizava o teatro a usuária dirigiu-se a rampa, a fim de subir para o 1º pavimento. Ao subir a rampa, a usuária sentiu-se cansada, precisando parar. Comentou: “tem rampas que são piores que escadas”. A idosa utilizou os corrimãos, porém observou que não eram confortáveis e comentou: “era preciso ter corrimãos em ambos os lados da rampa” (Fotos 16 e 17).

Ao chegar ao foyer do teatro, não conseguiu utilizar o mobiliário de espera, devido ser muito baixo e não possuir apoio lateral (Foto 18). Dentro do teatro, a usuária comentou que se a sua poltrona fosse muito distante do palco, ela sentiria dificuldade para escutar e enxergar o espetáculo. Devido à ausência de corrimãos, necessitou apoiar-se no guarda-corpo e nas poltronas para subir os degraus existentes nas circulações (Fotos 19a e 19b). Quanto às poltronas, conseguiu utilizá-las e visualizar a numeração (Foto 20).

Ao sair do teatro, visualizou uma porta e ao verificar constatou que não era para o uso do público em geral (Foto 21).

No sanitário, a idosa não encontrou dificuldades para deslocar-se (Foto 22). Porém, quanto aos acessórios observou que a profundidade da bancada da pia e a altura da papeleira prejudicaram seu uso (Fotos 23a e 23b). Para descer até o térreo, necessitou, novamente, utilizar os corrimãos da rampa para apoiar-se (Foto 24). Ao chegar ao hall principal e buscar a saída, a idosa utilizou o mesmo percurso realizado na chegada para encontrar o estacionamento.

CIC

Passeio Acompanhado 03 - Idosa



Foto 01



Foto 02 a



Foto 02 b



Foto 03



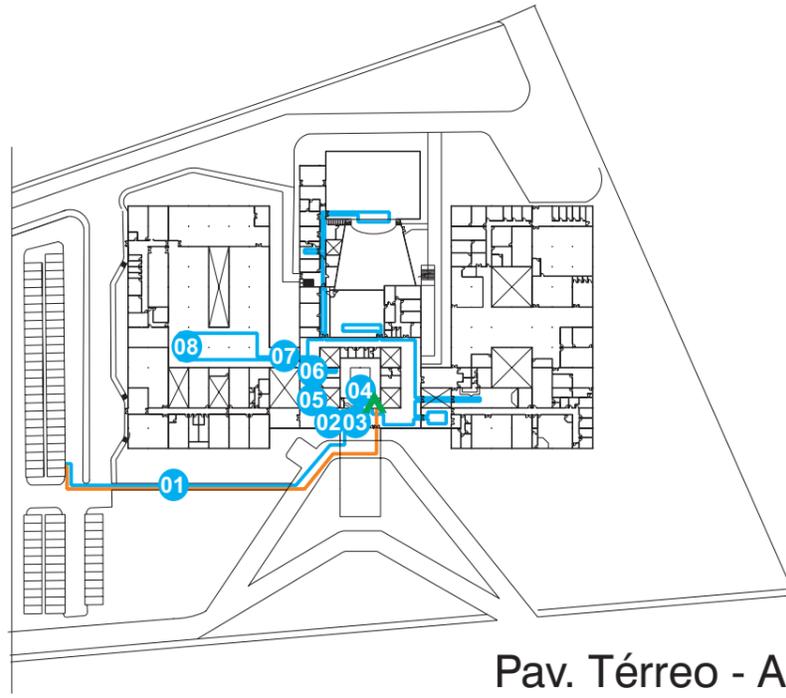
Foto 04



Foto 05



Foto 06



Pav. Térreo - A



Foto 08



Foto 07



Foto 09



Foto 10



Foto 11



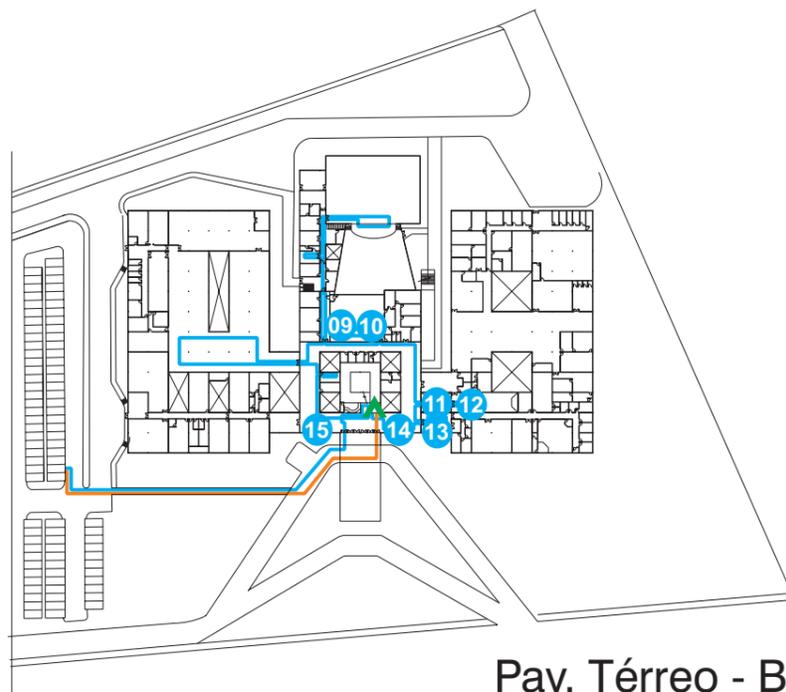
Foto 12



Foto 13



Foto 14



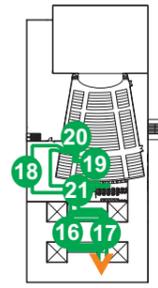
Pav. Térreo - B



Foto 15

CIC

Passeio Acompanhado 03 - Idosa



1º Pavimento - A



Foto 16



Foto 21



Foto 17



Foto 18



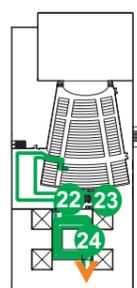
Foto 19 a



Foto 19 b



Foto 20



1º Pavimento - B



Foto 22



Foto 23 a



Foto 23 b



Foto 24

## PASSEIO 04: USUÁRIO CEGO

**Entrevistado (a):** J.C.R., 37 anos. O usuário possui restrição sensorial visual desde a adolescência, possuindo dificuldades de orientação, em consequência da ausência de percepção da informação ambiental visual. Cabe ressaltar que, devido já ter enxergado, o usuário possui memória de imagens.

**Experiência:** possui conhecimento prévio do local, porém sempre acompanhado de outra pessoa.

**Atividade:** identificar o edifício, entrar, encontrar e simular o uso dos espaços como o hall de entrada, as bilheterias, o cinema, o teatro, os museus, o Café, os sanitários, os camarins, as salas de oficinas, as circulações horizontais e verticais e por fim, encontrar a saída do centro cultural.

A visita com o usuário cego foi realizada no dia 20 de junho de 2005, no período compreendido entre 15h30min e 17h30minh.

Cabe ressaltar que, a pesquisadora acompanhou o entrevistado desde a sua residência até a parada de ônibus mais próxima do CIC, onde foi iniciado o passeio.

Ao iniciar o percurso, o usuário comentou sobre a ausência de pisos táteis na parada de ônibus, o que dificulta sua orientação. Para saber a direção em que se encontrava o CIC, necessitou de auxílio de outra pessoa.

Ao longo do percurso, o entrevistado utilizou o meio fio do passeio para orientar-se, e comentou: “como eu não conheço, vou próximo ao meio fio, mas tomando cuidado, porque a rua é bastante movimentada” (Foto 01). No passeio diversos obstáculos foram encontrados, tais como buracos, pedras soltas, postes, veículos estacionados, entre outros (Fotos 02,03 e 04).

Na esquina, observou a ausência de piso alerta indicando o fim do passeio e o desnível, buscando um referencial para tentar chegar ao outro lado da rua sem desviar-se (Foto 05).

Ao chegar ao passeio do CIC, utilizou como referencial a diferença de piso entre o calçamento de pedra e o canteiro com vegetação. Comentou: “Estou usando este referencial, ao lado oposto do meio fio, para tentar encontrar a entrada do centro cultural”. O usuário também ressaltou que percebeu a diferença do material do piso, devido o barulho da bengala e a vibração.

No término do passeio não havia elementos de sinalização tátil, indicando o desnível e a entrada do edifício. O usuário comentou: “aqui não tem sinalização indicando se aqui é uma outra rua ou se já é a entrada do CIC” (Fotos 06 e 07).

Ao tentar chegar na entrada do CIC, sentiu dificuldades e dirigiu-se a pista de veículos, necessitando receber informações para encontrar o acesso dos pedestres (Fotos 08 e 09). Comentou: “nada indica a entrada, se eu viesse sozinho seria muito difícil”.

Ao chegar próximo a escadaria, o usuário percebeu que estava chegando à edificação devido a acústica, e comentou: “o lugar começou a ficar mais fechado, o som não se propaga da mesma forma” (Foto 10).

Em frente a entrada do CIC, não sabia da existência da pista de veículo para embarque e desembarque de passageiros, devido sempre ir ao local acompanhado e nunca ter prestado atenção.

Para encontrar a porta de entrada, necessitou tatear com a bengala o vidro até encontrar o vão (Foto 11). Ao chegar ao hall, devido à ausência de sinalização tátil, dirigiu-se aos ruídos de vozes, a fim de buscar informações. No balcão de informações, pediu orientação sobre a bilheteria e a sala do cinema. Porém, as informações dadas pela funcionária não foram suficientes e compreensíveis.

Devido à ausência total de informações táteis, indicando os ambientes e suas localizações, o usuário necessitou recorrer diversas vezes a outras pessoas para orientar-se dentro do centro cultural.

Na bilheteria do cinema constatou a ausência de informações em Braille, tais como os nomes dos filmes em exibição, os horários e os valores dos ingressos (Foto 12). Próximo a bilheteria, painéis informativos móveis, obstruíram o deslocamento do usuário (Fotos 13a e 13b).

Ao tentar encontrar o sanitário, percebeu que havia o vão na parede, porém não tinha certeza que ali era o local correto, necessitando de auxílio. Dentro do ambiente, primeiramente, o entrevistado fez uma visita exploratória para compreender a disposição dos elementos. Posteriormente simulou o uso do espaço e de seus equipamentos e não encontrou dificuldades (Fotos 14a, 14b e 14c).

Ao longo do percurso o entrevistado deslocou-se utilizando como guia o alinhamento das paredes e comentou: “vou sempre pegando o limite da parede porque fica mais fácil de ter um referencial”.

Os elementos que se encontravam próximo as paredes, como telefones públicos, bebedouros e lixeiras, não obstruíram a circulação do usuário (Foto 15).

Em seguida, dirigiu-se ao corredor de acesso aos camarins, identificando a porta de entrada a partir do som da bengala, pois esta era de madeira (Foto 16). Porém, não havia sinalização tátil que indicasse ao usuário a localização exata dos camarins, necessitando de auxílio. Ao longo da circulação percebeu o estreitamento das paredes e a existência de vãos, devido a propagação do som.

Após tatear a porta de um dos camarins e abri-la, o entrevistado conseguiu utilizar o ambiente e seu mobiliário sem dificuldades (Fotos 17 e 18).

Ao dirigir-se ao cinema, novamente, percebeu o local da porta, devido o barulho da bengala, pois a mesma possuía almofadas em couro (Foto 19). No cinema, percebeu que estava num local fechado devido a reverberação do som. Em seguida, com a bengala explorou

o ambiente, conseguindo identificar as poltronas e a presença de degraus na circulação (Fotos 20 e 21).

Ao tentar chegar ao Café Matisse, o usuário encontrou obstáculos, sem sinalização tátil no piso, tais como vasos de planta e esculturas, o que prejudicou seu deslocamento (Fotos 22 e 23). Cabe ressaltar que a escultura era de material cortante, tornando-se um obstáculo perigoso ao entrevistado.

Ao chegar próximo a entrada do Café, percebeu a abertura do vão, devido à circulação de ar (Foto 24). Dentro do ambiente, o lay-out das mesas tornou-se um obstáculo, pois se encontrava no meio da circulação. O entrevistado também percebeu a existência do canteiro com vegetação no hall do Café (Fotos 25a e 25b). Quanto ao cardápio, este não possuía informações em Braille, fazendo com que necessitasse de auxílio.

No caminho para o Museu da Imagem e do Som, o entrevistado bateu em um painel informativo móvel e comentou: “poderia ter um local específico para estes painéis, ou então, uma sinalização, tipo piso alerta, para nos orientar” (Foto 26).

Ao chegar em frente a entrada do MIS, percebeu que havia uma porta, devido a circulação de ar e a existência de um capacho no piso (Foto 27). Dentro do ambiente não havia sinalização tátil ou algum funcionário para orientar o usuário. Com auxílio da pesquisadora, dirigiu-se ao corredor onde existem diversos ambientes.

Para tentar encontrar a sala de exposições temporárias, o entrevistado foi tentando detectar a presença das portas a parti do tato e da batida da bengala. Porém, as portas possuíam apenas sinalização visual, o que prejudicou sua orientação (Foto 28). Ao chegar na sala, o usuário tropeçou no desnível existente na porta de entrada. Dentro do ambiente, não havia informação tátil ou sonora sobre as obras em exposição (Foto 29). O entrevistado comentou que quando vai a uma exposição precisa de alguém para descrever as imagens, as técnicas e os objetos expostos.

Ao longo do percurso, o usuário observou que a diversidade dos materiais das portas e paredes, tais como, vidro, alvenaria, madeira e tecido, torna-se um referencial para sua orientação. Comentou: “agora eu já sei que a porta do cinema é a que possui material acolchoado”.

Para encontra o Museu de Arte de Santa Catarina, necessitou pedir auxílio a um funcionário e em seguida, utilizou a parede com guia. Ao longo da circulação constatou a existência de esculturas, que não possuíam sinalização tátil no piso indicando sua projeção, tornando-se perigosas para o deslocamento do usuário (Foto 30).

Dentro do MASC, devido a amplitude do ambiente e a ausência de sinalização tátil, o usuário comentou que necessitaria de alguém para orientá-lo, para que não batesse nos objetos.

Em seguida, dirigiu-se ao balcão de informações para orientar-se quanto a localização da bilheteria e da sala do teatro.

Na bilheteria, assim como na do cinema, não havia material em Braille indicando o local das poltronas, os horários e os espetáculos em exibição (Foto 31).

Ao subir a rampa para chegar ao 1º pavimento, utilizou a parede lateral como guia (Foto 32). Ao longo do percurso, percebeu a existência do jardim, devido a reverberação do som, e a projeção da janela basculante sobre a circulação (Fotos 33 e 34).

O usuário identificou a porta de entrada do foyer, devido ao barulho da bengala sobre o vidro (Foto 35). Dentro do ambiente, utilizou a parede com guia, porém encontrou elementos decorativos que prejudicaram seu deslocamento (Foto 36).

No teatro, sentiu dificuldades para orientar-se e deslocar-se, devido a ausência de sinalização tátil, tanto no piso indicando os degraus, como na numeração das poltronas (Fotos 37, 38a e 38b).

Para sair do teatro, o usuário identificou o local da porta pelo toque da bengala na cortina (Foto 39). Para voltar, seguiu o mesmo percurso da entrada.

Ao descer a rampa, o entrevistado dirigiu-se a porta principal, deslocou-se pela pista de veículos, a fim de encontrar o caminho para chegar até a parada do ônibus.

Por fim, o usuário comentou que recebe as informações quanto às atividades e eventos que ocorrem no CIC, a partir da televisão e do rádio.

Cabe ressaltar que todas as vezes que visitou o centro cultural, o entrevistado estava acompanhado de outra pessoa. Comentou: “venho sempre com alguém e assim não tenho tantas dificuldades”.

CIC

Passeio Acompanhado 04- Cego



Foto 01



Foto 02



Foto 03



Foto 04



Foto 05



Foto 06



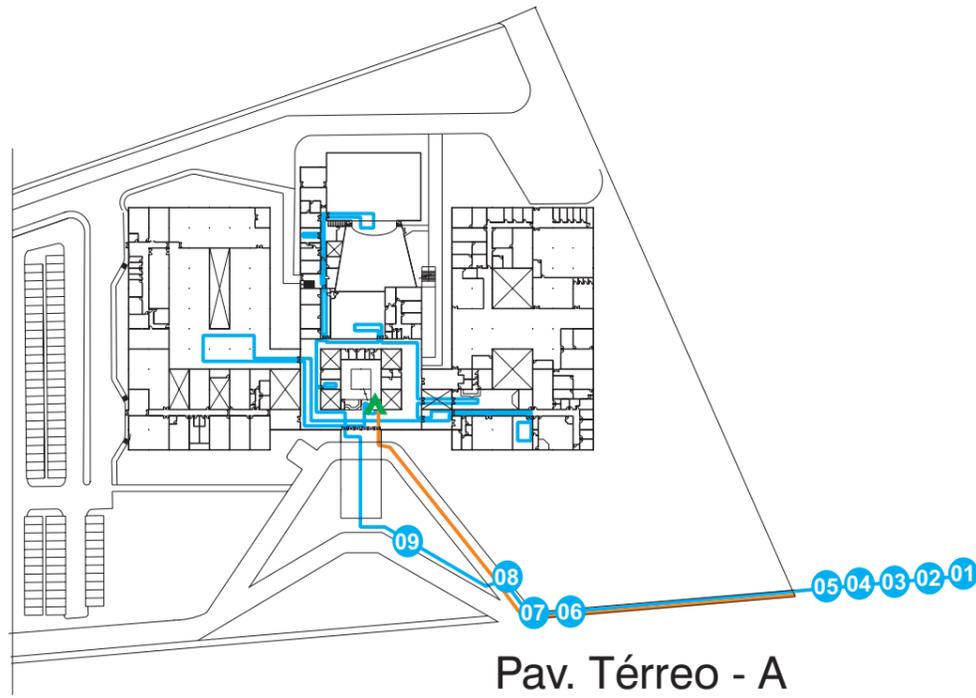
Foto 07



Foto 09



Foto 08



Pav. Térreo - A



Foto 10



Foto 11



Foto 12



Foto 13 a



Foto 13 b



Foto 14 a



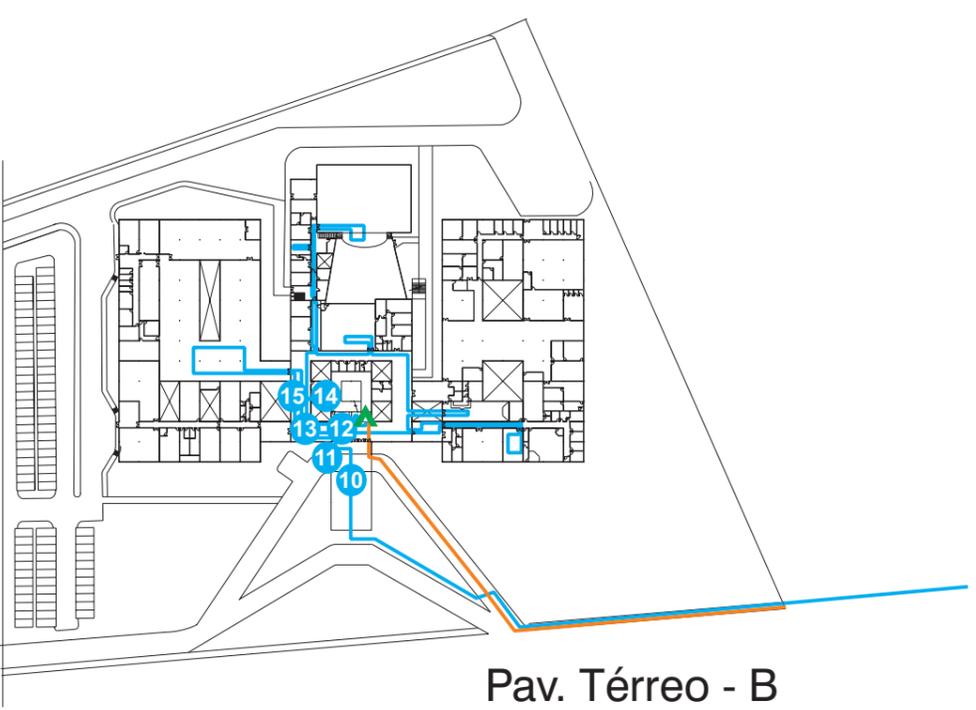
Foto 14 b



Foto 15



Foto 14 c



Pav. Térreo - B

Figura 42 – Mapas Passeio Acompanhado Cego CIC – térreo A e B.

CIC

Passeio Acompanhado 04- Cego



Foto 16



Foto 17



Foto 18



Foto 19



Foto 20



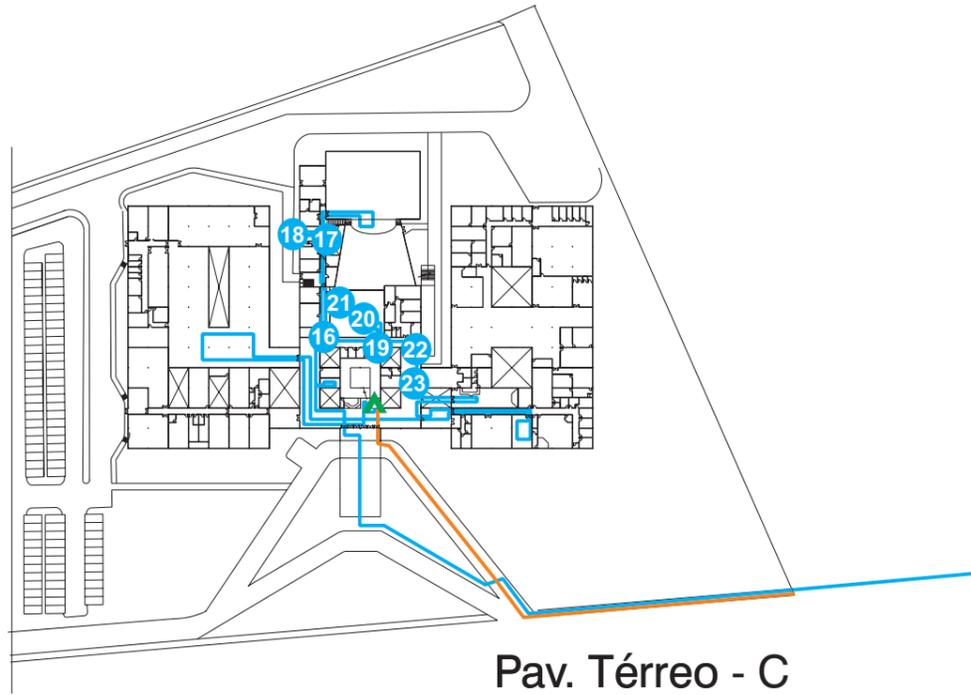
Foto 21



Foto 23



Foto 22



Pav. Térreo - C



Foto 24



Foto 25 a



Foto 25 b



Foto 26



Foto 27



Foto 28



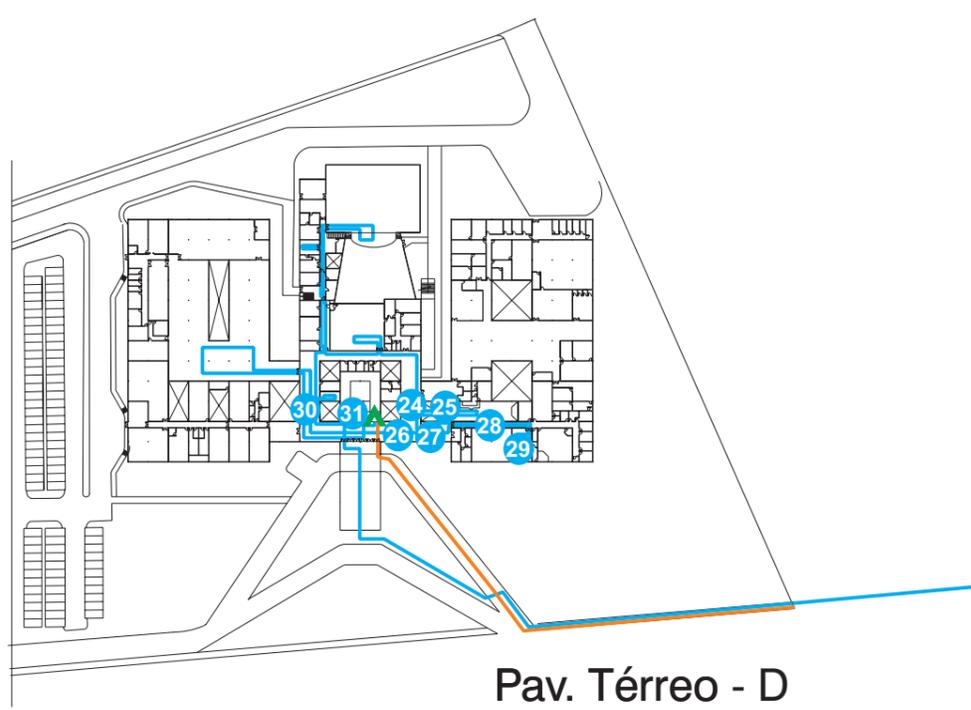
Foto 31



Foto 30



Foto 29



Pav. Térreo - D

CIC

# Passeio Acompanhado 04- Cego



Foto 32



Foto 33



Foto 34



Foto 35



Foto 36



Foto 37



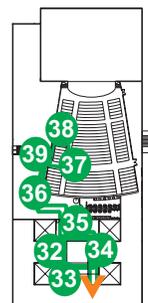
Foto 39



Foto 38 b



Foto 38 a



1º Pavimento

Figura 44 – Mapas Passeio Acompanhado Cego CIC – 1º pavimento.

## PASSEIO 05: USUÁRIA SURDA

**Entrevistado (a):** S.L.A., 41 anos. A entrevistada possui restrição sensorial auditiva, surdez parcial desde o nascimento, possuindo dificuldades de comunicação e orientação. Cabe ressaltar que a entrevistada é pedagoga e durante a infância foi oralizada.

**Experiência:** possui conhecimento prévio do CIC.

**Atividade:** identificar o edifício, entrar, encontrar e simular o uso dos espaços como o hall de entrada, as bilheterias, o cinema, o teatro, os museus, o Café, os sanitários, os camarins, as salas de oficinas, o estacionamento, as circulações horizontais e verticais e por fim, encontrar a saída do centro cultural.

A visita ao CIC com a usuária foi realizada no dia 29 de novembro de 2005, no período compreendido entre 14h00min e 15h00minh.

O passeio teve início a partir da escadaria principal do centro cultural. Devido já possuir conhecimento prévio do local, a usuária já sabia onde ficava a entrada do edifício. Porém, comentou que se não houvesse uma placa, chamando a atenção, como o *outdoor*, ou com o nome do edifício, seria difícil para o surdo se orientar (Fotos 01 e 02)

Ao entrar no hall principal, a usuária precisou olhar todo o ambiente e as informações existentes. Ao ler a placa “eventos”, a usuária foi em direção ao painel informativo buscar a programação do centro cultural (Fotos 03a e 03b) A entrevistada comentou que para o surdo a imagem de um cartaz, por exemplo, é mais importante que o texto.

Ao chegar enfrente ao balcão de informações, a usuária observou sobre a importância da existência de suportes informativos indicando o nome e a localização dos ambientes, comentando: “se as placas forem boas, o surdo não precisa se comunicar com as outras pessoas para pedir informações” (Foto 04).

Para comprar um bilhete do cinema, a entrevistada sentiu dificuldades, pois não havia sinalização indicando a localização da bilheteria. Ao buscar informações com uma funcionária, necessitou escrever no papel o que desejava saber, devido à ausência de intérpretes de LIBRAS. Para tal, a funcionária mostrou a programação com os nomes e horários dos filmes e o valor do ingresso (Fotos 05a e 05b). Porém, observou que apenas texto não é suficiente para a orientação de uma pessoa surda, é necessário ter imagens sobre os filmes. Para comprar o ingresso na bilheteria, a entrevistada comentou que primeiro mostraria a carteira da associação dos surdos para o vendedor e depois tentaria se comunicar através de LIBRAS (Fotos 06a e 06b).

Para encontrar o cinema, a usuária observou que devido à ausência de placas de sinalização, seria necessário procurara pelo ambiente sozinha, ou em dias de muito movimento, seguir o fluxo das pessoas (Foto 07). Dentro do cinema, observou que o deficiente auditivo, ou seja, pessoa que adquiriu a surdez ao longo da vida e se alfabetizou, acompanha o filme através das legendas. Porém, o surdo, pessoa que nasceu com restrição auditiva, na

maioria das vezes não consegue acompanhar a legenda, utilizando apenas a “leitura” das imagens. A usuária comentou que a legenda deveria ter informação literal do som, como por exemplo, a palavra “latidos”, e também o símbolo de nota musical para diferenciar música da palavra falada.

A entrevistada relatou sobre o pânico que a pessoa surda possui dentro de ambientes escuros, devido à vulnerabilidade por não conseguir ouvir e enxergar, dificultando seus reflexos e sua orientação.

No museu, observou sobre a importância de existir placas informativas sobre as exposições, porém, ressaltou que se sente muito bem no ambiente, devido à valorização da imagem (Fotos 08 e 09). Quanto às visitas guiadas, comentou sobre a necessidade de possuir um intérprete de LIBRAS quando houver grupos com pessoas surdas.

Ao longo da circulação a usuária observou ausência de um telefone público que possua amplificador de sinais e que envie mensagem de texto (TDD), possibilitando a comunicação de uma pessoa com restrição auditiva.

Para encontrar o Café Matisse, a entrevistada se orientou através dos suportes informativos existentes (Foto 10). Dentro do ambiente, primeiramente observou os quadros expostos nas paredes e depois tentou se comunicar com a funcionária, não sentido dificuldades devido a existência de um cardápio. A usuária comentou que as figuras no cardápio eram muito importantes para a sua compreensão (Fotos 11a., 11b e 11c).

No Museu da Imagem e do Som, ressaltou sobre a curiosidade do surdo em observar e tocar os objetos em exposição. Quanto ao mapa de orientação existente no museu, a usuária não conseguiu compreendê-lo, porém, comentou sobre a importância desse tipo de suporte informativo para a autonomia do surdo (Fotos 12a, 12b e 12c).

Ao longo da circulação do museu a entrevistada compreendeu a placa que indicava a sala de ensaios da orquestra sinfônica, devido ao símbolo da nota musical (Foto 13). Quanto à sala de exposição temporária, a usuária não entrou devido à ausência de sinalização e por ser um local desconhecido (Foto 14).

Quanto ao teatro, a usuária comentou que seria necessário possuir, durante os espetáculos, dois telões, um em cada lado do palco, com a janela de LIBRAS, espaço onde as informações seriam interpretadas através da língua de sinais (Foto 15). Observou também, sobre a necessidade de existir poltronas próximas ao palco, enfrente ao intérprete, destinadas às pessoas com restrições auditivas.

Ao longo do passeio a entrevistada observou sobre a importância de sinalização de emergência luminosa em todos os ambientes, inclusive os sanitários.

Ao finalizar o passeio a usuária reforçou novamente sobre a necessidade de funcionários que se comuniquem através de LIBRAS em espaços de uso público, e a importância da sinalização visual para a orientação das pessoas com restrições auditivas.

CIC

Passeio Acompanhado 05 - Surda



Foto 01



Foto 02



Foto 03 a



Foto 03 b



Foto 04



Foto 05 a



Foto 05 b



Foto 07



Foto 08



Foto 09



Foto 10



Foto 11 a



Foto 11 b

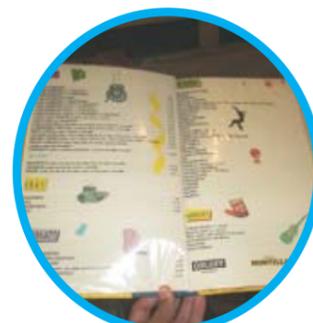
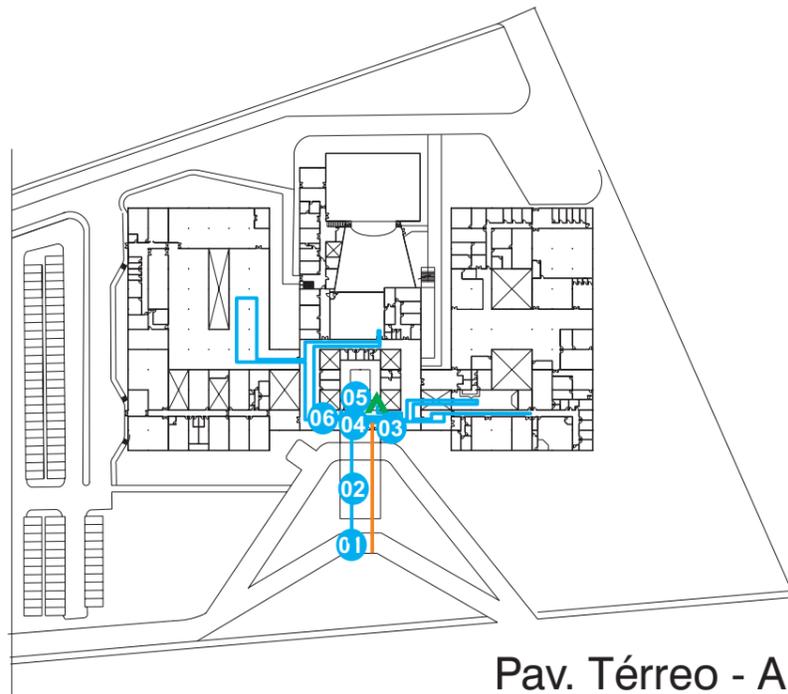


Foto 11 c



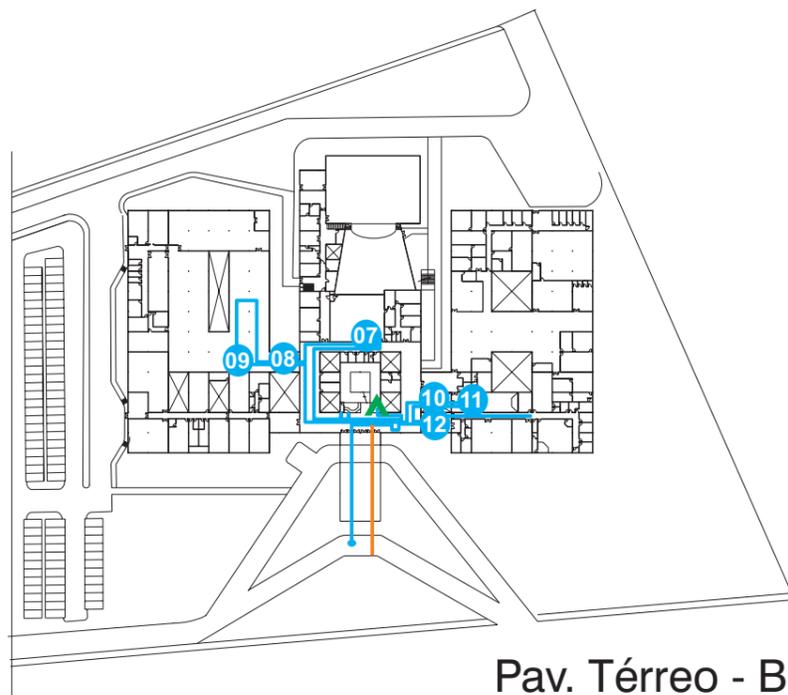
Pav. Térreo - A



Foto 06 b



Foto 06 a



Pav. Térreo - B



Foto 12 b



Foto 12 a

CIC

Passeio Acompanhado 05 - Surda

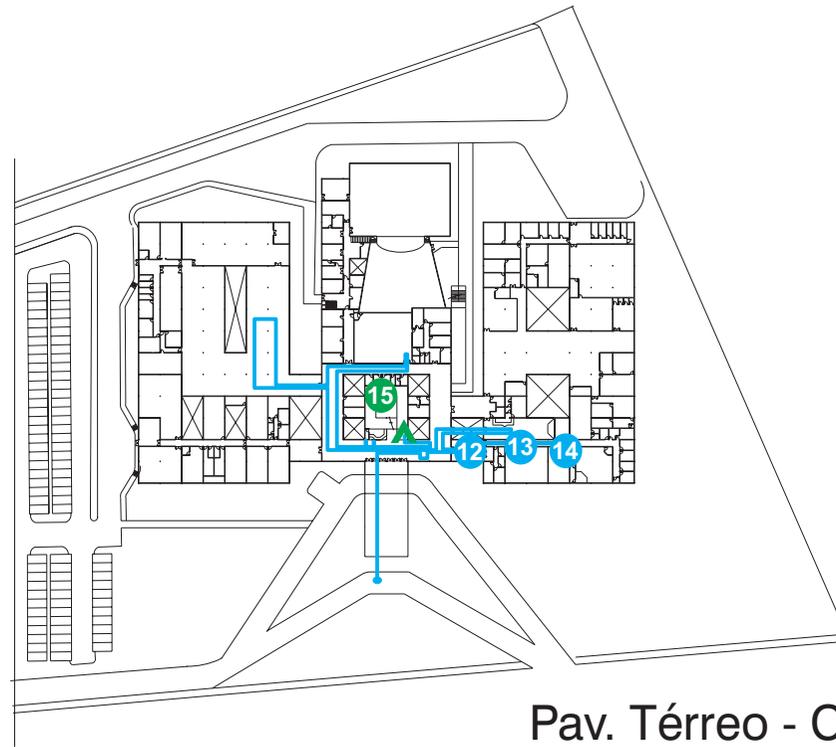


Foto 15  
1º Pav.



Foto 12 c



Foto 13



Foto 14

Figura 46 – Mapas Passeio Acompanhado Surda CIC – térreo C.

## APÊNDICE B

## ENTREVISTAS

### ENTREVISTA CENTUR

---

#### Você é funcionário do Centur?

- (1) SIM      (2) NÃO

#### É a primeira vez que você vem ao Centur?

- (1) SIM      (2) NÃO
- 

#### 1. Sexo:

- (1) Masculino      (2) Feminino

#### 2. Idade:

- (1) 15 a 20 anos  
 (2) 21 a 25 anos  
 (3) 26 a 30 anos  
 (4) Acima de 30 anos

#### 3. Escolaridade:

- (1) Não tem escolaridade;  
 (2) Ensino Fundamental completo;  
 (3) Ensino Fundamental incompleto;  
 (4) Ensino Médio completo;  
 (5) Ensino Médio incompleto;  
 (6) Curso Superior completo;  
 (7) Curso Superior incompleto.

#### 4. Com que frequência você vem ao Centur?

- (1) Muitas vezes / Toda semana  
 (2) Poucas vezes / Alguma vez no mês  
 (3) Raramente / Quase nunca

#### 5. Por qual acesso você entrou no Centur?

- (1) Acesso pela escadaria da Rua Rui Barbosa  
 (2) Acesso pela escadaria da Av. Gentil.  
 (3) Acesso pela escadaria central do Subsolo  
 (4) Acesso pela escadaria no estacionamento do subsolo

#### 6. Como você identificou este acesso na 1ª vez que veio ao Centur?

- (1) Já sabia/ conhecia o local exato  
 (2) Seguiu as placas de sinalização  
 (3) Perguntou a alguém (funcionário/acompanhante/desconhecido/segurança)  
 (4) Por tentativa / procurando (não pede ajuda)  
 (5) Outro: \_\_\_\_\_

#### 7. Como você chega nos outros pavimentos (bibliotecas, auditório)?

- (1) Elevador  
 (2) Escada Fixa

#### 8. Como você encontrou ELEVADOR OU A ESCADA (questão anterior), você:

- (1) Já sabia/ conhecia o local exato  
 (2) Seguiu as placas de sinalização  
 (3) Perguntou a alguém (funcionário/acompanhante/desconhecido/segurança)  
 (4) Por tentativa / procurando (não pede ajuda)  
 (6) Outro: \_\_\_\_\_

#### 9. Porque você utilizou o ELEVADOR e não a escada (questão 8)?

- (1) Fácil de encontrar (viu 1º)  
 (2) Mais rápido de chegar  
 (3) Mais confortável  
 (4) Outro: \_\_\_\_\_

#### 10. Porque você utilizou a ESCADA e não o elevador (questão 8)?

- (1) Fácil de encontrar (viu 1º)  
 (2) Mais rápido de chegar

- (3) Mais confortável
- (4) Outro: \_\_\_\_\_

**11. Você já se sentiu perdido(a) ou desorientado(a), enquanto estava dentro do Centur?**

- (1) SIM
- (2) NÃO

**12. Como você faz para se orientar?**

- (1) Segue as placas de sinalização
- (2) Pergunta a alguém (funcionário/acompanhante/desconhecido/segurança)
- (3) Por tentativa / procurando (não pede ajuda)
- (4) Outro: \_\_\_\_\_

**13. Por que você não utilizou as placas de sinalização?**

- (1) Não existem
- (2) Não achei
- (3) Não compreendi
- (4) São ruins / confusas
- (5) Não procurei

**14. Caso você fosse marcar um encontro com alguém que não conhece o Centur, onde marcaria?**

- (1) Na Praça do Povo (hall central) em frente à escada que vem do subsolo
- (2) Na praça do Povo (hall central) em frente à escada da Av. Gentil Bittencourt
- (3) Em frente ao Cinema
- (4) No banco de espera no hall central
- (5) Outro: \_\_\_\_\_

**15. Por que marcaria o encontro neste local?**

- (1) Mais próximo
- (2) Fácil de encontrar
- (3) Chama atenção
- (4) Todo mundo conhece onde fica
- (5) Outro: \_\_\_\_\_

**16. Você sabe localizar onde estão as saídas de emergência?**

- (1) SIM
- (2) NÃO

**17. Qual o ambiente que você mais utiliza?**

- (1) Bibliotecas
- (2) Cinema
- (3) Teatro
- (4) Praça do Povo (Hall de exposições, feiras, eventos)
- (5) Auditório
- (6) Outro: \_\_\_\_\_

**18. Você sabe as atividades que acontecem no Centur (shows, feiras, filmes, etc)?**

- (1) SIM
- (2) NÃO

**19. Caso seja sim, como você recebeu essa informação?**

- (1) Televisão
- (2) Radio
- (3) Jornais
- (4) Internet
- (5) Amigos
- (6) No próprio local

**20. Você se sente à vontade para usar o espaço e participar das atividades?**

- (1) SIM
- (2) NÃO

**21. Qual a atividade que você gosta mais de participar no Centur? Por quê?**

**22. O que você não gosta no Centur? Por quê?**

## ENTREVISTA CIC

---

### Você é funcionário do CIC?

- (1) SIM (2) NÃO

### É a primeira vez que você vem ao CIC?

- (1) SIM (2) NÃO
- 

#### 1. Sexo:

- (1) Masculino (2) Feminino

#### 2. Idade:

- (1) 15 a 20 anos  
 (2) 21 a 25 anos  
 (3) 26 a 30 anos  
 (4) Acima de 30 anos

#### 3. Escolaridade:

- (1) Não tem escolaridade;  
 (2) Ensino Fundamental completo;  
 (3) Ensino Fundamental incompleto;  
 (4) Ensino Médio completo;  
 (5) Ensino Médio incompleto;  
 (6) Curso Superior completo;  
 (7) Curso Superior incompleto.

#### 4. Com que frequência você vem ao CIC?

- (1) Muitas vezes / Toda semana  
 (2) Poucas vezes / Alguma vez no mês  
 (3) Raramente / Quase nunca

#### 5. Por qual acesso você entrou no CIC?

- (1) Acesso pela escadaria principal  
 (2) Acesso pela pista de veículos para embarque e desembarque  
 (3) Acesso pela Av. Delmira da Silveira.

#### 6. Se você veio de carro, como identificou o acesso ao estacionamento?

- (1) Já sabia/ conhecia o local exato  
 (2) Seguiu as placas de sinalização  
 (3) Perguntou a alguém (funcionário/acompanhante/desconhecido/segurança)  
 (4) Por tentativa / procurando (não pede ajuda)  
 (5) Outro: \_\_\_\_\_

#### 7. Você já se sentiu perdido(a) ou desorientado(a), enquanto estava dentro do CIC?

- (1) SIM (2) NÃO

#### 8. Como você faz para se orientar?

- (1) Segue as placas de sinalização  
 (2) Pergunta a alguém (funcionário/acompanhante/desconhecido/segurança)  
 (3) Por tentativa / procurando (não pede ajuda)  
 (4) Outra: \_\_\_\_\_

#### 9. Por que você não utilizou as placas de sinalização?

- (1) Não existem  
 (2) Não achei  
 (3) Não compreendi  
 (4) São ruins / confusas  
 (5) Não procurei

#### 10. Caso você fosse marcar um encontro com alguém que não conhece o CIC, onde marcaria?

- (1) Na escadaria da entrada principal  
 (2) No hall de entrada  
 (3) No balcão de informações  
 (4) No Café Matisse  
 (5) Outro: \_\_\_\_\_
-

**11. Por que marcaria o encontro neste local?**

- (1) Mais próximo
- (2) Fácil de encontrar
- (3) Chama atenção
- (4) Todo mundo conhece onde fica
- (5) Outro: \_\_\_\_\_

**12. Você sabe localizar onde estão as saídas de emergência?**

- (1) SIM
- (2) NÃO

**13. Qual o ambiente que você mais utiliza?**

- (1) Cinema
- (2) Teatro
- (3) Museus
- (4) Oficinas (dança, arte, teatro, música)
- (5) Outro: \_\_\_\_\_

**14. Você sabe as atividades que acontecem no CIC (shows, feiras, filmes, etc)?**

- (1) SIM
- (2) NÃO

**15. Caso seja sim, como você recebe essa informação?**

- (1) Televisão
- (2) Radio
- (3) Jornais
- (4) Internet
- (5) Amigos
- (6) No próprio local

**16. Você se sente à vontade para usar o espaço e participar das atividades que ocorrem?**

- (1) SIM
- (2) NÃO

**17. Qual a atividade que você gosta mais de participar no CIC? Por que?****18. O que você não gosta no CIC? Por que?**

## APÊNDICE C

COMPONENTES	
	Orientação
	Deslocamento
	Uso
	Comunicação

**PLANILHA 6**

**SALAS DE AULA**

Nº	LEGISLAÇÃO		C	ITENS A CONFERIR	RESPOSTA			OBSERVAÇÕES
	LEI/NBR	ARTIGO			SIM	NÃO	NA/	
<b>ACESSO</b>								
6.1	-	-		Há possibilidade de identificar as diferentes atividades a partir de suporte informativo visual e tátil?				
6.2	-	-		O acesso salas de aula é efetuado por uma rota acessível?				
6.3	-	-		Nos ambientes complexos, com mais de uma atividade, os diferentes setores estão devidamente identificados?				
6.4	-	-		Quando o acesso as salas de aula é feito através de videofones e/ou interfonos a botoeira é acessível aos cadeirantes e às pessoas com baixa estatura?				
6.5	-	-		Quando o acesso as salas de aula é feito através de videofones e/ou interfonos, existe algum tipo de tecnologia assistiva para comunicação do surdo e/ou mudo?				
6.6	9.050/04	6.2.4 6.2.5		Na existência de catracas ou portas giratórias de controle aos ambientes, há acesso alternativo a cadeirantes, obesos ou pessoas com mobilidade reduzida?				
6.7	-	-		Na existência de acesso alternativo, há campanha ou outro meio (visor) para solicitar abertura da porta?				
<b>SALAS DE AULA</b>								
6.8	9.050/04	8.6.2		A sala de aula está localizada em rota acessível, possibilitando o acesso às demais áreas internas e externas do edifício?				
6.9	9.050/04	8.6.7		Há pelo menos uma mesa adaptada para cadeirantes (com altura livre de 73cm, largura mínima de 80cm e profundidade mínima de 50cm)?				
6.10	-	-		O mobiliário (mesas e cadeiras) possui dimensões que permitem seu uso com conforto de acordo como o tipo de usuários (ex: crianças pequenas, pessoas obesas)?				
6.11	9.050/04	8.6.6		Os fichários, estantes, prateleiras estão a uma altura máxima de 1,20m, sendo acessíveis aos cadeirantes e pessoas com baixa estatura?				
6.12	-	-		Existe pelo menos um corredor com largura mínima de 90cm, que permita acesso do cadeirante à lousa?				
6.13	9.050/04	8.6.8		As lousas estão situadas a uma altura de 90cm do piso?				
6.14	9.050/04	8.6.8		Existe área de aproximação lateral às lousas de pelo menos 80cm para acesso dos cadeirantes?				
6.15	-	-		Existe área de manobra junto à lousa (1,20m x 1,20m para manobra de 90° e 1,50m x 1,20m para manobra de 180°)?				
6.16	9.050/04	9.5.2		Na existência de bancadas de trabalho, ela possui espaço para aproximação do cadeirante (com altura livre de 73cm, largura mínima de 80cm, profundidade mínima de 50cm e altura máxima de 90cm)?				
6.17	-	-		Existem equipamentos (instrumentos musicais, pranchetas,...) na sala de aula?				
6.18	9.050/04	8.7.2		Na existência, possui espaço para aproximação do cadeirante (com altura livre de 73cm, largura mínima de 80cm, profundidade mínima de 50cm e altura máxima de 90cm)?				
6.19	-	-		Os equipamentos existentes na sala de aula possuem manual de uso em Braille?				
6.20	-	-		Existe algum tipo de tecnologia assistiva para comunicação de usuário surdo / mudo nas salas de aula?				
6.21	9.050/04	7.3.6.1		Na existência de pias, há uma área livre de aproximação frontal com dimensões de 1,20m x 80cm?				
6.22	9.050/04	7.3.6.2		As pias são suspensas (sem coluna)?				
6.23	9.050/04	7.3.6.2		As pias são fixadas à altura entre 78cm a 80 cm em relação ao piso?				
6.24	9.050/04	7.3.6.2		Há uma altura livre sob a pia de 73cm?				
6.25	9.050/04	7.3.6.3		As torneiras da pia são do tipo alavanca?				
6.26	-	-		Há contraste de cor entre piso, parede e móveis?				
6.27	-	-		Existe sinalização sonora e visual para informar o início e intervalos das atividades no ambiente?				
6.28	9.050/04	5.2.3		Existe sistema de alarme simultaneamente sonoro e luminoso instalado no ambiente?				
6.29	-	-		As portas de saída possuem vão de no mínimo 1,50m e abrem no sentido da saída?				

COMPONENTES	
	Orientação
	Deslocamento
	Uso
	Comunicação

PLANILHA 7

BIBLIOTECAS

Nº	LEGISLAÇÃO		C	ITENS A CONFERIR	RESPOSTA			OBSERVAÇÕES
	LEI/NBR	ARTIGO			SIM	NÃO	NAI	
<b>ACESSO</b>								
7.1	-	-		Há possibilidade de identificar as diferentes atividades a partir de suporte informativo visual e tátil?				
7.2	-	-		O acesso salas de aula é efetuado por uma rota acessível?				
7.3	-	-		Nos ambientes complexos, com mais de uma atividade, os diferentes setores estão devidamente identificados?				
7.4	-	-		Quando o acesso as salas de aula é feito através de videofones e/ou interfones a botoeira é acessível aos cadeirantes e às pessoas com baixa estatura?				
7.5	-	-		Quando o acesso as salas de aula é feito através de videofones e/ou interfones, existe algum tipo de tecnologia assistiva para comunicação do surdo e/ou mudo?				
7.6	9.050/04	6.2.4 6.2.5		Na existência de catracas ou portas giratórias de controle aos ambientes, há acesso alternativo a cadeirantes, obesos ou pessoas com mobilidade reduzida?				
7.7	-	-		Na existência de acesso alternativo, há campanha ou outro meio (visor) para solicitar abertura da porta?				
<b>ATENDIMENTO OU RECEPÇÃO</b>								
7.8	-	-		O balcão de atendimento / recepção pode ser identificado visualmente ou por informação adicional (placa) desde a porta de acesso ao edifício?				
7.9	-	-		Há suporte informativo tátil que permita a identificação do local do balcão para pessoas com restrição visual?				
7.10	5.296/04	Art. 6 e 26		Existe suporte informativo (diagramas, mapas, quadros) visual e tátil, que possibilitem ao usuário localizar-se, identificar o local das diferentes atividades e definir rotas para o uso do edifício de forma independente?				
7.11	5.296/04	Art. 6		Existe um serviço de atendimento para pessoas com restrição auditiva prestado por pessoas capacitadas (intérpretes de LIBRAS)?				
7.12	-	-		Existe algum tipo de equipamento de tecnologia assistiva (terminal de computador) que permita a comunicação para o surdo e/ou mudo com os funcionários?				
7.13	9.050/04	9.5.1		Os balcões de atendimento estão localizados em rotas acessíveis?				
7.14	9.050/04	9.5.2.1 9.5.2.2		Os balcões de atendimento, inclusive automáticos, permitem aproximação frontal por cadeira de rodas, tendo em uma parte altura máxima de 90 cm em relação ao piso, com altura livre de 73cm sob o balcão e profundidade livre inferior de 30cm?				
7.15	9.050/04	9.5.5.1		Na existência de guichê (bilheterias) para atendimento, a altura máxima é de 1,05m a partir do piso?				
7.16	9.050/04	9.6.2.1		Na existência de equipamentos de auto atendimento há área de aproximação adequada para garantir acessibilidade em frente (80cm x 1,20m)?				
7.17	9.050/04	9.6.3		Na existência de equipamentos de auto atendimento, as teclas numéricas têm a mesma seqüência numérica dos telefones convencionais?				
<b>BIBLIOTECAS</b>								
7.18	9.050/04	8.7.2		Há pelo menos uma mesa adaptada para cadeirantes (com altura livre de 73cm, largura mínima de 80cm e profundidade mínima de 50cm)?				
7.19	-	-		O mobiliário (mesas e cadeiras) possui dimensões que permitem seu uso com conforto de acordo como o tipo de usuários (ex: crianças pequenas, pessoas obesas)?				
7.20	9.050/04	8.7.3		A distância entre as estantes é de, no mínimo, 90 cm?				
7.21	9.050/04	8.7.3		Existe nos corredores entre as estantes, a cada 15m, um espaço que permita a rotação de 180° de uma cadeira de rodas (1,50 x 1,20m)?				
7.22	9.050/04	8.7.4		Os fichários estão a uma altura máxima de 1,20m, sendo acessíveis aos cadeirantes e pessoas com baixa estatura?				
7.23	9.050/04	8.7.6		Pelo menos 5% dos terminais de consulta por meio de computadores e acesso à Internet são acessíveis aos cadeirantes e pessoas com mobilidade reduzida (com altura livre de 73cm, largura mínima de 80cm e profundidade mínima de 50cm)?				
7.24	-	-		Há pelo menos um terminal de consulta por meio de computadores e acesso à Internet com programa específico de interação para pessoas com restrição visual?				
7.25	9.050/04	5.2.3		Existe sistema de alarme simultaneamente sonoro e luminoso instalado no ambiente?				
7.26	-	-		As portas de saída possuem vão de no mínimo 1,50m e abrem no sentido da saída?				

EDIFÍCIO LOCAL \_\_\_\_\_

AVALIADOR DATA \_\_\_\_\_

COMPONENTES	
	Orientação
	Deslocamento
	Uso
	Comunicação

PLANILHA 8

AUDITÓRIO

Nº	LEGISLAÇÃO		C	ITENS A CONFERIR	RESPOSTA			OBSERVAÇÕES
	LEI/NBR	ARTIGO			SIM	NÃO	NA/	
<b>ACESSO</b>								
8.1	-	-		Há possibilidade de identificar as diferentes atividades a partir de suporte informativo visual e tátil?				
8.2	-	-		O acesso ambiente é efetuado por uma rota acessível?				
8.3	-	-		Nos ambientes complexos, com mais de uma atividade, os diferentes setores estão devidamente identificados?				
8.4	-	-		Quando o acesso ao ambiente é feito através de videofones e/ou interfones a botoeira é acessível aos cadeirantes e às pessoas com baixa estatura?				
8.5	-	-		Quando o acesso ao ambiente é feito através de videofones e/ou interfones, existe algum tipo de tecnologia assistiva para comunicação do surdo e/ou mudo para acesso ao edifício?				
8.6	9.050/04	6.2.4 6.2.5		Na existência de catracas ou portas giratórias de controle aos ambientes, há acesso alternativo a cadeirantes, obesos ou pessoas com mobilidade reduzida?				
8.7	-	-		Na existência de acesso alternativo, há campainha ou outro meio (visor) para solicitar abertura da porta?				
8.8				Existem sites na WEB acessíveis às pessoas com restrição auditiva e visual, com informações sobre a localização, as atividades e a programação do ambiente?				
<b>BILHETERIA</b>								
8.9	9.050/04	9.5.5.1		Na existência de bilheteria, a mesma está localizada em rotas acessíveis?				
8.10	9.050/04	9.5.5.1		O guichê da bilheteria tem altura máxima de 105 cm a partir do piso?				
8.11	9.050/04	9.5.5.2		Existe área de aproximação adequada para garantir acessibilidade em frente ao guichê (com largura mínima de 80cm e altura livre inferior mínima 73cm)?				
8.12	9.050/04	9.5.5.2		Existe área de manobra com rotação de 180° (1,50m x1,20m)?				
8.13	-	-		A bilheteria pode ser identificada visualmente ou por informação adicional (placas indicativas)?				
8.14	-	-		Há suporte informativo tátil que permita a identificação do local da bilheteria para pessoas com restrição visual?				
8.15	-	-		Existem ingressos que possuam informações táteis para a pessoa com restrição visual?				
8.16	-	-		Existe algum tipo de equipamento de tecnologia assistiva (terminal de computador) que permita a comunicação de pessoas surdas e/ou mudas com os funcionários?				
8.17	-	-		Existem placas informativas visuais com os nomes dos filmes, espetáculos em exibição, horários e preços?				
8.18	-	-		Existem placas informativas em Braille com os nomes dos filmes, espetáculos em exibição, horários e preços?				
<b>AUDITÓRIO</b>								
8.19	7.400/88	Artº61		Existem circulações longitudinais com largura mínima de 1,00m?				
8.20	0060/00	Artº 165		Na existência de corredores longitudinais em ambos os lados, o número máximo de assentos fixos por fila é de 16?				
8.21	0060/00	Artº 165		Na existência de corredor longitudinal em um único lado, o número máximo de assentos por fila é de 08?				
8.22	7.400/88	Artº61		Existem circulações transversais com largura mínima de 1,70m?				
8.23	0060/00	Artº 165		Existe setorização de no máximo 14 filas através de corredores transversais?				
8.24	0060/00	Artº 165		O vão livre entre o assento e o encosto do assento fronteiro é de no mínimo 0,50m?				
8.25	9.050/04	9.4 8.2.1.3.1		Existe pelo menos um espaço reservado aos cadeirantes com dimensões mínimas de 80cm por 1,20 m?				
8.26	9.050/04	9.4		Na existência deste espaço destinado às pessoas com cadeira de rodas, o mesmo está fora da área de circulação e devidamente sinalizado?				
8.27	9.050/04	8.2.1.4		Existe uma rota acessível para ligar os espaços reservados aos cadeirantes ao palco e aos bastidores?				
8.28	9.050/04	8.2.1.3.3		Existe pelo menos um assento destinado aos obesos (com largura equivalente a de dois assentos adotados no local e espaço livre frontal de no mínimo 60cm, suportando carga de até 250Kg)?				
8.29	9.050/04	9.4		Na existência deste assento para obesos, o mesmo está fora da área de circulação?				
8.30	9.050/04	8.2.1.3.2		Existe pelo menos um assento destinado a pessoa com mobilidade reduzida (com espaço livre frontal de no mínimo 60cm e braço removível)?				

8.31	9.050/04	8.2.1		Existe pelo menos um assento destinado aos acompanhantes das pessoas com cadeira de rodas, mobilidade reduzida, e obesos ao lado dos espaços reservados?				
8.32	9.050/04	8.2.1.2.5		Os assentos preferenciais aos obesos e pessoas com mobilidade reduzida estão situados próximos aos corredores?				
8.33	9.050/04	8.2.1a		Os espaços e assentos preferenciais aos cadeirantes, obesos e pessoas com mobilidade reduzida estão situados em uma rota acessível vinculada a uma rota de fuga?				
8.34	9.050/04	8.2.1f		Os espaços e assentos preferenciais aos cadeirantes, obesos e pessoas com mobilidade reduzida podem ser identificados por sinalização no local e na bilheteria?				
8.35	9.050/04	8.2.1f		Os espaços e assentos preferenciais aos cadeirantes, obesos e pessoas com mobilidade reduzida podem ser identificados por sinalização na bilheteria?				
8.36	9.050/04	8.2.1e		Os espaços e assentos preferenciais aos cadeirantes, obesos e pessoas com mobilidade reduzida estão situados em local de piso plano horizontal?				
8.37	9.050/04	8.2.1d		Os espaços e assentos preferenciais aos cadeirantes, obesos e pessoas com mobilidade reduzida garantem conforto, segurança, boa visibilidade e acústica?				
8.38	9.050/04	8.2.1b		Os espaços e assentos preferenciais aos cadeirantes, obesos e pessoas com mobilidade reduzida possuem as mesmas condições de atendimento aos serviços dos demais assentos?				
8.39	9.050/04	8.2.1.2	 	Os espaços e assentos preferenciais aos cadeirantes, obesos e pessoas com mobilidade reduzida possibilitam plenamente a visão e o deslocamento dos demais espectadores?				
8.40	9.050/04	8.2.1.4.1		Havendo desnível entre o palco e a platéia, existe uma rampa com largura de 90cm e declividade 16,66% para vencer uma altura de, no máximo, 60cm?				
8.41	9.050/04	8.2.1.4.2		A rampa mencionada na pergunta anterior está situada em local discreto e fora do campo visual da platéia?				
8.42	9.050/04	8.2.1.4.3		No desnível entre o palco e a platéia existe sinalização tátil de alerta no piso?				
8.43	9.050/04	8.2.1.4.2		Existe outro meio de vencer o desnível anteriormente citado (equipamentos eletromecânicos), que não pela rampa?				
8.44	9.050/04	8.2.1.4.4		Existe no palco um local destinado a intérprete de Libras com boa visibilidade e iluminação adequada?				
8.45	9.050/04	5.8		O local determinado para o posicionamento do intérprete de Libras está identificado com o símbolo internacional de pessoas com restrição auditiva, visando orientar os espectadores?				
8.46	9.050/04	8.2.1.6		Existem dispositivos de tecnologia assistiva para atender no palco as pessoas com restrição visual e auditiva?				
8.47	5.296/04	Art. 23		Existe dispositivo que permita o acompanhamento por meio de legendas em tempo real, para pessoas com restrição auditiva?				
8.48	9.050/04	5.7.5		Existem equipamentos com informações sonoras e sistema de tradução em tempo real?				
8.49	9.050/04	5.7.5		Na existência destes equipamentos, possuem controle de volume individual?				
8.50	5.296/04	Art. 23		Existe assento destinado às pessoas com restrições auditivas e visuais próximo ao palco?				
8.51	9.050/04	9.4		Existe sinalização adequada (visual e tátil) indicando os espaços e assentos destinados às pessoas com restrições?				
8.52	-	-		Existe sinalização visual no piso indicando desníveis (degraus)?				
8.53	-	-		Existe suporte informativo visual e tátil indicando a numeração das poltronas e fileiras?				
8.54	-	-		Existe sinalização sonora e visual informando o início e intervalo dos espetáculos?				
8.55	9.077/01	4.6.2.8		Existe sistema de sinalização de emergência instalado no ambiente?				
8.56	9.050/04	5.2.3		Há sistema de alarme simultaneamente sonoro e luminoso instalado no ambiente?				
8.57	-	-	 	As portas de acesso ao ambiente possuem vão mínimo de 1,50m e abrem no sentido da saída proporcionando escoamento?				

EDIFÍCIO \_\_\_\_\_  
LOCAL \_\_\_\_\_

AVALIADOR \_\_\_\_\_  
DATA \_\_\_\_\_

COMPONENTES	
	Orientação
	Deslocamento
	Uso
	Comunicação

PLANILHA 9

CINEMA

Nº	LEGISLAÇÃO		C	ITENS A CONFERIR	RESPOSTA			OBSERVAÇÕES
	LEI/NBR	ARTIGO			SIM	NÃO	NA/	
<b>ACESSO</b>								
9.1	-	-		Há possibilidade de identificar as diferentes atividades a partir de suporte informativo visual e tátil?				
9.2	-	-		O acesso ambiente é efetuado por uma rota acessível?				
9.3	-	-		Nos ambientes complexos, com mais de uma atividade, os diferentes setores estão devidamente identificados?				
9.4	-	-		Quando o acesso ao ambiente é feito através de videofones e/ou interfones a botoeira é acessível aos cadeirantes e às pessoas com baixa estatura?				
9.5	-	-		Quando o acesso ao ambiente é feito através de videofones e/ou interfones, existe algum tipo de tecnologia assistiva para comunicação do surdo e/ou mudo para acesso ao edifício?				
9.6	9.050/04	6.2.4 6.2.5		Na existência de catracas ou portas giratórias de controle aos ambientes, há acesso alternativo a cadeirantes, obesos ou pessoas com mobilidade reduzida?				
9.7	-	-		Na existência de acesso alternativo, há campainha ou outro meio (visor) para solicitar abertura da porta?				
9.8				Existem sites na WEB acessíveis às pessoas com restrição auditiva e visual, com informações sobre a localização, as atividades e a programação do ambiente?				
<b>BILHETERIA</b>								
9.9	9.050/04	9.5.5.1		Na existência de bilheteria, a mesma está localizada em rotas acessíveis?				
9.10	9.050/04	9.5.5.1		O guichê da bilheteria tem altura máxima de 105 cm a partir do piso?				
9.11	9.050/04	9.5.5.2		Existe área de aproximação adequada para garantir acessibilidade em frente ao guichê (com largura mínima de 80cm e altura livre inferior mínima de 73cm)?				
9.12	9.050/04	9.5.5.2		Existe área de manobra com rotação de 180° (1,50m x1,20m)?				
9.13	-	-		A bilheteria pode ser identificada visualmente ou por informação adicional (placas indicativas)?				
9.14	-	-		Há suporte informativo tátil que permita a identificação do local da bilheteria para pessoas com restrição visual?				
9.15	-	-		Existem ingressos que possuam informações táteis para a pessoa com restrição visual?				
9.16	-	-		Existe algum tipo de equipamento de tecnologia assistiva (terminal de computador) que permita a comunicação de pessoas surdas e/ou mudas com os funcionários?				
9.17	-	-		Existem placas informativas visuais com os nomes dos filmes, espetáculos em exibição, horários e preços?				
9.18	-	-		Existem placas informativas em Braille com os nomes dos filmes, espetáculos em exibição, horários e preços?				
9.19	-	-		Na existência de bomboniere, há suporte informativo visual e tátil indicando sua localização?				
9.20	9.050/04	9.3.4		O balcão de atendimento possui área de aproximação para um cadeirante (com largura mínima de 80cm , altura máxima de 90cm e altura livre inferior mínima de 73cm)?				
9.21	9.050/04	8.2.3.4		Existe pelo menos um cardápio ou lista de preços em Braille?				
<b>CINEMA</b>								
9.22	7.400/88	Artº61		Existem circulações longitudinais com largura mínima de 1,00m?				
9.23	0060/00	Artº 165		Na existência de corredores longitudinais em ambos os lados, o número máximo de assentos fixos por fila é de 16?				
9.24	0060/00	Artº 165		Na existência de corredor longitudinal em um único lado, o número máximo de assentos por fila é de 08?				
9.25	7.400/88	Artº61		Existem circulações transversais com largura mínima de 1,70m?				
9.26	0060/00	Artº 165		Existe setorização de no máximo 14 filas através de corredores transversais?				
9.27	0060/00	Artº 165		O vão livre entre o assento e o encosto do assento fronteiro é de no mínimo 0,50m?				
9.28	9.050/04	9.4 8.2.1.3.1		Existe pelo menos um espaço reservado aos cadeirantes com dimensões mínimas de 80cm por 1,20 m?				
9.29	9.050/04	9.4		Na existência deste espaço destinado às pessoas com cadeira de rodas, o mesmo está fora da área de circulação e devidamente sinalizado?				
9.30	9.050/04	8.2.1.4		Existe uma rota acessível para ligar os espaços reservados aos cadeirantes ao palco e aos bastidores?				

9.31	9.050/04	8.2.1.3.3		Existe pelo menos um assento destinado aos obesos (com largura equivalente a de dois assentos adotados no local e espaço livre frontal de no mínimo 60cm, suportando carga de até 250Kg)?				
9.32	9.050/04	9.4		Na existência deste assento para obesos, o mesmo está fora da área de circulação?				
9.33	9.050/04	8.2.1.3.2		Existe pelo menos um assento destinado a pessoa com mobilidade reduzida (com espaço livre frontal de no mínimo 60cm e braço removível)?				
9.34	9.050/04	8.2.1		Existe pelo menos um assento destinado aos acompanhantes das pessoas com cadeira de rodas, mobilidade reduzida, e obesos ao lado dos espaços reservados?				
9.35	9.050/04	8.2.1.2.5		Os assentos preferenciais aos obesos e pessoas com mobilidade reduzida estão situados próximos aos corredores?				
9.36	9.050/04	8.2.1a		Os espaços e assentos preferenciais aos cadeirantes, obesos e pessoas com mobilidade reduzida estão situados em uma rota acessível vinculada a uma rota de fuga?				
9.37	9.050/04	8.2.1f		Os espaços e assentos preferenciais aos cadeirantes, obesos e pessoas com mobilidade reduzida podem ser identificados por sinalização no local e na bilheteria?				
9.38	9.050/04	8.2.1f		Os espaços e assentos preferenciais aos cadeirantes, obesos e pessoas com mobilidade reduzida podem ser identificados por sinalização na bilheteria?				
9.39	9.050/04	8.2.1e		Os espaços e assentos preferenciais aos cadeirantes, obesos e pessoas com mobilidade reduzida estão situados em local de piso plano horizontal?				
9.40	9.050/04	8.2.1d		Os espaços e assentos preferenciais aos cadeirantes, obesos e pessoas com mobilidade reduzida garantem conforto, segurança, boa visibilidade e acústica?				
9.41	9.050/04	8.2.1b		Os espaços e assentos preferenciais aos cadeirantes, obesos e pessoas com mobilidade reduzida possuem as mesmas condições de atendimento aos serviços dos demais assentos?				
9.42	9.050/04	8.2.1.2	 	Os espaços e assentos preferenciais aos cadeirantes, obesos e pessoas com mobilidade reduzida possibilitam plenamente a visão e o deslocamento dos demais espectadores?				
9.43	5.296/04	Art. 23		Existe dispositivo que permita o acompanhamento por meio de legendas em tempo real, para pessoas com restrição auditiva?				
9.44	9.050/04	5.7.5		Existem equipamentos com informações sonoras e sistema de tradução em tempo real?				
9.45	9.050/04	5.7.5		Na existência destes equipamentos, possuem controle de volume individual?				
9.46	5.296/04	Art. 23		Existe assento destinado às pessoas com restrições auditivas e visuais próximo ao palco?				
9.47	9.050/04	9.4		Existe sinalização adequada (visual e tátil) indicando os espaços e assentos destinados às pessoas com restrições?				
9.48	-	-		Existe sinalização visual no piso indicando desníveis (degraus)?				
9.49	-	-		Existe suporte informativo visual e tátil indicando a numeração das poltronas e fileiras?				
9.50	-	-		Existe sinalização sonora e visual informando o início dos filmes?				
9.51	9.077/01	4.6.2.8		Existe sistema de sinalização de emergência instalado no ambiente?				
9.52	9.050/04	5.2.3		Há sistema de alarme simultaneamente sonoro e luminoso instalado no ambiente?				
9.53	-	-	 	As portas de acesso ao ambiente possuem vão mínimo de 1,50m e abrem no sentido da saída proporcionando escoamento?				

COMPONENTES	
	Orientação
	Deslocamento
	Uso
	Comunicação

PLANILHA 10

TEATRO

Nº	LEGISLAÇÃO		C	ITENS A CONFERIR	RESPOSTA			OBSERVAÇÕES
	LEI/NBR	ARTIGO			SIM	NÃO	NA/	
<b>ACESSO</b>								
10.1	-	-		Há possibilidade de identificar as diferentes atividades a partir de suporte informativo visual e tátil?				
10.2	-	-		O acesso ambiente é efetuado por uma rota acessível?				
10.3	-	-		Nos ambientes complexos, com mais de uma atividade, os diferentes setores estão devidamente identificados?				
10.4	-	-		Quando o acesso ao ambiente é feito através de videofones e/ou interfones a botoeira é acessível aos cadeirantes e às pessoas com baixa estatura?				
10.5	-	-		Quando o acesso ao ambiente é feito através de videofones e/ou interfones, existe algum tipo de tecnologia assistiva para comunicação do surdo e/ou mudo para acesso ao edifício?				
10.6	9.050/04	6.2.4 6.2.5		Na existência de catracas ou portas giratórias de controle aos ambientes, há acesso alternativo a cadeirantes, obesos ou pessoas com mobilidade reduzida?				
10.7	-	-		Na existência de acesso alternativo, há campainha ou outro meio (visor) para solicitar abertura da porta?				
10.8			 	Existem sites na WEB acessíveis às pessoas com restrição auditiva e visual, com informações sobre a localização, as atividades e a programação do ambiente?				
<b>BILHETERIA</b>								
10.9	9.050/04	9.5.5.1		Na existência de bilheteria, a mesma está localizada em rotas acessíveis?				
10.10	9.050/04	9.5.5.1		O guichê da bilheteria tem altura máxima de 1,05m a partir do piso?				
10.11	9.050/04	9.5.5.2	 	Existe área de aproximação adequada para garantir acessibilidade em frente ao guichê (com largura mínima de 80cm e altura livre inferior mínima de 73cm)?				
10.12	9.050/04	9.5.5.2	 	Existe área de manobra com rotação de 180° (1,50m x 1,20m)?				
10.13	-	-		A bilheteria pode ser identificada visualmente ou por informação adicional (placas indicativas)?				
10.14	-	-		Há suporte informativo tátil que permita a identificação do local da bilheteria para pessoas com restrição visual?				
10.15	-	-		Existem ingressos que possuam informações táteis para a pessoa com restrição visual?				
10.16	-	-		Existe algum tipo de equipamento de tecnologia assistiva (terminal de computador) que permita a comunicação de pessoas surdas e/ou mudas com os funcionários?				
10.17	-	-		Existem placas informativas visuais com os nomes dos filmes, espetáculos em exibição, horários e preços?				
10.18	-	-		Existem placas informativas em Braille com os nomes dos filmes, espetáculos em exibição, horários e preços?				
10.19	-	-		Na existência de bomboniere, há suporte informativo visual e tátil indicando sua localização?				
10.20	9.050/04	9.3.4		O balcão de atendimento possui área de aproximação para um cadeirante (com largura mínima de 80cm, altura máxima de 90cm e altura livre inferior mínima de 73cm)?				
10.21	9.050/04	8.2.3.4		Existe pelo menos um cardápio ou lista de preços em Braille?				
<b>TEATRO</b>								
10.22	7.400/88	Artº61		Existem circulações longitudinais com largura mínima de 1,00m?				
10.23	0060/00	Artº 165		Na existência de corredores longitudinais em ambos os lados, o número máximo de assentos fixos por fila é de 16?				
10.24	0060/00	Artº 165		Na existência de corredor longitudinal em um único lado, o número máximo de assentos por fila é de 08?				
10.25	7.400/88	Artº61		Existem circulações transversais com largura mínima de 1,70m?				
10.26	0060/00	Artº 165		Existe setorização de no máximo 14 filas através de corredores transversais?				
10.27	0060/00	Artº 165	 	O vão livre entre o assento e o encosto do assento fronteiro é de no mínimo 0,50m?				
10.28	9.050/04	9.4 8.2.1.3.1		Existe pelo menos um espaço reservado aos cadeirantes com dimensões mínimas de 80cm por 1,20 m?				
10.29	9.050/04	9.4		Na existência deste espaço destinado às pessoas com cadeira de rodas, o mesmo está fora da área de circulação e devidamente sinalizado?				
10.30	9.050/04	8.2.1.4		Existe uma rota acessível para ligar os espaços reservados aos cadeirantes ao palco e aos bastidores?				

10.31	9.050/04	8.2.1.3.3		Existe pelo menos um assento destinado aos obesos (com largura equivalente a de dois assentos adotados no local e espaço livre frontal de no mínimo 60cm, suportando carga de até 250Kg)?				
10.32	9.050/04	9.4		Na existência deste assento para obesos, o mesmo está fora da área de circulação?				
10.33	9.050/04	8.2.1.3.2		Existe pelo menos um assento destinado a pessoa com mobilidade reduzida (com espaço livre frontal de no mínimo 60cm e braço removível)?				
10.34	9.050/04	8.2.1		Existe pelo menos um assento destinado aos acompanhantes das pessoas com cadeira de rodas, mobilidade reduzida, e obesos ao lado dos espaços reservados?				
10.35	9.050/04	8.2.1.2.5		Os assentos preferenciais aos obesos e pessoas com mobilidade reduzida estão situados próximos aos corredores?				
10.36	9.050/04	8.2.1a		Os espaços e assentos preferenciais aos cadeirantes, obesos e pessoas com mobilidade reduzida estão situados em uma rota acessível vinculada a uma rota de fuga?				
10.37	9.050/04	8.2.1f		Os espaços e assentos preferenciais aos cadeirantes, obesos e pessoas com mobilidade reduzida podem ser identificados por sinalização no local e na bilheteria?				
10.38	9.050/04	8.2.1f		Os espaços e assentos preferenciais aos cadeirantes, obesos e pessoas com mobilidade reduzida podem ser identificados por sinalização na bilheteria?				
10.39	9.050/04	8.2.1e		Os espaços e assentos preferenciais aos cadeirantes, obesos e pessoas com mobilidade reduzida estão situados em local de piso plano horizontal?				
10.40	9.050/04	8.2.1d		Os espaços e assentos preferenciais aos cadeirantes, obesos e pessoas com mobilidade reduzida garantem conforto, segurança, boa visibilidade e acústica?				
10.41	9.050/04	8.2.1b		Os espaços e assentos preferenciais aos cadeirantes, obesos e pessoas com mobilidade reduzida possuem as mesmas condições de atendimento aos serviços dos demais assentos?				
10.42	9.050/04	8.2.1.2	 	Os espaços e assentos preferenciais aos cadeirantes, obesos e pessoas com mobilidade reduzida possibilitam plenamente a visão e o deslocamento dos demais espectadores?				
10.43	9.050/04	8.2.1.4.1		Havendo desnível entre o palco e a platéia, existe uma rampa com largura de 90cm e declividade 16,66% para vencer uma altura de, no máximo, 60cm?				
10.44	9.050/04	8.2.1.4.2		A rampa mencionada na pergunta anterior está situada em local discreto e fora do campo visual da platéia?				
10.45	9.050/04	8.2.1.4.3		No desnível entre o palco e a platéia existe sinalização tátil de alerta no piso?				
10.46	9.050/04	8.2.1.4.2		Existe outro meio de vencer o desnível anteriormente citado (equipamentos eletromecânicos), que não pela rampa?				
10.47	9.050/04	8.2.1.4.4		Existe no palco um local destinado a interprete de Libras com boa visibilidade e iluminação adequada?				
10.48	9.050/04	5.8		O local determinado para o posicionamento do intérprete de Libras está identificado com o símbolo internacional de pessoas com restrição auditiva, visando orientar os espectadores?				
10.49	9.050/04	8.2.1.6		Existem dispositivos de tecnologia assistiva para atender no palco as pessoas com restrição visual e auditiva?				
10.50	5.296/04	Art. 23		Existe dispositivo que permita o acompanhamento por meio de legendas em tempo real ou janelas de LIBRAS, para pessoas restrição auditiva?				
10.51	9.050/04	5.7.5		Existem equipamentos com informações sonoras e sistema de tradução em tempo real?				
10.52	9.050/04	5.7.5		Na existência destes equipamentos, possuem controle de volume individual?				
10.53	5.296/04	Art. 23		Existe assento destinado às pessoas com restrições auditivas e visuais próximo ao palco?				
10.54	9.050/04	9.4		Existe sinalização adequada (visual e tátil) indicando os espaços e assentos destinados às pessoas com restrições?				
10.55	-	-		Existe sinalização visual no piso indicando desníveis (degraus)?				
10.56	-	-		Existe suporte informativo visual e tátil indicando a numeração das poltronas e fileiras?				
10.57	-	-		Existe sinalização sonora e visual informando o início e intervalo dos espetáculos?				
10.58	9.077/01	4.6.2.8		Existe sistema de sinalização de emergência instalado no ambiente?				
10.59	9.050/04	5.2.3		Há sistema de alarme simultaneamente sonoro e luminoso instalado no ambiente?				
10.60	-	-	 	As portas de acesso ao ambiente possuem vão mínimo de 1,50m e abrem no sentido da saída proporcionando escoamento?				
<b>CAMARINS</b>								
10.61	5.296/04	Art 23		As áreas de acesso dos artistas, tais como coxias e camarins, são acessíveis a pessoas com deficiência?				
10.62	5.296/04	Art 23		Existe uma rota acessível entre o camarim e o palco?				

10.63	9.050/04	8.2.1.5	 	Existe camarim acessível na quantidade de, pelo menos um, por sexo?				
10.64	-	-		Existe sanitário acessível dentro do camarim?				
10.65	9.050/04	8.6.7		O mobiliário do camarim permite aproximação frontal de um cadeirante (com altura livre de 73cm, largura mínima 80cm e profundidade mínima de 50cm)?				
10.66	9.050/04	7.3.8.1		Na existência de espelho, o mesmo está localizado à uma altura de no máximo 90cm da borda inferior ao piso e na borda superior de no mínimo 1,80m?				
10.67	-	-		Existe espelho na posição vertical para a visualização do corpo inteiro?				
10.68	9.050/04	7.4.4		Na existência, está localizado a uma altura de no máximo 30cm da borda inferior ao piso e na borda superior de no máximo 1,80m?				
10.69	9.050/04	7.3.8.3		Os cabides existentes estão localizados à uma altura entre 80cm e 1,20m do piso acabado?				
10.70	-	-	 	Existe sinalização sonora e visual indicando o início e intervalos do espetáculo?				

EDIFÍCIO LOCAL \_\_\_\_\_

AVALIADOR DATA \_\_\_\_\_

COMPONENTES	
	Orientação
	Deslocamento
	Uso
	Comunicação

PLANILHA 11

MUSEU E GALERIA DE ARTE

Nº	LEGISLAÇÃO		C	ITENS A CONFERIR	RESPOSTA			OBSERVAÇÕES
	LEI/NBR	ARTIGO			SIM	NÃO	NA/	
<b>ACESSO</b>								
11.1	-	-		Há possibilidade de identificar as diferentes atividades a partir de suporte informativo visual e tátil?				
11.2	-	-		O acesso ambiente é efetuado por uma rota acessível?				
11.3	-	-		Nos ambientes complexos, com mais de uma atividade, os diferentes setores estão devidamente identificados?				
11.4	-	-		Quando o acesso ao ambiente é feito através de videofones e/ou interfones a botoeira é acessível aos cadeirantes e às pessoas com baixa estatura?				
11.5	-	-		Quando o acesso ao ambiente é feito através de videofones e/ou interfones, existe algum tipo de tecnologia assistiva para comunicação do surdo e/ou mudo para acesso ao edifício?				
11.6	9.050/04	6.2.4 6.2.5		Na existência de catracas ou portas giratórias de controle aos ambientes, há acesso alternativo a cadeirantes, obesos ou pessoas com mobilidade reduzida?				
11.7	-	-		Na existência de acesso alternativo, há campainha ou outro meio (visor) para solicitar abertura da porta?				
11.8				Existem sites na WEB acessíveis às pessoas com restrição auditiva e visual, com informações sobre a localização, as atividades e a programação do ambiente?				
<b>BILHETERIA</b>								
11.9	9.050/04	9.5.5.1		Na existência de bilheteria, a mesma está localizada em rotas acessíveis?				
11.10	9.050/04	9.5.5.1		O guichê da bilheteria tem altura máxima de 1,05m a partir do piso?				
11.11	9.050/04	9.5.5.2		Existe área de aproximação adequada para garantir acessibilidade em frente ao guichê (com largura mínima de 80cm e altura livre inferior mínima de 73cm)?				
11.12	9.050/04	9.5.5.2		Existe área de manobra com rotação de 180° (1,50m x1,20m)?				
11.13	-	-		A bilheteria pode ser identificada visualmente ou por informação adicional (placas indicativas)?				
11.14	-	-		Há suporte informativo tátil que permita a identificação do local da bilheteria para pessoas com restrição visual?				
11.15	-	-		Existem ingressos que possuam informações táteis para a pessoa com restrição visual?				
11.16	-	-		Existe algum tipo de equipamento de tecnologia assistiva (terminal de computador) que permita a comunicação de pessoas surdas e/ou mudas com os funcionários?				
11.17	-	-		Existem placas informativas visuais com os nomes dos filmes, espetáculos em exibição, horários e preços?				
11.18	-	-		Existem placas informativas em Braille com os nomes dos filmes, espetáculos em exibição, horários e preços?				
<b>MUSEU</b>								
11.19	9.050/04	6.9.1.1		Os corredores e passagens têm largura mínima de 120cm?				
11.20	9.050/04	6.9.2.1		Há uma largura mínima de 80cm para a transposição de uma cadeira de rodas por portas e obstáculos fixos?				
11.21	9.050.04	6.1.1		O piso dos corredores e passagens é revestido com material antiderrapante?				
11.22	9.050.04	6.1.1		Os pisos dos corredores e passagens têm nivelamento contínuo e sem degraus?				
11.23	9.050.04	6.1.1		Há, em circulações muito amplas, faixas de piso em cor e textura diferenciadas guiando os usuários?				
11.24	9.050.04	6.1.4		Na existência de desníveis maiores que 1,5cm há rampas?				
11.25	9.050/04	8.2.1.6		Existem dispositivos de tecnologia assistiva para atender as pessoas com restrição visual e auditiva?				
11.26	9.050/04	5.7.5		Existe sistema de áudio descrição sobre as exposições, que permita a informação e orientação de pessoas com restrição visual?				
11.27	9.050/04	5.7.5		Na existência destes equipamentos, possuem controle de volume individual?				
11.28	-	-		Existem títulos, textos explicativos ou similares em todas as obras expostas?				
11.29	9.050/04	8.2.2.1		Os títulos, textos explicativos ou similares são legíveis e estão dentro do alcance visual de pessoas com baixa estatura e de usuários de cadeira de rodas?				
11.30	9.050/04	5.5.2		Há contraste entre o texto e fundo e a superfície sobre o qual está afixado?				

11.31	9.050/04	8.2.2.1		Existem textos explicativos em Braille de cada objeto exposto, para a compreensão da pessoa com restrição visual?				
11.32	9.050/04	8.2.2		Os objetos expostos para visitação pública estão em locais acessíveis?				
11.33	-	-		Os objetos expostos estão a uma altura que abranja o campo visual de uma pessoa com baixa estatura e pessoas com cadeira de rodas?				
11.34	-	-		Existe sinalização tátil no piso indicando a localização das obras em exposição?				
11.35	-	-		Existe sinalização visual no piso indicando desníveis (degraus)?				
11.36	5.296/04	Art. 6		Existe um serviço de atendimento para pessoas com restrição auditiva, prestado por pessoas capacitadas (intérpretes de LIBRAS)?				
11.37	9.077/01	4.6.2.8		Existe sistema de sinalização de emergência instalado no ambiente?				
11.38	9.050/04	5.2.3		Há sistema de alarme simultaneamente sonoro e luminoso instalado no ambiente?				
11.39	-	-	 	As portas de acesso ao ambiente possuem vão mínimo de 1,50m e abrem no sentido da saída proporcionando escoamento?				

COMPONENTES	
	Orientação
	Deslocamento
	Uso
	Comunicação

PLANILHA 12

CAFÉ E LANCHONETE

Nº	LEGISLAÇÃO		C	ITENS A CONFERIR	RESPOSTA			OBSERVAÇÕES
	LEI/NBR	ARTIGO			SIM	NÃO	NA/	
<b>ACESSO</b>								
12.1	-	-		Há possibilidade de identificar as diferentes atividades a partir de suporte informativo visual e tátil?				
12.2	-	-		O acesso ambiente é efetuado por uma rota acessível?				
12.3	-	-		Nos ambientes complexos, com mais de uma atividade, os diferentes setores estão devidamente identificados?				
12.4	-	-		Quando o acesso ao ambiente é feito através de videofones e/ou interfonos a botoeira é acessível aos cadeirantes e às pessoas com baixa estatura?				
12.5	-	-		Quando o acesso ao ambiente é feito através de videofones e/ou interfonos, existe algum tipo de tecnologia assistiva para comunicação do surdo e/ou mudo para acesso ao edifício?				
12.6	9.050/04	6.2.4 6.2.5		Na existência de catracas ou portas giratórias de controle aos ambientes, há acesso alternativo a cadeirantes, obesos ou pessoas com mobilidade reduzida?				
12.7	-	-		Na existência de acesso alternativo, há campanha ou outro meio (visor) para solicitar abertura da porta?				
12.8				Existem sites na WEB acessíveis às pessoas com restrição auditiva e visual, com informações sobre a localização, as atividades e a programação do ambiente?				
<b>ATENDIMENTO</b>								
12.9	-	-		O balcão de atendimento pode ser identificado visualmente ou por informação adicional (placa) desde a entrada no ambiente?				
12.10	-	-		Há suporte informativo tátil que permita a identificação do local do balcão para pessoas com restrição visual?				
12.11	5.296/04	Art. 6		Existe um serviço de atendimento para pessoas com restrição auditiva prestado por pessoas capacitadas (intérpretes de LIBRAS)?				
12.12	-	-		Existe algum tipo de equipamento de tecnologia assistiva (terminal de computador) que permita a comunicação para o surdo e/ou mudo com os funcionários?				
12.13	9.050/04	9.5.1		Os balcões de atendimento estão localizados em rotas acessíveis?				
12.14	9.050/04	9.5.2.1 9.5.2.2		Os balcões de atendimento permitem aproximação frontal por cadeira de rodas, tendo em uma parte altura máxima de 90 cm em relação ao piso, com altura livre de 73cm sob o balcão e profundidade livre inferior de 30cm?				
<b>MOBILIÁRIO</b>								
12.15	-	-		O mobiliário está localizado fora da faixa livre de circulação?				
12.16	-	-		Caso o mobiliário constitua obstáculo à circulação, existe sinalização tátil no piso, indicando sua localização, para pessoas com restrição visual?				
12.17	9.050/04	8.7.2		Há pelo menos uma mesa adaptada para cadeirantes (com altura livre de 73cm, largura mínima de 80cm e profundidade mínima de 50cm)?				
12.18	-	-		O mobiliário (mesas e cadeiras) possui dimensões que permitem seu uso com conforto de acordo como o tipo de usuários (ex: crianças pequenas, pessoas obesas)?				
12.19	9.050/04	8.2.1.3.3		Existe pelo menos uma mesa com assento destinado aos obesos (com largura equivalente a de dois assentos adotados no local e espaço livre frontal de no mínimo 60cm, suportando carga de até 250Kg)?				
12.20	9.050/04	9.4		Na existência deste assento para obesos, o mesmo está fora da área de circulação?				
12.21				As mesas estão distribuídas de forma a estar integradas às demais e em locais onde sejam oferecidas todas as comodidades e serviços disponíveis no estabelecimento?				
12.22	9.050/04	8.2.1.3.2		Os espaços e assentos preferenciais estão devidamente sinalizados?				
12.23	9.050/04	8.2.1a		Os espaços e assentos preferenciais estão situados em uma rota acessível vinculada a uma rota de fuga?				
12.24	9.050/04	8.2.1e		Os espaços e assentos preferenciais estão situados em local de piso plano horizontal?				
12.25	9.050/04	8.2.1d		Os espaços e assentos preferenciais garantem conforto, segurança, boa visibilidade e acústica?				
12.26	9.050/04	8.2.3.4		Existe pelo menos um cardápio ou lista de preços em Braille?				
12.27	9.050/04	6.9.1.1		Os corredores e passagens têm largura mínima de 120cm?				
12.28	9.050/04	6.9.2.1		Há uma largura mínima de 80cm para a transposição de uma cadeira de rodas por portas e obstáculos fixos?				

12.29	9.050.04	6.1.1	 O piso dos corredores e passagens é revestido com material antiderrapante?				
12.30	9.050.04	6.1.1	 Os pisos dos corredores e passagens têm nivelamento contínuo e sem degraus?				
12.31	9.050.04	6.1.1	 Há, em circulações muito amplas, faixas de piso em cor e textura diferenciadas guiando os usuários?				
12.32	9.050.04	6.1.4	 Na existência de desníveis maiores que 1,5cm há rampas?				
12.33	9.077/01	4.6.2.8	 Existe sistema de sinalização de emergência instalado no ambiente?				
12.34	9.050/04	5.2.3	 Há sistema de alarme simultaneamente sonoro e luminoso instalado no ambiente?				
12.35	-	-	  As portas de acesso ao ambiente possuem vão mínimo de 1,50m e abrem no sentido da saída proporcionando escoamento?				
12.36	9.050/04	6.9.2.5	 Na existência de porta tipo vaivém, há visor com largura mínima de 20cm estando sua face inferior situada entre 40cm e 90cm do piso, e a face superior no mínimo a 1,50m do piso?				

**ANEXO A**



EDIFÍCIO \_\_\_\_\_  
 LOCAL \_\_\_\_\_

AVALIADOR \_\_\_\_\_  
 DATA \_\_\_\_\_

COMPONENTES	
	Orientação
	Deslocamento
	Uso
	Comunicação

**PLANILHA 1**

**ÁREAS DE ACESSO AO EDIFÍCIO**

Nº	LEGISLAÇÃO		C	ITENS A CONFERIR	RESPOSTA			OBSERVAÇÕES
	LEI	ARTIGO			SIM	NÃO	NA/I	
<b>NA VIA PÚBLICA</b>								
<b>SEMÁFORO</b>								
1.1	-	-		Existe semáforo nos dois lados da via pública para facilitar a travessia do pedestre?				
1.2	9.050/04	9.9.2		Na existência de semáforo há sinalização sonora quando o mesmo estiver aberto?				
1.3	9.050/04	9.9.1		Existe foco de acionamento para travessia de pedestre com altura entre 80cm e 1,20m do piso?				
1.4	9.050/04	6.10.11		Existe guia rebaixada em ambos os lados da via quando houver faixa de travessia?				
<b>PASSEIOS</b>								
1.5	9.050/04	6.1.1		Os passeios têm pisos antiderrapantes e regulares em qualquer condição climática?				
1.6	9.050/04	6.10.7 6.10.5		Os passeios são livres de interferências que impeçam o deslocamento ou que constituam perigo aos pedestres (postes de sinalização, vegetação, desníveis, rebaixamentos,...)?				
1.7	9.050/04	6.1.2		Na existência destas interferências, há sinalização tátil de alerta nos passeios?				
1.8	9.050/04	6.1.4		Todos os desníveis existentes são inferiores a 15mm?				
1.9	9.050/04	6.10.5		A altura livre dos passeios é de, no mínimo, 2,10 m? (verificar obstáculos verticais tais como placas, beirais, ramos de árvores,...)?				
1.10	9.050/04	6.10.4		Existe uma faixa livre de circulação contínua de pedestre com largura mínima de 1,20m?				
1.11	9.050/04	6.1.3		Na ausência de linha-guia identificável ou em locais muito amplos, existe piso tátil direcional?				
1.12	-	-		Do passeio é possível identificar o edifício (nome, nº, função) ao qual se faz necessário o acesso?				
1.13	-	-		Há suporte informativo tátil (nome, nº, função) no passeio que permita a identificação do edifício por pessoas com restrição visual?				
1.14	9.050/04	6.10.11.1		Existe faixa de travessia, com rebaixamento nos passeios em ambos os lados da via, quando houver foco de pedestres?				
1.15	9.050/04	6.10.11.2		O piso entre o término do rebaixamento do passeio e o leito carroçável é nivelado?				
1.16	9.050/04	6.12.1		Há rampa de acesso ao passeio próximo às vagas de estacionamento para deficientes?				
1.17	3.246/89	1		Há sinalização visual e sonora nas entradas/saídas de garagens e estacionamentos?				
<b>DO PASSEIO A ENTRADA DO EDIFÍCIO</b>								
<b>CIRCULAÇÃO</b>								
1.18	9.050/04	6.2.1		Existe uma rota livre de obstáculos que permita o acesso do passeio público à entrada do edifício?				
1.19	-	-		A faixa livre de obstáculos possui piso antiderrapante e sem desníveis?				
1.20	9.050/04	6.10.4		Esta faixa livre de obstáculos possui largura mínima de 1,20m?				
1.21	9.050/04	6.2.2		A distância entre cada entrada acessível e as demais é de no máximo 50m?				
1.22	-	-		Existe uma faixa livre de obstáculos que permita a interligação às principais funções do edifício?				
<b>VEGETAÇÃO</b>								
1.23	9.050/04	9.10.1 e 9.10.2		Na existência de vegetação, os seus elementos (galhos, raízes, muretas, grades,...) encontram-se fora da faixa de circulação que conduz ao edifício?				
1.24	9.050/04	9.10.3		A vegetação existente nos canteiros representa conforto e segurança para os pedestres (não possui espinhos, substâncias tóxicas e não desprende muitas folhas, frutas, que tornem o piso escorregadio)?				
<b>ÁREAS EXTERNAS / PÁTIOS</b>								
1.25	-	-		Existem bancos para descanso no pátio na entrada do edifício?				
1.26	-	-		Os bancos que eventualmente existam possibilitam pleno acesso ao edifício público, não impedindo o deslocamento do pedestre?				
1.27	9.050/04	6.1.1		Os pisos dos pátios têm superfície regular, firme, antiderrapante sob qualquer condição climática?				
1.28	9.050/04	6.1.2		Existe piso tátil de alerta nos pátios, sinalizando situações que envolvam algum tipo de risco (desníveis, obstáculos)?				
<b>ACESSO AO EDIFÍCIO</b>								
1.29	-	-		Na existência de desnível entre a circulação externa e a porta de entrada do edifício, há rampa ou equipamento eletro-mecânico que permita pleno acesso?				



1.70	9.077/01	4.6.27		As arestas dos corrimãos são seguras, sem oferecer riscos de acidentes (cuidar arestas vivas)?			
1.71	9.050/04	6.7.1.5		Os corrimãos são contínuos e com extremidades recurvadas fixadas ou justapostas à parede ou piso?			
1.72	-	-		Existe guarda-corpo de proteção nas rampas?			
1.73	9.050/04	6.7.2		O guarda corpo possui altura de 1,05m?			
1.74	9.077/01	4.6.27		O guarda corpo possui longarinas ou balaústres com afastamento mínimo de 15cm entre eles?			
1.75	9.050/04	6.5.1.2 6.5.1.3		A inclinação da rampa está conforme a tabela 5 e/ou 6 da NBR 9050/04?			
1.76	9.050/04	6.5.1.9		Em rampas curvas a inclinação máxima é de 8,33% e o raio mínimo é de 3,0 m?			
1.77	9.077/01	4.6.2.8		Existe sistema de iluminação de emergência instalado?			
1.78	9.050/04	5.14.1.2c		Existe sinalização tátil de alerta no início e término da rampa?			

**VAGAS DE ESTACIONAMENTO PARA DEFICIENTES**

1.79	5.296/04	Art. 25		Existe vaga de estacionamento externo ou de garagem interna destinadas a pessoas portadoras de deficiência física ou visual?			
1.80	9.050/04	6.12.1		As vagas destinadas às pessoas portadoras de deficiência são indicadas com o símbolo internacional de acessibilidade a partir de sinalização vertical e no piso?			
1.81	-	-		As vagas de estacionamento reservadas para veículos utilizados por pessoas com mobilidade reduzida são identificáveis desde a entrada na garagem?			
1.82	9.050/04	6.12.3		O número de vagas atende a proporção de 01 vaga para o total de 11 a 100 vagas existentes ou 1% para um total superior a 100 vagas existentes?			
1.83	9.050/04	6.12.1	 	As vagas para estacionamento de veículos que conduzam ou sejam conduzidos por pessoas com deficiência, contam com um espaço adicional de circulação com largura mínima de 1,20m?			
1.84	5.296/04	Art. 25		As vagas de estacionamento externo reservadas para pessoas portadoras de deficiência estão próximas ao acesso do edifício?			
1.85	9.050/04	6.12.1		As vagas estão vinculadas a uma rota acessível que permite deslocamento com segurança até a entrada do mesmo?			
1.86	9.050/04	6.12.1		As vagas estão localizadas de forma a evitar a circulação entre veículos?			
1.87	-	-		Na existência de vaga em garagem interna, há elevador ou rampa que permita acesso a entrada principal do edifício?			
1.88	9.050/04	6.1.1		Estas vagas para veículos têm piso nivelado, firme e estável?			

**ENTRADA**

1.89	9.050/04	5.4.1.1		Na entrada de edifício público totalmente acessível de acordo com a NBR 9050/04, está fixado o símbolo internacional de acessibilidade?			
------	----------	---------	---	---	--	--	--

**MECANISMOS DE CONTROLE DE ACESSO AO EDIFÍCIO**

1.90	-	-		Quando o acesso ao edifício é feito através de videofones e/ou interfones a botoeira é acessível aos cadeirantes e às pessoas com baixa estatura?			
1.91	-	-		Quando o acesso ao edifício é feito através de videofones e/ou interfones, existe algum tipo de tecnologia assistiva para comunicação do surdo e/ou mudo para acesso ao edifício?			
1.92	9.050/04	6.2.4 6.2.5		Na existência de catracas ou portas giratórias de controle aos ambientes, há acesso alternativo a cadeirantes, obesos ou pessoas com mobilidade reduzida?			
1.93	-	-		Na existência de acesso alternativo, há campainha ou outro meio (visor) para solicitar abertura da porta?			

**PORTAS**

1.94	9.050.04	6.9.2.1		Todos os vãos (espaço livre de passagem pela abertura) das portas têm no mínimo 80cm?			
1.95	9.050.04	6.9.2.3		As maçanetas das portas estão entre 90cm a 1,10 m de altura em relação ao piso?			
1.96	9.050.04	6.9.2.3		As maçanetas das portas são do tipo alavanca?			
1.97	9.050.04	5.10		Há sinalização visual (nº, função) no centro da porta ou na parede adjacente?			
1.98	9.050.04	5.10		Há sinalização tátil (em Braille ou texto em alto relevo) nos batentes ou paredes adjacentes, no lado onde estiver a maçaneta?			
1.99	9.050/04	6.1.4		O desnível máximo nas soleiras das portas é de 0,5cm de altura?			
1.100	9.050/04	6.9.2.7		Na existência de portas acionadas com sensores ópticos, estes estão ajustados para pessoas de baixa estatura, crianças e usuários de cadeira de rodas?			
1.101	9.050/04	6.9.2		Na existência de portas de correr, a instalação dos trilhos está na sua parte superior?			
1.102	9.050/04	6.9.2		Na existência de trilhos na parte inferior da porta de correr, estes estão nivelados com a superfície e possuem largura máxima de 15mm?			
1.103	9.050/04	6.1.7.2		Os capachos, quando existentes, estão firmemente fixados?			
1.104	9.050/04	6.1.7.1		Os capachos estão nivelados de maneira que se houver saliência esta não exceda 0,5cm?			
1.105	9.050/04	6.9.2.5		Na existência de porta tipo vaivém, há visor com largura mínima de 20cm estando sua face inferior situada entre 40cm e 90cm do piso, e a face superior no mínimo a 1,50m do piso?			

COMPONENTES	
	Orientação
	Deslocamento
	Uso
	Comunicação

PLANILHA 2

SAGUÕES, SALAS DE RECEPÇÃO E ESPERA

Nº	LEGISLAÇÃO		C	ITENS A CONFERIR	RESPOSTA			OBSERVAÇÕES
	LEI/NBR	ARTIGO			SIM	NÃO	NAI	
<b>MECANISMOS DE CONTROLE DE ACESSO INTERNO</b>								
2.1	-	-		Quando o acesso à recepção é feito através de videofones e/ou interfones a botoeira é acessível aos cadeirantes e às pessoas com baixa estatura?				
2.2	-	-		Quando o acesso à recepção é feito através de videofones e/ou interfones, existe algum tipo de tecnologia assistiva para comunicação do surdo e/ou mudo para acesso ao edifício?				
2.3	9.050/04	6.2.4 6.2.5		Na existência de catracas ou portas giratórias de controle aos ambientes, há acesso alternativo a cadeirantes, obesos ou pessoas com mobilidade reduzida?				
2.4	-	-		Na existência de acesso alternativo, há campanha ou outro meio (visor) para solicitar abertura da porta?				
<b>ATENDIMENTO OU RECEPÇÃO</b>								
2.5	-	-		O balcão de atendimento / recepção pode ser identificado visualmente ou por informação adicional (placa) desde a porta de acesso ao edifício?				
2.6	-	-		Há suporte informativo tátil que permita a identificação do local do balcão para pessoas com restrição visual?				
2.7	5.296/04	Art. 6 e 26		Existe suporte informativo (diagramas, mapas, quadros) visual e tátil, que possibilitem ao usuário localizar-se, identificar o local das diferentes atividades e definir rotas para o uso do edifício de forma independente?				
2.8	5.296/04	Art. 6		Existe um serviço de atendimento para pessoas com restrição auditiva prestado por pessoas capacitadas (intérpretes de LIBRAS)?				
2.9	-	-		Existe algum tipo de equipamento de tecnologia assistiva (terminal de computador) que permita a comunicação para o surdo e/ou mudo com os funcionários?				
2.10	9.050/04	9.5.1		Os balcões de atendimento estão localizados em rotas acessíveis?				
2.11	9.050/04	9.5.2.1 9.5.2.2		Os balcões de atendimento, inclusive automáticos, permitem aproximação frontal por cadeira de rodas, tendo em uma parte altura máxima de 90 cm em relação ao piso, com altura livre de 73cm sob o balcão e profundidade livre inferior de 30cm?				
2.12	9.050/04	9.5.5.1		Na existência de guichê (bilheterias) para atendimento, a altura máxima é de 1,05m a partir do piso?				
2.13	9.050/04	9.6.2.1		Na existência de equipamentos de auto atendimento há área de aproximação adequada para garantir acessibilidade em frente (80cm x 1,20m)?				
2.14	9.050/04	9.6.3		Na existência de equipamentos de auto atendimento, as teclas numéricas têm a mesma seqüência numérica dos telefones convencionais?				
2.15	9.050/04	9.6.4		Na existência de equipamentos de auto atendimento Pelo menos um possui instruções e informações visuais e auditivas ou táteis?				
<b>MOBILIÁRIO PARA ESPERA</b>								
2.16	-	-		O mobiliário está localizado fora da faixa livre de circulação?				
2.17	-	-		Caso o mobiliário de espera constitua obstáculo à circulação, existe sinalização tátil no piso, indicando sua localização, para pessoas com restrição visual?				
2.18	9.050/04	9.4 8.2.1.3.1		Existe pelo menos um espaço reservado aos cadeirantes junto ao mobiliário de espera com dimensões mínimas de 80cm por 1,20m?				
2.19	9.050/04	9.4		Na existência deste espaço destinado às pessoas com cadeira de rodas, o mesmo está fora da área de circulação?				
2.20	9.050/04	8.2.1.3.3		Existe pelo menos um assento destinado aos obesos (com largura equivalente a de dois assentos adotados no local e espaço livre frontal de no mínimo 60cm, suportando carga de até 250Kg)?				
2.21	9.050/04	9.4		Na existência deste assento para obesos, o mesmo está fora da área de circulação?				
2.22	9.050/04	8.2.1.3.2		Existe pelo menos um assento destinado a pessoa com mobilidade reduzida (com espaço livre frontal de no mínimo 60cm e braço removível)?				
2.23	9.050/04	8.2.1		Existe pelo menos um assento destinado aos acompanhantes das pessoas com cadeira de rodas, mobilidade reduzida e obesos ao lado dos espaços reservados?				
2.24	9.050/04	8.2.1.2.5		Os assentos preferenciais aos obesos e pessoas com mobilidade reduzida estão situados próximos aos corredores?				
2.25	9.050/04	8.2.1.3.2		Os espaços e assentos preferenciais aos cadeirantes, obesos e pessoas com mobilidade reduzida estão devidamente sinalizados?				

2.26	9.050/04	8.2.1a	 Os espaços e assentos preferenciais aos cadeirantes, obesos e pessoas com mobilidade reduzida estão situados em uma rota acessível vinculada a uma rota de fuga?				
2.27	9.050/04	8.2.1e	 Os espaços e assentos preferenciais aos cadeirantes, obesos e pessoas com mobilidade reduzida estão situados em local de piso plano horizontal?				
2.28	9.050/04	8.2.1d	 Os espaços e assentos preferenciais aos cadeirantes, obesos e pessoas com mobilidade reduzida garantem conforto, segurança, boa visibilidade e acústica?				
2.29	9.050/04	8.2.1b	 Os espaços e assentos preferenciais aos cadeirantes, obesos e pessoas com mobilidade reduzida possuem as mesmas condições de atendimento aos serviços dos demais assentos?				
<b>PORTAS</b>							
2.30	9.050.04	6.9.2.1	 Todos os vãos (espaço livre de passagem pela abertura) das portas têm no mínimo 80cm?				
2.31	9.050.04	6.9.2.3	 As maçanetas das portas estão entre 90cm a 1,10m de altura em relação ao piso?				
2.32	9.050.04	6.9.2.3	 As maçanetas das portas são do tipo alavanca?				
2.33	9.050.04	5.10	 Há sinalização visual (nº, função) no centro da porta ou na parede adjacente?				
2.34	9.050.04	5.10	 Há sinalização tátil (em Braille ou texto em alto relevo) nos batentes ou paredes adjacentes, no lado onde estiver a maçaneta?				
2.35	9.050/04	6.1.4	 O desnível máximo nas soleiras das portas é de 0,5cm de altura?				
2.36	9.050/04	6.9.2.7	 Na existência de portas acionadas com sensores ópticos, estes estão ajustados para pessoas de baixa estatura, crianças e usuários de cadeira de rodas?				
2.37	9.050/04	6.9.2	 Na existência de portas de correr, a instalação dos trilhos está na sua parte superior?				
2.38	9.050/04	6.9.2	 Na existência de trilhos na parte inferior da porta de correr, estes estão nivelados com a superfície e possuem largura máxima de 15mm?				
2.39	9.050/04	6.1.7.2	 Os capachos, quando existentes, estão firmemente fixados?				
2.40	9.050/04	6.1.7.1	 Os capachos estão nivelados de maneira que se houver saliência esta não exceda 0,5 cm?				
2.41	9.050/04	6.9.2.5	 Na existência de porta tipo vaivém, há visor com largura mínima de 20cm estando sua face inferior situada entre 40cm e 90cm do piso, e a face superior no mínimo a 1,50m do piso?				
<b>CIRCULAÇÃO INTERNA</b>							
2.42	9.050/04	6.9.1.1	 Os corredores e passagens têm largura mínima de 90cm quando sua extensão for de até 4m, largura de 1,20m quando sua extensão for de até 10m e largura de 1,50m quando sua extensão for superior a 10,00m ou quando seu uso for público?				
2.43	-	-	 Os corredores e passagens possuem uma faixa livre de obstáculos (caixas de coleta, lixeira, telefones públicos, extintores de incêndio e outros) de no mínimo 90cm?				
2.44	9.050.04	6.1.1	 O piso dos corredores e passagens é revestido com material antiderrapante, firme, regular e estável?				
2.45	9.050.04	6.1.1	 O piso dos corredores e passagens é nivelado (sem degraus)?				
2.46	9.050.04	6.1.3	 Há, em circulações muito amplas ou na ausência de linha-guia identificável, faixas de piso em cor e textura diferenciadas guiando os usuários com restrição visual?				
2.47	9.050.04	6.1.4	 Na existência de desníveis maiores que 1,5cm há rampas?				
2.48	9.050/04	6.7	 Os guarda-corpos são construídos em materiais rígidos, firmemente fixados às paredes ou barras de suporte?				
2.49	9.050/04	6.10.5	 Placas de sinalização e outros elementos suspensos que tenham sua projeção sobre a faixa de circulação estão a uma altura mínima de 2,10m em relação ao piso?				
2.50	9.050/04	5.2.3	 Há sistema de alarme de incêndio simultaneamente sonoro e luminoso?				
2.51	9.050/04	5.15.1.3	 Há indicação sonora e visual em saídas de emergência?				
2.52	9.050/04	6.2.6	 Há placas indicativas no interior da edificação para sinalização de rotas e entradas acessíveis?				
2.53	9.050/04	5.5.2	 A sinalização visual é em cores contrastantes (texto ou figura e fundo) com a superfície sobre a qual está afixada?				
2.54	9.050/04	5.4	 Existe sinalização visual em forma de pictogramas?				
2.55	9.050/04	5.4	 Na existência de pictogramas estes estão de acordo com a norma?				
<b>TELEFONES PÚBLICOS E BEBEDOUROS</b>							
2.56	9.050/04	9.2.1.2 9.2.5.1 9.2.5.2	 Há pelo menos um telefone acessível a cadeirantes por pavimento (altura máxima de 1,20m e altura inferior livre mínima de 73cm)?				
2.57	9.050/04	9.2.6	 O comprimento do fio do fone do telefone acessível para cadeirante possui no mínimo 75cm?				
2.58	9.050/04	9.2.4	 Há área de aproximação tanto frontal quanto lateral ao telefone, para pessoas com cadeira de rodas?				

2.59	-	-	 Existem superfícies para apoio de objetos pessoais nos telefones?				
2.60	9.050/04	9.2.8	 Na existência, esta está instalada a uma altura entre 75cm e 80cm, com altura livre inferior de no mínimo 73cm do piso?				
2.61	9.050/04	9.2.2.1	 Há pelo menos um telefone com amplificador de sinal? 				
2.62	9.050.04	9.2.3	 Há telefone TDD (Telefone que Transmite mensagem de Texto) no edifício? 				
2.63	9.050/04	5.4.4.4	 Os telefones públicos acessíveis às pessoas com restrições possuem sinalização?				
2.64	9.050/04	9.1.2.1	 A bica do bebedouro possui altura de 90cm do piso?				
2.65	9.050/04	9.1.3.1	 O bebedouro possui altura livre inferior de no mínimo 73cm do piso?				
2.66	9.050/04	9.1.3.1	 Existe uma área de aproximação frontal de 80cm x 1,20m, avançando sob o bebedouro no máximo 50cm?				
2.67	9.050/04	9.1.3.2	 O acionamento de bebedouros tipo garrafão, assim como o manuseio dos copos, estão posicionados numa altura entre 80cm e 1,20m do piso?				
2.68	9.050/04	9.1.3.3	 Na existência de copos descartáveis, o local para retirada possui altura máxima de 1,20m do piso?				

COMPONENTES	
	Orientação
	Deslocamento
	Uso
	Comunicação

PLANILHA 3

CIRCULAÇÕES HORIZONTAIS

Nº	LEGISLAÇÃO		C	ITENS A CONFERIR	RESPOSTA			OBSERVAÇÕES
	LEI/NBR	ARTIGO			SIM	NÃO	NAI	
<b>MECANISMOS DE CONTROLE DE ACESSO (se houver)</b>								
3.1	-	-		Quando o acesso às circulações horizontais é feito através de videofones e/ou interfones a botoeira é acessível aos cadeirantes e às pessoas com baixa estatura?				
3.2	-	-		Quando o acesso às circulações horizontais é feito através de videofones e/ou interfones, existe algum tipo de tecnologia assistiva para comunicação do surdo e/ou mudo para acesso ao edifício?				
3.3	9.050/04	6.2.4 6.2.5		Na existência de catracas ou portas giratórias, há acesso alternativo a cadeirantes, obesos ou pessoas com mobilidade reduzida? Na ausência de catracas e portas giratórias, não responder a questão.				
3.4	-	-		Na existência de acesso alternativo, há campainha ou outro meio (visor) para solicitar abertura da porta?				
<b>PORTAS INTERNAS</b>								
3.5	9.050.04	6.9.2.1		Todos os vãos (espaço livre de passagem pela abertura) das portas têm no mínimo 80cm?				
3.6	9.050.04	6.9.2.3		As maçanetas das portas estão entre 90cm a 1,10 m de altura em relação ao piso?				
3.7	9.050.04	6.9.2.3		As maçanetas das portas são do tipo alavanca?				
3.8	9.050.04	5.10		Há sinalização visual (nº, função) no centro da porta ou na parede adjacente?				
3.9	9.050.04	5.10		Há sinalização tátil (em Braille ou texto em alto relevo) nos batentes ou paredes adjacentes, no lado onde estiver a maçaneta?				
3.10	9.050/04	6.1.4		O desnível máximo nas soleiras das portas é de 0,5cm de altura?				
3.11	9.050/04	6.9.2.7		Na existência de portas acionadas com sensores ópticos, estes estão ajustados para pessoas de baixa estatura, crianças e usuários de cadeira de rodas?				
3.12	9.050/04	6.9.2		Na existência de portas de correr, a instalação dos trilhos está na sua parte superior?				
3.13	9.050/04	6.9.2		Na existência de trilhos na parte inferior da porta de correr, estes estão nivelados com a superfície e possuem largura máxima de 15mm?				
3.14	9.050/04	6.1.7.1		Os capachos estão nivelados de maneira que se houver saliência esta não exceda 0,5cm?				
3.15	9.050/04	6.1.7.2		Os capachos, quando existentes, estão firmemente fixados?				
3.16	9.050/04	6.9.2.5		Na existência de porta tipo vaivém, há visor com largura mínima de 20cm estando sua face inferior situada entre 40cm e 90cm do piso, e a face superior no mínimo a 1,50m do piso?				
<b>CIRCULAÇÃO INTERNA</b>								
3.17	9.050/04	6.9.1.1		Os corredores e passagens têm largura mínima de 90cm quando sua extensão for de até 4m, largura de 1,20m quando sua extensão for de até 10m e largura de 1,50m quando sua extensão for superior a 10m ou quando seu uso for público?				
3.18	-	-		Os corredores e passagens possuem uma faixa livre de obstáculos (caixas de coleta, lixeira, telefones públicos, extintores de incêndio e outros) de no mínimo 90cm?				
3.19	9.050.04	6.1.1		O piso dos corredores e passagens é revestido com material antiderrapante, firme, regular e estável?				
3.20	9.050.04	6.1.1		O piso dos corredores e passagens é nivelado (sem degraus)?				
3.21	9.050.04	6.1.3		Há, em circulações muito amplas ou na ausência de linha-guia identificável, faixas de piso em cor e textura diferenciadas guiando os usuários com restrição visual?				
3.22	9.050.04	6.1.4		Na existência de desníveis maiores que 1,5cm há rampas?				
3.23	9.050/04	6.7		Os guarda-corpos são construídos em materiais rígidos, firmemente fixados às paredes ou barras de suporte?				
3.24	9.050/04	6.10.5		Placas de sinalização e outros elementos suspensos que tenham sua projeção sobre a faixa de circulação estão a uma altura mínima de 2,10m em relação ao piso?				
3.25	9.050/04	5.2.3		Há sistema de alarme de incêndio simultaneamente sonoro e luminoso?				
3.26	9.050/04	5.15.1.3		Há indicação sonora e visual em saídas de emergência?				
3.27	9.050/04	6.2.6		Há placas indicativas no interior da edificação para sinalização de rotas e entradas acessíveis?				
3.28	9.050/04	5.5.2		A sinalização visual é em cores contrastantes (texto ou figura e fundo) com a superfície sobre a qual está afixada?				
<b>TELEFONES PÚBLICOS E BEBEDOUROS</b>								

3.29	9.050/04	9.2.1.2 9.2.5.1 9.2.5.2	 Há pelo menos um telefone acessível a cadeirantes por pavimento (altura máxima de 1,20m e altura inferior livre mínima de 73cm)?				
3.30	9.050/04	9.2.6	 O comprimento do fio do fone do telefone acessível para cadeirante possui no mínimo 75cm?				
3.31	9.050/04	9.2.4	 Há área de aproximação tanto frontal quanto lateral ao telefone, para pessoas com cadeira de rodas?				
3.32	-	-	 Existem superfícies para apoio de objetos pessoais nos telefones?				
3.33	9.050/04	9.2.8	 Na existência, esta está instalada a uma altura entre 75cm e 80cm, com altura livre inferior de no mínimo 73cm do piso?				
3.34	9.050/04	9.2.2.1	 Há pelo menos um telefone com amplificador de sinal?				
3.35	9.050/04	9.2.3	 Há telefone TDD (Telefone que Transmite mensagem de Texto) no edifício?				
3.36	9.050/04	5.4.4.4	 Os telefones públicos acessíveis às pessoas com restrições possuem sinalização?				
3.37	9.050/04	9.1.2.1	 A bica do bebedouro possui altura de 90cm do piso?				
3.38	9.050/04	9.1.3.1	 O bebedouro possui altura livre inferior de no mínimo 73cm do piso?				
3.39	9.050/04	9.1.3.1	 Existe uma área de aproximação frontal de 80cm x 1,20m, avançando sob o bebedouro no máximo 50cm?				
3.40	9.050/04	9.1.3.2	 O acionamento de bebedouros tipo garrafão, assim como o manuseio dos copos, estão posicionados numa altura entre 80cm e 1,20m do piso?				
3.41	9.050/04	9.1.3.3	 Na existência de copos descartáveis, o local para retirada possui altura máxima de 1,20m do piso?				

EDIFÍCIO \_\_\_\_\_  
LOCAL \_\_\_\_\_

AVALIADOR \_\_\_\_\_  
DATA \_\_\_\_\_

COMPONENTES	
	Orientação
	Deslocamento
	Uso
	Comunicação

PLANILHA 4

CIRCULAÇÕES VERTICAIS

Nº	LEGISLAÇÃO		C	ITENS A CONFERIR	RESPOSTA			OBSERVAÇÕES
	LEI/NBR	ARTIGO			SIM	NÃO	NA/I	
<b>ELEVADORES</b>								
4.1	-	-		Se há pelo menos um tipo de equipamento eletromecânico de circulação vertical (plataformas, elevadores, etc.) no edifício, todos os pavimentos, inclusive os de garagem, são servidos por ele?				
4.2	13.994/00	5.1.1.1		Os elevadores destinados à pessoas portadoras de deficiência físicas estão situados em rotas acessíveis a estas pessoas?				
4.3	-	-		Os elevadores podem ser identificados visualmente ou por informação adicional (placas indicativas) desde a porta de acesso ao edifício?				
4.4	-	-		Há algum tipo de sinalização tátil (mapa tátil, piso guia) que permita a identificação do local dos elevadores para pessoas com restrição visual?				
4.5	13.994/00	5.1.4.2		O hall em frente aos elevadores está livre de obstáculos?				
4.6	0060/00	250		A circulação de acesso ao elevador tem no mínimo 1,50m de largura, medida perpendicularmente ao plano da porta?				
4.7	13.994/00	5.1.17 5.2.17		A folga entre a borda da soleira da plataforma do carro e a borda de qualquer soleira do pavimento é de no máximo 3,5cm?				
4.8	13.994/00	5.2.5		A porta do elevador tem vão mínimo de 80cm?				
4.9	13.994/00	5.2.4.1		A porta do elevador é automática?				
4.10	13.994/00	5.2.6.2		O tempo mínimo de permanência da porta aberta é 5s?				
4.11	13.994/00	5.2.14.1		Os botões de chamada (exterior da cabina) estão a uma altura entre 90cm e 1,10m?				
4.12	13.994/00	5.2.14.2		Os botões de chamada são providos de indicação visual e sonora para cada chamada registrada?				
4.13	13.994/00	5.2.15.1		Junto a porta de entrada, no pavimento, existe dispositivo que emita sinais acústico e visual indicando o sentido em que a cabina se movimenta?				
	13.994/00	5.2.15.2		O sinal sonoro soa diferente para subida e descida da cabina?				
4.14	13.994/00	5.2.16.1		A identificação (externa) do pavimento está afixada em ambos os lados dos batentes sendo visível a partir do interior da cabina e do seu acesso?				
4.15	13.994/00	5.2.16.1	 	Esta identificação está a uma altura entre 90cm e 1,10m em relação ao piso?				
4.16	13.994/00	5.1.16.2		Imediatamente abaixo da identificação do pavimento há marcação em Braille?				
4.17	13.994/00	5.2.7.1		A dimensão mínima da cabina do elevador é de 1,00m entre os painéis laterais e de 1,25m entre os painéis frontal e o de fundo?				
4.19	13.994/00	5.2.8.2		A botoeira do interior da cabina está localizada no painel direito de quem está de frente para o elevador?				
4.20	13.994/00	5.1.8.3 e 5.2.8.3		A identificação dos comandos tem cor contrastante com o fundo?				
4.21	13.994/00	5.1.8.3 e 5.2.8.3		Os caracteres dos comandos têm altura máxima de 1,60cm?				
4.22	13.994/00	5.1.8.3 e 5.2.8.3		Ao lado esquerdo de cada botão de comando, há marcação em Braille correspondente?				
4.23	13.994/00	5.1.8.1		O botão de comando mais baixo do painel está a uma altura de 89cm em relação ao piso?				
4.24	13.994/00	5.1.8.1		O botão de comando mais alto do painel está a uma altura de 1,35m em relação ao piso?				
4.25	13.994/00	5.2.8.4		Os comandos de emergência estão agrupados na parte inferior da botoeira da cabina?				
4.26	13.994/00	5.2.9		O indicador (interno) de posição da cabina está localizado na botoeira ou sobre a abertura da porta?				
4.27	13.994/00	5.2.9		Este indicador possui caracteres com altura mínima de 1,6cm?				
4.28	13.994/00	5.2.9.3		A cada parada do elevador soa automaticamente um anúncio verbal?				
4.29	13.994/00	5.2.10.1		Existe um meio de comunicação de duas vias instalado dentro e fora do elevador?				
4.30	13.994/00	5.2.10.2		Na existência, está localizado a uma altura entre 89cm e 1,35m em relação ao piso?				
4.31	-	-		Existe algum tipo de tecnologia assistiva para a comunicação do surdo ou do mudo no elevador?				
4.32	13.994/00	5.2.12		Há corrimãos (barras) afixados nas laterais e no fundo da cabina?				
4.33	13.994/00	5.2.12		Na existência, sua parte superior está a uma altura entre 89cm e 90cm em relação ao piso?				
4.34	9.050/04	6.7.1.2		Os corrimãos (barras) fixos têm seção de 3,0 cm a 4,5cm?				

4.35	9.050/04	6.7.1.2	 O espaço livre entre o painel da cabina e o corrimão é de 4,0cm?				
4.36	13.994/00	5.2.11	 O revestimento do piso da cabina possui superfície dura e antiderrapante?				
4.37	9.050/04	6.1.7.1	 Na existência de capacho, está embutido no piso de maneira que qualquer saliência não exceda 5mm?				
4.38	9.050/04	6.1.7.2	 Os capachos, quando existentes, estão firmemente fixados?				
4.39	4.909/94	397	 Há iluminação de emergência no elevador?				
4.40	13.994/00	5.2.19	 Se um ou mais elevadores do edifício atendem integralmente a todas as exigências acima, estes possuem o símbolo internacional de acesso?				
<b>PORTAS</b>							
4.41	9.050.04	6.9.2.1	 Todos os vãos (espaço livre de passagem pela abertura) das portas têm no mínimo 80cm?				
4.42	9.050.04	6.9.2.3	 As maçanetas das portas estão entre 90cm a 1,10 m de altura em relação ao piso?				
4.43	9.050.04	6.9.2.3	 As maçanetas das portas são do tipo alavanca?				
4.44	9.050.04	5.10	 Há sinalização visual (nº, função) no centro da porta ou na parede adjacente?				
4.45	9.050.04	5.10	 Há sinalização tátil (em Braille ou texto em alto relevo) nos batentes ou paredes adjacentes, no lado onde estiver a maçaneta?				
4.46	9.050/04	6.1.4	 O desnível máximo nas soleiras das portas é de 0,5cm de altura?				
4.47	9.050/04	6.9.2.7	 Na existência de portas acionadas com sensores ópticos, estes estão ajustados para pessoas de baixa estatura, crianças e usuários de cadeira de rodas?				
4.48	9.050/04	6.9.2	 Na existência de portas de correr, a instalação dos trilhos está na sua parte superior?				
4.49	9.050/04	6.9.2	 Na existência de trilhos na parte inferior da porta de correr, estes estão nivelados com a superfície e possuem largura máxima de 15mm?				
4.50	9.050/04	6.1.7.2	 Os capachos, quando existentes, estão firmemente fixados?				
4.51	9.050/04	6.1.7.1	 Os capachos estão nivelados de maneira que se houver saliência esta não exceda 0,5cm?				
4.52	9.050/04	6.9.2.5	 Na existência de porta tipo vaivém, há visor com largura mínima de 20cm tendo sua face inferior situada entre 40cm e 90cm do piso, e a face superior no mínimo a 1,50m do piso?				
<b>ESCADAS</b>							
4.53	9.050/04	6.6.4.3	 A largura mínima das escadas fixas é de 1,20m?				
4.54	4.909/94	219	 O piso da escada é de material incombustível (não queima e não produz fumaça) e antiderrapante (confirmado através de laudo do fabricante)?				
4.55	0060/00	134	 Os degraus estão todos dispostos paralelos entre si (proibido degraus em leque)?				
4.56	9.050/04	6.6.1	 Os espelhos dos degraus são fechados (não podem ser vazados)?				
4.57	9.050/04	6.6.3	 Os degraus da escada possuem espelho entre 16cm e 18cm?				
4.58	9.050/04	6.6.3	 A profundidade do degrau (piso) é maior que 28cm e menor que 32cm?				
4.59	9.050/04	6.6.5.1	 Existe patamar sempre que houver mudança de direção na escada?				
4.60	9.050/04	6.6.5.2	 Na existência, possui dimensões iguais a largura da escada?				
4.61	9.050/04	6.6.5.2	 Os patamares possuem dimensão longitudinal mínima de 1,20m?				
4.62	4.909/94	209	 Os patamares estão isentos de obstáculos que ocupem sua superfície útil (tal como abertura de portas)?				
4.63	9.050/04	6.6.4.4	 O primeiro e o último degraus de um lance de escada estão a uma distancia de no mínimo 30 cm da área de circulação?				
4.64	4.909/94	226	 As escadas têm lance máximo de 19 degraus?				
4.65	9.050/04	6.7.1	 Na escada existem corrimãos?				
4.66	9.050/04	6.7.1	 Os corrimãos estão instalados em ambos os lados da escada?				
4.67	9.050/04	6.7.1.6	 Os corrimãos estão instalados na altura de 92cm do piso medido de sua geratriz superior?				
4.68	9.050/04	6.7.1.6	 Na existência de corrimãos laterais instalados em duas alturas, estas são 70cm e 92cm do piso, medidos da geratriz superior?				
4.69	9.050/04	6.7.1.2	 Existe espaço livre entre a parede e o corrimão de no mínimo 4cm?				
4.70	9.050/04	6.7.1.2	 Os corrimãos possuem largura (seção ou diâmetro) entre 3 à 4,5cm?				
4.71	9.050/04	6.7.1.4	 Os corrimãos possuem prolongamento mínimo de 30cm antes do início e após o término da escada?				
4.72	9.050/04	6.7.1.5	 As arestas dos corrimãos são seguras, sem oferecer riscos de acidentes (cuidar arestas vivas)?				

4.73	9.050/04	6.7.1.5		Os corrimãos são contínuos e possuem extremidades recurvadas fixadas à parede ou piso?			
4.74	-	-		Existe guarda-corpo de proteção nas escadas?			
4.75	9.050/04	6.7.2		O guarda corpo possui altura mínima de 1,05m?			
4.76	4.909/94	227		O guarda corpo possui longarinas ou balaústres com afastamentos máximos de 15cm entre eles?			
4.77	4.909/94	219		Existe sinalização indicando o número do pavimento na escada ou no patamar?			
4.78	9.050/04	5.13		Existe sinalização visual localizada na borda do piso, em cor contrastante com a do acabamento, medindo entre 2cm e 3cm de largura?			
4.79	9.050/04	5.14.1.2c		Existe, no início e término da escada, sinalização tátil de alerta em cor contrastante com a do piso, afastada no máximo 32cm do degrau?			
4.80	4.909/94	235		Existe sistema de iluminação de emergência instalado no corpo da escada, patamares e hall?			
4.81	4.909/94	397		Existe sistema de sinalização para abandono do local (placas indicando saídas autônomas) instalado no corpo da escada, patamares e saguões?			

**RAMPAS**

4.82	-	-		Existem rampas?			
4.83	9.050.04	6.5.1.6		A largura mínima da rampa é de 1,20m?			
4.84	9.050.04	6.1.6		O piso da rampa e dos patamares é revestido com material antiderrapante, firme, regular e estável?			
4.85	9.050/04	6.5.2.1		No início e no término da rampa existem patamares com dimensão mínima longitudinal de 1,20m além da área de circulação adjacente?			
4.86	9.050/04	6.6.5.1		Existe patamar sempre que houver mudança de direção na rampa?			
4.87	9.050/04	6.6.5.2		Na existência de patamares, estes possuem dimensões iguais a largura da rampa?			
4.88	9.077/01	4.6.2.5		Os patamares estão isentos de obstáculos que ocupem sua superfície útil (tal como abertura de portas)?			
4.89	9.050/04	6.7.1		Nas rampas existem corrimãos?			
4.90	9.077/01	4.6.27		Os corrimãos estão instalados em ambos os lados da rampa?			
4.91	9.050/04	6.7.1.6		Os corrimãos laterais estão instalados a duas alturas: 92cm e 70cm do piso, medido da geratriz superior?			
4.92	9.050/04	6.7.1.2		Existe espaço livre entre a parede e o corrimão de no mínimo 4cm?			
4.93	9.050/04	6.7.1.2		Os corrimãos possuem largura entre 3 à 4,5cm?			
4.94	9.050/04	6.7.1.4		Os corrimãos possuem prolongamento mínimo de 30cm antes do início e após o término da escada?			
4.95	9.077/01	4.6.27		As arestas dos corrimãos são seguras, sem oferecer riscos de acidentes (cuidar arestas vivas)?			
4.96	9.050/04	6.7.1.5		Os corrimãos são contínuos e com extremidades recurvadas fixadas ou justapostas à parede ou piso?			
4.97	-	-		Existe guarda-corpo de proteção nas rampas?			
4.98	9.050/04	6.7.2		O guarda corpo possui altura mínima de 1,05m?			
4.99	9.077/01	4.6.27		O guarda corpo possui longarinas ou balaústres com afastamento mínimo de 15cm entre eles?			
4.100	9.050/04	6.5.1.2 6.5.1.3		A inclinação da rampa está conforme a tabela 5 e/ou 6 da NBR 9050/04?			
4.101	9.050/04	6.5.1.9		Em rampas curvas a inclinação máxima é de 8,33% e o raio mínimo é de 3,0 m?			
4.102	9.077/01	4.6.2.8		Existe sistema de iluminação de emergência instalado?			
4.103	9.050/04	5.14.1.2c		Existe sinalização tátil de alerta no início e término da rampa?			
4.104	9.077/01	4.6.2.8		Existe sistema de sinalização para abandono de local (placas indicando saídas autônomas) instalado?			

EDIFÍCIO LOCAL \_\_\_\_\_

AVALIADOR DATA \_\_\_\_\_

COMPONENTES	
	Orientação
	Deslocamento
	Uso
	Comunicação

**PLANILHA 5**

**SANITÁRIOS PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA**

Nº	LEGISLAÇÃO		C	ITENS A CONFERIR	RESPOSTA			OBSERVAÇÕES
	LEI/NBR	ARTIGO			SIM	NÃO	NAI	
5.1	9.050/04	7.2.2		Há, ao menos, um conjunto de sanitários feminino e masculino acessíveis as pessoas com restrições no edifício?				
5.2	-	-		Na existência de 1 (um) conjunto, este se encontra no pavimento de maior utilização?				
5.3	5.296/04	Art. 22		Os sanitários acessíveis existentes possuem entradas independentes dos sanitários coletivos?				
5.4	5.296/04	Art. 22		Os sanitários adaptados existentes estão localizados nos pavimentos acessíveis?				
5.5	-	-		Há sinalização identificando a localização dos sanitários no edifício?				
5.6	9.050/04	5.5.2		A sinalização visual é em cores contrastantes (texto ou figura e fundo; e a superfície sobre a qual está afixada)?				
5.7	9.050/04	5.5.5.2		A sinalização visual interna tem dimensão mínima de 15cm?				
5.8	9050/04	5.4.4.1		Há símbolo internacional de sanitários identificando o tipo de sanitário (feminino, masculino, familiar, unissex)?				
5.9	-	-		Esta sinalização é acessível as pessoas com restrição visual (tátil e ao alcance das mãos)?				
5.10	9.050/04	5.4.1.3		Há o símbolo internacional de acesso afixado em local visível ao público?				
5.11	9.050/04	7.2.1		O sanitário ou vestiário está localizado em rota acessível, próximo à circulação principal?				
5.12	9.050/04	7.2.1		Há sinalização de emergência ao lado da bacia e do boxe do chuveiro (se houver) a uma altura de 40cm, para acionamento em caso de queda?				
5.13	9.050/04	7.3.1.1 7.3.3.1		A distribuição de aparelhos e peças nos banheiros permite a utilização por um usuário em cadeira de rodas (80 cm para circulação e área de manobra no eixo de 180° de 1,50 x 1,20m)?				
5.14	9.050/04	7.3.3.1		Os boxes para bacia sanitária têm dimensões mínimas de 150x170cm?				
5.15	9.050/04	7.3.1.1		Há área livre de 80x120cm lateral ao vaso sanitário para transferência da pessoa da cadeira de rodas para a bacia sanitária?				
5.16	9.050/04	7.3.1.3		Os assentos das bacias sanitárias estão a uma altura entre 43cm e 46cm em relação ao piso?				
5.17	9.050/04	7.3.1.4		Se há plataforma (sóculo) para compor a altura de 46cm do assento da bacia sanitária, a projeção horizontal da plataforma ultrapassa no máximo 5cm o contorno da base da bacia?				
5.18	9.050/04	7.3.1.2		No caso de bacia sanitária com caixa acoplada há barra de apoio na parede do fundo, a uma distância mínima entre a face inferior da barra e a tampa da caixa acoplada de 15cm?				
5.19	9.050/04	7.2.4 7.3.1.2		Há barras de apoio nas laterais e no fundo da bacia sanitária?				
5.20	9.050/04	7.3.1.2		As barras de apoio da bacia sanitária estão afixadas a uma altura de 75cm em relação ao piso?				
5.21	9.050/04	7.3.1.2		As barras de apoio da bacia sanitária têm comprimento mínimo de 80cm?				
5.22	9.050/04	7.3.3.6		Existe ducha higiênica com registro de pressão ao lado da bacia?				
5.23	9.050/04	6.9.2.1		A porta do sanitário ou do boxe para bacia sanitária tem vão livre mínimo de 80cm				
5.24	9.050/04	7.3.3.4		A porta do boxe para bacia sanitária abre para fora?				
5.25	9.050/04	7.3.3.4		Na existência de sanitário adaptado individual a porta abre para fora?				
5.26	-	-		A porta do sanitário está disposta de maneira a permitir sua completa abertura e não interferir com a área de manobra externa?				
5.27	9.050/04	6.9.2.4		A porta do sanitário, ou do boxe para bacia sanitária, tem puxador horizontal para facilitar seu fechamento (mínimo de 40cm de comprimento e com altura de 90cm)?				



O48a Oliveira, Aíla Seguin Dias Aguiar de  
Acessibilidade espacial em centro cultural : estudo de casos / Aíla Seguin  
Dias Aguiar de ; orientadora Vera Helena Moro Bins Ely. – Florianópolis,  
2006.  
213 f. : il.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina,  
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, 2006.

Inclui bibliografia

1. Acessibilidade espacial. 2. Centros culturais – Belém (PA) – Avaliação.  
3. Centros culturais – Florianópolis (SC) – Avaliação. 4. Pessoas com  
restrições. I. Ely, Vera Helena Moro Bins.  
II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em  
Arquitetura e Urbanismo. III. Título.

CDU: 72

*Catálogo na fonte por: Onélia Silva Guimarães CRB-14/071*